



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MAYARA RUTH NISHIYAMA SOARES

**“A GENTE COMBINAMOS DE ESCRE(VIVER)” : PESQUISANDO GÊNERO COM
ESTUDANTES NUMA ESCOLA PÚBLICA DO GRANDE BOM JARDIM**

FORTALEZA

2024

MAYARA RUTH NISHIYAMA SOARES

**“A GENTE COMBINAMOS DE ESCRE(VIVER)” : PESQUISANDO GÊNERO COM
ESTUDANTES NUMA ESCOLA PÚBLICA DO GRANDE BOM JARDIM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Linha de Pesquisa: Subjetividade e Crítica do Contemporâneo.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Lobo Miranda.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S655 Soares, Mayara Ruth Nishiyama.
“A gente combinamos de escre(viver)” : pesquisando gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim / Mayara Ruth Nishiyama Soares. – 2024.
271 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda.
1. Escrivência. 2. Gênero. 3. Escola pública. 4. Arte. 5. Pesquisa-intervenção. I. Título.
CDD 150
-

MAYARA RUTH NISHIYAMA SOARES

“A GENTE COMBINAMOS DE ESCRE(VIVER)”: PESQUISANDO GÊNERO COM
ESTUDANTES NUMA ESCOLA PÚBLICA DO GRANDE BOM JARDIM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação
em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como
parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em
Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Linha de Pesquisa: Subjetividade e Crítica do
Contemporâneo.

Aprovada em: 07/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Dra. Luciana Lobo Miranda (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará - UFC

Dr. João Paulo Pereira Barros

Universidade Federal do Ceará - UFC

Dra. Jaileila de Araújo Menezes

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Dedico estas linhas às e aos que encontrei pelo
meio do Grande Bom Jardim, às e aos que
viverem e pulsam.

Agradecimentos

Concluir esta dissertação só foi possível porque nunca estive sozinha, eu não ando só. Trago nestas linhas que aqui se inscrevem muitas histórias, muitas mãos, muitas vozes, muitas orações, muitos abraços, muitas torcidas, muitas celebrações, muitas orientações, muitas pessoas, muitas.

À Deus, deusas, orixás, encantados, guias, entidades, ancestrais, pela abertura de caminhos, pela proteção diária, pelos sonhos que tiveram comigo mesmo antes de eu nascer, pelos ensinamentos de amor, resistência, cuidado e respeito.

A todas as outras mulheres negras que vieram antes de mim que me possibilitaram agora estar aqui, em especial, minha avó Rute, que te trago no meu nome em sua homenagem, não lhe conheci, mas sei que eu sou um dos seus sonhos mais bonitos, puxei de ti a cor, um pouco do cabelo, o nariz, a altura, a cor do olho, o formato do rosto. Obrigada por me inspirar mesmo não estando por aqui.

À Conceição Evaristo, por trazer em seus contos e crônicas inspiração, por contar histórias cotidianas de pessoas como nós, pela sensibilidade e pela resistência.

À minha mãe, Cristina, que não pôde concluir o ensino superior porque teve que cuidar de mim. Agradeço por ter pegado em minha mão e ter me incentivado e ensinado a escrever, por todos dias e todas as noites se ajoelhar orando por mim, por ser abraço, colo, carinho e cuidado. Eu estou aqui pela senhora, para realizar todos os nossos sonhos.

À meu pai, Evandro, por ter me incentivado a estudar, a ler, mesmo quando eu não queria. Por ter lutado todos os dias para que eu pudesse chegar onde eu estou hoje. Por ter criado uma mulher forte e livre. Por ter me apresentado desde pequena, Belchior, Caetano, Gil, Maria, Chico, Fagner... Por ter me ensinado a ter um espírito crítico, de não conformidade com o estabelecido e revolucionário.

À meu irmão, Nicolas, contigo aprendo todos os dias a ser carinho, a ser amor, a ser cuidado. Você é minha pessoa preferida desse mundo. Quero ser cada vez mais parecida contigo. É SOBRE NÓS. E obrigada a Luna também.

À Isadora, minha companheira, pela paciência de aguentar tantos dias falando sobre o mestrado, pelo amor ao me ver tantas tardes escrevendo, pelo cuidado em tantas noites mal dormidas com ansiedade por todo esse processo. Por me acompanhar desde o início da minha travessia na UFC. Por estar em cada lágrima, cada sorriso, cada surto, cada medo, cada celebração, cada ansiedade, cada coragem. Por acreditar em mim e me incentivar, mesmo quando eu não acredito. Contigo aprendo a ser atenta e forte e corajosa.

À Lisa, minha gata, por todos os computadores quebrados, as folhas rasgadas, as canetas jogadas no chão, por todas as vezes que deitou no computador e escreveu na dissertação, por sempre aparecer na câmera em qualquer reunião online, por sempre se fazer presente e estar ao meu lado, mesmo muitas das vezes me atrapalhando. E ao Theo, nosso cachorro, por todos os lambeijos para nos acordar, por todos os carinhos, pela alegria, animação e recepção ao nos ver.

À Isabelle, Carlos, Leonardo, Felipe, Catherine, Lígia e Bianca, por serem a família que me escolheu, por todo o apoio nos momentos bons e ruins, pelos abraços apertados, pelos dias que se fazem casa, obrigada por brindarem comigo, sempre. Com vocês aprendo diariamente o que é amor, o que é respeito, o que é família.

À Bruna, Marta e Alanna, ou melhor, as minhas, como nomeio nesta dissertação. Obrigada por estarem comigo desde o primeiro dia ao pisar na escola-céu. Obrigada por me fazerem sentir que nunca estive só. Obrigada pela disponibilidade, pelo desejo, por embarcar nessa comigo. Por cada corre, por cada café, por cada ônibus, por cada recorte de revista, por cada abraço, por cada tesoura, por cada tinta, por cada reunião, por cada mensagem, por cada

surto, por cada foto, por cada terminal, por cada diário. Tenho o privilégio de ter participado minimamente da graduação de vocês, de ver vocês se tornando profissionais.

À Brena, Bruna, Malakai e Isaac, acompanhei o crescimento de vocês e quem diria, cresci junto também. Com vocês aprendi a ser rede, a ser apoio, a sentir. Acho a coisa mais linda em vocês é se permitir sentir, e sentir tudo e falar também, por que falar é bom, principalmente se for só a gente, sinto saudade de perguntar como vocês tão e passar horas conversando, fofocando, chorando. Obrigada por compartilharem comigo um pouquinho de vocês. Obrigada pela coragem de ser quem se é. Tenho muito orgulho de onde a gente tá hoje. E o nosso encontro não acabou, a gente se encontra já já.

À CJ para alguns, para outros Carla Jéssica, por estar comigo desde da seleção do Mestrado e continuar comigo agora entrando no Doutorado, por compartilhar comigo tudo, do surto à celebração. Por sustentar o Artes quando tive que me afastar por conta do trabalho. Por ser minha dupla, por ser casa pra mim mesmo quando a universidade não parecia ser mais. Contigo aprendi o que é ter compromisso com o território, com a luta, com a arte, para além de mestrado, bolsa, ou o que quer que seja, nosso compromisso é outro.

À Camila, por também estar comigo desde da seleção do Mestrado e continuar comigo agora entrando no Doutorado, por também compartilhar comigo tudo, do surto à celebração. Por sempre tentar se fazer presente mesmo quando a vida tá um caos, por ser gentil mesmo quando o mundo não é tão gentil contigo. Por ser uma das minhas maiores incentivadoras, acredita mais em mim do que eu mesma. Por estar comigo mesmo antes do mestrado, por estar comigo desde o PET Psicologia. Por continuar viva ao meu lado.

À Távina, também minha colega do mestrado, mas para muito além disso, minha amiga, minha vizinha. Obrigada por ter acolhido cada surto, por cada vez que bati na tua porta por um simples creme de leite, ou pra tirar uma dúvida, ou pra reclamar, ou pra espairer da vida corrida.

As/aos artistas e coletivos juvenis que encontrei no Grande Bom Jardim, em especial o Coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), Ingrid Rabelo, Raquel Vieira, Aurianderson, Narah Adjane, Neta, Pietra, Stefany Mendes, Jack, Cristina, CRIART, e tantos outros. Obrigada por toparem tá juntas, na luta, na guerrilha, na guerra, na barricada, na rua, no movimento, na correria. Juntas.

À escola-céu, em especial o núcleo gestor, as merendeiras, o porteiro, o guarda, as secretárias, a zeladora, o bibliotecário, as professoras que estiveram na CURA(DOR)IA, o professor do multimeios, obrigada pela disponibilidade, pela abertura, pelo sorriso, pelo abraço, pelo sol, pelo chão, pelo céu.

Ao Artes Insurgentes, por me apresentar o Grande Bom Jardim, por me mostrar como contribuir com a luta por meio de outros modos estéticos, por me permitir experimentar arte, por ser meu lugar preferido na universidade, por continuar sendo meu lugar mesmo quando tive que me afastar por conta do trabalho, por inaugurar a junção de dois laboratórios em um projeto de cultura. Por estarem em todos os momentos que precisei acionar os meus. Agradeço a todes integrantes: Levi, Cecília, Félix, Mari, Tobias e Sofia.

Ao Projeto, ou melhor, coletivo É da nossa escola que falamos, por serem casa desde meu primeiro semestre na graduação em Psicologia na UFC, por me fazer sentir pertencente usando uma blusa amarela. Por todas as reuniões, o apoio, os textos, os cafés, as dormidas no sofá, as fotos. Por me apresentarem uma possibilidade de fazer outra psicologia escolar/educacional. Em especial agradeço ao Tadeu, que apesar de não ter vínculo institucional, é “é da nossa escola que falamos”, meu incentivador, aquele que abre meus caminhos, obrigada por se fazer presente mesmo de longe, por acreditar em mim mesmo em 2019 quando acabava de chegar na UFC, obrigada pelas risadas, pelos emojis de coração no whatsapp, por me socorrer sempre, pelas dicas, pela criticidade, por voar pra longe mas me puxar pra perto de ti. Agradeço também em especial ao Marlon, amigo com você consegui

viver e sobreviver nessa universidade, obrigada por cada abraço quando eu chegava cansada do trabalho na reunião, por cada sorriso e olhar atento mesmo tu também estando muito cansado, obrigada pelas pausas no corredor, pelas idas ao Paraíba após reunião, por ser sempre apoio, força e vida. Agradeço a todes do nosso coletivo, Abner, Igor, Luisa Freire, Maria Bia, Marília, Priscila, Rochelly, Yana, Gabi, Júlia e Leo.

Ao VIESES, por me permitir fazer parte, mesmo não sendo orientanda de nenhum dos professores, por ser espaço de resistência nessa universidade e fora dela, por cada dormida no sofá-cama, por cada vez que usei o computador, a impressora, as tintas, as revistas, as tesouras, por cada reunião, por cada rolê pós-reunião. VIESES é possibilidade, é vida, é ruptura. Obrigada especial Flor, pelo brilho no olhar. Demar, pelo compartilhar da vida diária, por ser um de nós lá. Laisa, pela alegria, pela risada. Larissa, pela disponibilidade, pela torcida, pela força. Cássia, pelo partilhar. Lívia, pela disponibilidade. Luis Fernando, pela inspiração. Natália, pelo compromisso. Obrigada Emanuel, Érica, Gigio, Vlândia, Thais, Brenda, Jean, Layane, Maria Clara, Mariana, Patrícia e a tantos outros que já passaram por aqui, Gabi, Milena, Isadora...

À Cirilo, difícil falar de você sem me emocionar. Obrigada por passar no mestrado pra eu te ter pertinho de mim. Obrigada por me fortalecer mesmo de longe, obrigada pelas rezas e energias emanadas, obrigada por ser a última romântica e acreditar no amor com as perna tudo arriada. Obrigada espiritualidade/ancestralidade por ter feito nosso encontro.

À Cai, obrigada por se fazer presente mesmo na correria da vida adulta. Contigo aprendo a ter desejo de vida. Obrigada por ser apoio, obrigada por ser truque, obrigada por ser forte e fraca também, obrigada por ser múltipla, obrigada por ser pulsante, obrigada por ser tesão, obrigada por ser revolta.

À Natália, obrigada por ter me fortalecido estando no trabalho e para além dele, por cada escuta sensível, por cada partilha do cotidiano, por cada livro, por cada dedicatória, por cada conversa.

À Emilly, Gabriel, Rodrigo, Gabi, Yana e Isaac, meus boréis, pela amizade, pela risada e também choro, pela acolhida, pelo socorro, pela fofoca, pelo carinho.

Aos professores que aqui compõem a banca avaliadora, muito obrigado pelas cuidadosas avaliações para com o sucesso deste trabalho. João Paulo e Jaileila Menezes, cada um de vocês são inspirações para mim em como fazem psicologia, pesquisa e docência.

Em especial, agradeço à minha orientadora Luciana Lobo Miranda, pela gentileza, por topar comigo esta empreitada, pelo limite colocado quando eu quis abraçar o mundo com os pés, pela sensível leitura e colocação, pelas orientações, pelas intervisões, pelo cuidado quando precisei dar um tempo, pelo carinho quando estive cansada e esgotada, pelo impulso quando precisei. Obrigada por se arriscar, por ser vulnerável, por ser uma mãe professora e pesquisadora. Obrigada pela abertura, por estar comigo nessa, sempre senti que esse era nosso processo, seguimos juntas.

Agradeço também ao João Paulo Pereira Barros, por me fazer sentir que sou também cria do JP, pela oportunidade quando precisei, pela confiança na pesquisa e no território, pela sensibilidade, pelo abraço de sempre, já te disse isso tantas vezes mas sinto isso foi uma co-orientação, obrigada por me fazer sentir parte do VIESES.

À Drieli, minha psicóloga, pela escuta.

À Universidade Federal do Ceará – UFC, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, por me permitir tal experiência.

À Eveline, secretária do PPG da UFC, pela prontidão, pela chave do laboratório de informática, pelos emails respondidos, pelo auxílio.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a bolsa.

Obrigada a tantos outros amigos, familiares e professores que me fortaleceram, uns de longe, outros de mais perto, mas que me fizeram chegar aqui, Renata, Bito, Bruna, Neyla, Lara e Aline.

Quero agradecer a mim, pelos melhores e piores dias, por ser minha melhor companhia, por acreditar em mim, por aguentar as noites de insônia e ansiedade, por ter conciliado tanta coisa, por não ter desistido de mim, por ter aberto uma garrafa de espumante em todas minhas celebrações, por ter feito essa loucura de emendar, por ter sido forte e fraca também, por desejar ser livre, por desejar vida, por ser gentil, por sonhar.

“Do que ouvi, colhi essas histórias. Assim caminho por entre vozes... De muitas histórias já sei pois vieram das entranhas do meu povo. O que está guardado na minha gente, em mim dorme em um leve sono. E basta apenas um breve estalar de dedos, para as incontidas águas da memória jorrarem os dias de ontem sobre os dias de hoje... Escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências. Cuidado tenho. Sei que a vida está para além do que pode ser visto, dito ou escrito.”

(Evaristo, 2016, p. 17).

Resumo

A presente pesquisa traz como campo de investigação a articulação entre territórios escolares, gênero e escrevivência por meio de uma pesquisa-intervenção em uma escola pública localizada na região do Grande Bom Jardim (GBJ). Escrevivência é um conceito criado pela escritora Conceição Evaristo, e tem o compromisso com o engajamento anti-racista e decolonial que, em primazia, denuncia a condição feminina e afrodiaspórica. Surge como uma possibilidade de escrita implicada com os modos de subjetivação de quem as escreve. A pergunta que nos movimentou foi: Como a escrevivência inventa uma pesquisaCOM sobre gênero em uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE? Elencamos como objetivo geral analisar a Escrevivência como dispositivo de uma pesquisaCOM sobre gênero em uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE. Como desdobramento deste, os objetivos específicos da dissertação foram: 1) Discutir a relação entre escrevivência e decolonização para as políticas de pesquisa implicadas; 2) Analisar os efeitos de utilizar a escrevivência como operador para o campo da pesquisa-intervenção realizada COM jovens secundaristas 3) Mapear o uso da escrevivência como elaboração das experiências de gênero (re)produzidas no cotidiano da escola lócus da pesquisa. Para tal investigação, aposta-se em uma articulação do pós-estruturalismo com os estudos contra-coloniais, aliançada ao feminismo negro e com o apoio de teóricas/os que discutem escola, gênero, escrevivência, juventudes e arte. A construção metodológica desta pesquisa tem bases ética-teórica-metodológicas da Pesquisa-Intervenção (PI) e do PesquisarCOM, ambas se fazem importantes para esta investigação que é implicada com a decolonização dos processos de pesquisa. Para isso, foi utilizada a aliança com o Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM), que possibilitou uma radicalização do fazer COM. O local é em uma escola pública de ensino médio do Grande Bom Jardim. Aqui foram utilizados os seguintes dispositivos metodológicos, relacionados às escrevivências de campo: 1) Diários-escrevíveis, realizadas pela equipe de pesquisadoras/es; 2) Oficinas artísticas: CURA(DOR)IA em foco, resultado das produções artísticas oriundas desse dia de culminância da pesquisa. O plano de análise foi composto por essas estratégias metodológicas que produziram imagens, escritos, textos, poemas, entre outras materialidades artísticas. Como método de análise dos dados aposta-se na utilização aposta-se na utilização da cartográfica operada sob um viés interseccional. A escrevivência viabilizou uma forma possível dos jovens contarem suas histórias, histórias essas em contrapartida ao colonialismo. A escrevivência como ferramenta de escrita

contaminada diz de uma experiência marginalizada, no caso desta pesquisa, escrever COM juventudes negras, dissidentes de gênero e sexualidade sobre suas experiências em uma escola na periferia de Fortaleza significa denunciar as tramas violentas de extermínio aos nossos corpos, estruturadas por uma lógica necropolítica da precarização da vida. Além do potencial denunciativo, a escrevivência se transmuta em seu potencial de resistência e reivindicação política já que contrapõe a essas políticas de silenciamento, inviabilização e vulnerabilização da vida dentro e fora do contexto escolar.

Palavras-chave: escrevivência, gênero, escola pública, arte, pesquisa-intervenção.

Abstract

This research investigates the articulation between school territories, gender and writing-living through a research-intervention in a public school located in the Grande Bom Jardim (GBJ) region. Writing-living is a concept created by the writer Conceição Evaristo, and is committed to anti-racist and decolonial engagement that primarily denounces the female and Afro-diasporic condition. It emerges as a possibility of writing that is implicated in the modes of subjectivation of those who write them. The question that moved us was: How does writing-living invent a research with on gender in a public high school located in the Greater Bom Jardim region of Fortaleza/CE? Our general objective was to analyze writing-living as a device for research with on gender in a public high school located in the Grande Bom Jardim region of Fortaleza, Ceará. As a result of this, the specific objectives of the dissertation were: 1) To discuss the relationship between writing-living and decolonization in terms of the research policies involved; 2) To analyse the effects of using writing-living as an operator in the field of research-intervention carried out with young secondary school students; 3) Mapping the use of writing-living as an elaboration of the gender experiences (re)produced in the daily life of the school where the research was carried out. This research is based on an articulation of post-structuralism with counter-colonial studies, allied to black feminism and with the support of theorists who discuss school, gender, writing, youth and art. The methodological construction of this research is based on the ethical-theoretical-methodological foundations of Intervention Research (PI) and Search With, both of which are important for this investigation, which is implicated in the decolonization of research processes. To this end, the alliance with the High School Scientific Initiation Program (PIBIC-EM) was used, which made it possible to radicalize with. The location was a public high school in Grande Bom Jardim. The following methodological devices were used here, related to field experiences: 1) Writing-living-diaries, carried out by the team of researchers; 2) Artistic workshops: CURA(DOR)IA em foco, the result of the artistic productions arising from this culminating day of the research. The analysis plan was made up of these methodological strategies that produced images, writings, texts, poems and other artistic material. The method used to analyze the data is based on the use of cartography operated under an intersectional bias. The writing-living provided a possible way for young people to tell their stories, stories that were a counterpoint to colonialism. Writing-living as a contaminated writing tool tells of a marginalized experience, in the case of this research, writing with black youth, dissidents of gender and sexuality about their experiences in a school on the outskirts of Fortaleza means denouncing the violent plots of extermination of

our bodies, structured by a necropolitical logic of the precariousness of life. In addition to its denunciatory potential, the writing-living is transmuted into a potential for resistance and political vindication, since it opposes these policies of silencing, making life unviable and vulnerable inside and outside the school context.

Keywords: writing-living, gender, public school, art, research-intervention.

Lista de Figuras

Figura 1

*Pintura produzida em uma das oficinas da CURA(DOR)IA.....*19

Figura 2

*Trecho do diário-escreviente de Malakai: O poder de ver e falar de e agir.....*21

Figura 3

*Trecho do diário-escreviente de Brena: A gente viver!!!.....*24

Figura 4

*Trecho do diário-escreviente de Mayara: Nós-pesquisadoras/es.....*25

Figura 5

*Capa do diário-escreviente de Malakai.....*29

Figura 6

*Escrevivências na oficina de grafite na CURA(DOR)IA.....*30

Figura 7

*Capa do diário-escreviente de Marta.....*31

Figura 8

*Folha do diário-escreviente de Alanna: O que é arte?.....*32

Figura 9

*Folha do diário-escreviente de Alanna: Gênero.....*37

Figura 10

*Experimentação artística: O que/como é gênero pra nós?.....*37

Figura 11

*Trecho do diário-escreviente de Bruna S.....*51

Figura 12

*Trecho do diário-escreviente de Mayara: O território da pesquisa.....*52

Figura 13	
<i>Distribuição espacial dos bairros que compõem o Grande Bom Jardim.....</i>	<i>53</i>
Figura 14	
<i>10 bairros mais pobres de Fortaleza por renda média e homicídios em 2015.....</i>	<i>55</i>
Figura 15	
<i>Percurso da Universidade Federal do Ceará até a Escola-céu.....</i>	<i>58</i>
Figura 16	
<i>Trecho do diário-escreviente de Mayara: Os muros.....</i>	<i>59</i>
Figura 17	
<i>Notícias na internet sobre o Grande Bom Jardim.....</i>	<i>60</i>
Figura 18	
<i>Trecho do diário-escreviente de Bruna S.....</i>	<i>62</i>
Figura 19	
<i>Entrada da escola-céu.....</i>	<i>62</i>
Figura 20	
<i>Carrossel para divulgação da Seleção PIBIC-EM no instagram da escola-céu.....</i>	<i>70</i>
Figura 21	
<i>Foto do Mural da Escola com o cartaz de divulgação da seleção PIBIC-EM.....</i>	<i>71</i>
Figura 22	
<i>Mayara e Alanna no mural da escola com o cartaz de divulgação da seleção PIBIC-EM.....</i>	<i>74</i>
Figura 23	
<i>Equipe de pesquisadoras da UFC na seleção do PIBIC-EM.....</i>	<i>77</i>

Figura 24	
	<i>Trecho do diário-escreviente de Mayara: Por que pesquisar gênero agora na escola?.....78</i>
Figura 25	
	<i>Folha do diário-escreviente de Marta: Por que pesquisar gênero na escola?.....80</i>
Figura 26	
	<i>Equipe de pesquisadoras/es PIBIC-EM no V Festival das Juventudes.....81</i>
Figura 27	
	<i>Folha do diário-escreviente de Brena.....88</i>
Figura 28	
	<i>Parte da capa do diário-escreviente de Marta.....89</i>
Figura 29	
	<i>Folha do diário-escreviente de Brena: Juventude.....90</i>
Figura 30	
	<i>Trecho do diário-escreviente de Brena.....91</i>
Figura 31	
	<i>Folha do diário-escreviente de Malakai: Somos a voz dos jovens.....93</i>
Figura 32	
	<i>Folha do diário-escreviente de Alanna.....96</i>
Figura 33	
	<i>Trecho do diário-escreviente de Marta.....98</i>
Figura 34	
	<i>Diários escrevientes do grupo de pesquisadoras/es.....100</i>
Figura 35	
	<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente da Mayara.....100</i>

Figura 36	
<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente do Isaac</i>	103
Figura 37	
<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente da Marta</i>	105
Figura 38	
<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente da Bruna R</i>	107
Figura 39	
<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente da Alanna</i>	109
Figura 40	
<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente da Malakai</i>	110
Figura 41	
<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente da Bruna S</i>	111
Figura 42	
<i>Capa e contra-capas do diário-escreviente da Brena</i>	112
Figura 43	
<i>Contra-capas do diário-escreviente da Brena</i>	113
Figura 44	
<i>Trecho do diário-escreviente da Bruna S</i>	114
Figura 45	
<i>Trecho do diário-escreviente de Isaac</i>	116
Figura 46	
<i>Colagem dos começos e fins dos diários-escrevientes da equipe de pesquisadoras/es</i>	117
Figura 47	
<i>Co-pesquisadores secundaristas escrevendo nos diários-escrevientes durante o V Festival das Juventudes</i>	119

Figura 48	
<i>Experimentação do projeto de pesquisa PIBIC-EM.....</i>	122
Figura 49	
<i>Trecho do diário-escreviente de Alanna: Orai e vigiai.....</i>	123
Figura 50	
<i>Folha do diário-escreviente de Mayara: Ideologia de gênero.....</i>	126
Figura 51	
<i>Trecho do diário-escreviente de Marta: A que custo.....</i>	129
Figura 52	
<i>Trecho do diário-escreviente de Mayara.....</i>	129
Figura 53	
<i>Malakai observando cartazes sobre violência de gênero nas paredes da escola-céu.....</i>	130
Figura 54	
<i>Foto de duas estudantes abraçadas no pátio da escola-céu.....</i>	131
Figura 55	
<i>Cartazes de igualdade racial nas paredes da escola-céu.....</i>	133
Figura 56	
<i>Porta do banheiro feminino da escola-céu.....</i>	134
Figura 57	
<i>Folha do diário-escreviente de Alanna: Amiga, vamos comigo ao banheiro?.....</i>	135
Figura 58	
<i>Trecho do diário-escreviente de Marta: O que é gênero?.....</i>	136
Figura 59	
<i>Trecho do diário-escreviente de Malakai.....</i>	136
Figura 60	

<i>Folha do diário-escreviente de Mayara</i>	137
Figura 61	
<i>Trecho do diário-escreviente de Mayara</i>	138
Figura 62	
<i>Folha do diário-escreviente de Alanna: Gênero</i>	139
Figura 63	
<i>Cartaz produzido coletivamente: gênero</i>	141
Figura 64	
<i>Trecho do diário-escreviente de Marta</i>	146
Figura 65	
<i>Trecho do diário-escreviente de Alanna</i>	147
Figura 65	
<i>Trecho do diário-escreviente de Mayara: Nós somos curadoras/es</i>	149
Figura 66	
<i>Brena pregando o cartaz na parede da escola-céu</i>	152
Figura 67	
<i>Folha do diário-escreviente de Mayara: O que é fazer parte da pesquisa?</i>	153
Figura 68	
<i>Trecho do diário-escreviente de Alanna</i>	154
Figura 69	
<i>Análise do gráfico: Você cursa qual série?</i>	155
Figura 70	
<i>Análise dos gráficos referente ao perfil identitário dos respondentes</i>	156
Figura 71	
<i>Trecho do diário-escreviente de Malakai</i>	157

Figura 72	
<i>Análise das respostas subjetivas do formulário online</i>	157
Figura 73	
<i>Análise coletiva do gráfico</i>	159
Figura 74	
<i>Análise das respostas subjetivas</i>	159
Figura 75	
<i>Produção PRÉ-CURA(DOR)IA</i>	160
Figura 76	
<i>Colagem dos diários-escrevientes: Experimentação sobre a CURA(DOR)IA</i>	161
Figura 77	
<i>Folha do diário-escreviente de Mayara</i>	163
Figura 78	
<i>Colagem dos diários-escrevientes das/dos pesquisadoras/es no dia da CURA(DOR)IA</i>	164
Figura 79	
<i>Trecho do diário escreviente de Mayara: Policia nas escolas</i>	165
Figura 80	
<i>Credenciamento da CURA(DOR)IA</i>	166
Figura 81	
<i>Trecho do diário-escreviente de Bruna S.</i>	167
Figura 82	
<i>Produção artística da oficina de pintura</i>	168
Figura 83	
<i>Registro da oficina de grafite</i>	169
Figura 84	

Folha do diário-escreviente de Alanna: CURADORIA.....170

Figura 85

Folha do diário-escreviente de Mayara: Estão invadindo o CISTema.....171

Figura 86

Folha do diário-escreviente de Isaac: Todos nos temos direito!.....172

Figura 87

Folha do diário-escreviente de Brena.....173

Figura 88

Cartaz de avaliação da CURA(DOR)IA.....174

Figura 89

Parede da escola-céu pós oficina de grafite.....176

Figura 90

Folha do diário-escreviente de Malakai: Grafite.....178

Figura 91

Folha do diário-escreviente de Malakai: Os primeiros anos.....180

Figura 92

Trecho do diário-escreviente de Bruna S......181

Figura 93

Trecho do diário-escreviente de Bruna S......183

Figura 94

Registro fotográfico da Roda de Conversa.....184

Figura 95

Folha do diário-escreviente de Marta: Abrir cabeças - Florescer.....186

Figura 96

Trecho do diário-escreviente de Brena.....187

Figura 97	
<i>Folha do diário-escreviente de Mayara: Me chama de</i>	188
Figura 98	
<i>Crachá da CURA(DOR)IA</i>	189
Figura 99	
<i>Trecho do diário-escreviente de Marta: Nomes mortos</i>	192
Figura 100	
<i>Folha do diário-escreviente de Brena: O que nosso nome fala sobre nos mesmo</i>	192
Figura 101	
<i>Folha do diário-escreviente de Mayara: Meu nome é</i>	193
Figura 102	
<i>Folhas do diário-escreviente de Brena</i>	198
Figura 103	
<i>Folha do diário-escreviente de Bruna R.</i>	199
Figura 104	
<i>Folhas do diário-escreviente de Malakai: Projeto</i>	200
Figura 105	
<i>Folha do diário-escreviente de Bruna S.</i>	201
Figura 106	
<i>Folha do diário-escreviente de Isaac: PIBIC-EM</i>	202

Lista de Tabelas

Tabela 1

Objetivos alinhados com as estratégias metodológicas.....95

Lista de Abreviaturas e Siglas

ANTRA- Associação Nacional de Travestis e Transsexuais

ART - Artigo

CCBJ - Centro Cultural do Grande Bom Jardim

CCC - Centro Cultural do Canindezinho

CDVHS - Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza

CE - Ceará

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPAR - Pesquisa Ação Participativa Crítica

DLIS - Desenvolvimento Local Integrado e Sustentado

EEM - Escola de Ensino Médio

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento

GBJ - Grande Bom Jardim

GRAB - Grupo de Resistência Asa Branca

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IPECE - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

LAPSUS - Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não binários.

MEC - Ministério da Educação

OAB - Ordem dos Advogados do Brasil

PEE - Plano Estadual de Educação

PI - Pesquisa Intervenção

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBIC-EM - Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio

PNE - Plano Nacional de Educação

PPCA - Programa de Promoção da Cultura Artística

PPP - Plano Político Pedagógico

PREX - Pró-reitoria de Extensão

PRPPG - Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

SECULT - Secretaria de Cultura Artística

SEDUC - Secretaria de Educação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TV - Televisão

UFC - Universidade Federal do Ceará

VIESES - Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação

Sumário

INTRODUÇÃO – Ona: Um Corpo-Travessia.....	1
CAPÍTULO 1 — Encruza das Possibilidades: Um PIBIC-EM Operado pela Escrevivência.....	19
A Gente (Escrevi)viver: Toma-se o Lugar da Escrita, Como Direito, Assim Como se Toma o Lugar da Vida.....	20
Forjando/Inventando uma das Possibilidades: Toma-se o Lugar da escreVIVÊNCIA de Gênero.....	32
O PIBIC-EM como Dispositivo de Pesquisa Implicada: Toma-se o Lugar da Pesquisa, Como Direito, Assim Como se Toma o Lugar da Vida.....	38
CAPÍTULO 2 — “É Nós Por Nós”.....	51
“O Território da Pesquisa Rompe com os Muros da Escola”: O Grande Bom Jardim e a Escola-céu.....	51
Nesse Grande Bom Jardim Brotam Resistências.....	52
Escola-céu: “Aquele Lugar é Feito por Gente”.....	62
Primeiras Habitações e Andanças na Escola-céu Através do Processo de Seleção de Bolsistas PIBIC-EM.....	66
Entre o Macro e o Micro: As Primeiras Inquietações sobre a Urgência de Pesquisar Gênero na Escola-céu.....	78
“Povoada, Quem Falou que eu Ando Só?”.....	81
A Equipe de Pesquisa (Pós-graduação, Graduação, Bolsistas PIBIC-EM e Coletivo Female Power).....	82
“Somos a Voz dos Jovens”: PesquisaCOM Juventudes.....	88

CAPÍTULO 3 — ESCRIVIVÊNCIAS DE CAMPO: Elaboração/produção das Experiências de Gênero no Cotidiano Escolar.....	95
Diários-escrevíveis: Elaboração e Escrita Daquilo que Fala de Nós.....	96
Escrevivências de Gênero nos Diários-escrevíveis: Cenas e Fabulações....	120
Cena-escrevível 01: “Orai e Vigiai”	120
Cena-escrevível 02: “Amiga, Vamos Comigo ao Banheiro?”.....	127
Cena-escrevível 03: Afinal, o que é Gênero?.....	136
CURA(DOR)IA - Entre Curadoras/es e Curandeiros/os: Oficinas Artísticas.....	142
“Foi um Espaço de Cura Mesmo”: Escrevivências do Dia 15 de Abril de 2023.....	162
Escrevivências Pós-CURA(DOR)IA: Avaliação.....	173
Escrevivências de Gênero na CURA(DOR)IA: Cenas, Acontecimentos e Analisadores.....	179
Cena-escrevível CURA(DOR)IA 01: “Os Primeiros Anos”	180
Cena-escrevível CURA(DOR)IA 02: “Me Chama De”.....	188
CARTA MANIFESTO: “Por Cada Letra, Por Cada Vivência”.....	195
REFERÊNCIAS.....	207
ANEXOS.....	227
ANEXO I.....	228
ANEXO II.....	232
ANEXO III.....	235

Introdução - Ona: Um Corpo-Travessia

“Um samba que fale das coisas do mundo
 Um samba que ninguém precisa explicar
 Há de vir com a simplicidade
 De qualquer amor, de qualquer suor
 De qualquer dor, dessas de verdade
 Há de vir carregado de história
 De vida e de morte
 Há de vir no garrancho das mãos calejadas que
 há por aí
 Um samba que fale das coisas do mundo
 Um samba que ninguém precisa explicar
 Há de vir com a simplicidade
 De quem tem paixão, de quem não tem vez
 De uma cicatriz feita de verdade
 Há de vir carregado de história
 Há de vir carregado de mágoa
 Vai ser feito de lama, que molda, que quebra
 Mas nunca se acaba
 Um samba que fale das coisas do mundo
 Um samba que ninguém precisa explicar”
 (Lama - Douglas Germano)

Início esta narrativa saudando aquele que deve ser o primeiro a receber os cumprimentos, o que deve ser louvado antes do começo de qualquer empreitada. Exú é o caminho, força do movimento, ruptura, potência que liberta, é o senhor da encruzilhada. Peço agô as/aos ancestrais para falar de experiências vividas com elas/us/es¹, necessito da força, proteção e da sabedoria daquelas/us/es que estão em minha companhia, às que vieram antes mas se corporificam no agora. Peço licença a cada leitora/leitor, este ebó é um convite à vida, a experimentação de uma parte de um todo que transcende as letras desta escrita, é a parte de um caminho que é regado por sangue, suor e lágrimas ancestrais, aqui você encontrará o

¹ O uso da linguagem neutra ou não binária se justifica pelo próprio objeto de pesquisa, que acredita que todas as expressões de gênero devem ser validadas e incluídas. Sendo a linguagem e a comunicação uma ferramenta para afirmar outras identidades para além da norma cis-hétero-binária-patriarcal.

retalho, um pedacinho de uma pesquisa-vida que não cabe aqui. Te convido a me acompanhar sentadas no *busão* e se deixar levar por estas vivências escritas.

Escolhi a música Lama² do Douglas Germano para abrir esta dissertação, acho que ela me escolheu na verdade, ela tem me acompanhado em todo o processo desta escrita, sinto se a vontade se assim desejar, parar por aqui e escutar essa música, escutar o batoque, o tambor, a corda. Penso que o processo de pesquisa se assemelha com esse samba dito na música. Poderíamos substituir a palavra samba que compõe a música pela palavra pesquisa, uma pesquisa que fale das coisas do mundo. Nas linhas que aqui se seguem há de se encontrar simplicidade, amor, paixão, suor, cicatrizes e até dor, dessas dores de verdade, há de se encontrar história, a minha e de tantas outras que esbarrei no meio do processo, as linhas que aqui se seguem são escritas como garranchos, rabiscos, riscos de uma mão calejada que há por aí.

Escrever é dar vez “às versões mínimas, fragmentárias de vidas comuns, nem heroicas nem exemplares, de personagens em cujos percursos se conjugam situações advindas de sua condição social, racial e gênero” (Evaristo, 2017, p. 187). Esta dissertação é forjada no conceito de Escrivência cunhado pela literária Conceição Evaristo (2017), desde da experiência da pesquisa em si, quanto do próprio processo de escrita. O termo criado pela escritora mineira é a junção das palavras “escrever” e “viver”, representa a sua escrita e a escrita de mulheres negras. Portanto traz uma possibilidade de escrita que jorra com os modos de subjetivação de quem as escreve, uma escrita que nasce no cotidiano, das lembranças, das experiências de vida entrelaçadas à ficção (Gomes Filho et al., 2021). Não me lembro exatamente do dia em que me encontrei com a escrevência, talvez em uma mesa redonda, talvez em uma conversa com amigas no banco do pátio da história da UFC, talvez dentro dos laboratórios³, não sei ao certo, mas este dia com certeza mudou minha relação com a escrita.

² Link da música Lama - Douglas Germano <https://www.youtube.com/watch?v=Ky7EaVqtFXE>

³ Sou pesquisadora, colaboradora e integrante de dois laboratórios ligados ao Departamento de Psicologia da UFC e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, também da UFC, mais conhecida

Por isso, inicio falando sobre meu encontro com as letras, com as palavras, com as frases, com as linhas.... Em um desses trajetos de *busão* a caminho do Grande Bom Jardim (GBJ), inicio a leitura de “E eu não sou uma mulher?” de bell hooks⁴. A escritora dedica o livro à sua mãe Rosa Bell, de quem herdou o anseio por escrever. Neste mesmo instante lembro de minha mãe, que nos meus primeiros anos de vida me ensinou em casa as primeiras letras. Ela com muito orgulho repetidamente me diz, filha, eu que te ensinei a ler e escrever, incontáveis vezes já escutei de minha mãe que fui alfabetizada em casa, é por ela, me ensinando na mesa de casa que posso escrever. Minha relação com a escrita se iniciou assim, embaixo dos braços de minha mãe, sentindo o conforto e a liberdade de escrever o que quer que eu queira. Embaixo dos braços de minha mãe pude pegar o lápis e começar a dança dele com o papel, tempos depois, na escola, descobri que tinha aprendido errado, pegava no lápis de forma errada e pego até hoje, o que me causou um calo nos dedos, marcas da aprendizagem da escrita ao lado de minha mãe.

Trago esta cena do passado pois ela se presentifica no hoje, ter tido esse primeiro espaço de escrita é o que me dá forças para continuar a escrever. Não estou mais embaixo dos braços de minha mãe, agora escrevo em outro lugar, mais acima, para alguns, escrevo da academia, escrevo de dentro dos muros da universidade, mas não pertenço aqui. Sou a primeira da minha família a ocupar uma universidade pública, sou a primeira da minha família a fazer um mestrado e quem dirá um doutorado. Escrevo por aquelas/us/es que não puderam sonhar que um dia pisariam nos azulejos de uma universidade federal. Tive uma certa dificuldade de começar as linhas desta dissertação, e isso diz também do meu próprio processo de escrita. Escrever nos moldes que a academia exige me paralisa, então peço licença cara/o leitora/leitor, aqui você não encontrará uma objetividade científica

como híbrida, internamente. Faço casa no Laboratório em Psicologia Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) e no Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES).

⁴ A autora faz questão de afirmar que bell hooks deve ser escrito em letra minúscula, representando seu desejo de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não à sua pessoa.

descorporificada. Escreverei em primeira pessoa, contarei a minha escrevivência, pois, reconheço que esta pesquisa é justamente sobre isso, falarmos de nós mesmas, nós mulheres negras, nós corpos dissidentes, nós favela na primeira pessoa.

Escrever essa dissertação me faz pensar sobre meus encontros com a escrita, na adolescência fui uma romântica melancólica que colocava em seus poemas suas dores e paixões, hoje ainda escrevo em rabiscos, em papéis, em diários, em artigos. Minha escrita sempre veio carregada de dor, utilizo ela para apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Aqui arrancarei a máscara do silenciamento e falarei da margem, na margem, a partir da margem e com a margem (Kilomba, 2019; hooks, 1995).

Aqui a escrevivência se ali a PI, como dispositivo de uma pesquisa sobre gênero em uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE. PI como Pesquisa-Intervenção mas também Pesquisa Implicada, apostando em no fazer COM. As escrevivências que compuseram esse processo foram feitas de forma coletiva, tal qual o próprio processo de investigação, compuseram esse emaranhado, jovens secundaristas, estudantes universitárias, artistas e coletivos do território e comunidade escolar. Corpos estes em sua maioria negres, mulheres, dissidentes e periféricos, que talvez nunca se imaginaram como pesquisadoras/es⁵, como produtores de conhecimento. Tecerei nesta escrita problematizações para pensar os processos de subjetivação⁶ que constituem o encontro entre

⁵ Ao decorrer do texto tentarei utilizar majoritariamente pronomes femininos ao me referir do grupo de pesquisadoras/es, já que é composto massivamente por mulheres chamadas por pronomes femininos.

⁶ Tomarei aqui o conceito de subjetividade/subjetivação como ao mesmo tempo efeito e produção. Segundo Guattari e Rolnik, a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia, sistemas de inibição e

escrivência, gênero e escola. Já que nesta investigação, entende-se que os modos de subjetivação são agenciados por contingências históricas, sociais, políticas, culturais e que estas incidem também na instituição escolar, marcando as corporeidades de toda a comunidade a partir de padrões de gênero, por exemplo.

Como método de análise dos dados aposta-se na utilização da Análise Cartográfica operada sob um viés interseccional. O que significa deixar aparecer as diversas vozes que compõem o fenômeno a partir do acompanhamento de processos e fluxos presentes no campo. Ademais, essa perspectiva possibilita tomar a realidade como algo mutável, e nesse sentido, fora de uma perspectiva representacional (Barros & Barros, 2014). Aposta-se em uma análise implicada também pela interseccionalidade, considerando a como a “conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (Crenshaw, 2002, p.177), sendo entendida como uma estratégia e uma atitude de análise.

Além disso, o meu compromisso ético não está restrito somente às resoluções do Conselho Nacional de Saúde ou normativas de pesquisa com seres humanos, mas se volta para o cuidado de uma produção científica que não fortalece assujeitamentos, discursos hegemônicos e não objetifique nossas/ nossos interlocutoras/es. O presente projeto, toma como base de orientação ética a Resolução nº 466/12, que consiste em diretrizes e normas que regulam as pesquisas com os seres humanos (Ministério da Saúde, 2012) e da Resolução nº 510, 07 de Abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde. Também orienta a Resolução de nº 016 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000), bem como o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). A viabilidade da execução dos procedimentos metodológicos desta pesquisa se insere no desenvolvimento da pesquisa guarda-chuva intitulada “Cartografia de práticas culturais periféricas do cotidiano de coletivos juvenis na cidade de Fortaleza”,

de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (Guattari e Rolnik, 1986. p.31).

submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Ceará com registro do CAAE: 38817520.2.0000.5054 e Parecer nº 4.470.814 (ANEXO I). Foram informados os objetivos e a justificativa da pesquisa nos momentos de convite e de entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e responsáveis e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para participantes menores de 18 anos. Além disso, foi garantido o respeito aos valores sociais, culturais, espirituais e morais dos/as participantes durante todo o processo, além de assegurar a eles/as a possibilidade de desistir a qualquer momento de colaborar com a pesquisa. Foram assegurados o anonimato, a privacidade e o sigilo de informações dos participantes, entretanto, alguns destes solicitaram que mantivéssemos o seu nome, e assim foi feito.

Nesse momento, peço licença a/ao leitora/leitor para fazer uma importante colocação, ao enfatizar que o objeto de toda essa dissertação são as escrituras de gênero. Não estou me preocupando com a categoria do que é ser mulher contaminada por um fundacionalismo biológico, binário e cis. Ao contrário pretendo me desfazer da categoria de gênero que automaticamente imaginamos que o sujeito político e universal desta luta seja uma mulher branca cis. Durante toda essa dissertação peço que ao ler a palavra gênero, pensem em corpos que performam mulheridades, feminilidades, bixalidades e travestilidades. Para isso me alianço a Butler (2018), Haraway (2009), Nascimento (2021), hooks (2019), Lorde (1993) e tantas outras. “Para falar de sexo, de gênero e de sexualidade é preciso começar com um ato de ruptura epistemológica (Preciado, 2020, p. 141).

Finalizado este breve parêntese, a fim de justificar o interesse em pesquisar sobre esse tema, trago alguns elementos da minha trajetória acadêmica e, também, aspectos do cenário político nacional e local sobre a dinâmica de gênero no cotidiano escolar, que como um caleidoscópio acenam para a relevância da presente discussão:

2023. Fortaleza. Esta dissertação se materializa versando sobre uma experiência de pesquisa participante realizada por/com estudantes do ensino médio de uma escola pública da periferia de Fortaleza/CE durante setembro de 2022 a agosto de 2023. Resultado esse de uma pesquisa de um ano, que acontece na encruzilhada de dois projetos de extensão, É da nossa escola que falamos, vinculado ao Laboratório em Psicologia Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) com o Artes Insurgentes: Coletivizando Resistências⁷, também pertencente ao LAPSUS em parceria com o Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES).

A construção deste objeto é forjada muito antes de 2023, em uma temporalidade anterior. A partir da minha implicação pessoal e política, meu corpo-travessia foi convocado a este campo, corpo em devir-mulher, devir-negra, devir-desviante. Mesmo antes de iniciar o processo de pesquisa do mestrado, já venho investigando por outras vias as afetações de gênero na vida. Mantenho a atenção sobre essas localizações que me constituem, pois é deste lugar e perspectiva em que disserto. Minha escrita parte da minha própria experiência e das narrativas das pessoas que participaram da pesquisa. Inspirada em Donna Haraway (1995), acredito em um conhecimento que se produz de forma local, situada, parcial e corporificada.

Maior. 2020. Fortaleza. Estávamos no meio de um processo pandêmico da Covid-19, neste momento, enquanto estou escrevendo e lembrando, sinto a carne arder mais do que o de costume, sinto a boca seca, sinto raiva, sinto tudo isso e mais, muito mais do que posso descrever. Sinto tudo isso porque, não resta dúvidas, sei que não sinto sozinha. Durante o isolamento social por Covid-19, mais precisamente em maio de 2020, uma hashtag passou a ser muito citada nas redes sociais: #Exposed. O Exposed é um movimento que surge nos

⁷ O projeto Artes Insurgentes, contemplado pelo edital Programa de Promoção da Cultura Artística (PPCA) da Secretaria de Cultura Artística da Universidade Federal do Ceará (Secult-Arte/UFC), surge em 2021, da parceria do LAPSUS e do VIESES, ambos ligados à UFC. Participam do projeto estudantes de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da UFC, bem como militantes e artistas do próprio território. Tendo sete eixos artísticos-políticos 1. Danças e movimentos 2. Literaturas poéticas 3. Músicas e ritmos 4. Teatro e performances 5. Cultura Digital, juventudes e artes, 6. Gênero, artes e interseccionalidades 7. Adolescência, saúde mental e artes, os dois últimos surgiram por demanda das/des/dos secundaristas abarcados pelo projeto. A presente pesquisa vincula-se ao eixo 6.

Estados Unidos para indicar algo que permanecia oculto e precisava ser exposto. No Brasil, mais precisamente na capital cearense, o movimento se destacou como instrumento de “quebra do silêncio”, por assim dizer, de casos reiterados, continuados, omitidos e impunes de assédio sexual perpetrados por docentes contra alunas e também entre pares no cotidiano escolar. O movimento ganhou força nas redes sociais como *Twitter* e *Instagram*, com denúncias associada à relatos e imagens comprobatórias desde insinuações sexuais, piadas de duplo sentido, mensagens indecentes em aplicativos de mensagens, até o toque não autorizado em seus corpos e as tentativas de estupro, com muitos casos de estupro consumado. O #Exposedfortal me convocou a lembrar da Mayara que estudava em uma escola cristã de grande porte na capital de Fortaleza, me levou a mim, e a tantas outras que constantemente eram violentadas nessa instituição que parecia não nos caber.

Esse movimento trouxe à tona algo que sempre esteve presente na educação brasileira. Como é bem sabido, em 1549, com a chegada dos colonizadores, o ensino concentrou-se nas mãos da igreja, especificamente dos jesuítas. Este ensino ministrado pelas ordens religiosas nas missões e nos colégios fundados por elas destinava-se fundamentalmente à catequese e à formação da elite branca e masculina. As mulheres estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos (Ribeiro, 2000). O corpo feminino adentrou as escolas somente na reforma pombalina, em 1758, desde que separadas dos homens e tendo professores também mulheres, entretanto, a lógica que estrutura a escola permaneceu (Almeida, 1989). Desse modo, a instituição escolar emerge como um espaço de recusa ao corpo feminino e feminilizado, onde há corpos colocados em uma condição tamanha de precarização, em que são mais expostos à violência e menos asseguradas de proteção e vidas mais plenas e vivíveis (Butler, 2016).

Minha aproximação com o campo de problematização atravessa também minha trajetória acadêmica e minha formação como Psicóloga Social, antes mesmo de conseguir a

transferência para concluir a graduação em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), enquanto ainda cursava na Estácio de Sá, fui bolsista de Iniciação Científica em um projeto que objetivava analisar os impactos psicossociais do processo cirúrgico da mastectomia em mulheres com câncer de mama. Hoje me recordo desta Mayara que se interessava pela Psicologia Hospitalar e me parece tão distante, mas percebo que apesar das mudanças de áreas de estudo, abordagem e atuação, sempre estive atenta a temática de gênero.

2019. Fortaleza. Ao adentrar a Universidade Federal do Ceará (UFC), tive experiências de ensino, estágio, extensão e pesquisa que me implicaram na temática, sobretudo a partir da minha inserção no Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) vinculado à UFC. Tive a oportunidade de participar, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), de uma pesquisa-intervenção intitulada “Educação, modos de subjetivação e formação de jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar” realizada, com articulação ao projeto de extensão “É da Nossa Escola que Falamos”, que construiu uma intervenção micropolítica com secundaristas de uma escola pública de Fortaleza/CE. Por meio também do curso de extensão “Jovens pesquisadores da micropolítica do cotidiano escolar”, em que elas/elus/eles pesquisavam temas acerca de sua vivência no território escolar que as/os instigavam. O curso era ministrado por estudantes de graduação e pós-graduação orientados pela Profa. Luciana Lobo Miranda. Tinha como objetivo discutir a relação juventude e escola com base nos discursos dos próprios participantes, sendo estes secundaristas-pesquisadores na sua escola. Dentre as pesquisas, as questões de gênero se fizeram presentes em pelo menos três grupos, como “Quem eu sou?”; “O hoje afetando o amanhã”; “Saúde Mental”, estes nomes foram escolhidos pelos próprios estudantes e estas três pesquisas abordaram a temática de gênero de forma direta ou indireta (Gonçalves & Miranda, 2022). Esta experiência de objetivar analisar

o fazer pesquisa de jovens estudantes foi o ponta pé para nosso grupo de pesquisa experienciar radicalizar o pesquisarCOM e se corporifica também na minha investigação atual.

Essa política de pesquisa reverberou em outras três atuações que tive ao decorrer da graduação em Psicologia, através do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM), onde participei como pesquisadora-colaboradora durante três anos consecutivos em grupos de pesquisadores universitários e secundaristas, que objetivavam fomentar com jovens estudantes de Ensino Médio habilidades e o interesse pela iniciação científica e pela pesquisa de seu cotidiano escolar⁸. Hoje escrevendo esta dissertação, percebo a importância que as três experiências no PIBIC-EM tiveram na minha formação enquanto pesquisadora do fazer COM (Soares et al, 2021).

2021. Ainda na graduação criei junto com um coletivo de estudantes universitários o projeto “Artes Insurgentes: Coletivizando Resistências” (SECULT/DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA/UFC), uma parceria entre o Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) e Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). Neste projeto, que carinhosamente chamamos de coletivo ou de somente “artes”, tive a oportunidade de adentrar e compor as movimentações no território do Grande Bom Jardim (GBJ), ainda em 2021 de forma híbrida, por conta da pandemia de Covid-19, sendo a partir de setembro desse mesmo ano de forma totalmente presencial. No “artes” pude pautar formas de enfrentamento às violências e as demais estruturas que incidem nas territorialidades periféricas por meio da arte, conjuntamente com outros coletivos juvenis. No “artes” pude experienciar diferentes linguagens artísticas com outros movimentos sociais,

⁸PIBIC-EM (2019-2020) “Cidadania, Educação e Modos de Subjetivação: Pesquisadores da Micropolítica do Cotidiano Escolar”
PIBIC-EM (2020-2021) “Cartografia das Experiências de M(P)aternidade de Jovens Estudantes da Escola Pública”
PIBIC-EM (2021-2022) “Formação de Vínculo com a Escola em Tempos de Pandemia: Cartografia com uma Comunidade Escolar”

percebendo seu potencial de elaboração de si e do mundo, como modos de subjetivação (Miranda et al, 2021). No “artes” pude entender uma outra relação que se faz entre psicologia e arte, entendendo-a como ferramenta de luta. As pessoas que participam e colaboram com o Projeto Artes Insurgentes são chamadas de arteiras. Hoje por conta de minha experiência neste coletivo ousou me chamar e me autorizar como artista.

Desse modo, o GBJ se justifica como lócus desta pesquisa-intervenção por ser esse território que brotam formação de coletivos, intensas mobilizações sociais-políticas e resistências⁹. Além disso, como o Projeto Artes Insurgentes já estabelece vinculações e atuações com algumas escolas do Grande Bom Jardim, isso acabou sendo um facilitador para continuarmos o movimento. No “artes” pude experienciar a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulada: “Corpos-encruzilhada: Mulheridades na instituição escolar - artesanias híbridas enquanto dispositivo de resistência”, que objetivou analisar as composições com gênero a partir dos enunciados e interditos em oficinas (de)formativas em artes, quem aconteceram em cinco escolas do GBJ (Soares et al, 2023).

2022. Fortaleza. Após o ingresso no Mestrado, participei de uma frente específica do projeto chamada “Gênero, artes e interseccionalidades”, que foi convocada por uma escola parceira do Artes Insurgentes para acolher uma situação de assédio entre pares. Diante da omissão inicial da gestão escolar, um grupo de estudantes, composto majoritariamente por mulheres, organizaram uma manifestação lutando contra esse episódio de assédio, exigindo justiça, reparação e expulsão do jovem estudante. A partir dessa primeira manifestação, nós fomos chamados ao colégio e iniciamos uma série de encontros com as estudantes. Estes encontros acabaram criando um coletivo de luta e articulação composto pelas estudantes dessa escola, chamado “Female Power” que pensa ações envolvendo gênero e sexualidade a serem produzidas no cotidiano escolar. No meio deste cenário, nós do projeto Artes Insurgentes

⁹ Isto será melhor abordado na seção Nesse Grande Bom Jardim Brotam Resistências.

adentramos essas redes e linhas de luta e disputa¹⁰, pois a primeira violação em questão desencadeou em uma série de violências, tanto de exposição de uma estudante, suposta vítima, a retaliação, presencial e virtual, do suposto assediador que diante das ameaças acabou transferido de escola como forma de preservação de sua vida.

Estes relatos aparentemente de ordem pessoal se colocam na encruzilhada de questões políticas, desse modo, alguns elementos do cenário social, nacional e local, também justificam a proposta de investigação desta pesquisa. Abordarei agora as mobilizações políticas ocorridas em torno das palavras “gênero” e “sexualidade” nos documentos balizadores e reguladores da educação no Brasil e Estado do Ceará. A constituição brasileira de 1988, nos arts. 211 e 214, determina aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios a organização dos seus respectivos sistemas de ensino, contendo cada um plano de educação, que esteja baseado no Plano Nacional de Educação (PNE), objetivando a articulação do ensino em seus diversos níveis à integração desses poderes públicos (Brasil, 1988). O atual PNE foi instituído pela Lei 13.005/2014, determinando diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de dez anos, ou seja, de 2014 a 2024. Dessa forma, para que estas se concretizem como política de estado integrada e colaborativa, os planos de educação a nível estadual e municipal precisam estar alinhados a ele, tendo o período de 1 ano para finalização de seus planos. No caso do Ceará, foram realizadas sete plenárias regionais e uma estadual, com participação da comunidade escolar, representantes do poder público, sociedade civil e organizações não-governamentais (Souza & Menezes, 2017). Em maio de 2016 foi sancionada a Lei nº 16.025 com metas e estratégias fixadas para o período de 2016 a 2024, na área da educação, a serem viabilizadas pelo Estado e por seus municípios, em colaboração com a União e guardando conformidade com o PNE e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

¹⁰ Este acontecimento em questão atravessou e ajudou a constituir a presente pesquisa, abrindo caminhos para que esta investigação pudesse ser feita na escola, isso será melhor detalhado posteriormente.

O processo de tramitação do PEE passou por uma série de disputas e mudanças, o plano original trazia 4 metas e 8 estratégias que atendiam as demandas sobretudo das mulheres e da população LGBTQIAPN+, sendo estes os itens mais discutidos e posteriormente, eliminados, graças à parlamentares conservadores e fundamentalistas ligados a grupos religiosos, sobretudo neopentecostais e católicos, que articularam a retirada de todos os termos que faziam referência a gênero e sexualidade e/ou rearranjaram tais termos a serem adaptados a uma visão moralista e conservadora.

O art. 3º XV do Plano Estadual de Educação (PEE) do Ceará é taxativo, afirmando que “Impede, sob quaisquer pretextos, a utilização de ideologia de gênero (Grifo nosso) na educação estadual”. Vale salientar que esta é a única menção a gênero em todo o documento, e quando o menciona é tido como uma ideologia e portanto deve ser interdito. Dentre tantas recomendações presentes no mesmo artigo que iniciam com verbos propositivos, tais como: promover, valorizar, garantir, priorizar, entre outros, apenas duas diretrizes se iniciam com verbos que constroem, que interditam, a saber: I - erradicação do analfabetismo; e o XV mencionado anteriormente que impede a "ideologia de gênero" (Plano Estadual de Educação, 2016). Assim, no Plano Estadual de Educação do Ceará em vigor, gênero é equiparado com o analfabetismo, e por isso deve ser combatido, e para além disso, é apresentado sob a falácia da “ideologia de gênero”, entendido como um elemento doutrinador.

Esse aspecto também é abordado desde as eleições de 2019, onde Jair Bolsonaro, conversador, “pró-vida” e “pró-família”, como ele mesmo se nomeia, teve como carro chefe de sua campanha a veiculação de notícias inverídicas em redes sociais como o *WhatsApp*, *Twitter* e *Facebook* sobre temas como “kit gay” e “ideologia de gênero”, objetivando causar um sentimento de terror social pelo suposto extermínio da “família tradicional brasileira”. “O que elegeu Bolsonaro não foram os militares, foi a ideologia”, diz Damares Alves, ex-ministra dos Direitos Humanos, da Família e da Mulher em entrevista a Renan Barbosa (Gazeta do

Povo, 2019). Já eleito, em seu próprio discurso de posse diante do Congresso Nacional, Bolsonaro pronuncia: “Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando os nossos valores.” (Uol, 2019). Esse discurso atravessou os quatro anos de governo Bolsonaro, marcadamente antigênero, com um projeto conservador-bolsonarista para a educação brasileira. E ele o levou também para as eleições de 2022 (Miguel, 2021; Maranhão, Coelho & Dias, 2018; Schibelinsks, 2020).

O uso do termo ideologia de gênero seja no PEE ou durante o governo bolsonarista traz para a cena enunciativa posições tradicionais, reacionárias e até fundamentalistas em relação às expressões de gênero. Como fazer falar e fazer ver algo, através da escrevivência de alunas/es/os, que deve ser calado? Como trazer para a cena enunciativa da escola o que está explicitamente interdito no cotidiano escolar?

Diante desse cenário e ponderações, o problema desta dissertação pode ser explicitado pela seguinte questão suleadora¹¹: Como a escrevivência inventa uma pesquisaCOM sobre gênero em uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE?

Esta investigação está ancorada no éthos teórico-metodológico da Pesquisa Intervenção (PI). Assim, a produção de conhecimentos se dá no cotidiano escolar, a fim de analisar os campos de forças envolvidos na relação gênero e escola. Para isso, será utilizada como estratégia de produção de dados a aliança com o Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM), que possibilita uma radicalização do fazer COM a escola, já que as/es/os secundaristas foram co-pesquisadoras do seu cotidiano escolar.

A fim de responder à pergunta de partida desta pesquisa, seu objetivo geral foi analisar a Escrevivência como dispositivo de uma pesquisaCOM sobre gênero em uma escola pública

¹¹ Utilizo a palavra suleadora ao invés de norteadora, entendendo que devemos nos orientar e guiar em direção ao Sul e não ao Norte Global. Essa mudança de palavra não é somente estética.

de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE. Como desdobramento deste, os objetivos específicos da dissertação foram: 1) *Discutir a relação entre escrevivência e decolonização para as políticas de pesquisa implicadas*; 2) *Analisar os efeitos de utilizar a escrevivência como operador para o campo da pesquisa-intervenção realizada COM jovens secundaristas*; 3) *Mapear o uso da escrevivência como elaboração das experiências de gênero (re)produzidas no cotidiano da escola lócus da pesquisa*.

Considerando a implicação dos estudos teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa, ancoram-se as reflexões e análises produzidas na filosofia da diferença e estudos pós-estruturalistas em autores como Michel Foucault, Butler, Deleuze, Guattari e Rolnik. Não me recordo ao certo quando foi meu encontro desviante com a perspectiva pós-estruturalista. Chamo de desviante pois foi um transvio na teoria que me embasou por muitos anos durante a graduação e que me embasava até o momento, a Psicologia Humanista. Ao tentar me recordar deste encontro automaticamente me lembro de pessoas, lembro de Cai, Cirilo e Camila¹² que juntas durante a pandemia de Covid-19 decidimos estudar em meio a reuniões do *Google Meet* alguns livros de Deleuze e Guattari. Meu encontro com o pós-estruturalismo foi feito COM muitas mãos, vozes, corpos e telas.

Nesta investigação também se aprofunda nos estudos dos feminismos negros e decoloniais a partir de autoras, tais como, Conceição Evaristo, Audre Lorde, bell hooks, Jota Mombaça, Gloria Anzaldúa, Ochy Curiel, Grada Kilomba, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, dentre outras citadas ao longo desta escrita. Meu encontro com os feminismos negros e decoloniais também seu deu concretamente na pandemia por Covid-19, lembro que mais precisamente durante o movimento #blacklivesmatter, com os assassinatos de George Floyd¹³

¹² Cai, Cirilo e Camila são minhas colegas da Graduação em Psicologia, éramos bolsistas do PET-Psicologia, e juntas fazíamos atividades de ensino, pesquisa e extensão, voltada para a esquizoanálise, estudos decoloniais e teoria queer. Para além disso, Cai, Cirilo e Camila são minhas amigas.

¹³ George Floyd é um homem negro, afro-americano que foi assassinado em Minneapolis por um policial branco que o estrangulou com os joelhos em cima de seu pescoço em uma abordagem (G1, 2020).

nos Estados Unidos e João Pedro¹⁴ aqui no Brasil e de tantos outros negros e negras, essas mortes que fizeram minha carne doer mais que o normal, me levaram a busca na teoria possibilidade de cura, como bell hooks em *Ensinando a Transgredir*:

Cheguei à teoria porque estava machucada — a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender — aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (hooks, 2013, p. 88).

Além disso, acredito que meu encontro com a teoria dos feminismos negros e decoloniais rompe com o tempo e espaço real, meu encontro se deu por vias ancestrais. Este emaranhado de epistemologias e ferramentas fazem parte dos estudos teóricos que me propuseram a problematizar as questões de gênero no cotidiano escolar e acompanharam esta pesquisa aliando teoria e prática como uma lente não dicotômica.

Cara/o leitora/or, para te ajudar a acompanhar a problematização das escrevivências de gênero que incidem numa escola pública de ensino médio de uma periferia de Fortaleza, o texto da dissertação está organizado em introdução e 3 capítulos teóricos-metodológicos de análise. Estes buscam abarcar tanto os objetivos da pesquisa, quanto de que contexto e como ela surgiu, assim como também proporcionar uma “viagem” pelos acontecimentos ocorridos no campo, situando os resultados analíticos advindos desta pesquisa-intervenção. Desse modo, correspondendo ao objeto desta investigação que é metodológico, ou seja, a escrevivência, optamos por não seguir os moldes estruturais de textos acadêmicos, não terá um capítulo estritamente metodológico e outros de resultados, viajaremos pela indiscernibilidade. “Fugiremos à regra. Deixaremos os métodos para os botânicos e os matemáticos. Existe um ponto em que os métodos se dissolvem.” (Fanon, 2008, p 11).

¹⁴ João Pedro foi um adolescente negro que enquanto estava brincando com amigos foi baleado em uma operação policial realizada em um complexo de favelas na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro (G1, 2020).

O capítulo seguinte é intitulado “Encruza Das Possibilidades: Um PIBIC-EM Operado Pela Escrevivência”. Neste primeiro capítulo abordarei uma discussão teórico-analítica de como esta pesquisa entende e opera a Escrevivência de Conceição Evaristo, evidenciando o seu compromisso ético-estético-político com a luta anti racista. Além disso, analiso duas invenções que esta pesquisa inaugura, tanto as escrevivências de gênero, em que abordo teoricamente esta empreitada, quanto o PIBIC-EM relacionado a uma pesquisa que se faz por meio da escrevivência. Por fim, irei abordar as políticas de pesquisa pistas ligadas ao ethos teórico-metodológico da Escrevivência que operaram na execução da pesquisa-inter(in)venção engendrada na dissertação. Desse modo, este capítulo responde ao meu primeiro objetivo específico.

O segundo capítulo teórico-empírico intitulado “É Nós Por Nós” apresentarei também o território em que esta pesquisa acontece, no caso uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim, zona da periferia de Fortaleza/CE. Tratarei um pouco da história da escola, seu corpo discente, docente e coordenação, além de aspectos da própria região em que esta se situa. Analisarei também as juventudes que compõem a equipe de pesquisadoras/es, evidenciando as invenções de uma agência de pesquisa que é feita de forma coletiva e compartilhada. Respondendo o meu segundo objetivo específico.

O terceiro e último capítulo teórico-empírico, intitulado “Escrevivências De Campo: Elaboração/produção Das Experiências De Gênero No Cotidiano Escolar”, analisa os dois dispositivos metodológicos que deram substancialidade para esta pesquisa, 1) Diários-escrevíveis, realizadas por todos aqueles que compuseram a equipe de pesquisadoras/es; 2) Oficinas artísticas: CURA(DOR)IA em foco, resultado das produções artísticas oriundas desse dia de culminância da pesquisa. Ambos dispositivos insurgem como práticas de resistência, cura e aquilombamentos, forjados na relação e no encontro com a arte. Este capítulo responde ao meu terceiro objetivo específico.

Por último, nas considerações que finalizam o texto, intitulado “Carta-Manifesto: Por cada letra, por cada vivência”, trago (in)conclusões que não buscam encerrar a discussão da temática, mas abrir caminhos de continuidades, tanto para as reflexões como para gerar novas ações. Concluo com um arremate de resultados desta pesquisa e as possíveis contribuições.

Justifica-se a relevância com a realização desta pesquisa para a área da Psicologia e áreas afins, na medida em que o objeto de estudo aqui investigado/problematizado/discutido se apresenta dentro de um contexto bastante pertinente na contemporaneidade, haja vista que esta discussão é conexa para proporcionar questionamentos e reflexões na atualidade em torno dos processos de subjetivação. Portanto, a presente pesquisa está inserida na Linha de Pesquisa Subjetividade e Crítica do Contemporâneo, por reunir categorias analíticas que atravessam o funcionamento do cotidiano e dos modos de vida tendo como delimitação o tempo, o espaço, a produção discursiva e uma problemática implicada com as questões de gênero, tendo a possibilidade de pensar em novos arranjos do cotidiano escolar e de contextos educacionais.

Esta dissertação é um convite, à experimentação, à subversão, à profanação, à roda, à gira. Não espero que essa leitura seja prazerosa ou gostosa, acredito que ela envolverá muitas dores, feridas e cicatrizes que impactam em mim durante a produção deste material e talvez impacte em ti também. Entretanto, espero que ela te envolva no campo das afetações, sejam elas boas ou ruins, assim, te convido a embarcar nessa comigo, mais uma vez sentades no *busão*, a caminho de uma dimensão criadora, livre, cheia de potencialidades de curas e imensamente portadora de outras intensidades e novos mundos. Axé.

Capítulo 1 - Encruza das possibilidades: Um PIBIC-EM Operado pela Escrevivência

Figura 1

Pintura produzida em uma das oficinas da CURA(DOR)IA



Iniciei esta dissertação saudando Exú, o senhor da encruzilhada. Esta miragem permeia toda a investigação. A encruzilhada é um ponto ambíguo na religiosidade afro-brasileira, podendo ser tanto o começo, quanto o fim. A encruzilhada é esse ponto de encontro, mas também local de tomada de decisões, pois é nela que os caminhos se encontram, e também onde se escolhe o caminho para seguir. No trajeto que leva a pessoa para essa encruzilhada vão existir os conflitos, as tensões e são construídos caminhos que levam a possibilidade de (des)encontros. Essa noção de encruzilhada atravessa o corpo-pesquisadora, o trabalho de campo, as epistemologias e as ferramentas metodológicas. É uma contraposição ao entendimento de um saber psi que deve ser linear e homogeneizador do conhecimento pressuposto pela perspectiva colonial. Dessa forma, a encruzilhada é o lugar

da interseção, do meio, dos entres, tempo-espaco de possibilidades e de potência (Rufino, 2016). Nestas encruzilhadas, a medida que vai perfilando como a escrevivência atravessou a presente pesquisa, vai dialogando com algumas escrevivências criadas ao longo do trabalho COM a escola. A trajetória será apresentada nos capítulos seguintes. Nesta investigação estamos “circulando pelas encruzilhadas” (Silva 2018, p. 5).

A Gente (Escrevi)viver: Toma-se o Lugar da Escrita, Como Direito, Assim Como se Toma o Lugar da Vida

“A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p 11).

Escrevivência é o termo cunhado pela literária mineira Conceição Evaristo, sua primeira menção é na dissertação de mestrado de Conceição em 1995, entretanto, já foi operada por ela desde de seus primeiros escritos (Nunes, 2020). Conceição Evaristo é uma mulher negra, proveniente de uma família de mulheres de classe baixa e afrodescendentes e não diferente da maior parte delas, marcadas profundamente pelo açoite escravagista, pelo ranger de dentes que ecoaram nos porões dos navios negreiros, pelas marcas dos chicotes, pelo estupro diário daqueles que possuíam seus corpos. Estas são só algumas das cenas e memórias do trauma colonial que a escravidão marcou em nossos corpos negras (Evaristo, 2017). Escrevivência é a associação das palavras “escrever” e “viver” e tem em sua concepção inicial o ato de escrita de mulheres negras como uma ação que pretende subverter, desfazer uma imagem do passado¹⁵, em que as vozes de mulheres negras escravizadas tinham sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas. A escrevivência é um

¹⁵ Eu tenho a prática de rabiscar meus livros, coloco nele alguns comentários, algumas linhas, conexões, gosto de riscar as partes que acho mais importante, desse modo, optei por sublinhar aqui nesta seção algumas partes que creio que a/o leitora/o deve direcionar e redobrar sua atenção, utilizo o sublinho como artifício estético, mas não somente.

recado político de não esquecimento. Nos escritos de Conceição, tem-se um pouco de vingança, de prudência, de maledicências e de curas.

É cunhada a partir da memória da experiência da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada na casa grande, que ia aos quartos das crianças para contar histórias, cantar e ninar os futuros senhores e senhoras. Pensando na contemporaneidade, nós corpos negras ainda carregamos os ferimentos e memórias desse período. Talvez não tenhamos mais que contar as histórias deles para as suas crianças, mas a máscara do silenciamento ainda nos amordaça (Kilomba, 2019). Desse modo, a escrevivência é uma ferramenta ancestral que convoca a pensar o lugar da fala e da escrita de mulheres negras, lugar esse que por muito tempo nos foi roubado, assim a escrevivência é um resgate. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. “E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não” (Evaristo, 2020, p 18). Desse modo, a escrevivência me provoca pensar que estamos tomando de volta o que é nosso, nós corpos que foram colocados à margem estamos tomando posse da nossa escrita, da nossa voz.

Figura 2

Trecho do diário-escrevinte de Malakai: O poder de ver e falar e de agir



A escrevivência é uma ferramenta de luta nascida desde as mulheres negras e não é o intuito deste trabalho usá-la como forma de apropriação, mas sim, utilizá-la como inspiração política e ideológica comprometida com as resistências. A escrevivência nasce da luta contra o racismo, misoginia, sexismo e falocentrismo. No entanto, não se trata apenas de uma guerra contra o branqueamento e silenciamento da voz feminina, vai mais além, pois se trata da afirmação de um eu ficcional e real que ecoa das páginas do romance com grande habilidade escritural. Pode-se dizer que o estilo literário de Evaristo é construído de uma linguagem poética marcada pela raça, seus contos são sempre mediados pelas marcas, respiros e pegadas do corpo negro, principalmente o feminino. Neste contexto, é evidente que ela escreve contra hegemonia do cânone literário branco e do falocentrismo no Brasil, em uma escrita descolonizadora. Percebe-se na escrita de Evaristo, a importância dada à voz, aos sentimentos e às experiências tanto coletiva quanto individual, de um povo que foi e ainda é ignorado.

Desse modo, a escrevivência é uma desobediência epistêmica, pois implica em um processo de pensar-fazer decolonial libertador, no sentido de que liberta nossas mentes que “tinham sido programados pela razão imperial/colonial” (Mignolo, 2008, p. 290). Assim, trata-se de aprender a desaprender os conceitos impostos pela colonialidade, como por exemplo, as representações dadas às mulheres negras e reaprender/reescrever nossas histórias que outrora foram lançadas ao limbo (Mignolo, 2008). É um processo de rompimento de estereótipo, uma vez que o olhar colonialista cria uma imagem depreciativa do colonizado que não condiz com a realidade. Essa imagem é reproduzida pela cultura hegemônica, por isso, bell hooks (2013) defende que é necessário haver um discurso contra-hegemônico. Dessa maneira, afirma-se que pode sim o corpo mulher, negro, favelado, dissidente pensar e escrever sua própria história. Nessa esteira, os manuscritos de mulheres negras se configuram como um artefato de guerra ao discurso colonizador, como possibilidade de imaginar a ruptura desse mundo, como o conhecemos como uma perspectiva anticolonial (Mombaça, 2021). A

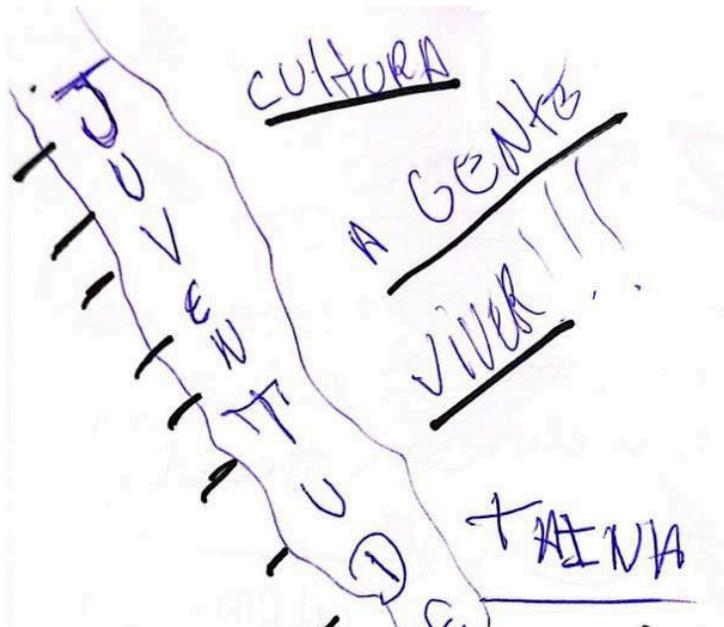
escrevivência viabiliza que nós contemos nossas histórias e as histórias dos nossos não mais com o objetivo de recreação aos brancos e a branquitude não mais vozes torturadas, não mais línguas rompidas, não mais idiomas impostos, não mais discursos impedidos, não mais (Evaristo, 2020; Kilomba, 2019).

“Da fala escolhi que a palavra é um direito e um dom. Muitos escolhem o silêncio para fabricar o esquecimento. O esquecimento também dá sentido à história” (Evaristo, 2016, p. 101).

A escrevivência também é uma desobediência epistêmica pensando nos corpos e saberes que são validados no contexto da produção de conhecimento. A universidade é institucionalmente um espaço de muros brancos – fazendo referência a noção de cubo branco teorizada por Grada Kilomba em sua obra *Ilusions vol.1. Narcissus and Echo* (2016), em que reflete a estrutura social construída pela branquitude, rompendo com a susposta neutralidade – desse modo, na universidade o privilégio de fala e escrita tem sido negada a corpos negros, mulheres e LGBTQIAPN+. Segundo Kilomba (2019), o conhecimento e a ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e a autoridade racial. Historicamente, neste espaço nós somos descritas, objetificadas, classificadas, desumanizadas, primitivizadas e mortas. Dentro desses muros brancos, sempre estivemos na posição de objeto. A escrevivência aciona a possibilidade de sermos sujeitos, não mais objetos. Segundo hooks (2019, p. 42), “sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias, de viver.” Essa passagem de objeto para sujeito marca a escrevivência como um ato político. A gente viver, a gente combinamos de viver, a gente combinamos de escrever, a gente combinamos de escrever.

Figura 3

Trecho do diário-escreviente de Brena: A gente viver!!!

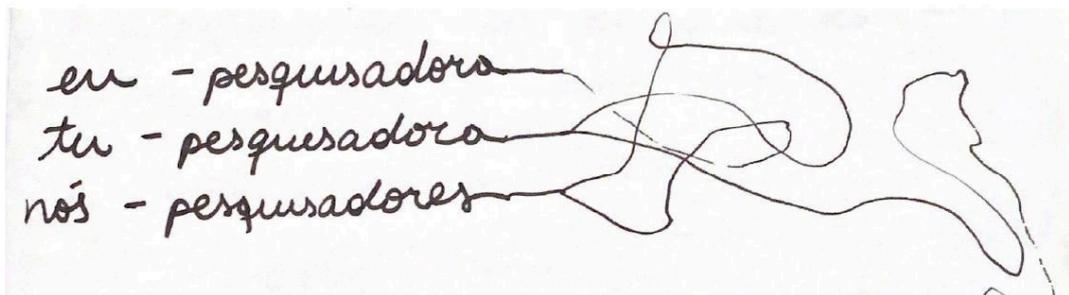


Outra pista importante que Evaristo (2020) traz é que a escrevivência não se caracteriza como uma escrita de si, pois extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado, essencializado e pessoalizado. Na escrevivência o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. A escrevivência convoca um calibre pessoal, coletivo, social e político, tudo isso junto em nós. A escrevivência é uma escrita de nós, se constitui na nossa multiplicidade coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história e esta é agenciada a muitas vozes, corpos e mãos. Desse modo, a escrevivência carrega uma dimensão ética ao propiciar que a autora assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que aqui escreve por

meio de sua própria narrativa e voz, a história de um nós coletivo. Um coletivo de pesquisadoras/es.¹⁶

Figura 4

Trecho do diário-escreviente de Mayara: Nós-pesquisadoras/es



Outra pista que a escrevivência convoca é da oralidade. Conceição Evaristo ao decorrer de todos seus escritos literários faz o exercício de aproximar o texto escrito de uma fala oral. Segundo Evaristo (2020), seu projeto literário procura a todo instante uma estética híbrida com a oralidade, já que fazer uma escrita contaminada pela subjetividade de quem a escreve é escrever sobre a vida que é nucleada pela oralidade. Como é bem sabido, a oralidade é uma ferramenta historicamente usada por corpos negres como prática de resistência e memória (Félix, 2020). Nas tradições africanas, além de valor moral possui caráter sagrado, é definida por ele como o conhecimento total: “Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode-se dizer que contribui para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana” (Hampâté bá, 2010, p. 170). No mesmo sentido, Zumthor (2010, p. 15), ao referir-se às tradições africanas, atribui capacidade transformadora e curativa à oralidade. Acima de tudo, a

¹⁶ No caso da presente pesquisa, como será visto no capítulo posterior, constituímos um grupo de pesquisadoras/e composto por pessoas oriundas da academia (graduandas e pós-graduandas de Psicologia ligadas a UFC) e de secundaristas de uma escola pública.

oralidade é a conservação da nossa ancestralidade, pois nossas histórias nunca estiveram em livros, nos foram passadas de geração em geração por meio da oralidade.

Assim como a centelha da criação das mais velhas se propagou anônima e oralmente até as mais novas, e nas condições de vida das mães e das avós pode se encontrar a gênese da arte literária das mulheres negras americanas da contemporaneidade, outras heranças foram conservadas em famílias afrodescendentes, como táticas de sobrevivência. Movimentos de resistência foram executados por grupos, ou às vezes até por um indivíduo, em toda a América compondo um repertório significativo de uma história que a história não registra (Félix, 2020). Uma escrevivência contaminada pela oralidade permite compartilhar experiências e indicar rotas de luta, novos caminhos.

(...) Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha.

Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência (Evaristo, 2020, p.34).

A escrevivência de Conceição Evaristo tem um potencial denunciativo. Esta é outra pista que faz acontecer esta pesquisa. A escrevivência como ferramenta de escrita contaminada diz de uma experiência marginalizada, no caso da pesquisa que relato nesta dissertação, escrever COM juventudes negras, dissidentes de gênero e sexualidade sobre suas experiências em uma escola na periferia de Fortaleza é denunciar as tramas violentas de extermínio aos nossos corpos, estruturadas por uma lógica necropolítica da precarização da vida (Mbembe, 2018; Butler, 2019). Escrever nas margens inspiradas em bell hooks (2019) é romper a fronteira simbólica que demarca esses dois espaços, centro e margem, e impõe aos

sujeitos que estão neste último o silenciamento, logo transgredir essa fronteira é romper esse silêncio imposto e desafiar o poder hegemônico, uma forma de resistência. Além do potencial denunciativo, a escrevivência se transmuta em seu potencial de resistência e reivindicação política já que contrapõe a essas políticas de silenciamento, inviabilização e vulnerabilização da vida. Ao passo disso é importante destacar que nossa escrita não se limita somente a um enfrentamento às opressões, pois nós podemos escrever sim sobre nossas experiências, mas podemos escrever sobre muito mais! Podemos experimentar a escrita sobre tudo e qualquer pessoa! Não podem nos prender novamente.

A escrevivência como ferramenta para investigações teórico-metodológicas têm se fortalecido principalmente por discussões de pesquisadoras/pesquisadores da literatura afro-brasileira. A discussão sobre seus sentidos ganha maior força a partir do momento em que passou a ser utilizado em artigos, dissertações e teses. No campo da Psicologia, a escrevivência tem sido utilizada principalmente no contexto da Psicologia Social, tendo poucos artigos que tenham uma abordagem clínica. A escrevivência surge a partir de duas abordagens, a primeira como método de investigação e produção de conhecimento, sendo analisada os escritos que envolvam o uso dessa ferramenta, a segunda como recurso metodológico de escrita, a própria construção do texto, seja artigo, dissertação ou tese é inspirado na escrevivência (Soares & Machado, 2017; Gomes Filho, Nunes & Lavor Filho, 2021). É importante destacar que o encontro entre escrevivência e academia é perpassado por limites e possibilidades, essa pesquisa é forjada apostando em uma dessas possibilidades, mas atenta para não ter práticas extrativistas de uma ferramenta ancestral de luta e de resistência. Desse modo, há linhas, palavras, frases, letras, espaço, tempo, acontecimento, narração que a academia nunca acessará, a escrevivência não foi feita na/da/para a academia, a gente se inspira, com muito cuidado, atenção e reverência. A pesquisa forjada aqui não é voltada para

a produção, para a mercantilização, mas para o compartilhamento. É o saber compartilhado (Santos, 2018).

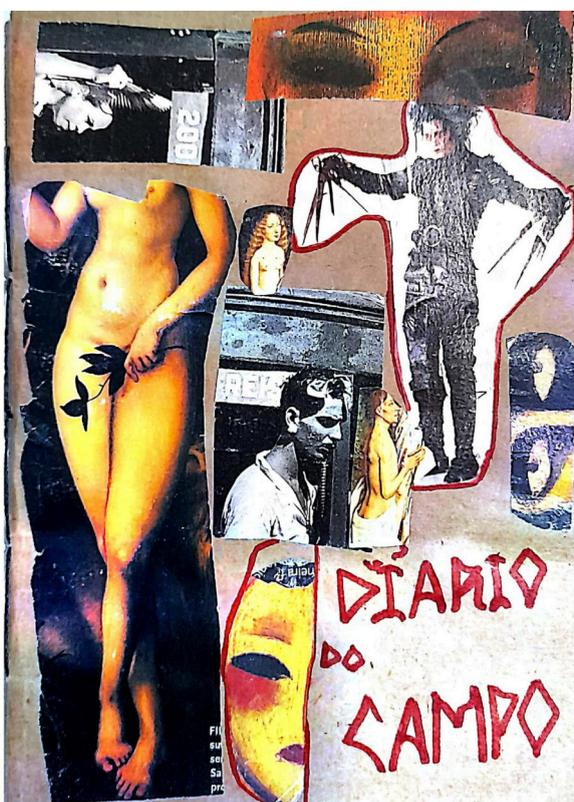
Para exemplificar, demarco aqui a dissertação do meu colega do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Aldemar Ferreira da Costa, companheiro de um dos laboratórios de pesquisa que compoñho, Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES) e meu grande amigo. Sua dissertação do ano de 2021 tem como título “ESCREVIVÊNCIAS COLETIVAS: PRÁTICAS DE RE-EXISTÊNCIAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE JOVENS NEGROS(AS) EM PERIFERIAS DE FORTALEZA”, esta investigação buscou, a partir da pesquisa-inter(in)ventiva e inspirados pela cartografia, escrever narrativas de trajetórias de vida de jovens negros que integram coletivos sociais em periferias de Fortaleza, destacando práticas de re-existência ao racismo que atravessam seus processos de subjetivação. Aqui, Costa (2021), inspirou-se na escrevivência também a partir desses dois motes apresentados acima, tanto como ferramenta metodológica já que tinha como trama analítica as narrativas de jovens negres das periferias, narrativas estas que falavam de suas experiências, como também na própria escrita em si, possibilidade de subverter nossos modos de narrar uma pesquisa, reivindicando uma escrita polifônica, diversa, coletiva. Obrigada, Demar, pela inspiração diária, meu ôri te saúda.

Na experiência de pesquisa narrada aqui a escrevivência é operada em três instâncias todas implicadas com as pistas teórico-metodológicas apresentadas acima: a primeira como ferramenta metodológica que se concretiza a partir dos usos dos nossos diários-escrevíveis. Uma das ferramentas utilizadas pelas/os pesquisadoras/es, seja da pós-graduação e graduação em Psicologia ou secundaristas, foi a utilização dos diários de campo como possibilidade de estratégias de elaboração e atuação do/para/com o campo. Através de um modo de narrar não-imparcial com os tensionamentos, questionamentos, surpresas do campo errante da

pesquisa, incidindo na escrita dos diários. Segundo Medrado et al. (2014), à medida que o pesquisador dialoga com esse diário, construindo relatos, dúvidas, impressões é produzido o que nominamos de pesquisa. Esse companheirismo rompe com o binarismo sujeito-objeto, tornando o diário também um ator/atuante que permite a potencialização da pesquisa, enquanto uma conjugação de fluxos de agenciamentos coletivos (Medrado et al., 2014). O uso destes diários-escrevíveis se fizeram ao decorrer de um ano de pesquisa.

Figura 5

Capa do diário-escrevível de Malakai



A segunda instância é operada também como ferramenta metodológica, mas entendendo que a contaminação das nossas experiências não somente incide na produção escrita em si. Narrar sobre as nossas vivências pode extrapolar as linhas, letras, palavras e frases, a escrevivência pode estar na pintura, na fotografia, no grafite, no teatro, na dança.

Como diz Evaristo (2020), a escrevivência está para além da produção literária, diz de uma ética do fazer, fazer sobre. Esta segunda instância foi experimentada principalmente na CURA(DOR)IA, um seminário com oficinas artísticas realizadas com estudantes do Ensino Médio da escola em questão, esta será melhor abordada no terceiro capítulo.

Figura 6

Escrevivências na oficina de grafite na CURA(DOR)IA



A última instância que a escrevivência opera é na própria escrita deste texto, escrevo aqui em primeira pessoa mas de forma coletiva, polifônica e plural. Escrevo sobre uma experiência que vivi e meu corpo contamina desde o início da escolha da temática e o projeto de mestrado até a escrita da experiência de pesquisa. Nessa esteira, experimento uma escrita que convoca o corpo e a memória, experiências perpassadas pelo machismo, racismo,

LGBTfobia, mas que se levantam em defesa da vida, para falar sobre a vida, em oposição aos efeitos do colonialismo, e na construção de experiências que façam romper modos hegemônicos de se pensar a produção científica. Esta escrevivência é um aviso de nossas insubmissões e desobediências contra-hegemônicas. Isso aqui é uma barricada.

Figura 7

Capa do diário-escrevivente de Marta

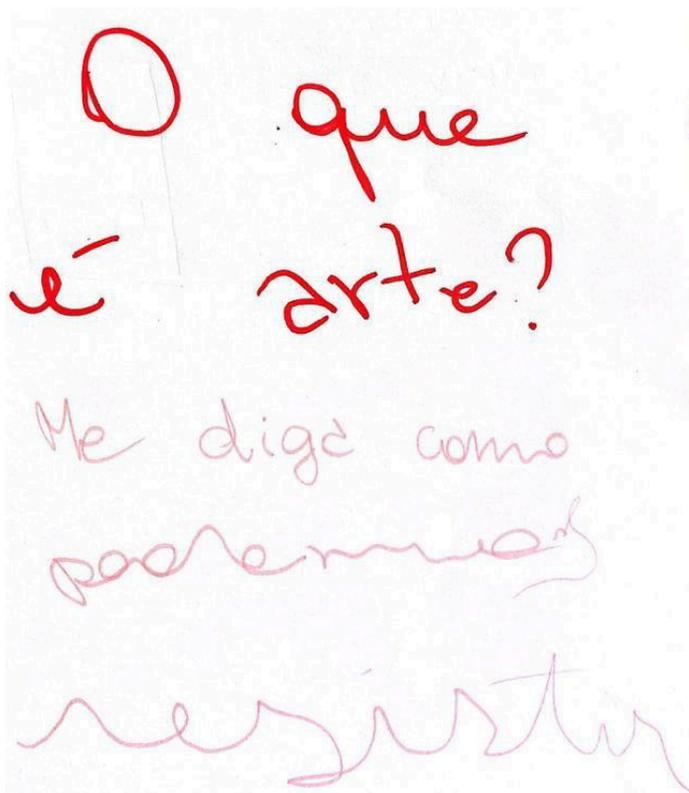


Assim, a escrevivência emerge como dispositivo que potencializa a expressão dos distintos e inúmeros modos de vida, emerge como possibilidade de transgressão e ruptura à lógica colonial nas corporeidades enunciadas acima, ela é além de um dispositivo de resistência, tal qual Deleuze e Parnet relatam “E o que é resistir? Criar é resistir [...]. Criar é resistir efetivamente”, emerge como revolução (Deleuze & Parnet, 2004, p. 111). Entendemos a escrevivência como uma possibilidade de fazer pesquisa com arte, é o que possibilita a vida pulsar, ela funciona como instrumento nesse confronto estrutural das amarras de dominação desse sistema, orientadas por um outro senso ético-estético-político. Aqui a escrevivência é

uma performance encarnada micropolítica de criação e invenção de outras intensidades e outros mundos, promovendo a emergência de micropolíticas instituinte, é neste sentido que habitamos a escola. É neste sentido que esta pesquisa atua.

Figura 8

Folha do diário-escrevvente de Alanna: O que é arte?



Forjando/Inventando uma das Possibilidades: Toma-se o Lugar da escreVIVÊNCIA de Gênero

A escrevivência tem um caráter ético-estético-político de engajamento anti racista e decolonial que em primazia denuncia a condição feminina e afrodiaspórica, sendo assim, Conceição Evaristo apresenta uma escrita que pauta o movimento social e feminista, especialmente no que condiz às mulheres negras. Segundo Oliveira (2015), Evaristo emprega em suas narrativas, a afro-descendência, suas experiências de mulher negra no Brasil, em

textos carregados de tradições e vivências. Desse modo, a trama que compõe as incursões desta pesquisa de mestrado foram, antes de tudo, vivências. Como abordei na introdução, o meu corpo-pesquisadora é, nesse sentido, o primeiro lugar onde se inscrevem as múltiplas questões que abordo nesta dissertação, pois foi nele que experimentei antes mesmo de pensar na realização desta pesquisa. Foi em meu corpo mulher, negra e dissidente que encontrei pistas por onde seguir nesta jornada, foi nas vivências de meu corpo e nas vivências de tantos outros corpos que se assemelham ou não as minhas que a escrevivência surgiu como o operador desta investigação.

Segundo Conceição Evaristo (2020) seus escritos surgem a partir da sua experiência pessoal e da investigação do seu entorno, com um profundo incômodo e revolta com as opressões que permeiam o cotidiano. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que ela experimenta, que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar. A escrevivência é uma das encruzadas de possibilidades para experimentar gênero no cotidiano escolar. Ela aciona um redirecionamento da nossa atenção para as vivências pessoais, coletivas e políticas que insurgem por meio desta escrita narrativa e vivencial de si e nós. Então comunga-se com Evaristo (2020) quando afirma que a escrita nasceu para ela como procura de entendimento da vida, do cotidiano, no caso desta investigação o entendimento de gênero. Meu objeto de pesquisa não é mais somente gênero na escola, mas as escrevivências de gênero na escola.¹⁷

O termo gênero vem do Latim *genus*, que significa “espécie”, “classe”, “tipo”, habitualmente é desenvolvido como uma categoria para explorar o que significa ser “mulher”. As lutas feministas principalmente da 1º e 2º onda ainda desenvolviam uma discussão crítica permeada por posições binárias como: gênero/sexo; homens/mulheres, sujeito/outro. E os

¹⁷ Escrevivências estas escritas, borradas, transbordadas tanto nos diários construídos ao longo de 1 ano de PIBIC EM em uma escola do GBJ, quanto as escrevivências na ação de culminância dessa pesquisa, a CURA(DOR)IA. Ambas serão debatidas no terceiro capítulo.

corpos que não cabem neste signo? Aqui trabalha-se com gênero a partir de corpos femininos, feminilizados, afeminados, bichas, trans e travestis (Haraway, 2004)¹⁸.

Existem uma série de autores e autoras que conceitualizam a categoria teórica e analítica de gênero, aqui opto fazer conexões entre as perspectivas pós-estruturalistas, decoloniais e da teoria queer. Segundo Foucault (2005), o dispositivo seria um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais. E a partir disso, são produzidas verdades e enunciados que se inscrevem nos corpos, ditando seus limites e possibilidades, dentre os quais, para Louro (2013), destaca-se o dispositivo de gênero com a inscrição binária de feminino e masculino, ou como Lugones (2008) inaugura o “sistema moderno-colonial de gênero”. Butler (2018) afirma que o discurso hegemônico de conceitualização de gênero é intrínseco às ficções de coerência heterossexual e racismo, que insiste na não redutibilidade e na relação antagônica entre homens e mulheres coerentes. Pensar como gênero se torna uma categoria nesta pesquisa é produzir uma legitimidade narrativa para todo um conjunto de gêneros não coerentes, ao invés de ficções de gênero, inverte-se para gênero de ficções.

Dessa forma, gênero é entendido como uma repetição estilizada de atos no tempo, essa repetição é ao mesmo tempo uma reatuação e uma reexperimentação de um conjunto de

¹⁸ O movimento feminista possui quatro ondas, estas dizem de um contexto histórico de quais eram as principais pautas que o movimento reivindicava. A primeira grande onda é identificada como um movimento em massa de mulheres que irromperam na cena pública, no final do século XIX e início do século XX, tinha como principal pauta a busca das mulheres pelos direitos para alcançar igualdade com os homens, acreditando que iriam atingir essa finalidade por meio da educação e de uma relação mais simétrica dentro do casamento. A segunda grande onda feminista ocorre em 1960 e vai até 1980, direitos foram conquistados na maior parte dos países, mas as mulheres eram iguais aos homens perante a lei apenas no papel, pois na prática essas igualdades não ocorriam, nesta onda, começa-se a pensar sobre o que é ser mulher. A terceira grande onda se intensifica no final do século XX, é o momento em que entram as pautas identitárias e o movimento feminista passa a problematizar essa identidade comum de ser mulher, e agora a complexifica com os marcadores de gênero, classe, sexualidade, entre outros. A quarta grande onda surge a partir dos anos 2010, motivado pelo ativismo virtual ou o chamado ciberativismo, além disso traz uma diversidade de feminismos, também o ingresso da interseccionalidade e a mobilização de coletivos, grupos de pessoas que se movimentam, para fazerem manifestações, esses coletivos são organizações mais fluidas, diferentes das organizações tradicionais, esses grupos se reúnem através das redes sociais, assim o pessoal vai se engajando para determinada ação (Zirbel, 2021; Silva, Carmo & Ramos, 2021; Castro, 2020)

significados socialmente estabelecidos; é a forma cotidiana e ritualizada de sua legitimação (Butler, 1988). Esse conjunto de atos performativos é produzido e sustentado por significados e relações de poder-saber-ser na sociedade moderna-colonial. Assim, gênero é constituído por conjuntos de atos que estão em conformidade com as normas sociais vigentes, àquelas/us/es que se rebelam a esta norma, subvertem o gênero, são tidas como “vidas abjetas”. Para Butler (2019), o abjeto é compreendido como o sujeito que permeia os espaços “não habitáveis” da vida social, são ininteligíveis, desprezíveis e sua existência não é legitimada.

No território escolar, as normas de gênero produzem marcas subjetivas e corporais, que incidem em simples processos, estratégias e práticas pedagógicas, como por exemplo, o uso do fardamento, que se difere se for um corpo feminino, atribuído a saia ou uma camisa baby look, de um corpo masculino, a calça ou uma camisa “normal”. Seja o fardamento, as matérias, a linguagem, a brincadeira, tudo está inscrevendo diferenças de gênero. Todos os processos de escolarização sempre estiveram - e ainda estão - preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres (Louro, 2000). Na clássica obra *Vigiar e Punir*, Foucault (2001) elabora que é possível perceber as inúmeras estratégias e técnicas inventadas para esquadrihar os corpos, para conhecê-los e escolarizá-los; para produzir gestos, posturas e movimentos educados, cristãos, civilizados, urbanizados, dóceis; para construir hábitos saudáveis, higiênicos, adequados, dignos. Desse modo, as escolas foram produzidas sob uma perspectiva masculina heterossexual cis, que reafirmam continuamente em suas práticas cotidianas as marcas de gênero.

Contemporaneamente, as fronteiras de gênero e de sexualidade são, mais do que antes, muitas vezes borradas, atravessadas e subvertidas; no entanto, a reiteração da norma, da classificação e do ordenamento continua sendo exercida. Quando os corpos abjetos habitam e se performam no cotidiano escolar a vigilância se volta para estes, sendo exercido um

combate a práticas desviantes, exigência de obediências às regras da escola e os seus códigos (Louro, 2000). Atribui-se a estes um lugar marcado, são as “putas” caso sejam meninas que performam sua sexualidade de forma mais livre, os “viadinhos” caso sejam meninos cis que performam feminilidade, as “traveco” caso sejam meninas trans e travesti, as “sapatão” caso sejam meninas cis que performam uma certa masculinidade. Esses corpos abjetos costumam em suas performances a possibilidade de rearticular subversivamente a norma cis-hétero-branca-binária-colonial-patriarcal e as identidades instituídas ao questionar a matriz cultural de gênero. Nessa perspectiva, as expressões de gênero são compostas e produzidas por práticas discursivas e não discursivas reguladoras e por processos de normatização, fazendo com que determinadas performances de gênero que não se enquadrem nessa binariedade ou nesse feminino e masculino hegemônico se tornem corpos matáveis, ou seja, esse regime de poder garante que certas expressões existam ao preço da exclusão de outras.

Para além das conceitualizações de gênero que são caras a esta pesquisa, quais escrevivências de gênero insurgiram durante essa investigação? Como a escrevivência auxilia a problematizar gênero na escola? Trago aqui estes exemplos de como no cotidiano da pesquisa pudemos experimentar gênero por meio de nossas escrevivências, os dois exemplos não dizem de um mesmo encontro, mas são de momentos diferentes:

Figura 9

Folha do diário-escrevinte de Alanna: Gênero

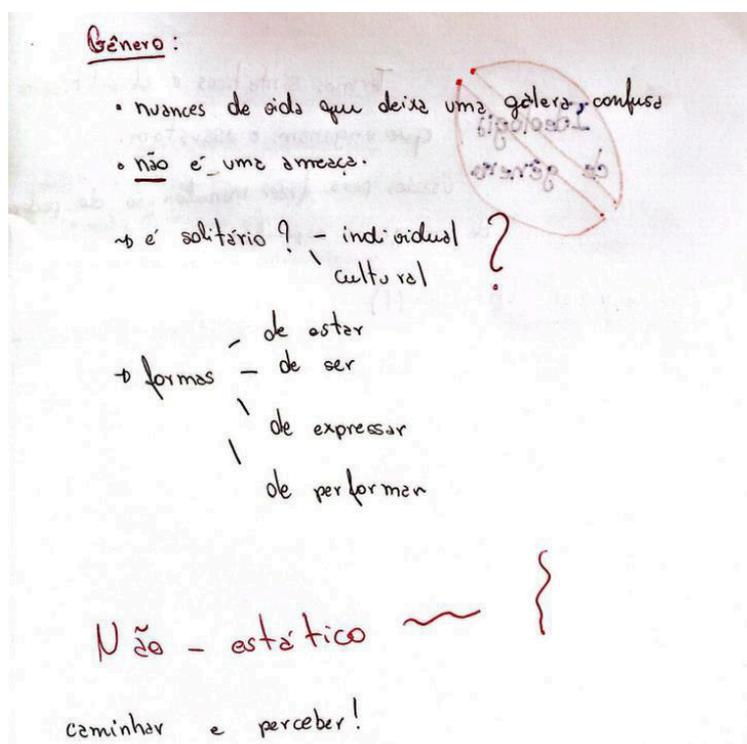


Figura 10

Experimentação artística: O que/como é gênero pra nós?



Por meio da escrevivência, seja nos diários-escrevintes ou nas cartolinas ou nas oficinas decidimos por experimentar gênero. Nos interessava pensar não somente o que é

gênero, mas como se faz gênero na escola e ainda, quais efeitos das relações de gênero no cotidiano escolar e por consequência nas experimentações com o corpo no campo de subjetivação da vida e suas experiências. Construimos, e inauguramos, de tal modo, o nosso conceito/experimentação/experiência de gênero que vai para muito além do que dizem que é para nós e sobre nós.

O que Conceição Evaristo nos ensina com suas escrevivências é dar atenção e contar as histórias do dia-a-dia, uma viagem ao encontro de sua mãe, um sonho de uma menina, o abraço de uma criança. E assim surgem as escrevivências de gênero, não foi algo dado, pensado previamente por mim pesquisadora, mas na concretude do campo inventamos. A escrevivência, esta aposta em escrever, desenhar, pintar, rabiscar sobre nossa vivência é o que possibilitou pensar gênero no COTIDIANO escolar. Em nossas escrevivências estão nossas cotidianas vivências de gênero na escola.

O PIBIC-EM como Dispositivo de Pesquisa Implicada: Toma-se o Lugar da Pesquisa, Como Direito, Assim Como se Toma o Lugar da Vida

Vinda de uma trajetória de colocação de 3 PIBIC-EM¹⁹, a presente pesquisa acabou por ter como dispositivo o PIBIC-EM agora comigo assumindo o lugar de coordenadora. O PIBIC-EM possibilitou de um lado a institucionalização do do vínculo com a escola, assegurando um compromisso tanto da escola como da universidade do pertencimento da discussão de gênero, e por outro, a possibilidade de decolonização da pesquisa, com secundaristas se colocando como pesquisadoras/es. O PIBIC-EM é o Programa de Iniciação Científica mais recente do CNPq, sendo criado em 2010 com a finalidade de envolver Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa na criação de projetos de educação científica direcionados a estudantes do Ensino Médio. O objetivo da ação é estimular a permanência dos

¹⁹ Particpei como pesquisadora-colaboradora desde de 2019 dos PIBIC-EM orientados pela prof. Luciana Lobo Miranda. Estes tematizando, cidadania, gravidez na adolescência e vinculação em tempos pandêmicos. Os dois primeiros ainda durante a graduação em Psicologia.

alunos nas escolas, incentivando o interesse pela ciência e o desenvolvimento de talentos científicos, além de orientar jovens estudantes na escolha de suas futuras carreiras, estes recebem uma bolsa no valor de 300 reais durante 12 meses e não podem ter qualquer vínculo empregatício (CNPq, 2006).

O grupo de pesquisa/extensão que participo “É da nossa escola que falamos” vem desde 2019 apostando no dispositivo do PIBIC-EM como uma possibilidade de fomentar com jovens estudantes de Ensino Médio habilidades e o interesse pela iniciação científica e pela pesquisa de seu cotidiano escolar. O projeto “CORPOGRAFIAS (ARTE)SANAIS NA ENCRUZILHADA: UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO COM JUVENTUDES NA TESSITURA ESCOLAR” foi aprovado em quarto lugar pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG-UFC).

Apostamos no PIBIC-EM como um dispositivo de pesquisa implicada que metodologicamente se aproxima de uma pesquisa-inter(in)venção. Essa reescritura vem para marcar o caráter inventivo da pesquisa, tanto por se aliar com a arte com o seu potencial criativo, quanto pela prática micropolítica de invenção de mundos outros (Costa & Barros, 2020; Menezes, Colaço & Adrião, 2018).

Segundo Rocha e Aguiar (2003), a pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. Logo, a pesquisa-inter(in)venção reconhece o lugar do pesquisador como sujeito que intervém na realidade da pesquisa e, portanto, assume um papel de não neutralidade (Miranda et al., 2018; 2020). O fazer pesquisa, para além de uma coleta representacional de dados, se dá na possibilidade de intervir em questões voltadas à justiça social e na discussão das relações de poder, uma forma de possível decolonização do conhecimento, tornando visíveis as

consequências de dominação, possibilitando a re-significação de narrativas das minorias historicamente deslegitimadas enquanto lugar de produção de saber (Soares et al, 2021; Castro & Menezes, 2020).

Nesta investigação, os sujeitos da pesquisa encontram-se na posição de co-pesquisadoras do seu microcosmo escolar. Desse modo, inspiradas nas pistas de Moraes (2014), estamos propondo um *pesquisarCOM*, que entende o outro como um sujeito agente da pesquisa e não como objeto passivo de nossas ações, os desvios da investigação são tomados como analisadores importantes e podem anunciar novas e interessantes versões de mundo; e por fim, *pesquisar* e *intervir* são inseparáveis, não pretendemos representar, mas o próprio ato de pesquisa é uma ação de produzir o campo, ou seja, a pesquisa “é performar certos mundos, é delinear fronteiras, fazer movê-las, alargá-las e problematizá-las” (Moraes, 2014, p. 132). Me interessa a variação, a porosidade das fronteiras e os caminhos tortuosos. O *pesquisarCOM* também me auxilia na produção de um comum, pensando no fazer pesquisa também como uma composição que acontece na coletividade, uma mobilização do poder coletivo heterogêneo de narrativas que em muito se diferenciam, mas que se potencializam com o que é comum. Butler (2018) coloca-se em consonância à produção de alianças coletivas para o enfrentamento de contextos de opressão que minam a produção de resistências.

A fim de analisar o envolvimento do pesquisador com seu trabalho, Lourau (2004), desenvolveu o conceito de análise implicação, pretendendo questionar a neutralidade, pois “...sua intervenção modifica o objeto de estudo, transforma-o” (Lourau, 2004, p.82). Desse modo, a posição que a pesquisadora assume com o campo, as relações que se estabelecem com os sujeitos envolvidos e os efeitos dessas relações na investigação são problematizadas nesta dissertação. Portanto, tanto minha implicação encarnada na pesquisa quanto das

juventudes potencializa a investigação, e os processos de subjetivação que incidem no pesquisar.

A escolha por esse tipo de pesquisa se justifica por esta ter como objetivo analisar a escrevivência como dispositivo de uma pesquisaCOM sobre gênero em uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE. Tal perspectiva já foi utilizada pelo “É da nossa escola que falamos”, coletivo de pesquisa que faço parte, em outras investigações que têm abordado a tessitura escolar e tem se mostrado coerente para entender os modos de subjetivação que são produzidos neste contexto e estimula a problematização da relação juventude e escola (Miranda, 2014; Miranda & Mourão, 2016; Miranda, Cysne & Souza Filho, 2016; Miranda, Souza Filho & Santiago 2014; Miranda et al 2015). Assim, neste estudo, aposta-se não só no acompanhamento das processualidades que acontecem no cotidiano de uma escola, mas na inter(in)venção destas. Analisar estas linhas foi mergulhar no plano experiencial do cotidiano em que elas são tecidas, atentando-se para as forças que incidem nesse cotidiano e sobre minha condição de pesquisadora, promovendo zonas de inquietações e desestabilizações em territórios cristalizados e investindo em processos de vida.

Dessa forma, a afirmação política de que aqui se faz uma pesquisaCOM é dizer que aqui se reconhece a composição de vozes, imagens, poesias, toques, gestos, olhares, tudo isso que permeia a equipe de pesquisadoras/es, sejam psicólogas, graduandas, pós-graduandas ou estudantes. Esse agenciamento produz conhecimento. Nessa esteira, trago a noção de encruzilhada, de entrecaminhos, inspirada na pedagogia das encruzilhadas proposta por Luiz Rufino (2019) para pensar uma afirmação ético-política de estar no espaço-tempo dos *entres*, ou seja, a encruzilhada seria esse ponto de interseção, um espaço atravessado por diversas linhas, um lugar de encontros, desencontros, intensidades e afetações. Um *locus* de intermediação, suscitando uma heterogeneidade de corporalidades. Como Marta, integrante

do grupo de pesquisadoras/es, afirma em um dos trechos de seu diário-escreviente, “a pesquisa afetiva faz e é realmente a diferença que mobiliza” (Trecho do diário-escreviente de Marta, 29/09/2022). Fazemos isso para marcar a marginalidade e a força de apostar em uma política de pesquisa que não hesita em afirmar que para produzir conhecimento há que cruzar mundos, não reproduzir práticas aniquiladoras e coloniais de mundos e almejar a criação de novos mundos coletivamente, pois, como nos diz Rufino (2019, p. 73), “a pedagogia das encruzas é parida no entre”.

Abril. 2022. Fortaleza. Acabaram de lançar o edital do PIBIC-EM (2022/2023), lembro que tinha menos de uma semana para enviar toda a documentação, lembro da correria. Envio mensagem para meu coletivo Artes Insurgentes e começamos a saga da escrita do Projeto de Pesquisa. Não me sinto sozinha, apesar de ter um prazo curto, estou com as minhas e os meus, sei com quem posso contar.²⁰ Fico a todo instante lembrando da pergunta que o prof. Paulo²¹ fez na minha entrevista de entrada no Mestrado: Mas tu vai fazer tudo isso sozinha? Como que tu vai fazer isso na prática? E eu respondi: Não, eu não estou sozinha, eu faço parte de um coletivo que já atua nesse território e sei que terei eles para fazer minha pesquisa. E os tenho (Diário-escreviente, 18/04/2022, Mayara).

A formulação do projeto de pesquisa para o edital do PIBIC-EM foi uma readaptação ao meu projeto de mestrado. Passamos por um processo de auto-censura, nós²², do Artes Insurgentes e do É da nossa escola que falamos, tínhamos uma tarefa, tirar todas as menções a gênero que houvessem nesse projeto, em 11 páginas havia 38 vezes a palavra “gênero” e estas tinham que sair. Opto por fazer isso, como um truque, expressão que as travestis e transexuais usam ao nomear formas de encontrar soluções inusitadas para os problemas, similar a expressão “se virar”, “dar um jeitinho”. Além disso, pode significar também enganar, enrolar

²⁰ Peço licença novamente cara/o leitora/leitor, continuarei nesta seção utilizando do sublinhado para marcar partes do texto que gostaria de te direcionar a atenção, é um recurso estético, mas não somente.

²¹ Dr. Paulo Coelho Castelo Branco - Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC

²² Peço licença pois escreverei em primeira pessoa do plural, já que se trata de uma experiência coletiva.

para sair de alguma situação (Sander, 2015). Como é bem sabido, recentemente foram retiradas todos os termos que faziam referência a gênero e sexualidade do Plano estadual de educação do Ceará, conforme abordei na introdução desta dissertação. Esse é contexto de disputa que a proposição de uma pesquisa que investigue as questões de gênero na escola está inserido e não queríamos correr o risco de sermos barradas, esta pesquisa, desde sua germinação esteve inserida nessa guerra, ainda bem que somos truqueiras.

Como por exemplo, trago meu objetivo principal, no projeto de mestrado submetido estava: Analisar como estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada em Fortaleza/CE enunciam sobre gênero com dispositivos artísticos no cotidiano escolar, para o projeto do PIBIC-EM ficou: Analisar como estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada em Fortaleza/CE enunciam, sobre um prisma interseccional, a percepção de suas corporeidades por meio de dispositivos artísticos no cotidiano escolar. Nosso truque foi tirarmos a atenção do marcador identitário de gênero e pensarmos associada a outros, como raça, classe, sexualidade e território.

Com o projeto de pesquisa encaminhado, automaticamente, ligo para Ingrid, moradora do bairro do Grande Bom Jardim (GBJ), integrante do Projeto Artes Insurgentes e Articuladora de Juventudes do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS)²³, para avaliarmos coletivamente uma escola que melhor se encaixaria na proposta da pesquisa. Estava muito em dúvida entre duas escolas, a X, que já atuei de forma online no ano de 2021 com o Projeto Artes Insurgentes e a percebia como uma escola atenta às questões raciais, o que se fazia importante pra mim. E a Y, escola que conheci recentemente no Fórum de

²³ O CDVHS surgiu em 1994 como resultado de um processo de mobilização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Área Pastoral do Grande Bom Jardim. Nesse processo ocorreram distintas lutas comunitárias para minimizar ou suplantar graves problemas sociais que afligiam as crianças, adolescentes, homens e mulheres habitantes dessa região. Atualmente, possui quatro eixos de atuação: 1) Direito à Cidade e Controle Social; 2) Juventudes; 3) Educação em Direitos Humanos; 4) Resistências Culturais. No eixo de juventudes, sua principal ação é o coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), que tem o objetivo de formação e engajamento em escolas públicas do Grande Bom Jardim, bem como próximas de grupos e coletivos de adolescentes e jovens, sobretudo de cultura e arte. Para isto, o JAP produz o Festival das Juventudes, o Fórum de Escolas Pela Paz do GBJ e o Fórum de Juventudes. O projeto Artes Insurgentes colabora com o JAP na produção destas atividades citadas acima.

Escolas e demonstrou grande interesse e necessidade de atuações com a psicologia. Devido ao curto prazo, decidi conjuntamente com a Ingrid em irmos para a X, pois atuamos lá anteriormente. A partir disso começa a saga de contatar a coordenação e diretoria. Entrar em contato com a direção é sempre um desafio com alto custo de resposta, dificilmente se encontram disponíveis para nossas conversas. Mando mensagem para diretora, sou estratégica, começo já me apresentando e apresentando minhas atuações anteriores com a escola, relato que sou do “Artes”, que fiz a oficina de gênero, fiz a roda de conversa sobre negritudes, levamos os secundaristas para o espetáculo e também para o festival negruras²⁴. Depois dessa grande apresentação, ela fala: Me ligue às 14h. Nesse meio tempo, fico angustiada pela forma como irei apresentar minha proposta de pesquisa, como falar que irei pesquisar gênero, sem trazer essa palavra? Às 14h ligo para ela, ela diz que tinha acabado de chegar de outra reunião e não poderia falar comigo, pedindo que ligasse as 20h, quando já estivesse em casa. Ligo às 20h, ela ainda está no carro voltando pra casa, mas diz que tudo bem a nossa ligação, agradeço a disponibilidade, me apresento novamente, com todas as “cargas” acadêmicas que tenho e as atuações que tive na escola. Apresento o projeto PIBIC-EM e toda sua processualidade e também a bolsa de 100 reais para um estudante, valor da bolsa naquele período. Depois relato meu objetivo de pesquisa, discutir com estudantes sobre gênero, raça, classe e sexualidade dentro da escola. Fico receosa de como ela vai entender isso. Decido ainda utilizar a palavra gênero, mas aliançada com outros marcadores, focando principalmente na raça, pois sei que é uma escola que está aberta a essas questões.

²⁴ Estas foram algumas das atividades exercidas pelo Projeto Artes Insurgentes durante o ano de 2021 nas escolas do GBJ. O que chamo de oficina de gênero foi uma das oficinas que fiz no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) chamada de “Feminismos e Artes na Escola”, ocorrida no dia 09/09/2021 por meio da plataforma Google Meet com 8 estudantes do ensino médio desta escola. A roda de conversa sobre negritudes foi uma ação da escola na semana da Consciência Negra em que nós do projeto fomos convocados para realizar uma oficina intitulada “Negritudes: Identidades e Re-existências realizada no dia 11/11/2021 também na plataforma Google Meet com 38 estudantes Estudantes de Ensino Médio, integrantes de coletivos, professoras(es). A ida ao espetáculo teatral “Margarida contra tanques” ocorreu no dia 05/11/2021 em que levamos 25 estudantes desta escola. A ida ao I Festival Negruras ocorrido durante todo o mês de novembro de 2021, levamos 20 estudantes desta escola para um cine debate (Gomes, et al, 2022)

Fico esperando algum comentário, alguma estranheza ou recusa, mas ela só fala sobre a bolsa de 100 reais, que mesmo sendo um valor pequeno, seria muito importante para estudantes que não tem nada, não me sinto mal dela ter focado neste aspecto e não no objeto de pesquisa, pois, sei que existem questões que pedem passagem e emergencialidade se tratando de uma escola em um território periférico. Ela topou, marquei de ir na escola na quarta pela manhã (Diário-escreviente, 18/04/2022, Mayara).

Acordo bem cedo às 6h, tenho que sair de casa às 7h para chegar 9h da manhã do Bom Jardim, não deu tempo nem de ir pra academia. Começo a me arrumar, que roupa eu uso? Tenho que parecer psicóloga, pesquisadora. Decido usar a blusa amarela do “É da nossa escola que falamos”, essa blusa trás uma marca institucional que preciso neste momento, me vincula a Universidade Federal do Ceará e me marca como pesquisadora deste coletivo, mas sei também que essa blusa me marca afetivamente. Ainda lembro em 2019 quando entrei no “É da nossa escola” que ainda não tinha ganhado a blusa amarela e peguei a blusa que eu tinha mais parecida pra usar na escola, queria fazer parte desse coletivo, queria me sentir parte da pesquisa, queria ter a blusa amarela, até que um dia eu ganhei. E hoje estou, pela primeira vez indo para a escola onde pretendo fazer meu projeto de mestrado usando a blusa amarela. Pego um ônibus, vou pro terminal do Siqueira, pego outro ônibus, fico verificando onde eu tenho que descer, desço e tenho que andar uns 5m por uma rua meio descuidada, com esgoto a céu aberto, cheio de mato, com um mercadinho. Passa um homem e uma mulher sem capacete, uma casa com duas pessoas conversando na calçada e em frente a esta casa um muro branco com a tinta descascando e duas listras uma verde e uma laranja (as cores do Estado do Ceará), e um grande portão azul, todo fechado, sem nenhuma fresta de luz. Não sabia o que encontraria dentro, nem se iriam saber que eu estava fora pois nem campanha tinha. Vou chegando e encosto no portão, no mesmo instante ela abre, tem dois segurancas sentados na porta, me identifico e digo que vim conversar com a diretora, ele aponta pra uma

sala e eu vou entrando. Pareço um corpo estranho, neste momento eu sou mesmo, sou estrangeira. Vou em direção a uma sala, sem saber quem é a diretora, sem saber se posso entrar, fico procurando uma secretária, alguém para me direcionar, bato na porta e entro: Com licença, vim falar com a diretora. Uma mulher na mesa fala: Você é a Mayara? Eu entro, é ela, é a diretora, sim, sou eu. Digo novamente que é um prazer estar aqui, pela primeira vez pisando no chão de uma escola que só habitei de forma online, ela sorri e rapidamente me entrega a autorização assinada e pergunta como eu estou pensando em fazer a seleção. Relato para ela, ela diz que é melhor fazer tudo presencialmente, e que em um dia eu passo nas salas e fico esperando as inscrições, pronto. Eu agradeço a disponibilidade e ela ter topado, ela sorri e eu saio da sala. Demorei duas horas para chegar aqui e tenho uma conversa de 2 minutos. Fico um pouco frustrada, esperava um tour pela escola, um abraço, uma conversa, mas sei que o tempo da direção é curto, espero ter outros momentos para poder habitar melhor esse território. Saio da sala, fico em frente ao portão, sinto uns olhares estranhos, os dois guardas me olhando, pego o celular com um sorriso, consegui a escola do PIBIC-EM e vou olhar onde é a parada pra pegar meu ônibus, saio e vou em direção a parada (Diário-escrivente, 21/04/2022, Mayara).

Este diário demonstra o convite não muito convidativo que tive neste primeiro encontro presencial na escola, desde os olhares de estranhamento, até a conversa de 2 minutos, já demonstrava a possibilidade de (in)disponibilidade que a escola X tinha para esta pesquisa. Entretanto, como o tempo era curto, menos de uma semana, seguimos.

Depois deste primeiro encontro presencial, tivemos mais um já com o projeto de PIBIC-EM aceito após alguns meses, neste encontro levei o grupo de pesquisadoras que iriam me acompanhar, e teve como objetivo fazer negociações e acordos com a diretora sobre a possibilidade de horário para realização da pesquisa. Por se tratar de uma escola de Tempo Integral, a sugestão da direção foi de fazermos após as aulas, ou seja, 18:00h, para não

atrapalhar o ano letivo dos estudantes. No momento eu digo ótimo, mas fico um pouco apreensiva. Estudantes de tempo integral que após o dia de aula iriam ficar com a gente pra pesquisa. Sei que isso será um desafio para todes, até mesmo pra nós da equipe que no fim do dia teremos que ir pra lá. Este foi o fator decisivo para o próximo desvio, escolhemos mudar de escola (Diário-escreviente, 24/08/2022, Mayara).

Concomitante a este processo de inserção na escola X, nós do Artes Insurgentes estávamos sendo convocades para acolher uma situação de assédio entre pares em outra escola do Grande Bom Jardim. No dia em que ficamos sabendo do ocorrido, Cj, minha amiga e parceira do coletivo Artes Insurgentes me liga para contar com detalhes a situação e diz: Pensei logo em ti, por conta da tua pesquisa, mas não só por isso. Realizamos diversas reuniões nesta escola, tanto com os estudantes, quanto com a coordenação, esta última relatou ter interesse em dar continuidade as nossas atuações que envolvessem gênero e sexualidade. E quando percebo que a escola X não está muito disposta e que existe a possibilidade de mudança de escola, automaticamente ligo para a diretora-sorriso²⁵ da escola-céu²⁶.

Tento explicar brevemente o PIBIC-EM, minha pesquisa e a proposta, em nenhum momento senti que precisaria mascarar a palavra gênero, nessa escola eu posso dizer o que quero pesquisar, com todas as letras G-Ê-N-E-R-O. A diretora-sorriso por ligação, já topou acolher a pesquisa em sua escola, marcamos de nos encontrar ainda neste dia, a conversa durou 5 minutos e 5 segundos, mas parecia envolver desejo. Chego na escola cheia de papéis, como já conheço o protocolo, vou em direção a janela da secretária, me apresento, Mayara, psicóloga, e digo que irei encontrar a diretora-sorriso. Ela me autoriza a entrar e sinaliza pro guarda, que diz boa tarde e abre o portão pra mim. A secretaria diz que o núcleo gestor está na

²⁵ Optei por chamar a diretora de diretora-sorriso, pois desde o primeiro dia que apresentei a proposta do PIBIC-EM ela sempre apresentou essa reação, seja lendo o projeto, tirando a foto do primeiro objetivo e mostrando pro coordenador, ou mostrando a parede texturizada na sala dos professores ou tirando a foto no fim do primeiro dia.

²⁶ A escola que foi local desta pesquisa será chamada de escola-céu, o por que deste nome é melhor abordado logo acima, no meu primeiro dia indo nesta escola com o objetivo de negociar o PIBIC-EM com o núcleo gestor, me pego olhando fixamente pro céu.

sala agora, mas que em breve me atende, enquanto isso posso ir pra sala dos professores se eu quiser, eu agradeço e não vou pra sala dos professores, nunca fui pra sala dos professores, nunca fui convidada a sala dos professores, não sei se vir aqui com essa outra marca institucional me leva a ir a sala dos professores, mas escolho ficar por onde sempre fico, pelo bosque ao lado da cantina. Me sento, e fico olhando o movimento das árvores, vento, céu azul, estou sob o céu da escola, estou em casa, no meio de tanta correria de tanto de lá pra cá, pude parar nesse momento para olhar o céu. Até que se aproximam 3 meninas e sentam ao meu lado, elas ficam olhando pro meu cartaz e perguntam se é do bolsa jovem? Eu digo que não, mas parece. Explico pra elas, elas ficam animadas, mas infelizmente digo que é só pro primeiro ano e elas se entristecem. Pergunto se elas acham que vai ter gente interessada, uma delas diz que sim, mas que eu selecionasse meninas, que elas são mais cuidadosas, interessante que nesse momento achei que ela ia falar pra ser meninas pela questão de gênero ser algo que talvez afete mais corpos femininos, mas não, gênero afeta a menina, o menino, e menino. Toca o intervalo, ali que só tinha eu, 3 meninas e as árvores, passa a ter mais de 400 alunos, povo correndo pra entrar na fila da comida. Vou ao encontro da diretora-sorriso e ela diz com um sorriso que estava me procurando, vamos pra sala da coordenação, me sento e começamos.

Entrego o projeto, ela começa a tatear e folhear e a ler, a chama atenção o primeiro objetivo do projeto “Fomentar com jovens estudantes de Ensino Médio habilidades e o interesse pela iniciação científica e pela pesquisa de seu cotidiano escolar”, ela lê e tira uma foto. A diretora-sorriso diz que tava muito feliz por essa oportunidade, ela já sabia do PIBIC-EM e sempre quis trazer pra escola, até havia tentado ano passado mas não conseguiu. Acordamos a logística e a coordenadora-abraço²⁷ diz que tá muito feliz, que vai ser uma oportunidade deles terem a gente, da gente ficar por perto, eles querem a gente por perto,

²⁷ Optei por chamar a coordenadora de coordenadora-abraço pois em todas nossas idas à escola, ela nos invade com um abraço apertado.

talvez seja um desejo pela psicologia, talvez não. Por fim, falamos sobre como é simbólico fazermos essa pesquisa logo após as questões de assédio, que foi minha entrada aqui, que é uma forma de inclusive cuidar desse assunto. Elas vão saindo em direção a sala dos professores e eu pergunto, é pra eu ir junto? A coordenadora-abraço fala: Claro! A diretora-sorriso vai em direção ao coordenador, tira o celular e mostra a foto que bateu do objetivo específico 1 com um sorriso no rosto ela diz que era o que eles tanto queriam pra escola, o coordenador concorda e ela diz: Tô muito animada.²⁸ (Diário-escrevente, 08/09/2022, Mayara)

Desde este primeiro encontro em Setembro de 2022 até o presente momento, tivemos 23 encontros do PIBIC-EM, majoritariamente presenciais e três no formato online, todos gravados e transcritos. Após a definição da escola da pesquisa, partimos para a seleção dos bolsistas PIBIC-EM, sendo um remunerado e uma voluntária²⁹. Neste processo, também um desvio, a bolsista voluntária desistiu e tivemos que fazer mais um processo de seleção, no fim, ficamos com quatro estudantes, dois bolsistas PIBIC-EM e duas integrantes do coletivo Female Power. As/os quatro, além de serem pesquisadoras/es, estão cadastradas como extensionistas do projeto É da Nossa Escola que Falamos.

Feita a seleção, seguimos para a formação de pesquisadoras/es, sendo feita discussões com as/os bolsistas PIBIC-EM acerca das práticas de pesquisa, bases epistemológicas, éticas e políticas de uma pesquisa com jovens, os passos de uma pesquisa, discussão teórica sobre gênero e sua relação com o cotidiano escolar e definição dos nossos objetivos e instrumentos de investigação. No segundo momento, produzimos um formulário online que serviu de inscrição na CURA(DOR)IA e ajudou a identificarmos o perfil dos estudantes, realizamos a

²⁸ Apesar de termos o termo de aceite da escola X para ser o local da pesquisa do PIBIC-EM, por conta principalmente da questão do horário, optamos por mudar de escola. Dessa forma, eu liguei para a diretora da escola X, expliquei para ela, desfizemos o acordo e nos deixei à disposição para futuras ações.

²⁹ A partir do mês de maio de 2023, nós conseguimos mais uma bolsa PIBIC-EM remunerada. Além disso, desde março de 2023 com o Governo Lula, houve um incremento no valor, passando de R\$100,00 para R\$300,00.

CURA(DOR)IA e analisamos os dados produzidos em ambas ferramentas metodológicas. Desse modo, o trabalho de campo pode ser dividido em dois momentos: 1) Formação do grupo de pesquisadoras/es sobre gênero e escola; 2) CURA(DOR)IA organizado pelo grupo de pesquisadoras/es em parceria com outros coletivos como o Jovens Agentes de Paz e Female Power, também sobre a mesma temática.

Durante um ano de pesquisa, período que as/os estudantes estão como bolsistas, os mesmos se encontraram semanalmente com estudantes da graduação e pós-graduação do curso de Psicologia para entender o que é pesquisa e construir coletivamente com a universidade uma pesquisa entendendo o que significa pesquisarCOM no cotidiano escolar.

Inspiradas em o que Appadurai (2006) nomeia como direito à pesquisa, entendendo-a como o nome especializado para a capacidade humana de interrogar sobre algo que se quer conhecer, mas ainda não conhece. O autor aborda a necessidade política de reivindicar o acesso e a produção da pesquisa não restrita aos muros acadêmicos. Aqui a pesquisa assume um espaço de potencialização das capacidades democráticas e de descolonização do conhecimento.

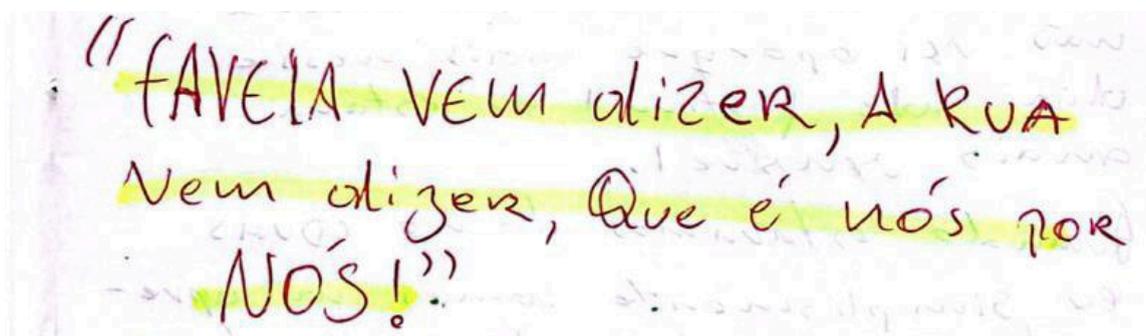
O PIBIC-EM aciona um devir-pesquisadora, um coletivo de pesquisadoras/es, uma partilha da agência da pesquisa. Por meio do PIBIC-EM inventamos um modo de pensar/fazer pesquisa em que o sujeito que pesquisa não é um indivíduo mas um coletivo, é um nós. E é justamente nessa possibilidade que operacionalizamos um PIBIC-EM que se inspira na escrevivência como modos de fazer pesquisa, a encruza PIBIC-EM e escrevivência se dá na possibilidade de descolonização do conhecimento.

Capítulo 2 -“É Nós Por Nós”

2023. Neste capítulo, abordarei outra encruza de possibilidade, o território e os participantes desta pesquisa. Senti muita dificuldade em colocar um título neste capítulo, em mais uma noite de escrita folheando os diários-escrevíveis encontrei esse trecho, “favela vem dizer, a rua vem dizer, que é nós por nós!” em um cantinho da folha do diário-escrevível de Bruna S. Qual o ponto de encontro entre o território da pesquisa e o grupo de pesquisadoras(os)? Qual o nó nessa linha? Achei! Nós. O território da pesquisa, tanto o Grande Bom Jardim, quanto a escola e as corporeidades que fizeram esta pesquisa se encontra no nós, tudo é feito por nós, é tudo nós ou noiz, como queira chamar. É nós por nós.

Figura 11

Trecho do diário-escrevível de Bruna S.



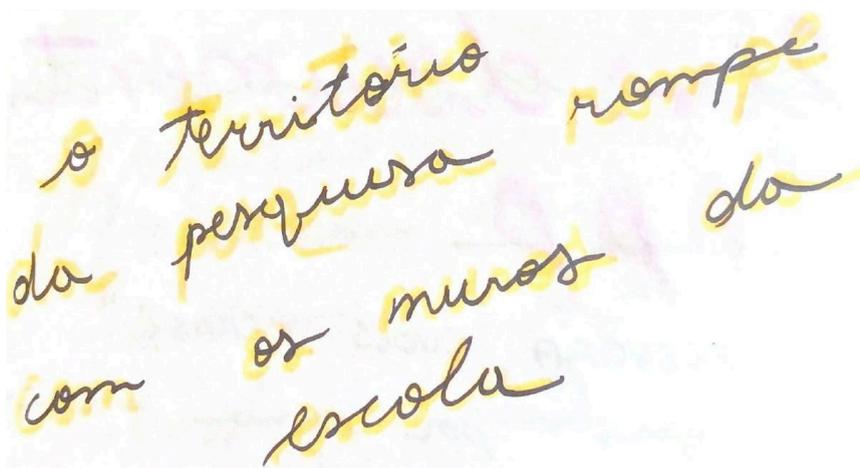
“O Território da Pesquisa Rompe com os Muros da Escola”: O Grande Bom Jardim e a Escola-céu

Cara leitora, aqui não escreverei somente sobre uma habitação a um território físico, nesta escrevivência, habitei também um território existencial (Guattari & Rolnik, 1986). Entrei engajada e atenta aos processos e movimentos, penetrei sob uma perspectiva de composição e conjugação de forças, me permitindo ser afetada como um corpo que é implicado às paradas, aos desvios, me permitindo encontrar o que não se procurava ou mesmo

ser encontrado pelo acontecimento (Alvarez & Passos, 2009). Aqui estarei semeando, nutrindo e cultivando.

Figura 12

Trecho do diário-escreviente de Mayara: O território da pesquisa



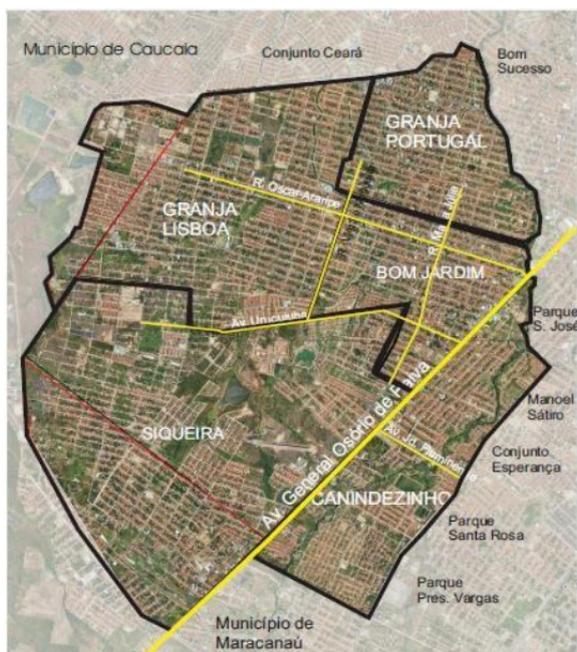
Nesse Grande Bom Jardim Brotam Resistências

“Os nosso pés se revigoram quando pisam neste chão
Canto a magia, danço
A Bahia prosada e versada no dendê
Bahia, eu sou África do lado de cá
Canto, harmonia, fé, alegria
(...) Bate o tambor”
(Bahia Bate o Tambor - Mateus Aleluia)

Junho. 2023. Fortaleza. Sigo aqui no processo de escrita desta dissertação, escutando a mesma playlist como um ritual “às que me protegem e me guiam” repetidas vezes as mesmas 27 músicas, entre estas, Bahia Bate o Tambor de Mateus Aleluia. Lembro de parar o teclado das letras por um momento e prestar atenção na música. Os nossos pés se revigoram quando pisam neste chão, percebemos o canto, a magia, a dança, a fé, a alegria. Eu poderia só falar da escola como o território da pesquisa, mas esta não é qualquer escola em uma periferia de Fortaleza, não é atoa que escolhi esta escola, ela está situada no Grande Bom Jardim (GBJ).

Figura 13

Distribuição espacial dos bairros que compõem o Grande Bom Jardim



Nota. Ponto de memória do Grande Bom Jardim (2012)

1980. Fortaleza. Por ser referência de mobilização social, cultural, econômica e política cria-se o imaginário de uma grande região, que agrega, simbolicamente, os bairros: Bom Jardim, Siqueira, Canindezinho, Granja Lisboa e Granja Portugal. Aos poucos se consolidou a terminologia Grande Bom Jardim.

Os meios de comunicação, historicamente a TV, Rádio, jornais ou redes sociais, têm contribuído para elaborar no imaginário da população de Fortaleza um estigma para o Grande Bom Jardim: Esse seria o lugar do “vixe”³⁰, que se destaca pela violência, insegurança, habitações precárias e população empobrecida. Consiste em uma área da cidade com elevadas taxas de concentração de pobreza, baixos indicadores sociais, a exemplo dos IDHs muito inferiores à média. Segundo dados do Governo do Estado do Ceará (2021), todos os bairros que compõem o GBJ possuem IDHs classificados como muito baixos (entre 0 e 2,5).

³⁰ Vixe é uma expressão nordestina, usada para expressar admiração, surpresa ou estranheza.

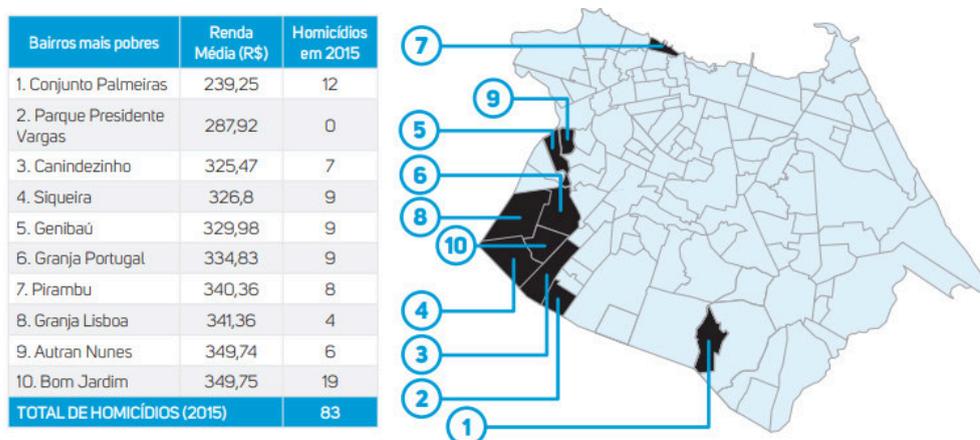
Desse modo, o Grande Bom Jardim é considerado um dos “piores bairros de Fortaleza”. Observando o perfil da população, o território do GBJ possui um grande contingente populacional de pessoas na faixa etária de 0 a 29, em torno de 120.957 habitantes. A expressão proporcional desse número é a representação de que 60% da população total do Grande Bom Jardim é jovem (0 a 29 anos), sendo que, do total dessa população, 58% tem entre 0 e 17 anos, faixa de cobertura das garantias do Estatuto da Criança e do Adolescente (IBGE, 2010).

Ao passo que os jovens representam boa parte dessa população, são também eles as maiores vítimas da violência que caracteriza o GBJ. São também nessas áreas onde se concentram os números de violência letal e intencional. Segundo o último relatório Cada Vida Importa, do CCPHA (ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ, 2020), somente em 2019, 355 meninos e meninas entre 10 e 19 anos tiveram suas vidas ceifadas nas dinâmicas da violência urbana no Ceará, destes 118 somente na capital Fortaleza e concentrados na sua maioria em bairros da periferia da cidade tais como **Bom Jardim** (9,72%), Mondubim (5,56%), Passaré (5,56%), **Granja Lisboa** (4,86%), Jangurussu (4,17%), Parque Genibaú (4,17%), **Canindezinho** (3,47%), José Walter (3,47%), Cais do Porto (2,78%) e **Granja Portugal** (2,78%).

O perfil disponibilizado também pelo IBGE 2010 revela que o GBJ caracteriza-se por ser um local com baixa renda média, devido a possuir em sua maioria setores censitários (Censo 2010) com renda mensal inferior a R\$ 500,00 por pessoa. Infere-se daqui, no acesso à renda, o perfil de pobreza dos domicílios, conseqüentemente de sua população, que concentra 43.732 domicílios, ou seja, 70% do total dos seus domicílios com até 1 salário mínimo per capita (IBGE, 2010). Como é possível ver abaixo:

Figura 14

10 bairros mais pobres de Fortaleza por renda média e homicídios em 2015



Nota. Relatório Comitê Cada Vida Importa (2020)

De acordo com o tratamento dos dados do último Censo (2010) feito pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), sobre a extrema pobreza na capital cearense, o Grande Bom Jardim tem 04 de seus bairros no ranking dos 10 bairros com o maior número e proporção de pessoas em extrema pobreza. O Grande Bom Jardim possui 20.459 pessoas vivendo com até R\$70 mensais, o que representa 15,26% das 134 mil pessoas miseráveis de toda a Fortaleza. Esta proporção é quase o dobro dos 8,9% que Fortaleza representa em relação aos 1,5 milhões de pessoas em extrema pobreza no Ceará.

Enfocando em como isso chega no território educacional, em 2022, participei como coordenadora de campo da pesquisa "Violência no Grande Bom Jardim sob a perspectiva de estudantes de escolas públicas de ensino médio: vitimização, percepções sobre segurança e repercussões educacionais", realizada pelo Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) em parceria com o Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). De acordo com os dados levantados pelo primeiro relatório da pesquisa, para metade dos estudantes respondentes, a violência territorial atrapalha o ambiente escolar. Para 65,5% dos alunos, o comprometimento de um ambiente de paz e o

medo são impeditivos para as condições emocionais adequadas para aprendizagem. Além disso, cerca de oito a cada dez participantes consideram o bairro como inseguro ou totalmente inseguro, sendo que 62,2% afirmam já ter presenciado pessoas armadas em seus territórios e quase 46% apontam que a própria circulação pelo bairro já foi afetada pela ação de grupos armados (CDVHS, 2023).

No que tange ao marcador de gênero, as mulheres cis sofreram quase duas vezes mais ameaças que os homens cis e outras identidades de gênero, quase três vezes mais. Além disso, três em cada dez mulheres cis e quatro em cada dez pessoas com outras identidades de gênero indicam ter sofrido violência sexual. Por fim, em geral, adolescentes e jovens LGBTQIAP+ sofrem cerca de duas vezes mais assaltos, furtos, ameaças e agressões do que heterossexuais e, aproximadamente, três vezes mais tentativas de homicídio e violências sexuais (CDVHS, 2023).

Desse modo, o colonialismo e sua perpetuação, a colonialidade, constituem-se como uma linha dessa rede da violência de gênero, visto que, essa colonialidade usa a raça entrecruzada ao sistema sexo/gênero, conforme aponta Butler (2018) no processo de desumanização de populações, que posteriormente, tornam-se alvos de expressões necropolíticas. A categoria necropolítica se refere a uma tecnologia de poder que produz e gerencia os modos de morrer (Mbembe, 2018), esta pode ter diferentes expressões, consiste não apenas no ato de matar, à exemplo do aumento de homicídios e de chacinas, mas, também, consiste no deixar morrer por meio do desamparo e violência estatal, como nas periferias.

“Ê Bom Jardim, ê Bom Jardim, quem te deixou assim meu jardim?”
(Música do Coletivo Brincantes Sonoros)

2023. Em um dos dias compondo as movimentações do GBJ, acompanhei uma apresentação musical do Coletivo Brincantes Sonoros³¹, neste dia, eles entoaram essa música: “Quem te deixou assim meu jardim?”. Os dados que foram apresentados acima consistem em um produto de uma política de governo, quem te deixou assim meu jardim foi a violência policial e da desassistência estatal no desenvolvimento de políticas públicas que geram vidas menos vivíveis. Esta produção está estruturada por um modelo colonial que experimenta uma particular forma de violência intimamente ligada à colonização e o seu legado de dor, exclusão e subordinação (Costa & Barros, 2019; Mbembe, 2017).

Através do Projeto Artes Insurgentes, conforme dito na introdução deste escrito, minha inserção neste território se deu na modalidade online, ainda em 2021, pelas telas do *Google Meet*, na época poderia estar de alguma forma nesse território apertando um botão em questões de segundos. Agora presencialmente, tinha deslocamentos semanais em dois ônibus para chegar até a escola-céu e esses itinerários me convidaram a pensar onde estava habitando.

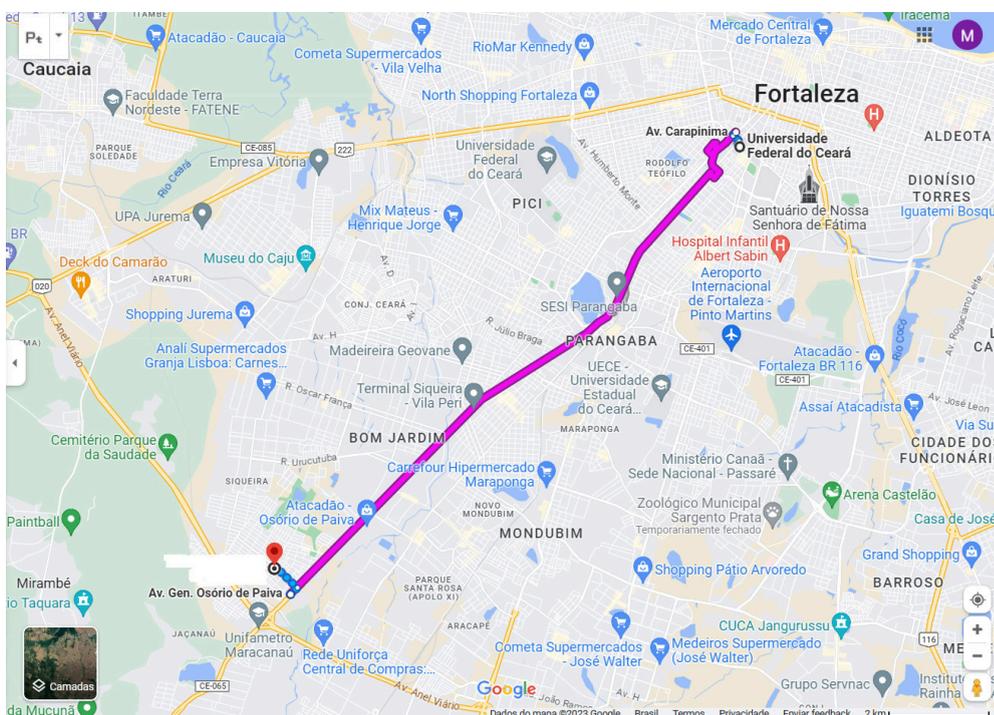
A maioria dos diários-escrevíveis começam da mesma forma, pelo deslocamento, eu não sou um corpo moradora do GBJ, em nossos encontros que normalmente eram às 09:00h, eu e minhas amigas do grupo de pesquisa³² tínhamos que sair de casa pelo menos 2h antes para chegar lá na escola. Um caminho de quase 14 km de distância da Escola-céu a Universidade Federal do Ceará.

³¹ O coletivo Brincantes Sonoros surgiu em 2009 com trabalho na musicalidade percussiva, na pesquisa e prática dos folguedos populares como cavalo marinho, reisado, maracatu e coco. Formando grupos nas comunidades do grande Bom Jardim em parcerias com instituições comunitárias que trabalham com Direitos Humanos. Vi esta apresentação do coletivo no V Festival das Juventudes em junho de 2023.

³² As universitárias participantes do grupo de pesquisadoras/es serão apresentadas na próxima seção.

Figura 15

Percurso da Universidade Federal do Ceará até a Escola-céu



Nota. Google Maps (2023).

Nós da universidade estamos localizadas no centro e a escola no GBJ, a margem. A palavra “marginal”, que carrega uma conotação que, geralmente, fixa algo/alguém como estando à margem da lei e da sociedade, é tomada, não de modo unânime, para adjetivar poetas, literaturas e territórios. Segundo hooks (2019) a marginalidade pode ser experimentada e entendida como campo de possibilidade, potencialidade e invenção. Inspirados no que a pensadora afroestadunidense diz, afirmamos que a potência de um conhecimento que se produz desde as margens e com as margens diz respeito a caminhar com essas linhas e cruzas territoriais de modo a não tomá-las como espaços que devem ser negados, mas como espaços de possibilidade radical (hooks, 2019).

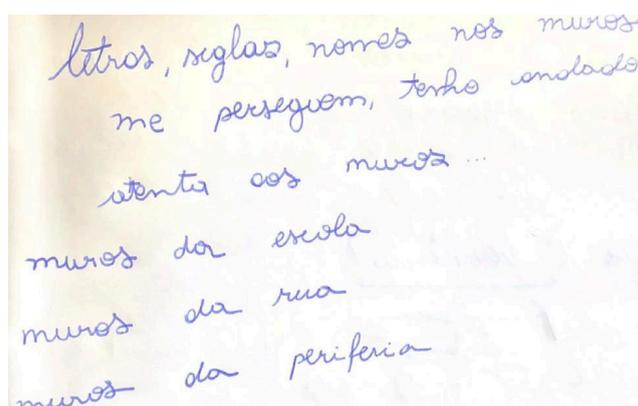
Todo dia de pesquisa faço e refaço o mesmo caminho, vou para a parada na Av. Carapinima em frente ao Shopping Benfica, encontro as minhas que compõem a equipe de pesquisa e ficamos à espera de qualquer ônibus que tenha o nome Siqueira. Pegamos o

primeiro que vem, às vezes vai pela Av. João Pessoa, às vezes pela Av. José Bastos, a depender de qual avenida vai entrar outra das minhas. Chego no Terminal do Siqueira e esperamos por dois ônibus o 337 Jardim Jatobá Siqueira 1 ou 397 Jardim Jatobá Siqueira 2, o que chegar primeiro pegamos, costuma demorar. A entrada no ônibus é uma disputa por uma cadeira, às vezes consigo sentar e guardo uma cadeira ao meu lado para as minhas. Saindo do terminal, sempre um jovem diferente se levanta dando Bom dia Pessoal e oferece um bombom, um doce, um amendoim, um porta-documentos, uma pastilha, um fone de ouvido, um remédio natural, qualquer coisa, ou às vezes não oferece nada, é tão cedo da manhã que estes jovens ainda não conseguiram comprar seus produtos de trabalho e então eles pedem, uma moeda qualquer, 5 centavos, 10 centavos, 25 centavos. Teve um dia que o jovem pediu comida pois estava com fome, lembro que dei um resto de biscoito que tinha na bolsa. Sempre, todas as vezes que pego o 337 ou 397 um jovem entra no ônibus em busca de sobrevivência.

Sigo o itinerário atenta a que rua da Av Osório de Paiva esse ônibus irá dobrar, pois isso afeta em qual parada descemos. O ônibus mexe, buracos, buracos e buracos, pela janela do ônibus esgoto, um condomínio de casas chiques que desvia do que costumamos ver por aqui, casas só com tijolos, árvores, muros com pichos, letras, nomes e siglas.

Figura 16

Trecho do diário-escrevente de Mayara: Os muros



Junho. 2023. Realizei uma busca na ferramenta de pesquisa *Google*, focando nas notícias que circulam na internet sobre o Grande Bom Jardim.

Figura 17

Notícias na internet sobre o Grande Bom Jardim



Nota. Google Notícias. 2023.

Conforme pode ser percebido nestas notícias existe uma contraposição, uma disputa de narrativas, ao mesmo tempo que o Grande Bom Jardim é uma região de significativo extermínio das juventudes negras e violência policial, é também um lugar que possui diversos equipamentos culturais e organizações sociais, como o Centro Cultural do Grande Bom Jardim (CCBJ), Centro Cultural do Canindezinho (CCC), Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentado (DLIS), as cozinhas comunitárias, as

bibliotecas comunitárias e é palco e moradia para diversos artistas e coletivos juvenis. Desse modo, o GBJ tem um histórico de organização e resistência que é exemplo para a cidade.

Constata-se, com dados apresentados durante essa seção, que o Grande Bom Jardim apesar de ser um dos bairros com maior taxa de letalidade entre a população geral e também especificamente na população infantojuvenil, também é uma região com histórico de luta e resistência, se destacando como território vivo e articulado na produção de modos possíveis de vida.

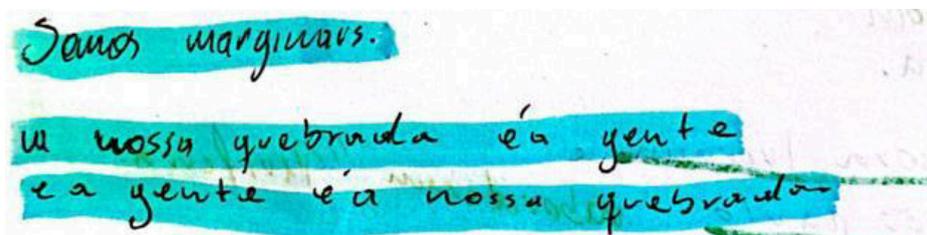
Por meio das ações de pesquisa e extensão realizados por integrantes e parceiros do Artes Insurgentes foi possível entrar em contato com diversas ações que resistem e subvertem as narrativas hegemônicas sobre as juventudes periferizadas enquanto perigosas, violentas e incapazes a partir de formação de coletivos juvenis que pautam a reivindicação da garantia de direitos e a equidade social através de múltiplas expressões artísticas, culturais e políticas. A exemplo disso podemos citar: O trabalho de tese de Tadeu Lucas de Lavor Filho, meu amigo e também colega do LAPSUS. Sua tese intitulada “Cartografia de bricolagens, alianças e produção do comum: pesquisa participativa decolonial com coletivos juvenis em Fortaleza-CE”, objetivou cartografar o processo de pesquisa participativa decolonial realizada com jovens pesquisadores do território do Grande Bom Jardim acerca de suas próprias práticas culturais periféricas, a partir de um estudo metodológico qualitativo da Pesquisa-Intervenção, aliada a Pesquisa Ação Participativa Crítica (CPAR) (Lavor Filho, 2022). O trabalho de campo do doutorado de Tadeu foi o que abriu os nossos caminhos do Projeto Artes Insurgentes, ele esteve na germinação de tudo isso. Obrigada amigo, pelo impulso, pela articulação e pela inspiração.

Importante destacar que, parto do entendimento de territorialidades periféricas como localizações geopolíticas marginalizadas que produzem narrativas contra hegemônicas coletivas e polifônicas. Em luta as lógicas de ser um território marcado somente por relações

com com a pobreza, criminalização, desigualdade, dentre outras opressões e violências impostas, mas que se reiteram como sujeitos e habitantes de um território-vivo (Takeiti & Vicentin, 2019). Partindo disso, a pesquisa acontece nas margens produzindo fissuras e rasgos nas identidades estereotipadas normalmente conferidas à periferia (Costa, Moura Júnior & Barros, 2020).

Figura 18

Trecho do diário-escreviente de Bruna S.



“Somos marginais
a nossa quebrada é a gente
e a gente é a nossa quebrada” (Legenda do diário-escreviente acima)

Escola-céu: “Aquele Lugar é Feito por Gente”

Figura 19

Entrada da escola-céu



“O barulho de escola me chama atenção, um gostoso indicador que aquele lugar é feito por gente” (Diário-escreviente, 09/09/2022, Alanna). Este é um trecho de um dos diários de Alanna³³ e escolhi ele para iniciar esta seção pois acredito que ele representa em certa forma a escola-céu. Esta investigação foi desenvolvida em uma Escola de Ensino Médio (EEM) que chamaremos de escola-céu, esta se encontra no limite da cidade de Fortaleza/Ce e Maracanaú/Ce, fazendo com que por conta da distância e inconsistência de localização a que se refere acabe sendo desassistida por atividades e projetos. Entretanto, mesmo quando localizada na cidade de Maracanaú, faz parte do bairro Siqueira, um dos 5 bairros formadores da região do Grande Bom Jardim (GBJ), como abordado em tópicos anteriores.

Importante destacar que penso a escola não como algo que está dado, mas que me insere na micropolítica do cotidiano. Para Deleuze & Guattari (1996), a micropolítica não se refere somente a tamanho e escala, mas pela natureza do sistema de referência considerado, de modo que o molecular instaurado na micropolítica não se define pela pequenez de seus elementos, mas pela natureza de sua “massa”– o fluxo de energia e de produção de processos de diferenciação e singularização que se compõe no encontro entre as corporalidades. A noção de cotidiano como micropolítica se fundamenta na complexidade e multiplicidade dos encontros dos corpos que, pelo *conatus*, ou seja, pelo esforço de perseverar na existência, buscam potencializar uma vida ativa e, portanto, ético-estético-política (Carvalho & Souza, 2012). Desse modo, o espaço não é aprioristicamente dado, pois, uma vez criado, vem a ser a materialização das relações de forças produzidas em um instante. Sua duração é de um instante, porque no próximo a composição das forças já será outra. Aqui, irei acompanhar algumas linhas de um dispositivo, entrando nelas (nas linhas) e me deixando atravessar por

³³ Alanna é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, é bolsista PIBIC (Bolsa Funcap e posteriormente CNPq), faz parte do projeto É da Nossa Escola e é membro do Artes Insurgentes. Escolheu por acompanhar este PIBIC-EM e faz parte do grupo de pesquisadoras. Irei apresentá-la melhor na próxima seção.

elas para tentar compreender como gênero habita e compõe a vida escolar. Irei narrar sobre uma experiência em uma escola, uma parede, um corredor, uma aula, um corpo estudantil, uma coordenação. “Existe igualmente, em cada instante de demarcação do aqui e agora, um folheado sincrônico de espaços heterogêneos” (Guattari, 1992, p. 153).

A escola-céu, segundo o seu Plano Político Pedagógico (PPP) leva o nome de uma professora que prestou vários serviços educacionais e que era muito admirada na área. É considerada uma das maiores escolas do GBJ, tendo no ano de 2023, 1311 alunos, oferecendo tanto o ensino médio regular quanto educação de jovens e adultos (EJA). Possui 9 turmas do primeiro ano (1º ano), 9 turmas do segundo ano (2º ano) e 8 turmas do terceiro ano (3º ano), distribuídas pela manhã, tarde e noite, além de três turmas Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola possui um núcleo gestor composto por uma (1) diretora escolar e (4) coordenadoras, fato este que constantemente é mencionado, um núcleo gestor formado por mulheres. Além de ser composta por três (3) funcionárias/os administrativos, cinquenta e cinco (55) professoras/es efetivos, duas (2) bibliotecárias/os, duas (2) merendeiras, duas (2) auxiliares de serviços gerais, dois (2) guardas e dois (2) porteiros. A grande maioria de seus alunos residem no bairro e em comunidades próximas. A escola-céu foi fundada em 12 de março de 2001 e inaugurada em 30 de junho de 2004, sua criação surgiu da mobilização das famílias, através de associações comunitárias para disporem de uma escola próxima que atendesse a demanda de alunos remanescentes da rede municipal de Maracanaú que precisavam se deslocar a Fortaleza para concluir o ensino médio. Uma parceria entre os governos municipal e estadual permitiu sua construção atendendo as reivindicações da população.

Segundo seu próprio PPP, a escola está inserida em uma região periférica. As famílias são formadas por trabalhadores que na sua grande maioria exercem atividades informais ou são assalariados, pequenos comerciantes, entre outros. Assim os jovens anseiam por participar

do mercado de trabalho para melhorar a renda familiar. Outro aspecto importante são as ameaças externas que tem reflexos na escola como a violência e o uso de drogas que acabam interferindo no cotidiano escolar.

Os serviços básicos essenciais ofertados à comunidade são precários, havendo um posto de saúde, energia elétrica e água encanada. No entanto, não existe rede de esgoto e são poucas as ruas que dispõe de calçamento e carência de espaços de lazer. A comunidade também é prejudicada pela sua localização limítrofe entre os municípios de Fortaleza e Maracanaú, perdendo benefícios quando há jogo de responsabilidades governamental pela área, quando nenhum assume. A escola surge neste contexto como principal meio para interação entre as juventudes que veem nela a possibilidade de terem melhores condições de vida. Além disso, no seu PPP a escola se diz implicada a temas transversais inseridos na proposta pedagógica da instituição de ensino a serem destacados: Educação para as relações Étnico-Raciais e Educação em Direitos humanos, Gênero e Sexualidade que são temas atuais voltados para a compreensão e construção da realidade social e dos direitos e responsabilidades relacionados com a vida pessoal e coletiva e com a afirmação do princípio da participação política. Importante ainda ressaltar que os temas transversais devem estar presentes na rotina da escola para tratar de problemas sociais atuais, propiciando aos estudantes ampliar o olhar sobre diversas questões, sempre com respeito e tolerância às diferenças, e que a parceria família escola é fundamental para êxito na formação integral dos alunos (PPP, 2021).

A chegada na escola-céu é perpassada pelo mesmo protocolo, os portões que dão acesso ao pátio são fechados e acompanhados por um porteiro e um guarda, mesmo que eles já nos conheçam e nós habitemos ali semanalmente, eles não são autorizados a permitir a nossa entrada, já tentamos algumas vezes só entrar e sempre recebemos a mesma orientação “tem que pedir autorização”. Então, semanalmente quando vamos à escola eu tomo a

iniciativa de abrir uma janela de vidro com um papel dizendo “secretaria” e digo oi, eu sou psicóloga e vim fazer a pesquisa. As secretárias que já me conhecem dão um sorriso tímido sempre acompanhado de outros movimentos e gritam “Pode deixar entrar!” e com essa frase, o portão se abre para nós. Depois de quase dois anos fazendo o mesmo movimento de autorização para entrar na escola, agora com o PIBIC-EM finalizado, ainda vamos na escola para reuniões com o coletivo Female Power e não temos mais que nos apresentar, pois o porteiro ao nos ver já abre o portão. Ainda assim permanece o costume de ir à janela da secretaria para dar um oi.

Primeiras Habitações e Andanças na Escola-céu Através do Processo de Seleção de Bolsistas PIBIC-EM. 2022. Seguindo o processo do PIBIC-EM, após a primeira conversa com o núcleo gestor da escola-céu partimos para a seleção de bolsistas, ao conversar com a diretora, ela sugeriu que fizéssemos por meio de um formulário online (ANEXO II) que é como a escola já costuma realizar alguns processos seletivos. Este seria nosso primeiro contato com as/os estudantes e nos daria subsídios para a escolha das/dos secundaristas que participariam das entrevistas coletivas, segunda etapa do processo seletivo.³⁴

O formulário de inscrição para a seleção de bolsistas se inicia com a nossa apresentação, novamente trazemos as nossas marcas institucionais: O Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) através do projeto É da Nossa Escola que falamos e do projeto Artes Insurgentes, em parceria com a escola-céu estará selecionando bolsistas PIBIC Ensino Médio do CNPq que tenha interesse em ser um agente ativo e participativo na construção da pesquisa intitulada "CORPOGRAFIAS (ARTE)SANAIS NA ENCRUZILHADA: UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO COM JUVENTUDES NA

³⁴ Como abordei anteriormente, todo o processo de pesquisa foi realizado de forma coletiva, desse modo, nesse início do trabalho de campo na escola, nós do Projeto Artes Insurgentes/É da nossa escola que falamos, nos dividimos de quem gostaria de colaborar com esta pesquisa, formando assim o grupo de pesquisadoras universitárias, composto por estudantes da pós-graduação e graduação em Psicologia, na próxima seção abordarei melhor os participantes e sujeitos da pesquisa.

TESSITURA ESCOLAR.", com o objetivo de analisar as práticas discursivas e não discursivas sobre gênero construídas com estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE, por meio de oficinas artísticas no cotidiano escolar. Este mote da pesquisa foi traçado ainda como estava o projeto de mestrado, analisando agora, tínhamos que colocar o título e objetivo da pesquisa, mas essa linguagem não chega para as juventudes, não diz nada, por isso, nas passagens em sala conseguimos traduzir a linguagem acadêmica e falar o que realmente pretendíamos pesquisar na escola.

Nosso principal intuito com esse formulário online, além da divulgação é que ele parecesse atrativo, por isso colocamos: 1 (uma) bolsa remunerada bolsa no valor de 100,00R\$, emissão de certificado pelo CNPQ e pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e 1 (uma) bolsa voluntária emissão de certificado pelo CNPQ e pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Por experiências anteriores que o nosso grupo de pesquisa já teve, o certificado seja do CNPQ ou da UFC é um importante incentivo para participação nas atividades.

Elaboramos também um perfil do estudante bolsista, 1) Cursar 1º ano do Ensino Médio; 2) Ter interesse em pesquisar sobre a temática das questões de gênero no cotidiano escolar; 3) Encontrar-se desvinculadx do mercado de trabalho e não participar de outro projeto de pesquisa ou programa de bolsa. Optamos por selecionar somente estudantes que estavam cursando o 1º, pois, como o PIBIC-EM tem um período de 2022/2023 (segundo semestre de 2022 e primeiro semestre de 2023) e sendo estudantes do 1º ano em 2022 e do 2º em 2023 não afetaria o seu processo de pré-vestibular, já que o PIBIC-EM exige dedicação de 8h horas semanais.

Além disso, descrevemos um pouco as atividades que seriam desenvolvidas pelos bolsistas pesquisadores do cotidiano escolar que eram: - Leitura de referências bibliográficas sobre o tema; - Divulgação das inscrições na escola para os jovens estudantes participarem

das oficinas de discussão sobre a temática da pesquisa; - Elaboração conjunta de instrumentos de pesquisa (Formulário, entrevista, oficina, etc); - Participação nos procedimentos metodológicos da pesquisa; - Transcrição e análise de dados das oficinas para posterior análise dos resultados; - Restituição com a escola.

Por fim, na própria descrição do formulário online também colocamos os critérios que seriam avaliados para a seleção dos bolsistas:

- Ser estudante do 1º ano
- Disponibilidade de 8h semanais
- Participar das reuniões semanais
- Serão levados em conta estudantes que sejam autodeclaradxs em pelo menos um dos grupos identitários minorizados histórica e estruturalmente descritos: pessoa negrx, indígenx, mulheres, pessoas com deficiência, pessoa da comunidade LGBTQIAPN+
- Trabalho em equipe
- Facilidade de se expressar em público
- Engajamento com a arte

Esses critérios foram elencados pela equipe de pesquisadoras universitárias como elementos importantes para se fazerem parte também desse grupo. Importante destacar que, tanto pela temática da investigação, como também pela disponibilização de uma bolsa/ajuda de custo e por estarmos atentas às encruzilhadas existenciais, colocamos que seria levado em conta os marcadores sociais dos estudantes. Esse critério foi importante para que fizéssemos as primeiras perguntas do formulário, o perfil, que foram: Com qual expressão de gênero você se identifica?; Com qual orientação sexual você se identifica?; Você se autodeclara com que cor/raça, dentre as alternativas abaixo? (Branco, Negro, Amarelo, Vermelho); Você possui alguma deficiência? Se sim, qual?.

Após o perfil dos estudantes e informações escolares como turma e turno, elaboramos três perguntas abertas que poderiam ser respondidas com textos livres e longos.

1. Por que você se interessa em pesquisar sobre as questões de gênero e sua relação com a escola? (Fale sobre suas expectativas)
2. Escreva um breve texto sobre suas expectativas em relação a essa oportunidade de ser bolsista PIBIC EM e de pesquisar sobre essa temática de gênero na escola.
3. Você tem alguma aproximação com a arte? Ou com as diversas expressões artísticas, como cinema, bordado, teatro, literatura, música, dança, pintura...

Esta última pergunta reafirmava mais uma vez a nossa aposta em uma pesquisa que se faz com arte. A criação e a experimentação são elementos centrais no nosso processo investigativo e com esta pergunta buscávamos que a/o bolsista PIBIC-EM também tivesse algum interesse artístico. Ter uma aproximação qualquer não significava ser artista e dominar essa ferramenta, mas ter um desejo e estar aberto à experimentação com a arte. Além disso, reafirmava também a nossa articulação e incentivo com o potencial da região, do Grande Bom Jardim, que é terreno de práticas culturais e artísticas juvenis. Desse modo, apostamos na construção de caminhos investigativos que problematizem a maneira que vemos, fazemos, pensamos e vivemos; e que transbordam modos padrões e instituídos de se endereçar ao mundo, desencadeando vivências poéticas, estéticas da existência (Foucault, 1995).

Um outro combinado com o núcleo gestor foi a divulgação da seleção, que se daria por duas formas, online, via *instagram* da escola e nos grupos de *whatsapp* das turmas do 1º ano, para isso, fizemos um carrossel de imagens:

Figura 20

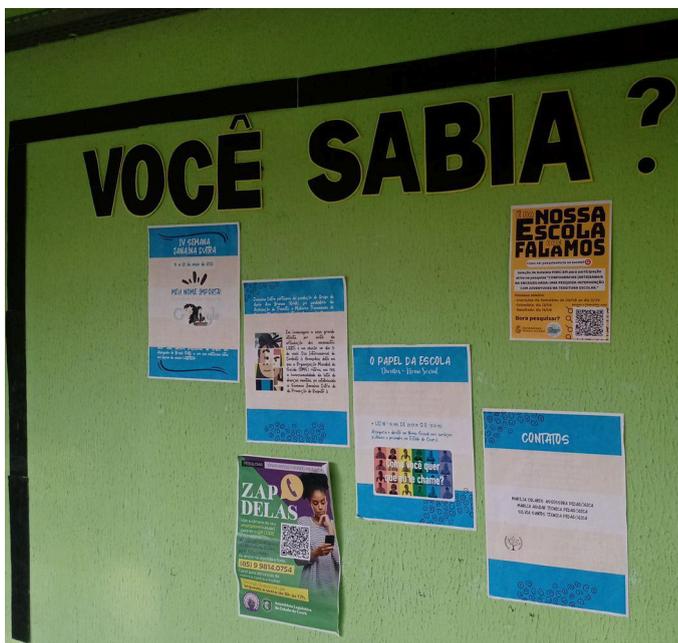
Carrossel para divulgação da Seleção PIBIC-EM no instagram da escola-céu



E presencial, via passagem em sala nas turmas do 1º ano, para isso fizemos um cartaz que foi exposto também no mural da escola:

Figura 21

Mural da Escola com o cartaz de divulgação da seleção PIBIC-EM



No mesmo dia da conversa inicial com o núcleo gestor, aproveito para já fazer a passagem em sala pelo turno da tarde, por conta dos imprevistos e correrias, vou sozinha neste dia. Lembro que neste período também estava acontecendo a IV Semana Janaína Dutra³⁵ na escola-céu. Esse mural “Você sabia?” que aparece na figura acima foi uma das ações feitas pela coordenação para discutir a temática da semana, que se refere ao respeito à diversidade sexual e de gênero. Dessa forma, nesse mural estavam cartazes referentes a IV Semana Janaína Dutra enfocando no nome social para pessoas trans, um cartaz do Zap Delas que é uma ação da Assembléia Legislativa com o objetivo de criar um canal de denúncia a violência contra mulher e o cartaz de divulgação da seleção de bolsistas PIBIC-EM todos lado a lado. Este mural inicialmente me surpreendeu, foi uma das primeiras andanças na escola-céu e suas paredes povoadas de referências a questão de gênero convoca atenção, parecia indicar que a escola se predispunha a tematizar gênero. Posteriormente, em reunião

³⁵A homenagem faz referência a um dos ícones da luta contra o vírus HIV e contra as violências e estigmas vividos pela população LGBTQIAPN+. Janaína Dutra foi presidente do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB) e foi a primeira travesti a exercer a função de advogada com registro na OAB.

com o núcleo gestor demarco a importância dessa discussão na escola. Uma das coordenadoras me apresenta então o calendário escolar, feito pela Secretaria de Educação (SEDUC), em que já estão institucionalizadas as semanas a serem celebradas durante o ano escolar, como a Semana Janaína Dutra ou Semana da Consciência Negra. Isso me chama atenção para pensar em como esta escola sustenta o debate de gênero, sexualidade e o étnico-racial, ela trata somente em datas comemorativas? Somente no calendário pré-estabelecido pela SEDUC?

Entro na primeira sala, acompanhada de uma das coordenadoras, ela fala que tem uma oportunidade boa pros alunes e direciona o olhar para mim. Falo boa tarde e alguns me respondem, me apresento Mayara, psicóloga, mestranda e pesquisadora. Vejo alguns risos e olhares estranhos, uns se envergonhavam, outros cutucavam o amigo dizendo a psicóloga, percebo muitas reações com o termo psicóloga. Digo sobre a temática da pesquisa “Pesquisar sobre gênero na escola”, atenta às reações dos alunes, digo sobre a seleção e a bolsa, uma estudante interrompe minha fala e pergunta: é pra pagar 100 reais ou pra receber? Isso chamou atenção da coordenadora que depois me relatou, “eles tem a impressão de que para viver as coisas, cursos, formações teriam que pagar e não receber um incentivo”. Essa fala me provocou a pensar sobre a pesquisa como um direito, esse é o imaginário de uma jovem estudante moradora da periferia, para ter acesso ao lugar de pesquisadora ela teria que pagar, no mesmo instante de sua pergunta eu respondo não, a bolsista receberá para ser pesquisadora (Diário-escrevente, 08/09/2022, Mayara).

Fui em outra sala, e outra, e outra e outra e outra, minha fala vai se repetindo, alguns olhares curiosos, algumas brincadeiras, alguns burburinhos. Em uma sala específica, no final eu agradeço e digo que esperarei a inscrição delus. O som de aplausos interrompem minha despedida, achei aquilo muito estranho, como se estivesse dando uma fala em uma palestra, ao sair da sala a coordenadora menciona: eita, até aplausos. Na última sala está o professor de

filosofia, já o conheço por outras andanças aqui no GBJ, quando eu falo da temática da pesquisa ele me interrompe e diz: que importante, esse tema já foi pedido diversas vezes pelos próprios alunos para ser trabalhado na escola. Em todas as passagens em sala durante este primeiro dia, esta foi a única fala que fez referência a gênero, quando eu falava o objetivo da pesquisa, por vezes percebia alguns olhares estranhos ou cutucadas em colegas, mas o único dito propriamente acerca de gênero foi deste professor, demarcando a importância da temática e a constante solicitação por ela em sala de aula. Volto para a coordenação, e tiramos uma foto, todes juntas, todes sorrindo. Vou em direção a parada de ônibus energizada (Diário-escreviente, 08/09/2022, Mayara).

Estamos indo pro segundo dia de passagem em sala, acordo com muito sono, como bem rapidamente, saio e pego o ônibus, encontro Alanna no terminal, dessa vez vou com uma das minhas. Esperamos o ônibus, ele chega e entramos. Como quase todo ônibus indo ou voltando do GBJ, tem um jovem negro pedindo dinheiro pra comprar o seu material de trabalho. Chegamos na escola-céu, esta é a primeira vez de Alanna e já digo para ela como a entrada é diferente, é aberta e convidativa, com muitas árvores, e portões gradeados, dando pra ver o dentro da escola. Vou em direção ao porteiro, achando que ele já podia me conhecer, já que estive no dia anterior, mas não, ele me aponta para janela da secretaria e vamos lá, digo oi, sou Mayara, psicóloga, vim apresentar um projeto. Ela vai na sala da direção pra confirmar, mas não tem ninguém. Ela volta e diz que podemos entrar, mas pede pra esperarmos um pouco. Alanna e eu sentamos no banco do bosque entre a cantina, e a secretária vem de novo e pergunta: Você é o que mesmo? E eu digo: Psicóloga (Diário-escreviente, 09/08/2023, Mayara).

Vamos indo no corredor e encontramos uma das coordenadoras, que nos acompanha na primeira sala, entramos, olhares, burburinhos, sorrisos. Seguimos pra próxima, nesta, acabei me enrolando um pouco com as palavras e senti uns olhares do professor não muito

convidativos. Fiquei com um certo receio de falar a palavra gênero, acho que foi só uma impressão, mas pela primeira vez fiquei receosa em dizer esse termo. Seguimos pra última, e a coordenadora-abraço estava em sala, falando sobre algumas situações que estão acontecendo no cotidiano da escola-céu, mas que não tinham relação direta ao tema desta investigação. Passam a palavra pra gente e apresentamos a seleção do PIBIC-EM. Na saída, abraços e nos despedimos. A coordenadora-abraço diz que pode falar com ela, que ela demora, mas responde, tiramos foto no nosso quadro, e seguimos (Diário-escrevente, 09/08/2023, Mayara).

Figura 22

Mayara e Alanna no mural da escola com o cartaz de divulgação da seleção PIBIC-EM



Tivemos um total de 27 inscrições. A primeira fase da seleção se deu na própria análise das respostas do formulário. Dessa forma, eu e as minhas fizemos um encontro virtual após a leitura de todas as inscrições e selecionamos 15 estudantes que iriam para as entrevistas coletivas. Nos dividimos para fazer o contato parabenizando os que haviam passado e dando orientações de como se daria a próxima fase.

2022. Dia das entrevistas coletivas. Encontro Marta e Bruna R.³⁶ na parada do Shopping Benfica e seguimos em direção ao terminal do Siqueira para encontrar Alanna. Reparei nas roupas que estávamos vestindo, Marta com a blusa do VIESES e Bruna R. com a do É da nossa escola, dessas várias encruzas que nos compõem. Mal chegamos no terminal e vamos correndo pegar o outro ônibus (...) estou habitando tanto essas ruas que fui reconhecendo algumas casas, algumas esquinas e fui dizendo para as meninas tá perto, tá perto. Chegamos na escola e fomos logo em direção a secretaria, (...) me bateu um certo receio das pessoas não virem, pois nem todes responderam a mensagem avisando da entrevista. Fui então andando pela escola, peguei o cartaz que tava na parede e coleí na porta pra sinalizar que seria ali e segui em direção a cada grupo de estudantes os questionando se eles estavam esperando a seleção começar. Ouvi muitos não e olhares estranhos, mas alguns sinalizaram que sim, e os encaminhei em direção a sala (...) vejo que os que eu fui chamando ficaram na frente da porta esperando uma sinalização que pudesse entrar. Abro a porta e digo: bora, podem entrar, eles vão entrando devagar, meio receosos, sem saber se podem sentar ou não (Diário-escreviente, 12/09/2022, Mayara).

Foram ao todo treze (13) estudantes, iniciamos o momento de entrevista coletiva parabenizando e agradecendo os estudantes por terem chegado até esta fase e apresentamos de forma breve o PIBIC-EM e a pesquisa. Partimos para apresentação de cada um que estava na sala, havíamos pedido para que trouxessem uma materialidade que falasse um pouco sobre eles, podendo ser uma foto, desenho, um texto, um poema, um livro, uma obra de arte, um anime, uma música. Eu levei um bordado com a frase “Apesar de você amanhã há se der outro dia”, que retrata pra mim o auge da pandemia, que foi quando eu bordei, e a esperança por dias melhores. E assim foi seguindo, cada estudante, cada objeto... Tivemos uma foto de Lampião e Maria Bonita, uma música de rap do BK, um videogame, uma música do Fifth

³⁶ Marta e Bruna R. são graduandas em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, esta é bolsista do Projeto É da nossa Escola que falamos e aquela bolsista do Artes Insurgentes. Serão melhor apresentadas no próximo tópico.

Harmony, um poema, um desenho, entre outras tantas formas de falar de si. Depois pedi para que todes falassem dos seus interesses em pesquisar sobre a relação de gênero e escola e com isso, eu também digo da minha trajetória com esse tema de pesquisa (Diário-escreviente, 12/09/2022, Mayara).

Nesse momento, uma estudante balbucia uma fala mas a voz falha, embarga, ela relata ter sofrido um assédio e que a pesquisa seria uma possibilidade de conversar sobre isso com outras pessoas que também passaram por isso. Outra estudante que estava do lado dela, pega sua mão e a tenta apoiar, nesse momento, se inicia algo não previsto, a roda vai girando, a gira vai rodando e as pessoas, principalmente corpos femininos e feminilizados, vão compartilhando violências sofridas dentro e fora da escola. Praticamente todes contaram sobre algo que viveram nesse sentido. Foram histórias que nos golpearam, parecia um grito de socorro sufocado, relataram não somente violência de gênero, como também racismo e lgbtfobia. Eu senti a encarnação da encruzilhada, conforme Akotirene (2019) aborda, a interseccionalidade é a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtoras de cruzadas identitárias, a partir da sobreposição de gênero, raça e classe, ou seja, nesse momento, no meio das entrevistas coletivas vimos como gênero não se discute sozinho.

Entre os relatos, as/os estudantes começaram a trazer a ausência de um profissional da Psicologia na escola, e de que como o que a gente estava fazendo já era importante para escola, esse lugar de escuta fazia diferença. Não imaginávamos que uma entrevista coletiva acabaria se tornando um espaço de cuidado. Tivemos que interromper o que havíamos programado pois as falas foram seguindo, e o tempo estava acabando. Tiramos uma foto e encerramos (Diário-escreviente, 12/09/2022, Mayara).

Figura 23

Equipe de pesquisadoras da UFC na seleção do PIBIC-EM



Dentro do *uber*, retornando para a UFC, fizemos uma rápida reunião e selecionamos duas bolsistas, levamos em consideração a proximidade com o tema, a articulação com o grupo e o desejo de estar ali. Divulgamos o resultado por meio de mensagens no Whatsapp aos que participaram da entrevista e aquelas/es que não foram selecionadas/dos convidamos para ainda assim participarem conosco como extensionistas do projeto, nenhum demonstrou interesse.

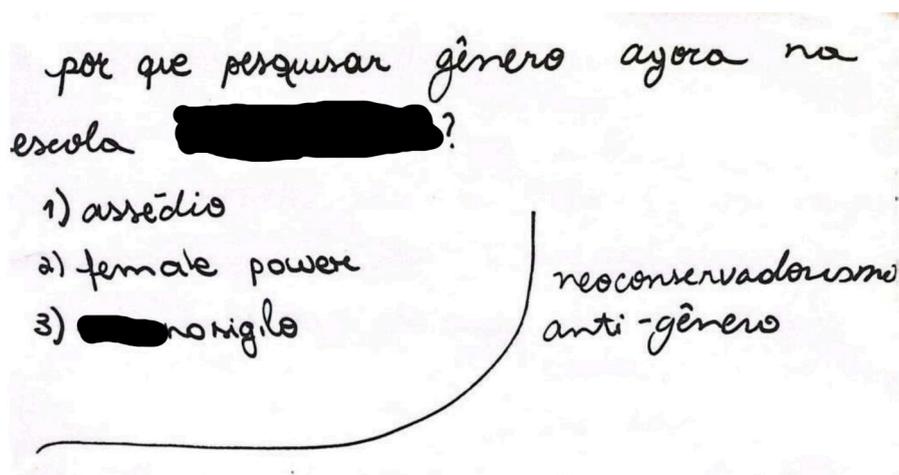
Alguns dias depois, a bolsista voluntária selecionada desiste por questões pessoais e com isso tivemos que retomar o processo seletivo, seguindo a mesma estrutura da anterior, só que agora sem bolsa remunerada e com a própria bolsista já compondo a equipe de seleção. Passamos em sala novamente, formulário aberto. Inscreveram-se dois estudantes, ambos foram chamados para a fase de entrevista coletiva como também os que não haviam passado na primeira seleção, entretanto, só uma pessoa compareceu e esta decidiu aceitar a bolsa

voluntária. Sendo assim, fechamos nossos bolsistas, composta por dois estudantes do 1º ano turno tarde da escola-céu ambos estudavam na mesma sala.

Entre o Macro e o Micro: As Primeiras Inquietações sobre a Urgência de Pesquisar Gênero na Escola-céu. Por que pesquisar gênero na escola-céu? Essa foi uma das perguntas que mais fiz ao decorrer de um ano de investigação, desde a seleção do PIBIC-EM aos encontros semanais do grupo de pesquisadoras/es. Faz sentido? É um tema que nos convoca? Que convoca esta escola?

Figura 24

Trecho do diário-escreviente de Mayara: Por que pesquisar gênero agora na escola?



No meu diário-escreviente, eu coloco o contexto micropolítico e macropolítico que me faz chegar aqui e me faz querer pesquisar gênero nesta escola. 1. O Assédio, caso de violência de gênero, ocorrido entre pares, em maio de 2022; 2. Female Power, criação de um coletivo juvenil que promove ações sobre gênero e sexualidade na escola-céu, criado posteriormente ao assédio; 3. Escola-céu no Sigilo, *instagram* criado por alunes de forma anônima onde são divulgadas brigas entre alunes, cantadas, ameaças com envolvimento de

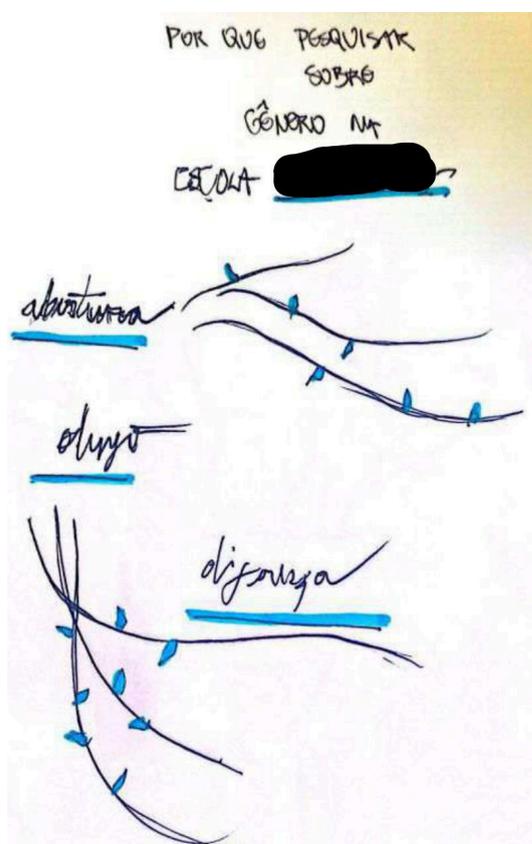
grupo armados, denúncias de assédio e conteúdos com conotação sexual. E o que incide em tudo isso? O neoconservadorismo e o anti-gênero.

Para Santos (2020), o surgimento de um novo conservadorismo no Brasil, chamado de neoconservadorismo, se deu em meados de 2005, quando de discussões no legislativo federal relativo à pauta do aborto. Este neoconservadorismo tem como foco do combate as questões de gênero, a temas como família, orientação sexual, direitos reprodutivos, dentre outros. Sendo assim, os seguimentos conservadores e religiosos pregam a visão que a família tradicional (homem/mulher) é a natural e única a ser creditada, devendo ser seguida por todos; que a maternidade estaria na “essência da mulher”, não podendo assim, ser questionada; que a heterossexualidade é correto, e a homossexualidade uma prática a ser abominada, tudo isto como uma forma de manter ou retornar ao *status quo* ante no qual o “normal” da sociedade é a família biológica composta por um homem e uma mulher, heterossexual, ou seja, a família tradicional, heteronormativa, nos moldes do patriarcalismo (Junqueira, 2019).

Além disso, estes reacionários encontram no território escolar um dos principais locais de disputa e embate. Pois, para os mesmos na escola há uma “ditadura de gênero” a promover uma doutrinação das crianças e adolescentes. É a partir desta concepção de mundo, que a escola é aquela à qual tem recebido forte crítica do movimento conservador, vindo assim, a ser “calada” a sua liberdade da prática docente, pensamento crítico, frente ao avanço destes grupos (Junqueira, 2019). Esse contexto macropolítico é o que também produz o micropolítico abordado acima, desde um caso de assédio e violação dos direitos e do corpo de uma mulher, à um meio de divulgação online de comportamentos machistas.

Figura 25

Folha do diário-escreviente de Marta: Por que pesquisar gênero na escola?



Marta também registra o por que pesquisar gênero na escola-céu. Para ela há uma abertura da escola, da comunidade escolar, do núcleo gestor, que desde maio de 2022 abriu os portões da escola para o Projeto Artes Insurgentes. Há desejo, tanto por parte também na escola, da comunidade escolar que se inscreveu para participar como bolsista, como do núcleo gestor, em que a diretora sorriso disse anteriormente “era o que a gente tanto queria, tô muito animada” (Diário-escreviente, 08/09/2022, Mayara), e um desejo nosso. E por fim, há diferença, há produção de diferença.

Ademais, nas primeiras andanças ao território da escola-céu que mencionei acima percebe-se por exemplo no mural da escola, ao colocar quatro cartazes em celebração a IV Semana Janaína Dutra e o cartaz com o Zap Delas, canal de denúncia de assédios sexuais, institucionalmente a escola-céu parece abraçar a discussão. Como também no primeiro dia de

entrevistas coletivas, os diversos relatos sobre assédio e violências sofridos por estudantes dentro e fora da escola. Tudo isso nos convoca para pensar a urgência de pesquisa gênero agora na escola-céu, tudo isso construiu o terreno para esta pesquisa acontecer. Resta pensar nas forças instituintes, nos ditos que com o tempo e com a pesquisa poderiam emergir.

“Povoada, Quem Falou que eu Ando Só?”

Figura 26

Equipe de pesquisadoras/es PIBIC-EM no V Festival das Juventudes



Essa música “Povoada”³⁷ está na íntegra em um dos meu diários-escrevintes, num encontro que tivemos de forma remota, escolhemos colocar algumas músicas para as pessoas irem chegando na reunião. A primeira música colocada foi essa. “Eu também sou terra, a gente também é terra que povoa. Povoada. Quem falou que eu ando só? Tem em mim mais de muitos.”

³⁷ Povoada - Sued Nunes (<https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>)

A Equipe de Pesquisa (Pós-graduação, Graduação, Bolsistas PIBIC-EM e Coletivo Female Power)

Ao longo de um ano de investigação, compuseram a equipe oito pessoas, sendo eu, três estudantes da graduação em Psicologia e quatro estudantes da escola-céu, dois destes bolsistas PIBIC-EM e duas alunas integrantes do Coletivo Female Power que com o tempo foram se achegando. Nesse período, algumas pessoas tiveram que se distanciar por um tempo, outras se aproximaram, no meio destes fluxos, mantínhamos o fazerCOM, o encontro. Todos nós tínhamos nossas singularidades e especificidades, vínhamos de lugares diferentes e ocupávamos lugares diferentes, mas de alguma forma éramos jovens marcados pelas estruturas de poder, seja de gênero, sexualidade ou raça.

Diante disso, incluo a seguir de forma breve uma apresentação individual de cada um que compôs essa equipe de pesquisa, de modo que possamos saber sobre suas trajetórias familiares, econômicas e sociais a partir de suas próprias falas, auxiliando a compreender sobre os contextos em que elas se constituíram.

Alanna é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista PIBIC (FUNCAP) do É da nossa Escola que Falamos, integrante do Artes Insurgentes e uma das minhas. Ao ser perguntada sobre a identificação do seu nome, ela preferiu manter. Alanna é uma mulher, cis, preta e bissexual.

“Para chegar aqui, aconteceu a importante decisão de deixar o berço. Saí de Barra do Corda, do Maranhão, com destino a Psicologia da UFC. Uma mulher negra se sentindo bem no ensino superior e podendo transitar por suas vontades. No 7º semestre de vivências na universidade, passo a integrar o Artes Insurgentes, o lugar-coletividade que experimento a arte como uma enunciação do que somos e podemos, pensar o lugar em que estamos e como ele se manifesta. O “Artes” me devolve a possibilidade de habitar a nov(a)cidade e me apresenta o Grande Bom Jardim e lá tecer redes. No GBJ

compreendo que não há como a produção estar cercada pelos muros da universidade. Busco por ser pesquisadora de PIBIC do projeto É da Nossa Escola e, em especial, me integro ao projeto de PIBIC-EM relacionado a dissertação de Mayara. Desde a escolha de uma primeira escola, a ansiedade de mudar de escola e ser abraçada pela escola-céu, estive com Mayara. As dúvidas foram se tornando possibilidades e precisamos acolher as novas dúvidas que surgiam para produção de dados. Discutir com Isaac, Malakai, Brena e Bruna mostra que todo trabalho é muito maior do que se pode relatar. Assim a pesquisa se constrói e eu me construo” (Diário-escrevente, 18/06/2023, Alanna).

Conheci Alanna na seleção de 2022 do Artes Insurgentes, naquele exato senti um certo encanto, mas uma distância entre nós, talvez por estar ainda em telas do *Google Meet* ou pela timidez ou pela ansiedade. Ao decorrer do ano fomos nos aproximando e tive a grata surpresa de tê-la próxima ao PIBIC-EM. Mal sabia eu que com os fluxos de idas e vindas, Alanna seria a que esteve desde o começo e a única que se manteria até o final. Nunca vou esquecer do dia que tínhamos um encontro na escola-céu e nós estávamos de férias, mas mesmo assim, você insistiu em me acompanhar, pois a pesquisa não era minha, era nossa. Nunca me senti sozinha, nunca achei que eu andava só, sempre te tive comigo. Obrigada pela presença e continuidade. Meu ôrí te celebra.

Marta é Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista do Artes Insurgentes e uma das minhas, ao ser perguntada sobre a identificação do seu nome, ela também preferiu manter. Marta é uma mulher, cis, branca e bissexual.

“Eu sou do interior do Ceará, chego na UFC com o brilho no olho da menina que queria dá orgulho às rugas de minha mãe e ao sorriso torto do meu pai. Na psicologia, pude experimentar campos, gostos e sensações muito distintas, e passados alguns semestres, entro em contato com o projeto Artes Insurgentes. O “artes”, junto a outros

poucos espaços dentro da academia, me fez crer que era possível mergulhar na arte de outras formas e fazer com que ela transbordasse muito além de copo, mar, céu. Que ela irrigasse territórios, corpos, olhos brilhantes e mãos calejadas. Dentre as atuações em campo do projeto, o PIBIC-EM de Mayara foi uma experiência nova, em um campo novo a ser habitado, com pessoas diferentes e discussões outras, mas ainda com o mote da arte e experimentação que produzem e apostam em outras vidas possíveis. Chego na escola-céu com o desejo de encontrar, de discutir, de construir outras noções para além do cristalizado que rondava o conceito e experiência de “gênero”. Havia a possibilidade de explorar os não ditos, mas deveras sentidos, que atravessam o território da escola, com corpos que pulsam, que diferem, que vibram em frequências tão únicas, mas ao mesmo tempo tão alinhadas. A proposta de construir um outro fazer pesquisa, um fazer que se faz junto, com risada, olho no olho e conversa abriu meus olhos e eu pensei e vi, que realmente é por aí!” (Diário-escrevente, 14/06/2023, Marta).

Não me lembro ao certo quando conheci Marta ou Martinha, mas lendo sua descrição neste momento me pego rindo, um sorriso frouxo, um sorriso besta. Marta ficou acompanhando o primeiro semestre do PIBIC-EM, em torno de 6 meses e nestes 6 meses que te tive como uma das minhas, aprendi muito contigo. Que privilégio te ter como um corpo que enuncia, performa, pinta, sorri, corta, dança, canta, escreve nesta pesquisa.

Bruna R. é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista Pró-reitoria de Extensão (PREX) do É da Nossa Escola que Falamos, integrante do Artes Insurgentes e uma das minhas.

“Meu nome é Bruna, sou uma mulher branca de 23 anos e venho de Limoeiro do Norte, no interior do Ceará, para cursar psicologia na capital, cheia de sonhos, desejos e curiosidades. Dentro do curso de psicologia na Universidade Federal do Ceará pude

experienciar novos afetos, explorar e caminhar por diferentes trilhas, e em uma delas cheguei ao projeto Artes Insurgentes. Dentro desse coletivo pude me aproximar mais da pesquisa da Mayara, amiga pessoal que me inspira e que eu acompanhava os passos acadêmicos mais de longe, e com a atuação conjunta nos projetos pudemos dar as mãos também nas práticas universitárias. A temática de gênero atravessa a minha existência e me puxa para compor esse trabalho em questão, e encontramos na escola-céu um espaço aberto para os nossos diálogos e corpos interessados em criar, discutir, investigar e escrever conosco. A experiência de fazer parte de uma pesquisa-intervenção é transformadora, ao passo que mostra que os caminhos são muito mais diversos do que imaginamos e que podemos unir e potencializar o que temos de afetivo nessa construção” (Diário-escreviente, 21/06/2023, Bruna R.).

Bruna R. é minha amiga pessoal, como ela mesmo nomeia neste relato. Não me lembro ao certo quando conheci Bruna, sei que foi em uma roda qualquer com nossos amigos “os boréis”. Sempre te instiguei pra entrar no É da nossa escola ou no “Artes”, acho que precisava de ti mais perto de mim, que bom que consegui. Bruna teve que se afastar durante o segundo semestre do PIBIC-EM, por conta de desencontros de horários, mesmo um pouco mais distante, você sempre se fez presente. Obrigada por ser abraço e cuidado.

Malakai é a primeira bolsista do PIBIC-EM, ao ser perguntada como gostaria de ser chamada nos escritos deste trabalho, escolheu ser chamada por seu nome no Grafite, sua marca, marca esta que estava no seu diário e nos grafites no muro da escola.

“Malakai tem 15 anos, é uma mulher, cis, branca, pansexual, moradora do Jardim Jatobá, bairro do Grande Bom Jardim. É estudante de uma escola atual no bairro (Escola-céu). Após começar o seu Ensino Médio na tal escola, ela percebeu a dificuldade das pessoas de se sentirem seguras e confortáveis para expressar suas opiniões, sua sexualidade e seu gênero na tal escola, então surgiu um movimento mó massa, tá ligado não? Foi uma coisa muito legal de se chegar, a gente faz as nossas

reuniões, na qual a gente discute sobre as coisas que ocorrem na escola e o que poderíamos fazer para melhorar nisso” (Diário-escreviente, 13/06/2023, Malakai).

Conheci Malakai desde meu primeiro dia pisando no chão da escola-céu, ela participou da primeira conversa que nós do Projeto Artes Insurgentes estivemos para acolher a situação de assédio e desde então, temos nos visto mensalmente nos encontros do Coletivo Female Power e foi sua atuação neste coletivo que a fez se inscrever na seleção do PIBIC-EM. Malakai é uma honra te chamar hoje assim, te chamei durante toda nossa pesquisa pelo nome que você preferia ser chamada e agora te nomeio pela palavra que mais você se identifica, pela forma como você é mais você, como artista, grafiteira.

Isaac é o segundo bolsista do PIBIC-EM e escolheu ser chamado pelo seu nome real, por considerar importante demarcar sua existência ao narrar esta trajetória. Isaac tem 17 anos, é um homem, cis, preto, bissexual, morador do Siqueira e estudante da escola-céu.

“Faço parte de um projeto chamado de PIBIC-EM onde posso compartilhar meus sentimentos, minhas inseguranças e minha sexualidade e também onde podemos pesquisar na escola sobre gênero e sexualidade e isso é muito interessante porque podemos ver o lado do outro e saber que não é só nós que passamos por preconceito e essa opressão” (Diário-escreviente, 13/06/2023, Isaac).

Conheci Isaac no dia da Seleção do PIBIC-EM, quando buscávamos um novo bolsista voluntário depois da desistência da primeira. A partir do mês de maio, Isaac passou a ser também remunerado³⁸. Nesse nosso primeiro encontro você se apresentou como um homem, hétero, cristão, estes marcadores nos assustaram nesse nosso primeiro dia. Tive a honra de acompanhar todo seu processo, hoje te ver florescer para além dessas caixinhas que estão postas tem sido uma das melhores partes da pesquisa. Você me inspira.

³⁸ Além disso, a partir de março de 2023 a bolsa PIBIC-EM teve um aumento, passando de R\$ 100,00 para R\$ 300,00.

Bruna S. é mais uma estudante integrante do grupo de pesquisa, optou por ser chamada pelo seu nome real, por considerar importante demarcar sua existência ao narrar esta trajetória. Bruna tem 17 anos, é uma mulher, cis, preta, lésbica, poetisa, moradora das redondezas do Jardim Jatobá, e é estudante da escola-céu.

“Faço parte do projeto Female Power que se formou na tal escola por causa de uma assédio que teve e a diretoria ficou calada diante o acontecimento, então a escola se mobilizou e com ajuda do povo do JAP criamos o tal projeto, criamos Female não só para pautar esse acontecimento, mas para falar e levantar mais pautas sobre sexualidade e gênero na escola e se os estudantes se sentiam à vontade na tal escola, expondo sua sexualidade” (Diário-escrevivente, 13/06/2023, Bruna S.).

Conheci Bruna também no primeiro dia em que pisei na escola-céu, desde então temos nos encontrado nas reuniões do Coletivo Female Power e em algumas conversas privadas. Bruna constantemente me chama para conversas reservadas na escola-céu, para partilhar amores, sorrisos e tristezas. Bruna teve um movimento durante esse um ano de pesquisa de ir e voltar, passou algumas semanas distantes, outras mais próximas e respeitamos esse seu movimento. Quero te agradecer pela confiança na gente e por sempre voltar.

Brena é mais uma estudante integrante do grupo de pesquisa, optou por ser chamada pelo seu nome real, por considerar importante demarcar sua existência ao narrar esta trajetória. Brena tem 17 anos, é uma mulher, cis, preta, bissexual, moradora do Jardim Jatoba e estudante da escola-céu, que é um pouco longe da casa dela.

“Dentro dessa tal escola onde ela faz o último ano do ensino médio, pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ não se sentiam bem pra falar sobre a sexualidades deles e sobre o gênero. Bom, entretanto, começou a surgir nessa tal escola rodas de conversas e reuniões para debate e fala sobre gênero na escola e tals comecei a achar legal as pautas que as meninas traziam pra gente, elas perguntavam se

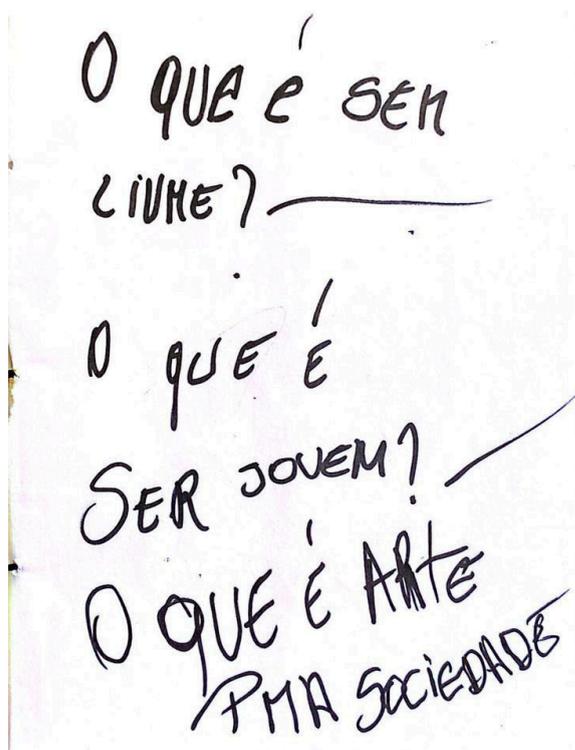
os professores falavam abertamente sobre gênero nas salas e de como era lidado quando havia cometários homofóbicos” (Diário-escrevivente, 13/06/2023, Brena).

Conheci Brena também neste fatídico dia em que pisei pela primeira vez na escola-céu, e desde então temos nos encontrado mensalmente no Coletivo Female Power. Brena foi se achegando timidamente nos dias do PIBIC-EM com dois objetivos, um de faltar a aula, mas também de acompanhar a movimentação. Logo nos primeiros dias ela pediu: Eu não ganho um “cardernin”³⁹ também não? E desde então, ela compõe essa equipe de pesquisadoras/es. Brena tem se experimentado como poeta e confia em mim para compartilhar alguns escritos. Obrigada Brena por mostrar vulnerabilidade e disponibilidade, mesmo sem receber a bolsa, esteve sempre presente e disposta.

“Somos a Voz dos Jovens”: PesquisaCOM Juventudes

Figura 27

Folha do diário-escrevivente de Brena



³⁹ Esta fala de Brena foi logo nos nossos primeiros encontros de produção dos nossos diários-escreviventes, dessa forma, carderin é um diário ainda cru.

Esta imagem acima é uma das folhas do diário-escreviente de Brena, não sei ao certo qual foi o dia em que ela escreveu, em que situação, imagino eu que tenha sido no Festival das Juventudes⁴⁰ já que Ser Livre e Ser Jovem são duas temáticas abordadas. De qualquer forma, o que é ser jovem? E ser jovem é um dos nós que amarram nossa equipe de pesquisadoras/es. Tódes desde a mais velha, no caso eu, ou a mais nova de 15 anos, estávamos circunscritas nas juventudes com s no final, categoria social que reivindica modos de subjetivação múltiplas e diversas. Esse deslocamento para as juventudes colabora para a construção de um olhar mais crítico sobre essas experiências, como Marta coloca na capa do seu diário-escreviente: “A juventude configura um universo social descontínuo e em constante transformação”.

Figura 28

Parte da capa do diário-escreviente de Marta



⁴⁰ O Festival das Juventudes é uma iniciativa formativo-cultural que acontece desde 2018 no território do Grande Bom Jardim (GBJ), junto às juventudes e movimentos sociais da região. É organizado a partir de quatro eixos temáticos, a saber: 1) Ser jovem; 2) Ser jovem agente de paz; 3) Ser livre; 4) Ser das áreas. Tais eixos funcionam como “guarda-chuvas” que ajudam a montar a programação de cada um dos dias do evento.

Segundo Diógenes (1998, p. 93) “É tecida em um terreno de constantes transformações”, desse modo, pesquisar COM juventudes implica um esforço de considerar seus pertencimentos, seus campos de interação, suas trajetórias e experiências, atento a essa heterogeneidade. Direciona-se o olhar para as juventudes não mais sob um prisma da representação, mas enquanto sujeito atuantes e implicados em seus cotidianos (Miranda et al 2016; 2017). Não é qualquer juventudes que pesquisamos COM, são juventudes negras, periféricas, mulheres e LGBTQIAPN+, assolados pelo recrudescimento das desigualdades e das violências, traços estes de um sistema moderno-colonial e necropolítico (Barros et al, 2016). Segundo Mbembe (2018, p. 152) trata-se das “formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”, isto é, processos históricos de silenciamento, invisibilização e extermínio das juventudes em sua maioria negra e pobre.

Figura 29

Folha do diário-escrevinte de Brena: Juventude

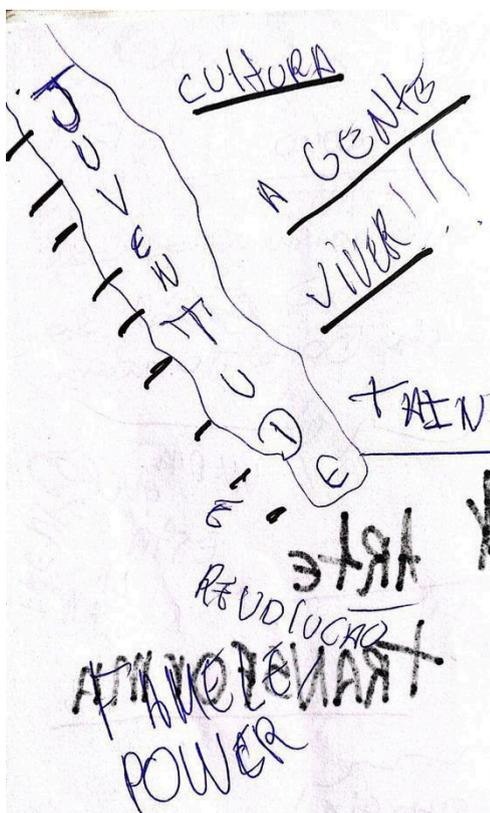
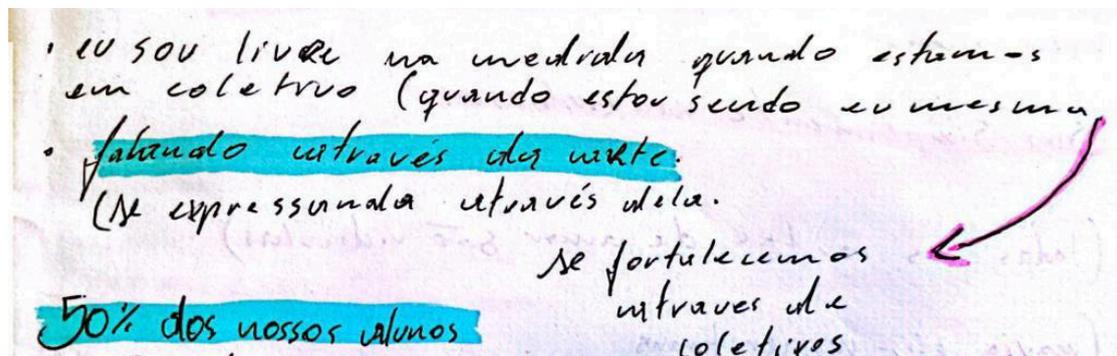


Figura 30

Trecho do diário-escreviente de Brena



Talvez o que Brena tenha rabiscado no seu diário-escreviente esteja de difícil leitura então irei legendar:

“Eu sou livre na medida que estamos em coletivo (quando estou sendo eu mesma/ se fortalecemos através de coletivos” (Legenda do diário-escreviente acima).

Em meio a tantas políticas de mortificação, é uma juventude que também se movimenta, se fortalece, se mobiliza e revoluciona. Dos quatro integrantes jovens secundaristas, três fazem parte do coletivo Female Power, coletivo este de luta que abordei na introdução, criado por estudantes com participação também do Coletivo Jovens Agentes de Paz e do Artes Insurgentes que tem como objetivo desenvolver ações que pautem gênero, sexualidade e raça na escola, desde que aconteceu um assédio entre pares. Desse modo, a criação de um coletivo foi a estratégia de enfrentamento e de resistência a esta violência, o entendimento de resistência utilizado aqui possui inspiração nas reflexões de Mbembe (2019) e Achinte (2017), em que em que não se caracteriza como mera oposição, negação e reação às relações estabelecidas, mas como criação e invenção de modos de re-existência. Ser parte de um coletivo é criar outras formas de existir em face a um contexto marcado por políticas de

morte, extermínio, invisibilidade e silenciamento (Diógenes, 2020). É criar novos caminhos possíveis para ampliar as possibilidades de garantia de direitos.

Os coletivos são constituídos por organizações coletivas (formais e informais), e provocam novos arranjos sociais de participação, reivindicação e mobilização social. Podemos refletir que esses coletivos juvenis aderem ao que Grosfoguel (2008) defende: a existência de pensamentos de fronteira como um dos mecanismos de enfrentamento, resposta crítica e reafirmação de novas formas de participação e resistência social, sendo respostas epistêmicas dos subalternos ao projeto eurocêntrico da modernidade. Dessa forma, a relação dos coletivos de juventudes com os processos de decolonialidade é evidenciada a partir das lutas que envolvem esses coletivos, que são afetos a reivindicar liberdade do corpo, da sexualidade, do gênero, da participação política, do direito social.

Permita-se!
 - Mas... Ao quê?
 Permita-se a ser você.
 Permita-se ao seu corpo.
 Permita-se ao choro, alegria, ao que for.
 Permita-se a vida, a sonhos, o que a
 imaginação trazer.
 Permita-se a ficar de pé, a cair.
 Permita-se permitir a permissão de nunca
 desistir

(Megh Coelho)⁴¹

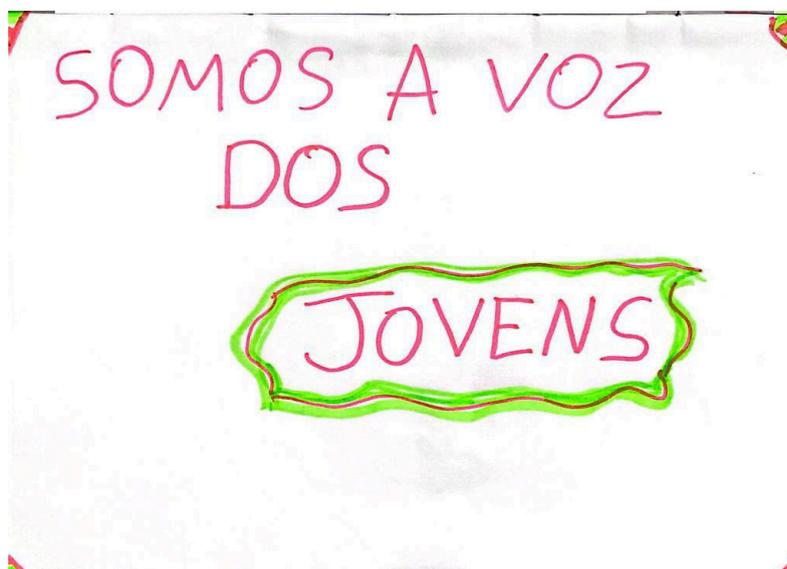
O território do Grande Bom Jardim é reconhecido como terra que brotam muitos coletivos juvenis. Apesar de uma realidade complexa e carregada de estigmas sociais, por meio de uma epistemologia marginal, coletivos juvenis têm construídos alianças com diferentes instituições e territórios com o intuito de reinvenção de si e dos modos de vida existentes nas periferias, possibilitando novos territórios existenciais. Com isso, os coletivos juvenis assumem importante militância como expressão e memória de movimentos sociais na periferia e, assim, criam produtos estéticos e políticos no fortalecimento de identidades sociais

⁴¹ Megh Coelho é artista do Grande Bom Jardim, jovem preta, periférica, LGBTQIAPN+, brincante do Maracatu Nação Bom Jardim e do Brincantes Sonoros, integrante do coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), integrante do PRETARAU e poetisa.

e de resistência no território. A formação de coletivos da juventude é, portanto, uma forma de dar voz e vez àqueles que seriam os subalternos na lógica colonialista, rompendo com o silêncio e introduzindo possibilidades de uma fala, uma crítica, sobre as violências da colonização em relação à juventude ou aos pensamentos reproduzidos por uma determinada ideia de juventude que acaba sendo muito distante da realidade de vida dos grupos que a representam.

Figura 31

Folha do diário-escreviente de Malakai: Somos a voz dos jovens



A imagem acima é uma das folhas do diário-escreviente de Malakai. Durante alguns minutos fiquei “pegando viagem” somos a voz dos jovens, somos a voz dos jovens, somos a voz dos jovens. Tanto estar em um coletivo, quanto erguer a voz por uma juventude diz de uma participação político social, que não é dada para a juventude. O lugar social da juventude é entendido como sujeitos que ainda estariam se preparando e se aprimorando para sua entrada na cena política. O que é esperado é que ao atingir a maioridade (reconhecida pela sociedade) seja aos 16, aos 18 ou aos 21 anos, o jovem passe a se interessar e poder atuar de

forma política. Tal maioria consistiria, em última análise, no momento em que os sujeitos teriam chegado ao patamar intelectual e psicológico ideal para entenderem a si, os outros e o mundo, sendo considerados, portanto, aptos a ingressar na sociedade democraticamente organizada, com suas regras, códigos e práticas (Pérez et al, 2008).

A juventude que participa dessa pesquisa e tantas outras vai de confronto a isso, é uma juventude que se organiza politicamente, que se manifesta na escola, nos equipamentos, nas ruas. É uma juventude que é voz. Em meio a tantos regimes de autorização discursiva sobre as vozes, a juventude quer falar, e, principalmente, ouvir-se e ser ouvida quanto a vida, cidade, direitos humanos, arte, corpo, gênero, sexualidade, entre outros tantos temas.

Para finalizar este capítulo, não é atoa que não nomeei minhas/meus colegas como participantes da pesquisa, é certo de que participaram, mas suas atuações estão para além. As nomeio como equipe de pesquisa, e o que é equipe de pesquisa? O que é fazer parte da pesquisa? O que é ser pesquisadoras? Ou melhor, devir-pesquisadora. O que é fazer a agência de pesquisa de forma coletiva? Acho que é isso. Coletivo. Compartilhar. Como diz Nego Bispo, é saber compartilhado.

Capítulo 3 - ESCRIVIVÊNCIAS DE CAMPO: Elaboração/produção das Experiências de Gênero no Cotidiano Escolar

Nesta proposta de pesquisa-inter(in)venção, entende-se o dispositivo a partir de Lourau (1993), um conceito-ferramenta de análise. É a partir do dispositivo que se põe algo em funcionamento e se criam situações que articulam elementos heterogêneos, acionando modos de funcionamento que produzirão certos efeitos. Aqui foram utilizados os seguintes dispositivos metodológicos, relacionados às escrituras de campo: 1) Diários-escrevíveis, realizadas por todos aqueles que compuseram a equipe de pesquisadoras/es; 2) Oficinas artísticas: CURA(DOR)IA em foco, resultado das produções artísticas oriundas desse dia de culminância da pesquisa.

O quadro abaixo possibilita visualizar a escolha de cada ferramenta articulada com os objetivos deste estudo:

Tabela 1

Objetivos alinhados com as estratégias metodológicas

Objetivo	Estratégias Metodológicas
Discutir a relação entre escritura e decolonização para as políticas de pesquisa implicadas.	Diários-escrevíveis
Analisar os efeitos de utilizar a escritura como operador para o campo da pesquisa-intervenção realizada COM jovens secundaristas.	Diários-escrevíveis
Mapear o uso da escritura como elaboração das experiências de gênero (re)produzidas no cotidiano da escola lócus da pesquisa.	Diários-escrevíveis Oficinas artísticas: CURA(DOR)IA em foco.

Nota. Elaborado pela autora.

Diários-escrevientes⁴²: Elaboração e Escrita Daquilo que Fala de Nós

Figura 32

Folha do diário-escreviente de Alanna

26/09

Hoje levantei sabendo que encontraria Mayara, Marta e [redacted] e ao encontro deles vou. Desejo que seja exatamente isto. Um encontro. Chegamos juntos na escola eu, Marta e May, tomamos um café, esperamos por [redacted] enquanto recebemos um convite para promover uma conversa enquanto psicólogas. Como habilitaremos esse espaço? Quais expectativas no rodarism?

Quando [redacted] chega, nos dirigimos ao local onde faremos. Começamos parabenizando e agradecendo por comparecer com a gente. [redacted] compartilha de si, a conheço um pouco melhor, a medida que ela nos chama para aproximar de histórias dela. Meu desejo de ser encontro se realiza.

Seguindo o nosso momento, conversamos sobre diário de campo e construímos este que nos acompanhará nessa jornada. O momento é cercado por arte, produzimos aquilo que falta de nós. Além disso, comentamos notícias e compartilhamos dicas de séries. Sinto que o laço se forma.

Na volta, penso em tudo que foi dito. toda a potência do encontro não seria traduzido. Habilitarei aquele espaço com aquelas pessoas. Que seja bom!

Esta é a primeira folha do diário-escreviente de Alanna. Ela descreve o nosso primeiro encontro, este teve como objetivo apresentação da equipe, explicação e assinatura dos termos e produção dos diários de campo escrevientes. Algumas palavras chamam atenção:

⁴² Na mesma semana em que começamos a comprar os materiais para produção dos diários de campo, me pego arrumando o guarda roupa e encontro alguns cadernos, na verdade são diários, diários de minha mãe e de meu pai. Eu venho de uma família com a tradição de escrita de diários, mesmo já estando na vida adulta, meus pais seguem escrevendo em seus diários, cadernos e agendas sobre seus dia-a-dias. Eu tenho uma relação com diários antes mesmo de nascer, tenho diários de gestação, parto, bebê e meus pais sempre me incentivaram a escrever em diários e agendas.

Encontro;

Laço;

Nós.

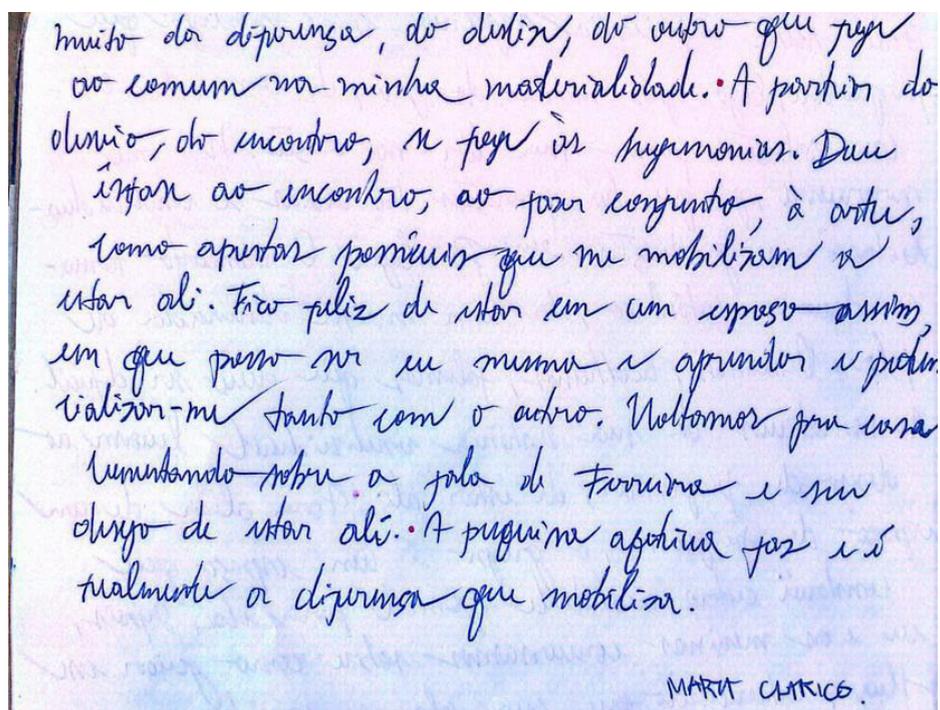
“Hoje levantei sabendo que **encontraria** Mayara, Marta e Malakai e ao **encontro** delas vou. Desejo que seja exatamente isso. Um **encontro**. (...) Quando Malakai chega, nos dirigimos ao local onde ficaremos. Começamos parabenizando e agradecendo por compor com a gente. Malakai compartilha de si, a conheço um pouco melhor a medida que ela nos chama para aproximar da história dela. Meu desejo de ser **encontro** se realiza. Seguindo o nosso momento, conversamos sobre diário de campo e construímos este que nos acompanhará nessa jornada. O momento é cercado por arte, produzimos aquilo que fala de **nós**. (...) Sinto que o **laço** se forma. Na volta, penso em tudo que foi dito, toda a potência do **encontro** não seria traduzido. Habitarei aquele espaço com aquelas pessoas. Que seja bom!”

(Diário-escreviente de Alanna, 26/09/2022).

Sempre chamávamos nossa ida à escola-céu de encontro, se você pesquisar aqui nesta dissertação, eu utilizo mais de 100 vezes a palavra encontro. Fazer da pesquisa um encontro não é óbvio, não é algo dado, como Alanna mesmo relata ela deseja ser encontro. Ser encontro é desejo, em contraponto a pesquisas que se fazem com distanciamento, apostamos naquilo que se faz junto, que se faz com, que se faz com afetividade, permitindo afetar e ser afeto produzindo assim bons encontros (Espinosa, 1973). E é nesse encontro com o outro que construímos nossos laços e fazemos o nó(s).

Figura 33

Trecho do diário-escrevente de Marta



“(…) A partir do desvio, do encontro, se foge às hegemônias. Dar ênfase ao encontro, ao fazer conjunto, à arte, como apostas possíveis que me mobilizam a estar ali (…)” (Trecho do diário-escrevente de Marta, 26/09/2022). Esse é o final da primeira página do diário de Marta, também sobre o nosso primeiro **encontro**.

Na pesquisa-intervenção, a relação entre pesquisadora-pesquisada e campo transforma-se em um aspecto crucial da produção de conhecimento, uma vez que determina os próprios caminhos da pesquisa (Aguiar & Rocha, 1997). A utilização de diários de campo como ferramenta de pesquisa possibilita visibilizar aspectos da implicação da pesquisadora com o campo estudado. Em experiências de pesquisa do nosso grupo em escolas anteriores, utilizamos cadernos ou plataformas online como *Google Docs* para a escrita coletiva do diário de campo. Nesta investigação, no entanto, decidimos coletivamente fazermos nosso caderno a

mão, cada linha que passa pela folha, cada folha de papel junta, cada capa ou contracapa foram feitas por nossas mãos.

Lembro que essa ideia não estava programada desde o início, surgiu em uma reunião de planejamento do PIBIC-EM entre as participantes oriundas da universidade, em que ao imaginarmos os diários de campo da nossa pesquisa não queríamos um caderno industrializado, apostamos e experimentamos a arte, resolvemos experimentar a costura de cadernos, quem diria que esses diário-escrevíveis que passamos horas aprendendo a fazer no *Youtube* se tornariam a centralidade desta pesquisa. Tecer as linhas do papel foi um movimento concreto e físico do que a escrevivência acabou se tornando pra nós. Rasgamos o papel com a linha, rasgamos uma história que talvez não contasse de nós, reivindicamos os nossos papéis e histórias. Construimos de forma artesanal os nossos diários-escrevíveis para podermos falar de nós.

O primeiro encontro do PIBIC-EM se dividiu em três momentos. Primeiro discutimos um pouco sobre o que era um diário de campo, desde o uso que fazíamos durante nossas infâncias e do diário como um lugar de escrita segura. Como também levamos recortes de artigos que abordassem nossa perspectiva do diário de campo como ferramenta para nossas pesquisas. Falamos também sobre aspectos históricos e sobre nossas experiências anteriores com esse uso. Depois, partimos para a “mão na massa”. Esse momento durou horas, poderíamos passar o dia todo ali, pegando as revistas, cortando, colando, desenhando, pintando. Fomos passando as folhas das revistas e algumas notícias chamavam atenção, algumas reportagens sobre feminismos, outras sobre serial killers, e fomos mexendo e conversando. Depois de construirmos nosso diário, fizemos uma rodada breve explicando o por que colocamos aquelas coisas nele, a capa e a contracapa, tiramos várias fotos e fomos embora (Diário-escrevível, 26/09/2022, Mayara)

Figura 34

Diários escrevíveis do grupo de pesquisadoras/es



Começaremos pelo meu:

Figura 35

Capa e contra-capinha do diário-escrevível da Mayara



Peço perdão, cara leitora neste dia que escaneamos todos os diários, o meu já havia sofrido algumas marcas de uso e de tempo, de dias movimentados dentro do ônibus na minha mochila ou na minha mão. A primeira parte da minha capa bem acima é um recorte de revista de uma comunidade, uma quebrada, um morro, uma periferia, não sei exatamente qual, mas muito se assemelha visualmente com a comunidade que estou habitando, o Grande Bom Jardim (GBJ), as casas sem reboco com os tijolos a mostra, as caixas d'água aparente, árvores e duas mulheres negras. Queria colocar um registro do local que esta pesquisa está sendo feita, a margem. Depois letras heterogêneas que compõem a palavra “diário de campo”, algumas imagens e uma específica, a branca, que na verdade é amarela, que possui um desenho com um relógio, para mim, era uma bomba-relógio. Coloquei esta imagem por entender que estamos inseridos num contexto de guerra, sinto nossas corpas no meio de um bombardeiro, sendo atacadas constantemente, eles querem nossas corpas apagadas, silenciadas, mortas. “Trata-se de afiar a lâmina para habitar uma guerra que foi declarada à nossa revelia, uma guerra estruturante da paz desse mundo e feita contra nós.” (Mombaça, 2016, p. 10). E a pesquisa pra mim é a gente fazendo barricada.

A frase que estava na minha cabeça toda hora era, eu vou destruir o seu mundo branco, cis, hétero, de homem, sei lá, e a minha ideia era tipo isso, que aqui a gente constrói uma prática de desobediência, de uma luta e de uma guerra que já é colocada contra nossos corpos, nessa ideia mesmo de ser um artifício de guerra, uma guerra contra nós (Fala transcrita, 26/09/2023, Mayara).

Já na contra-capas, também coloquei a palavra recortada de uma revista “EXPLOSIVA”, a partir também dessa noção também que estamos contra-atacando. No meio da contracapa, duas imagens, a primeira, mais a frente, apresenta as mãos de um homem preto com a frase em grafitti “canta liberdade”. Essa imagem me remeteu as/aos minhas/meus ancestrais, nós, povo negro, que foi escravizado e que arrancamos as correntes que nos

prediam e que agora podemos cantar a liberdade. A pesquisa me lembra esse canto, podemos ser quilombo.

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo quando a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição (Nascimento, 2018, p.7).

Mais para segundo plano da contra-capa, escondida por outros recortes, tem um retalho de uma imagem de um corpo-policial, talvez não dê pra você, leitora/leitor ver muito bem, mas coloquei a imagem de um policial por simbolizar uma daquelas instituições que nos violenta, desde George Floyd e Breonna Taylor nos Estados Unidos, ou de João Pedro, jovem de 14 anos que morreu pelas mãos da Polícia Militar do Rio de Janeiro aqui no Brasil, ou tantos outros jovens pretos da periferia que são assassinados pela violência policial ou que diariamente sofrem agressões e “bacos”. E por fim, mais abaixo, a imagem do mapa mundi de cabeça para baixo, subvertendo essa lógica norte-sul, essa diferença colonial que está para além de geográfica, que é baseada na desumanização, subjugação e hierarquização racial, geográfica, cultural, subjetiva, política, etc, que instaura o colonialismo como um sistema de dominação e exploração material e simbólica, e a colonialidade como a perpetuação desse sistema mesmo após o suposto fim das ocupações coloniais (Ballestrin, 2013).

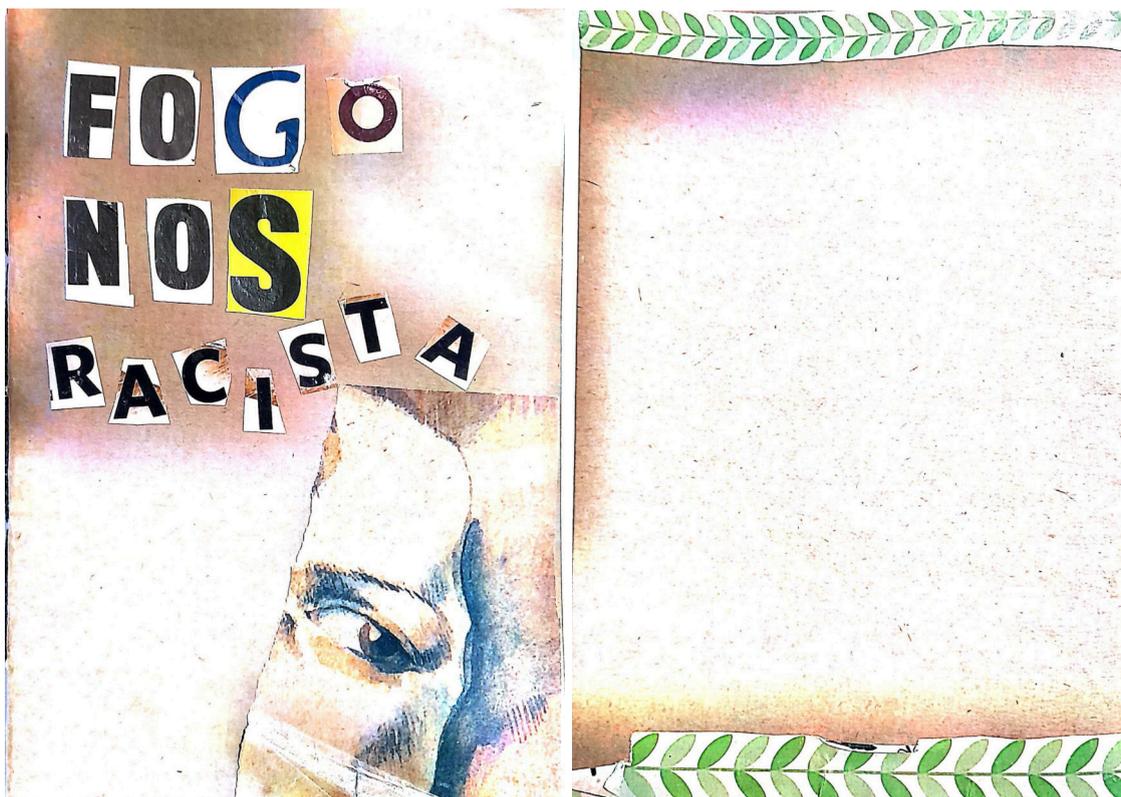
“Mas o povo de luto vai lutar
 Sistema quer nos calar
 Calar, empurrar os fatos
 Esquecer? Jamais!
 Favela quer paz
 E, lutará por ela.
 Chega de sangue derramado por becos e vielas
 Favela vive e sempre viverá!”⁴³
 (Geovane Rodrigues)

⁴³ Trecho da poesia de Geovane Rodrigues, artista do Grande Bom Jardim (GBJ), poeta, percussionista, jovem agente de paz, assassinado em 2021 vítima da violência urbana.

Estes aspectos que trouxe na capa e na contra capa do meu diário, podem se relacionar também com o que Isaac colocou:

Figura 36

Capa e contra-capa do diário-escrevivente do Isaac



“Não, eu falo na próxima” (Fala transcrita, 26/09/2023, Isaac). Quando chegou a vez de Isaac explicar o que havia colocado como capa e contra-capa de seu diário ele preferiu não dizer. Essa próxima nunca aconteceu, não voltamos a perguntar o por que ele havia colocado “FOGO NOS RACISTA”. Hoje eu não sei se precisaríamos de uma resposta para essa pergunta, por que fogo nos racistas? Acho que essa colocação não precisa de um porque. Curioso pensar que na primeira expressão da escrevivência numa pesquisa sobre gênero ele coloque esta frase. Reiterando mais uma vez que pesquisar sobre gênero não pode ser só sobre gênero, precisa ser inevitavelmente interseccionada com raça. Fogo nos racista parecia ser um

grito de algo que precisava sair. A frase “fogo nos racista!” tornou-se um dos hinos da luta antirracista no Brasil. O verso icônico é o refrão do single Olho de Tigre, de 2017, escrito pelo rapper Djonga.

“Um boy branco, me pediu um high five
 Confundi com um Heil, Hitler
 Quem tem minha cor é ladrão
 Quem tem a cor de Eric Clapton é
 cleptomaníaco
 Na hora do julgamento, Deus é preto e
 brasileiro
 E pra salvar o país, cristão, ex-militar
 Que acha que mulher reunida é puteiro
 Machista 'tá osso
 E até eu que sou cachorro não consigo mais
 roer
 E esse castelo vai ruir, e eles são fracos, vão
 chorar até se não doer
 Não queremos ser o futuro, somos o presente
 Na chamada a professora diz, "Pantera Negra"
 Eu respondo, "Presente"
 Morreu mais um no seu bairro
 E você preocupado com a buceta branca (...)
 Sensação, sensacional
 Fogo nos racista” (Olho de tigre - Djonga)

A canção entona versos afiados contra o racismo e o fascismo no Brasil, com ira lírica que informa a consciência do autor quanto a sua identidade singular de jovem favelado negro de pele retinta, marcadores que se assemelham ao de Isaac e a de tantos outros. A frase é uma convocação para a juventude negra estar pronta para ruir o castelo dos brancos.

RUIR-BOMBA-DESTRUIÇÃO-BARRICADA-EXPLOÇÃO-GUERRA-FOGO

FIM.

Fanon (2005) afirma que a decolonização é um projeto de desordem total, uma vez que tem como horizonte radical a destruição de todos os regimes, estruturas de poder instaurados pela colonização. Não se trata de encontrar um consenso, ajustar o mundo e conformar a diferença colonial num arranjo pacífico. A situação colonial não permite conciliação, porque é sempre assimétrica; ela se funda na violência do colonizador contra as

gentes colonizadas e se sustenta no estabelecimento e na manutenção de uma hierarquia fundamental perante a qual a colonizada pode apenas existir aquém do colonizador. Não há negociação ou reforma possível, portanto. Somente a revolução, o fim deste mundo que conhecemos (Mombaça, 2021). Este mundo forjado e sustentado em uma ética racista, cisheterossexual, patriarcal e moderno/colonial, nunca nos foi suficiente, nunca coubemos. E a destruição deste mundo começa com a imaginação.

Outro diário que trouxe essa aposta na revolução foi o de Marta:

Figura 37

Capa e contra-capa do diário-escrevente da Marta



Eu coloquei a revolução com arte, porque é como eu acredito como ferramenta, como forma de subjetivação, é a minha forma (...) Ai eu coloquei essa frase que eu achei legal (A juventude configura um universo social descontínuo e em constante

transformação) e coloquei que é por deslize, por que é pela diferença, pelo erro, eu acredito muito nisso, que é isso aí que vai produzir alguma coisa outra que fuja ao normativo, aí botei aqui atrás um mapa de desequilíbrio, por que na mesma ideia é pelo desequilíbrio, pela oposição que a gente faz alguma coisa diferente, aí botei um céu, fiz um negócio meio rizomático (Fala transcrita, 26/09/2023, Marta).

Deslize, erro, desequilíbrio, são muitos dos significantes que nos colocam para nomear corpos que estão fora da norma cis, hétero, binária. Quando estava transcrevendo este dia, a fala de Marta me lembrou esta frase dita por Jair Bolsonaro em 2017, que ainda reverbera e reverberou durante todo o seu mandato como presidente “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” (Revista Fórum, 2017). Nós fomos colocados neste lugar da fraquejada, do deslize, do erro por muito tempo, historicamente sempre estivemos no campo das patologizações e psicologizações, como corpos “anormais”, nos constituíram como existências abjetas, estabelecendo modelos de suposta coerência entre sexo biológico e gênero cultural como marco de normalidade e saúde (Bento, Pelúcio, 2012).

Entretanto, essa identidade que nos foi imposta, nós tomamos para si e a profanamos. Estamos sim no erro, na margem, no deslize, no desequilíbrio, mas como Marta relata, acreditamos nessa diferença como possibilidade de produzir algo que fuja ao normativo, como possibilidade de luta. As performances de gênero que reivindicam a inteligibilidade fora dos marcos naturalizantes teriam o efeito de fazer proliferar diversas configurações de gênero, como camadas sobrepostas de ressignificação do masculino e do feminino, em um movimento contínuo de produção de metáforas que, simultaneamente, podem desestabilizar a identidade substantiva e privar as narrativas naturalizadas da heterossexualidade do seu protagonismo central (Bento, 2006, p. 95). Pensando com Mombaça (2016), nossa estratégia é de reapropriação da injúria e a consequente afirmação da diferença marginalizada como ponto de vista privilegiado para uma crítica antinormativa da normatividade.

Ai eu tentei grifar o COM, por que é o que a gente tá fazendo nessa pesquisa, no encontro né? (...) e coloquei aqui eu quero fazer parte disso, porque é pelo desequilíbrio e pelo encontro que a gente tá tendo aqui, que eu quero fazer parte (Fala transcrita, 26/09/2023, Marta).

Todo dia enviávamos uma mensagem no nosso grupo⁴⁴ para confirmar a ida à escola com os estudantes, e sempre chamávamos isso de encontro. Nossa pesquisaCOM se faz no encontro, entendendo como um processo que dilui a dicotomia de pesquisador/objeto; ativo/passivo no processo de investigação.

O diário de Bruna R.:

Figura 38

Capa e contra-capa do diário-escrevente da Bruna R.



Bom nessa capa, primeiro eu tava procurando frases ou palavras que despertassem alguma coisa em relação a pesquisa aí eu vi esse (conectar para não morrer) e quando

⁴⁴ Criamos um grupo do *Whatsapp* para facilitar a comunicação entre a equipe de pesquisadoras/es, este grupo se chamava PIBIC-EM na escola-céu.

eu vi, pronto, esse é o título do meu diário, por que é isso né, é essa união e seguir firmes na luta por que individualmente não chegamos em lugar nenhum, e coloquei vamos nos levantar, romper. “ai aqui dentro eu coloquei outras palavras que me remetem a tudo isso, o fogo principalmente pela chama da luta, o fé caiu deitado, deitado eu deixei, mas assim, além questão da fé e religião que tá sendo abordado em praticamente todos os encontros, a nossa fé no que a gente tá fazendo (Fala transcrita, 26/09/2023, Bruna R.).

Bruna R. aborda este fazer COM, mas principalmente lutar COM. A noção de aliança parte de Judith Butler (2018), a qual é entendida enquanto uma política de habitação no mundo, em que diferentes grupos e corpos precarizados unidos no espaço público e no compartilhamento de vidas vividas, mesmo quando não reconhecidas assim, são uma chave analítica na produção de um comum. Trata-se de pensar a pesquisa articulada ao conceito de aliançamento de Butler (2018), a qual a condição precária a que populações (alvos) estão submetidas deve ser um comum revolucionário. Desse modo, acreditamos no encontro que se faz na composição, uma mobilização do poder coletivo heterogêneo de narrativas que em muito se diferenciam, mas que se potencializam com o que é comum. Na produção de alianças coletivas para o enfrentamento de contextos de opressão que minam a produção de resistências.

Nessa esteira, como relata Bruna R. “conquistas e frustrações sobre o diário mesmo, por que a gente vai registrar isso mesmo né, conquistas e frustrações, ferramenta de pesquisa, arte que também tá intrinsecamente ligada ao projeto” (Fala transcrita, 26/09/2023, Bruna R.). Aparece na capa e contra capa do seu diário o próprio processo de pesquisar, que é feito com esses desvios. Alanna, ao colocar também como elaborou seu diário aborda sobre esses processos:

Eu pensei exatamente no que é a pesquisa, coloquei um barquinho, que é essa viagem de encontrar o nosso caminho, de tentar seguir, mas o vento leva a gente pra outro, a correnteza leva a gente pra outro, e ele tá imerso em respingos azuis que é o que pra mim significa imensidão de possibilidades e é nessas possibilidades que a gente se encontra e se perde também e de cabeça pra baixo, por que são perspectivas e é exatamente o que é o diário, são nossas perspectivas (Fala transcrita, 26/09/2023, Alanna).

Figura 39

Capa e contra-capa do diário-escrevinte da Alanna



A aposta em não somente acompanhamento, mas colaboração, composição, proposição de processos diz de uma investigação que se faz permeada por conquistas e frustrações. Com a chegada ao campo diariamente nós trazemos consigo implicações, desejos e expectativas, entretanto, trazemos também uma atitude de abertura ao novo e aos desvios, já que estamos entrando em um campo vivo e isso pode acabar gerando frustrações, como

também conquistas coletivas. "É preciso estar disponível para a exposição à novidade, quer se a encontre longe ou na vizinhança. Trata-se de uma atitude que se constrói no trabalho de campo. É que o estranhamento não está dado, é algo que se atinge, é um processo" (Caiafa, 2007, p. 148). Vamos seguindo no barquinho, às vezes para frente, às vezes para trás, às vezes pros lados, mas seguindo.

Figura 40

Capa e contra-capas do diário-escrevinte da Malakai



“Bom, eu não fiz algo assim pensado, só fui colando o que eu achei interessante, que foi a arte da psicologia, alguma coisa assim, eu só fui colando mesmo e botei uma frase (além do que eu posso imaginar e foi isso)” (Fala transcrita, 26/09/2023, Malakai). Como é possível perceber nas imagens acima, Malakai colocou algumas imagens como o Edward mãos de tesoura, a frase diário de campo escrito como picho, um casal, o Lula, uma estrela vermelha, uma caveira que é uma mascote do picho e outras tantas imagens, segundo ela foi só colando

mesmo, não muito pensando. A produção dos diários de campo foi um convite, um convite à experimentação com a arte. Ir só colando diz também do nosso trabalho com a arte, não vamos de um encontro com um aliançamento entre psicologia e arte que vise analisar as projeções da produção dos jovens e que tenha um caráter inclusive terapêutico.

Engajar-se em um processo artístico é colocar-se diante da possibilidade de inventar e criar. Entendemos a arte como criadora justamente por possibilitar desconstruções estéticas e fomentar um caminho para a produção da diferença, escapando de uma ordem da pura representação (Guattari, 1992). Nesta pesquisa fazemos com a arte apostando na experimentação.

No meio do processo de pesquisa, outras duas participantes adentraram aos nossos encontros, Bruna S. e Brena, ambas receberam um diário cru e personalizaram em suas casas. Por conta da correria, não conseguimos ter um momento de compartilhamento de análise das capas e contracapas.

Figura 41

Capa e contra-capas do diário-escrevente da Bruna S.

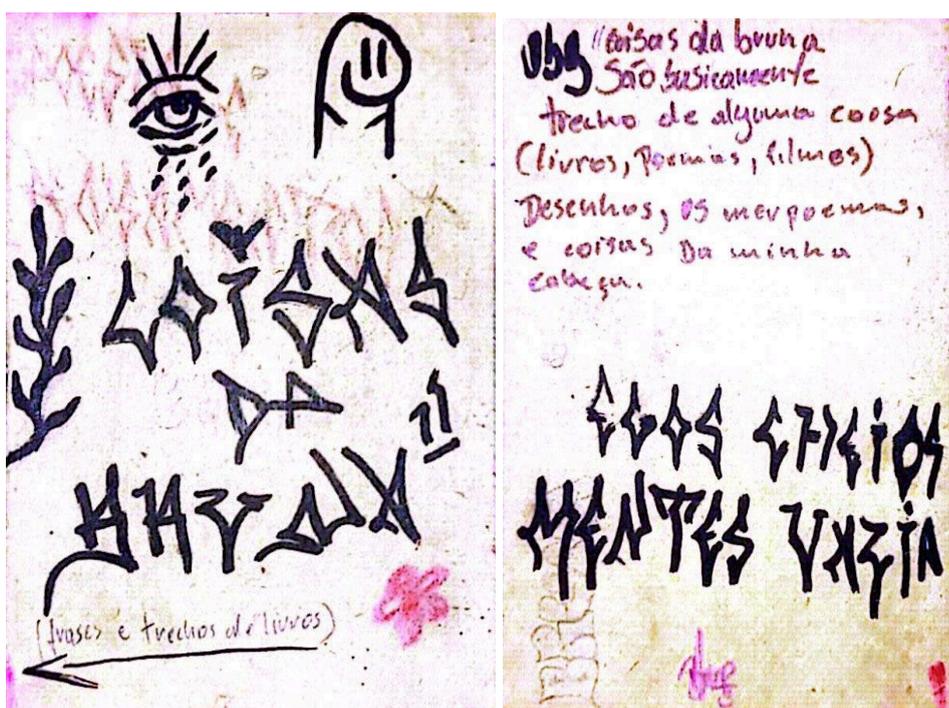


Figura 42

Capa e contra-capá do diário-escreviente da Brena



Abordei aqui a primeira conversa sobre o diário de campo e a sua produção, entretanto, este foi usado ao decorrer de toda a investigação. A utilização dos diários escrevientes romperam com o registro e elaboração da pesquisa, era um registro da vida.

Figura 43

Contra-capa do diário-escrevvente da Brena



Trago de volta a contra-capa de Brena para nossa conversa, não sei quantas mil vezes li e reli todas as capas e todas as páginas dos diários escrevintes. Li e reli também para tentar entender, algumas letras grafitadas como na contracapa, alguns garranchos, alguns rabiscos, algumas escritas rápidas do dia a dia. Em um desses dias de escrita dessa dissertação, me pego focando na palavra REGISTRADO, que Brena escolheu por colocar na sua contra-capa. O que é registrado? No mesmo dia, encontrei essa palavra em outro diário, agora de Bruna R.

Figura 44

Trecho do diário-escreviente da Bruna R.

1 Quarta, 14 de junho.

20:43

eu sei lá to me sentindo
meio para baixo
não sei o motivo, mas
foi uma coisa que eu to
tentando não deixar me afetar
mas lá no fundo to me afetan-
do.

enfim só queria deixar
registrado.

Bruna R. relata em seu diário-escreviente como ela estava se sentindo para baixo, é um relato feito em um dia qualquer do seu cotidiano, mais precisamente como ela mesma escreveu às 20:43 de uma quarta 14 de junho. No fim do seu relato ela coloca “enfim Só queria deixar registrado”. O que é deixar registrado? O que o diário-escreviente aciona que mobiliza o registro? Lembro que ao falarmos sobre o que seria o diário eu coloquei que era um registro da pesquisa, mas não imaginei o poder dessa palavra. O que estamos registrando? O que está sendo registrado? Nosso cotidiano. Nossa vida. Nossa história. Ou seja, alguns componentes fizeram transbordar as escrituras aquém e além das questões de gênero na micropolítica do cotidiano escolar, e falaram sobre o seu próprio cotidiano em que não se estar bem, sem sabermos se tal fato dialoga com alguma experiência com sua sexualidade ou performance de gênero.

Os diários-escrevíveis funcionam como uma materialidade física e concreta de nós. Quais outros registros nós temos? Ou melhor, quais outros registros nós temos da forma como a gente queria ser registrado? Registros-escritos. Registros-escrevíveis. Segundo Marques e Biondi (2016), a experiência narrativizada - escrita e organizada sob a forma de um relato de si - nos transforma, possibilitando novas aberturas e afetações. A descrição da experiência narrada toma um novo sentido, uma nova perspectiva, cria-se uma diferença. Para estes autores tal experiência ganha forma - estética, política, ética e poética - no gesto de registrar, constituindo um “processo transformador que culmina em uma outra forma de ser - ou em um vir a ser - e, por isso mesmo, elas promovem o confronto entre diferentes quadros de sentido, desencadeiam rupturas nos processos rotinizados” (Marques & Biondi, 2016, p. 166). Há possibilidades de pequenos deslocamentos a partir da memória colocada em movimento.

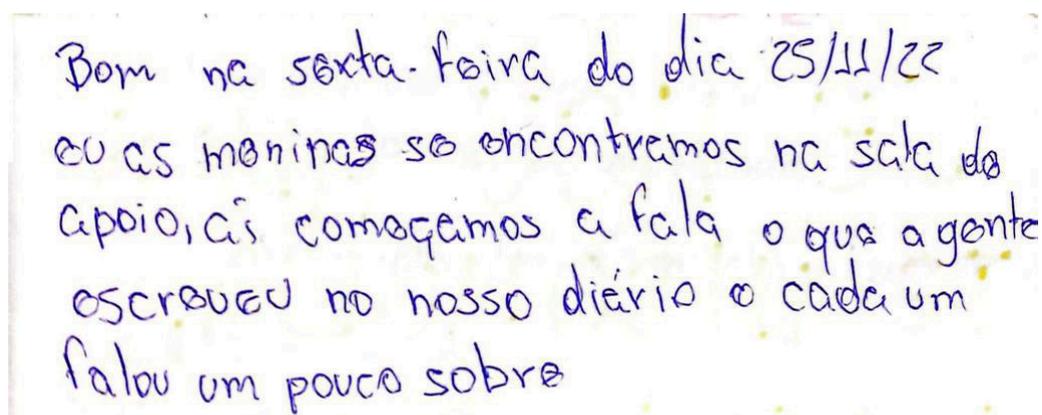
Lembrei de novo, que minha família tem a tradição de escrever em diários, todo ano minha mãe e meu pai sempre compram um caderno e escrevem todos os dias o que fizeram, o que pensam, registros simples do cotidiano. Quando era criança também já tinha diários, escrevia todos os dias até março mais ou menos e cansava, meus pais não. Existia e existe um desejo por registrar nossa história, nossa vida. Acho que os diários-escrevíveis acionam esse desejo. Deixar registrado é construir memória, esse lugar de inscrições que restitui uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção (Gonzalez, 2018). Deixar registrado é construir uma contra-narrativa que desafia o modo que somos costumeiramente registradas. Deixar registrado é um recado. Deixar registrado é construir possibilidade. Deixar registrado é produzir vida.

Em todo encontro nós iniciávamos da mesma forma, primeiro, perguntávamos como cada um estava e depois partíamos para a leitura dos diários, era a possibilidade que tínhamos também de coletivizar essa escrita de nós, então cada pessoa que estava presente lia e abordava o que havia colocado durante a semana. Essa pergunta de como estavam os diários,

sempre partiam de nós estudantes universitárias, no segundo semestre os próprios secundaristas começaram a ter autonomia e eles mesmos traziam como uma questão pro nosso grupo começar pelos nossos diários-escrevintes.

Figura 45

Trecho do diário-escrevinte de Isaac

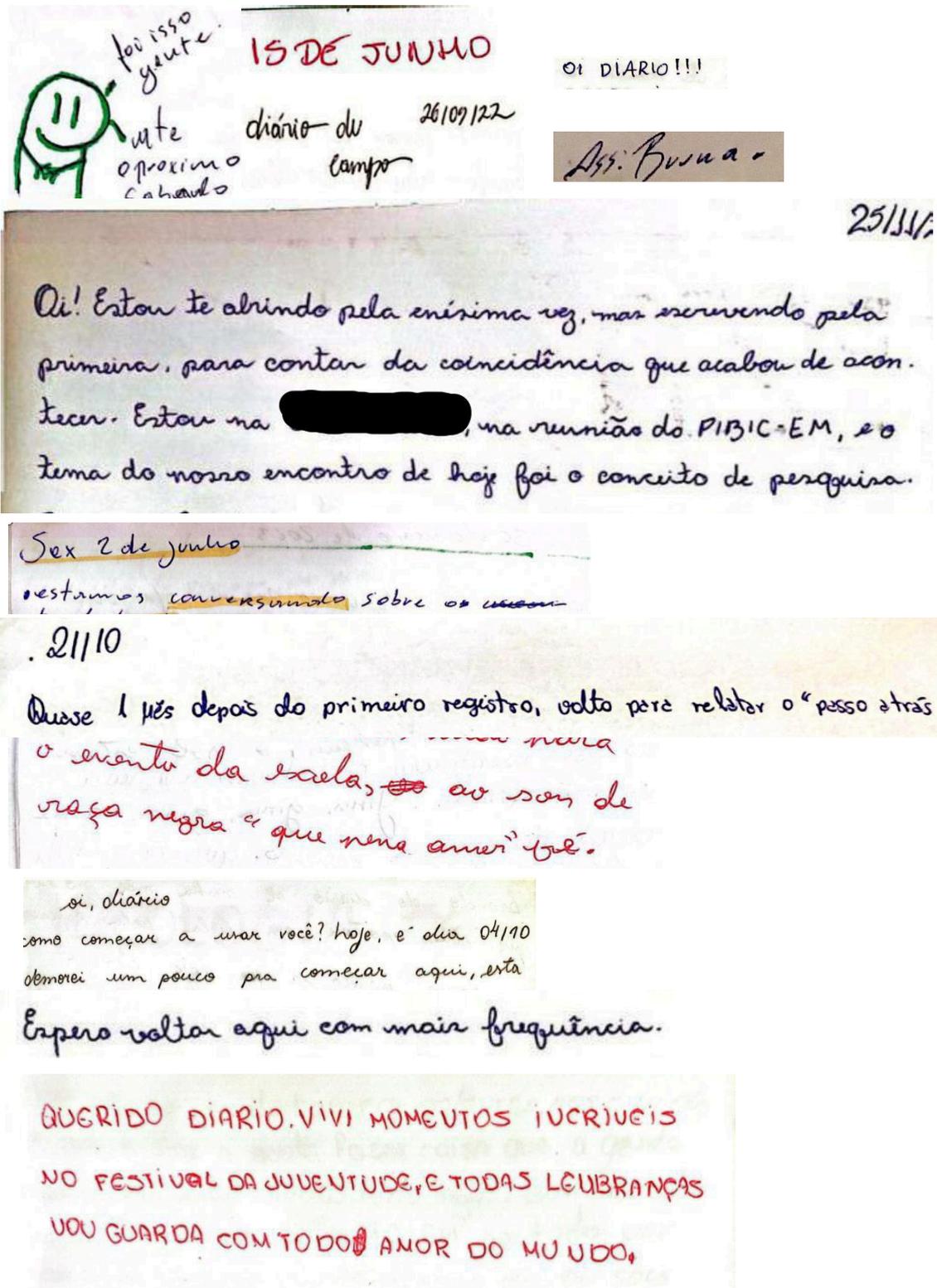


Bom na sexta-feira do dia 25/11/22
eu as meninas se encontramos na sala de
apoio, aí começamos a falar o que a gente
escreveu no nosso diário e cada um
falou um pouco sobre

Outro aspecto importante dos diários-escrevintes é a heterogeneidade da escrita e da relação que se dá com esse material. Algumas pessoas começavam com a data que estavam escrevendo, outras com oi diário, outras só pontuavam, outras desenhavam, outras assinavam seu nome no final, outras se despediam do diário. E essas múltiplas formas de experimentar e se relacionar com o diário foi sendo produzida ao decorrer de toda a pesquisa.

Figura 46

Colagem dos começos e fins dos diários-escrevintes da equipe de pesquisadoras/es



Os diários podem ser escritos em primeira pessoa, carregadas de expressividade e espontaneidade, normalmente são registros em ordem cronológica e as páginas costumam ser datadas. É uma parte essencial de um diário, pois registra um tempo histórico; e terminam com a assinatura que evidencia o autor do texto (Liberali, 1999). Estes são alguns elementos que fazem um diário e são percebidos nas imagens acima. Como abordei anteriormente, os diários-escrevintes foram atores/atuantes da pesquisa, nota-se que alguns diários começaram com oi, querido e bom dia, saudações que são dadas costumeiramente para pessoas. Assim, esse modo de se referir ao diário evidencia que o diário-escrevinte tornou-se concretamente parte da equipe de pesquisa, ator da pesquisa.

O registro nos diários-escrevintes circulava em torno das problemáticas da pesquisa, mas para além disso, tinham registros de experiências, ideias, opiniões, desejos, sentimentos, acontecimentos, era um registro da vida, tendo relatos, poesias, encontros, cenas do cotidiano, músicas, situações vividas em casa, na escola, em relacionamentos, que talvez não fosse compartilhado e colocado em lugar nenhum, somente no diário. As saudações de oi, querido, bom dia, demonstram que a relação que se deu com os diários-escrevintes também foi de intimidade. O desafio de construir a escrita sensível traz para análise: as implicações em curso, os sentimentos, percepções, sensações, ações, acontecimentos, seus efeitos e o que se coloca em funcionamento, com o que se agencia no vivido.

2023. Mais próximo ao fim do nosso um ano de trabalho de campo, percebemos como a prática de escrita no diário tinha rasgado os muros da escola e a experiência da pesquisa. Em Maio e Junho de 2023 nós todes participamos do V Festival das Juventudes, evento anual organizado pelo coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), ligado ao Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS). Este é realizado em parceria com escolas públicas de ensino médio do território do GBJ e tem como objetivo ampliar e potencializar o debate sobre algumas temáticas de interesse das juventudes como: feminismos, enfrentamento ao racismo e

a LGBTfobia, Saúde Mental, Cultura de Paz, dentre outros, por meio da troca de experiências, construindo conexões e valorizando práticas e produções artísticas desenvolvidas nas escolas e no próprio território. Para isso, a arte é a ferramenta escolhida para a promoção do festival, construindo alianças entre coletivos juvenis do GBJ que trabalham com diversas linguagens artísticas para a produção deste evento. (Sousa Neto, et al, 2023; Gomes et al, 2022). As/os quatro estudantes co-pesquisadoras/es participaram do Festival como representantes de sua escola. Uma prática que chamou atenção foi que todes estavam, durante as atividades e rodas de conversa, escrevendo em seus diários, como forma de registro e elaboração. Além disso, nós pesquisadoras-universitárias também utilizávamos nossos diários-escrevíveis em nossas entrevistas⁴⁵, onde conjuntamente com minha orientadora discutíamos e analisávamos algumas cenas do cotidiano escolar, estas entrevistas também serviam para reflexões teóricas aliançadas as experiências de campo . Por fim, Bruna S., uma das co-pesquisadoras-secundaristas, demonstrou o desejo de publicar o seu diário como seu primeiro livro.

Figura 47

Co-pesquisadoras/es secundaristas escrevendo nos diários-escrevíveis durante o V Festival das Juventudes



⁴⁵Intervisão é uma estratégia de análise coletiva que aprofunda a dimensão de horizontalidade e estabelece um modelo de ensino aprendido que destoa da clássica relação de professor-aluno. Dessa forma é um instrumento de aprendizado coletivo pelo exercício da escuta e respeito pelo saber do outro, em que se procura exercitar o diálogo para que todos os envolvidos na formação possam ter a liberdade de organizar suas ideias (Brandão et al, 2020)

Escrevivências de Gênero nos Diários-escrevientes: Cenas e Fabulações

Kastrup (2012) sugere que uma atitude atencional aberta permite a pesquisadora mudar o foco da pesquisa e perceber elementos diferentes. O papel da escrita de diários de campo, neste sentido, auxilia a produzir e acompanhar essa atitude atencional aberta. A escrita e leitura do diário, ao atuar na produção da atenção, reconfigura a relação com o tema de pesquisa e mobiliza memórias relacionadas. Desse modo, o registro nos diários-escrevientes nos convocam a atenção, no caso desta pesquisa, nos convoca a direcionar nossa atenção à gênero no cotidiano escolar. Segundo Spink (2008) é um desafio da/o pesquisadora/o aprender a dar atenção ao cotidiano, tornando a pesquisa parte dele. Se trata de uma abertura atencional a elementos que possam integrar o campo-tema como território existencial. Portanto, agora trarei algumas cenas-folhas-memórias-rabiscos-fabulações que foram registradas nos diários-escrevientes e materializam a escrevivências de gênero que produziram esta investigação.

Cena-escreviente 01: “Orai e Vigiai”. Antes mesmo de adentrar ao campo, eu já imaginava que a “ideologia de gênero” invadiria a pesquisa, não sabia eu que seria nas primeiras pisadas na escola, na seleção do PIBIC-EM.

“Estávamos nos conhecendo, era a vez de Isaac, ele se apresenta como Isaac, sou cristão, mas me afastei da igreja, não sei qual minha sexualidade, estou muito confuso, e vim aqui para entender os dois lados, o de vocês da ideologia de gênero, o da igreja eu já sei, agora eu quero saber o de vocês” (Diário-escreviente, 21/10/2022, Mayara).

Em nosso primeiro encontro, mais uma vez:

“Começo parabenizando de novo pela seleção, explico os termos e entrego pra Isaac, que os leva pra casa pra assinar, o termo agora se chama TCLI, já que soube na última aula de seminário de pesquisa que é possível colocar termo de consentimento livre e informado, para

não ter conotações racistas. Ao entregar para Isaac, ele pergunta: “tem ideologia de gênero aqui?” Eu prontamente respondo que não, e ele ah bom, por que minha mãe vai ler. Fico me perguntando se o que ele acha que nós pesquisamos é ideologia de gênero, se o que nós estamos fazendo é ideologia de gênero, ou se teria lá no papel somente uma menção, não sei.” (Diário-escreviente, 28/10/2022, Mayara).

Desde o nosso primeiro contato com Isaac ele trouxe essa associação da nossa pesquisa a ideologia de gênero, pesquisar sobre gênero é ideologia de gênero? Estaríamos identificadas com algo que queríamos deliberadamente nos afastar?

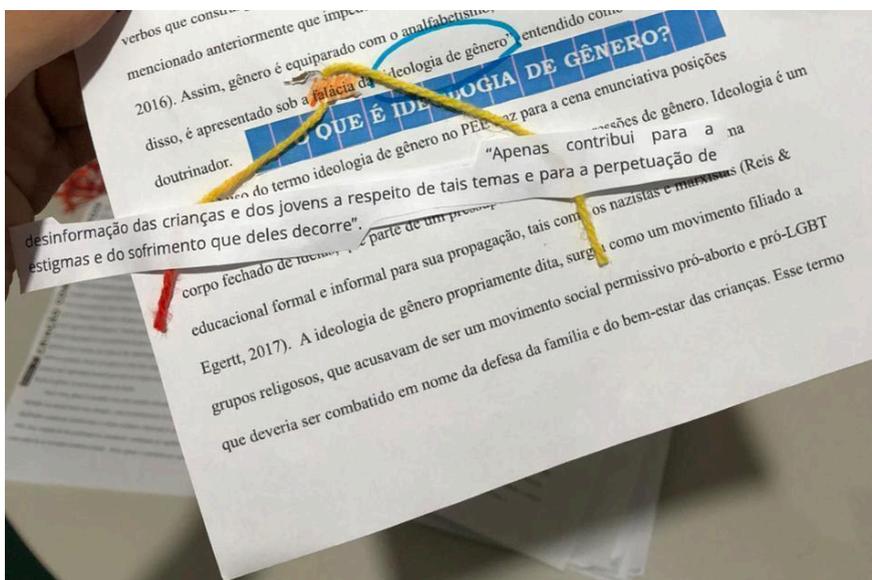
Discutimos sobre isso também em dos encontros de formação de pesquisadoras/es, em que apresentamos o Projeto de Pesquisa submetido ao PIBIC-EM. Como abordei em capítulos anteriores, nós passamos por um processo de (auto)censura-truque retirando todas as menções à gênero e mascarando nosso foco textualmente.

“(…) Porque essa discussão da ideologia de gênero e ter que tirar (Inaudível) a gente conversou sobre isso no grupo, mas a gente no projeto precisou tirar a palavra gênero, precisou esconder, precisou... Mas é muito essa sensação de que assim a gente tá sendo observado, que a gente precisa andar na linha, que qualquer passo em falso a gente vai ser cortado, e enfim, é muito essa sensação de estar sendo observado o tempo todo e que a gente não pode ser, sabe? A gente não pode estar, a gente não pode falar sobre isso. É como se a gente não pudesse sequer existir” (Transcrição do encontro da pesquisa 28/10/2022).

No encontro posterior a este, decidimos nos voltar para o Projeto de Pesquisa, mas agora criando o nosso, sem (auto)censura, sem medo de ser feliz.

Figura 48

Experimentação do projeto de pesquisa PIBIC-EM



“O que é ideologia de gênero? FALÁCIA. Apenas contribui para a desinformação das crianças e dos jovens a respeito de tais temas e para a perpetuação de estigmas e sofrimento que deles decorre” (Legenda da experimentação acima)

Nossa pesquisa se iniciou no segundo semestre de 2022, ano este, de eleições presidenciais, emoldurando assim, uma efervescência que caracterizou esse período de disputa e que, por consequência, repercutiu sob nossa pesquisa. A disputa aqui demarcada ia para muito além da figura de um candidato X ou Y, sendo por outro lado, muito mais uma tentativa de arranjar formas de sobreviver. Os quatro anos anteriores à votação em questão, foram marcados por lógicas de extermínio, sucateamento e exclusão que atualizam as lógicas coloniais notadamente marcadas em nosso mapa. Sob essa via, a perspectiva necropolítica de extermínio da diferença, como Mbembe (2018) coloca, é basilar para a expressão máxima de soberania do Estado, ditando quem pode viver e quem deve morrer.

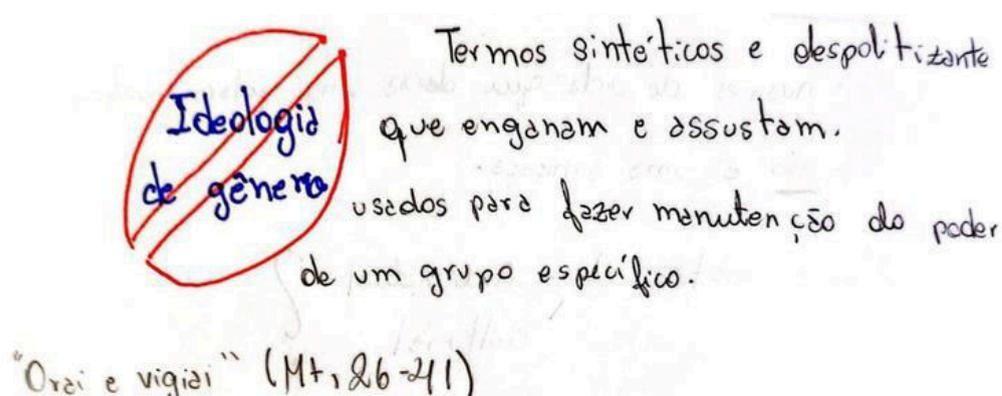
Desse modo, era cotidiano abordamos questões da política atual, desde fotos fazendo o “L” a menções à falaciosa “ideologia de gênero”, junto a discussões sobre banheiro unissex, pedofilia, assédio, envolvendo os debates presidenciais. Isso se deu, sobretudo, pela temática

de nossa investigação, que atravessava e era atravessada pelos noticiários como uma inquietação pulsante para os discursos das eleições. Quando Isaac chega e nos coloca na via que se ampararia na “ideologia de gênero” isso acaba nos chocando, pois não imaginávamos que já em nossos primeiros encontros, trabalhar com a categoria gênero em um território educacional já surgiria a primeira vista como uma lógica em consonância com a perspectiva da ideologia de gênero.

É interessante pensar nessa associação e na virada que ela produz a partir da construção estratégica dos últimos anos, que fez com que as discussões em torno da categoria gênero a partir de uma lógica de educação, representatividade, segurança e (re)existência acabassem sendo remetidas a um estrato distorcido que surge nas ideias da ideologia de gênero. Reis e Eggert (2017) dizem que uma aliança composta por evangélicos e católicos mais ortodoxos, junto a grupos conservadores que sustentam a dita família tradicional, se uniram para disseminar informações distorcidas na tentativa de impedir que se alcançasse a equidade entre gêneros e o respeito à pluralidade. Isso é abordado na folha do diário-escrevinte de Alanna:

Figura 49

Trecho do diário-escrevinte de Alanna: Orai e vigiai



“Orai e vigiai”. Segundo Junqueira (2014), pensando na escola, ela é uma instituição

fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todas/os. Histórica e culturalmente transformada em norma, produzida e reiterada, a heterossexualidade hegemônica e obrigatória torna-se o principal sustentáculo da heteronormatividade (Louro, 2009). Não por acaso, heterossexismo e homofobia agem aí, entre outras coisas, instaurando um regime de controle e vigilância não só da conduta sexual, mas também das expressões e das identidades de gênero, como também das identidades raciais. Por isso, podemos afirmar que o heterossexismo e a homofobia são manifestações de sexismo, não raro, associadas a diversos regimes e arsenais normativos, normalizadores e estruturantes de corpos, sujeitos, identidades, hierarquias e instituições, tais como o classismo, o racismo, a xenofobia (Junqueira, 2009). Atuando também de forma capilar, por meio do controle, classificação, correção, ajustamento e marginalização com os quais todas/os somos permanentemente levadas/os a nos confrontar (Junqueira, 2007, 2009).

Não por acaso, entre cruzados anti-gênero é recorrente o apelo à produção e disseminação de notícias e relatos falsos, escandalísticos e caluniosos. Em um dos encontros do grupo de pesquisa, nós solicitamos que cada participante buscasse conceitualizações de gênero e trouxesse para o coletivo, tínhamos como objetivo investigar as múltiplas definições desta categoria. Uma simples busca à palavra gênero na ferramenta de busca *Google* já nos invade com essa interdição da ideologia de gênero, como Isaac aborda em um dos nossos primeiros encontros: “Depois a segunda tarefa foi pesquisar sobre o que é gênero e trazer pro coletivo, (...) Isaac não trouxe nada, mas diz que pesquisou e quando colocou gênero no *google* só apareceu NÃO A IDEOLOGIA DE GÊNERO.” (Trecho do diário-escrevente, 18/11/2022, Mayara).

Que ideologia de gênero é essa que a direita fundamentalista e conservadora tem combatido? Que família tradicional é essa que tem sua moralidade tão ameaçada? O discurso

– frágil e sem argumentos – contra a tal ideologia de gênero (Miskolci & Campana, 2017), contra uma “pedofilia” imaginária, associado à defesa da família e da ingenuidade das crianças, no geral fundamentado em pressupostos religiosos e moralistas, tem tido efeitos graves e se espalhado em proporções virais no cotidiano escolar. Segundo o Guia de Educação em Sexualidade da ONU (Organização das Nações Unidas) recentemente atualizado (Unesco, 2018), que enfoca na interface entre educação, gênero e sexualidade, a educação em sexualidade contribui, dentre outros aspectos, para maior responsabilidade de jovens em relação a sua saúde sexual e reprodutiva. Abordar a sexualidade na escola não estimularia, dessa forma, a atividade sexual entre jovens, e ao mesmo tempo não seria garantia para evitar uma iniciação sexual precoce ou a frequência de relações sexuais.

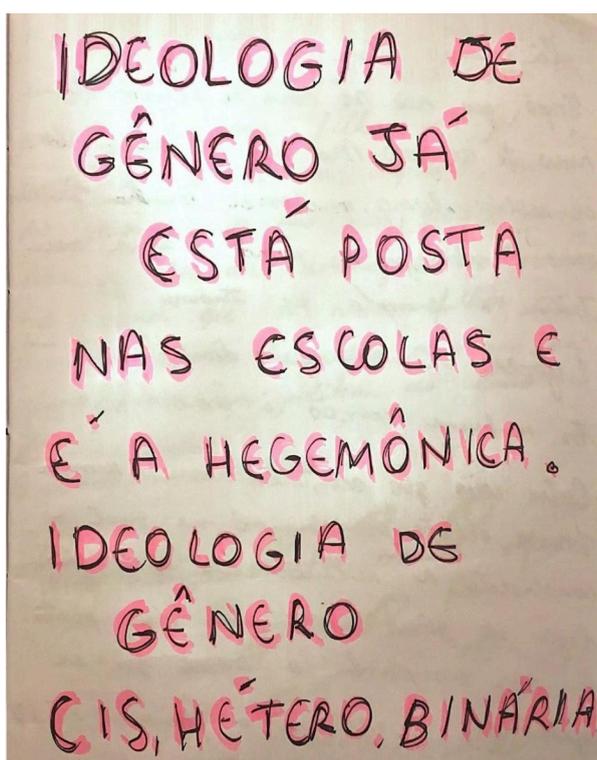
Entretanto, as iniciativas voltadas para essa abordagem das temáticas de gênero e sexualidade no contexto educacional representam um desafio frente ao avanço e fortalecimento de ideais conservadores de normas morais, culturais, religiosas e familiares que permeiam esses temas. Dentro dessa ótica moralista cristã as funções de cada sexo se fundam em uma concepção binária e estariam definidas biológica e socialmente. Ambos os sexos (homem e mulher), por sua vez, estabelecem comportamentos de personalidades estabelecidos, que seria a concepção de gênero nessa visão. Isto é, “ser masculino” e “ser feminino”, são ensinados como formas representadas de um modo tido como correto viver a sexualidade e também a vida em sociedade.

Assim, se para Butler (2018), o corpo é uma construção em si mesmo, aqui, esta relação se dá num corpo construído e pensado para o extermínio, na visão normatizadora em que o gênero é negado. A manutenção do “discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (Butler, 2018, p. 23) nos mostra essa tentativa, diante de uma realidade algoritmizada, em que gênero quando “buscado”, é concreta e simbolicamente negado, conforme o resultado da ferramenta

de busca de Isaac. Assim, esse modo de operar pode ser remetido a uma noção estrategista da hegemonia branca cisheteropatriarcal de ver a vida e de subjugar a diferença que pulsa nos corpos à margem.

Figura 50

Folha do diário-escrevente de Mayara: Ideologia de gênero



IDEOLOGIA DE
GÊNERO JÁ
ESTÁ POSTA
NAS ESCOLAS E
É A HEGEMÔNICA.
IDEOLOGIA DE
GÊNERO
CIS, HÉTERO, BINÁRIA

Se para estes cruzados morais, a ideologia de gênero é a imposição de uma concepção de gênero e sexualidade. A ideologia de gênero na verdade já existe, já está posta, e é a hegemônica. Segundo Junqueira (2018), diferentemente do sintagma retórico inventado pelos “defensores da família”, o conceito sociológico de ideologia de gênero é útil para identificar, compreender e criticar a naturalização das relações de gênero, as hierarquizações sexuais, a heterossexualização compulsória, a inculcação das normas de gênero, entre outras coisas. São exemplos de manifestações da ideologia de gênero o machismo, o sexismo, a misoginia, o heterossexismo, a transfobia, assim como a pugna religioso-moralista e antifeminista contrária

à adoção da perspectiva de gênero nas políticas públicas. Podemos dizer, portanto, que são elas, as cruzadas antigênero, que agem como genuínos promotores da ideologia de gênero. Paradoxalmente, a partir de uma manobra de inversão, esses “defensores da família” atribuem a outrem exatamente aquilo que praticam. Existe uma imposição normativa do que devem ser nossos corpos. Procurando, sob essa ótica, promover a restauração ou, mais propriamente, o *aggiornamento* do estatuto da ordem sexual tradicional e reforçar as disposições relativas às normas de gênero, à heterossexualidade obrigatória e à heteronormatividade. Numa perspectiva biologicista e violenta, essa lógica tenta a todo custo, manter o domínio do discurso e da existência, deixando de lado as concepções abrangentes sobre as experiências plurais de gênero. Marafon (2018) afirma que a defesa da ideologia de gênero diz sobre práticas reguladoras que objetivam produzir identidades coerentes com uma matriz de normas compulsoriamente heterossexuais, figuradas na distinção entre “feminino” e “masculino”, atributos expressivos de “macho” e “fêmea”, respectivamente. A ideologia de gênero é a cis, hétero, branca, binária.

Cena-escreviente 02: “Amiga, Vamos Comigo ao Banheiro?”. Um dos tópicos mais abordados durante a formação de pesquisadoras/es que também tem relação direta com ideologia de gênero, eram os banheiros unissex. Durante a eleição presidencial de 2022, era assunto noticiado semanalmente, e chegava também no cotidiano da nossa pesquisa.

Em um dos nossos encontros, fomos um por um abordando o que havia colocado nos diário-escrevientes, até que chega a vez de Malakai, que esquece o diário, mas brevemente relata o que ela colocou neste, ela abordou sobre os banheiros unissex, que entrou como discussão em sua casa, ela relata que escutou de pessoas dizendo que homens e pessoas trans iriam aproveitar o banheiro unissex pra violentar as mulheres e meninas, ela diz que discorda. Discutimos um pouco sobre essa questão, de como não é sobre a violência as mulheres, até

por que as mulheres são violentadas diariamente em ônibus, nas ruas, nas escolas, em todos os lugares e eles nunca levantaram qualquer discussão para nos defender, é sobre uma mortificação de corpos trans (Trecho do diário-escreviente, Mayara, 28/10/2022).

A discussão em torno dos banheiros unissex não se presentificou na escola-céu, mas como aconteceu de forma nacional acabou chegando no cotidiano da nossa pesquisa. Conforme abodado no trecho acima, essa discussão revela a divisão de banheiro masculino e feminino numa lógica binária e cis-heteronormativa, demarcando, por meio de imagens, palavras e símbolos, os territórios legitimados socialmente do masculino e do feminino, tendo como concepção fundante e falaciosa o universalismo do sujeito homem e do sujeito mulher. Butler (2018) afirma em contraposição a essa visão, que o gênero é um artifício flutuante, em que homem e masculino podem, com a mesma facilidade, significar tanto um corpo feminino, quanto um masculino, assim como mulher e feminino, podem referir-se tanto a um corpo masculino, como feminino.

A violência, é, nesse sentido, socialmente distribuída, operando um projeto de mundo que se dá pela política de extermínio e normalização (Mombaça, 2016). Nesta justificativa de que os banheiros unissex aumentariam os assédios e violências a mulheres, colocam estas, as cis, no campo da proteção, enquanto as trans podem e são violentadas. “O conforto cis para violência trans” (Trecho do diário-escreviente de Marta, 15/04/2023). Um ato que deveria ser prosaico, como usar o banheiro, é, muitas vezes, uma situação absolutamente constrangedora a pessoas trans, especialmente àquelas com baixa passabilidade, ou seja, aquelas que estão mais distante de um corpo normativo (cis). É uma violência.

Como abordado anteriormente, o banheiro é só uma das múltiplas e capilares dimensões da norma cis-hétero-binária no cotidiano escolar. Fardas diferentes a depender do seu corpo, disciplinas e matérias diferentes, não pode abraço de frente, fecha essas pernas menina, um casal não heteronormativo não pode andar de mãos dadas, beijar jamais, direto para sala da direção, banheiro unissex. Estas são algumas das práticas de controle, vigilância e gestão das fronteiras da heteronormalidade, produzindo classificações, hierarquizações, privilégios, marginalização e desigualdades.

No nosso primeiro encontro, após a construção dos diários-escrevíveis decidimos fazer uma primeira experimentação de escrita no próprio cotidiano da escola, a ideia era caminhar, andar, passear, cartografar pela/a escola e buscar algo que chame atenção, que convoque atenção e que tenha alguma relação com a temática da pesquisa, e colocar isso no diário-escrevível.

Assim, que eu saio, ao lado da biblioteca, tem uma série de cartazes sobre violência contra a mulher, Malakai também para e fica olhando. (Diário-escrevível, 28/10/2022, Mayara)

Figura 53

Malakai observando cartazes sobre violência de gênero nas paredes da escola-céu



Eu, meu diário-escreviente e meu celular seguimos atentos, ao olhar os cartazes me chama atenção que nas imagens tem corpos de mulheres negras e mulheres trans, o que não é normalmente o que a gente vê, na frente do cartaz tem um casal de meninas, o que ao meu ver, na escola-céu é possível a demonstração de afeto entre duas meninas, nesse momento parece ser permitido (Diário-escreviente, 28/10/2022, Mayara).

Figura 54

Foto de duas estudantes abraçadas no pátio da escola-céu



Vou seguindo, andando e alguns olhares estranhos me atravessam, mas vou seguindo, está na hora do intervalo, os corredores estão cheios, continuo caminhando e me deparo com outros cartazes, agora de igualdade racial, isso me chama atenção ao pensar a escola da pesquisa, que é uma escola muito politizada (Diário-escreviente, 28/10/2022, Mayara).

Figura 55

Cartazes de igualdade racial nas paredes da escola-céu



Depois vou seguindo, tento ir em todos os lugares da escola procurando essas imagens que me chame atenção, encontro o banheiro feminino, entro e fecho a porta, nela tem uma frase, eu mal entendo o que é aquilo, e pergunto pra duas meninas que frase é essa:”É TUDO PUTA”, e uma delas diz: é horrível isso que eles fazem. Sigo (Diário-escrevente, 28/10/2022, Mayara).

Figura 56

Porta do banheiro feminino da escola-céu



“É TUDO PUTA”. Segundo as duas meninas que encontrei no banheiro, esta seria um picho de algum/alguns menino/s. As portas de trás dos banheiros sempre dizem algo. Alanna também acabou chegando no banheiro.

Figura 57

Folha do diário-escrevente de Alanna

28/10 - "amiga, vamos comigo no banheiro?"

Me coloco no meio do pátio, nesse momento que pode parecer estranho busco algo de salte aos olhos. Uns meninos jogando bola chamam a minha atenção e, sem nenhuma intenção de interação me aproximam. A bola cai no meu pé domino e chuto para o que está mais próximo e quando eles aplaudem, levanto os olhos e vejo o banheiro. Eis algo que me chama a atenção.

O banheiro numa escola de ensino médio pode representar muito mais que sua função óbvia. Então, "pequi viagem" (Horta, 2022). Tristemente se torna um espaço de disputa política que nos encaserna e condena tantos corpos.

O banheiro é, por mim, visto como esse espaço seguro onde podemos performar aquilo que somos, quando estamos longe das olhares que vigiam para punir. Onde mulheres lésbicas e bi muitas vezes tiveram seu único date seguro. Onde nós nos fazemos rede, compartilhando absorventes e nossas vivências.

Entro e olho as mercas daquele banheiro. É TUDO PUTA e "dançar a música que nos fez chorar". Resignificamos o que é banheiro. Resistiremos aos olhares e resignificaremos.

Irei legendar, caso não esteja legível:

28/10 - "amiga, vamos comigo no banheiro?"

Me coloco no meio do pátio, nesse momento que pode parecer estranho busco algo de salte aos olhos. Uns meninos jogando bola chamam a minha atenção e, sem nenhuma intenção de interação me aproximam. A bola cai no meu pé domino e chuto para o que está mais próximo e quando eles aplaudem, levanto os olhos e vejo o banheiro. Eis algo que me chama a atenção.

O banheiro numa escola de ensino médio pode representar muito mais que sua função óbvia. Então, “peguei viagem” (Marta, 2022). Tristemente se torna um espaço de disputa política que nos enclausura e condena tantos corpos.

O banheiro é, por mim, visto como esse espaço seguro onde podemos performar aquilo que somos, quando estamos longe dos olhares que vigiam para punir. Onde mulheres lésbicas e bi muitas vezes tiveram seu único date seguro. Onde nós nos fazemos rede, compartilhando absorventes e nossas vivências.

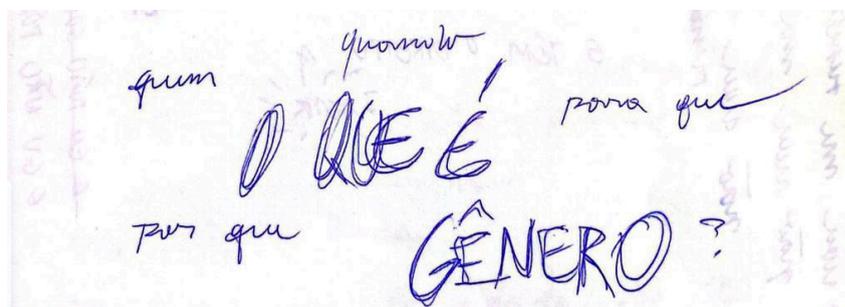
Entro e olho as marcas daquele banheiro. “É TUDO PUTA” e “dançar a música que nos fez chorar”. Ressignificamos o que é banheiro. Resistiremos aos ataques e resignificaremos (Legenda do diário-escrevente acima).

Se por um lado o banheiro é usado como pauta para o neoconservadorismo restringindo até a última possibilidade seu uso nessa perspectiva de segregação e mortificação destes corpos fora da norma, por outro lado, o espaço pode ser também de encontro, segurança, fofocas e amores. Numa forma de radicalizar a função do local para muito além do que diz uma placa de identificação, o banheiro carrega consigo um simbólico do possível, do escape, do afeto, da expressão. São vistas pessoas entrando para chorar, são marcadas frases, xingamentos, palavras, pichações, na busca de um lugar reservado, de uma parede que transborda o que pulsa no peito. Ali é, também, o espaço dos múltiplos afetos, dos casais que querem fugir dos olhares que punem, das dores que não cabem no pátio da escola, dos anseios que vêm das casas de cada um e não encontram outro espaço, que não o de uma parede de concreto ou de uma porta de madeira.

Cena-escrevente 03: Afinal, o que é Gênero?

Figura 58

Trecho do diário-escrevente de Marta: O que é gênero?



Um dos nossos encontros de formação de pesquisadoras/es tinha como objetivo entender conceitualizações de gênero e como isso opera no cotidiano escolar. Começamos pelo diários, depois passei duas “tarefas” pra todes: a primeira, ler um texto sobre gênero que eu havia mandando anteriormente e colocar no diário o que entendeu, Malaki fez, Isaac não, Malakai compartilha o que entendeu (Diário-escrevente, Mayara, 18/11/2022).

Figura 59

Trecho do diário-escrevente de Malakai

a parou em se que me chamou
atenção, foi a parte de citar que o
orgão sexual de uma determi-
nada pessoa não “define” ela,
por gostar de jogar bola, cozinhar,
maquiar e por ai vai, a mesma
muito bem explicada também me
chamou atenção, cada qual explica-
do e bem direcionado.

Como Isaac não havia lido, decidimos ler coletivamente, e seguimos conversando sobre gênero, identidade de gênero, ideologia de gênero, orientação sexual, expressão de gênero, e tudo mais. Depois partimos para a segunda “tarefa”, cada um tinha que trazer alguma materialidade, seja foto, notícias, música, poema, objeto, o que quer que fosse que materializasse gênero para a gente. Eu levei um trecho de um poema, que aborda sobre uma princesa que foge da torre e vai voar, parece um clichê, mas me lembrou como a experiência de gênero para mim foi muito colocado como uma torre, a partir da norma cristã dos meus pais, pastores, mas descobri depois de um tempo que gênero poderia ser para além disso, e poderia ser voo, apostando em um gênero que é performático e múltiplo. Depois trouxe um vídeo de um oceano, pra mim gênero é isso, gênero é movimento, fluidez (Diário-escreviente, Mayara, 18/11/2022).

Figura 60

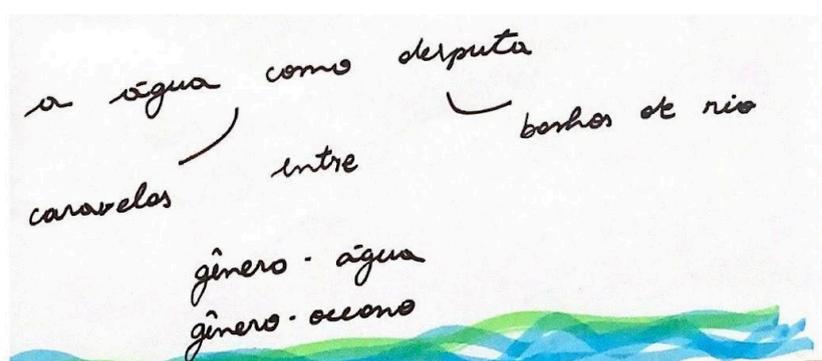
Folha do diário-escreviente de Mayara



A água é um elemento importante na literatura de Conceição Evaristo, seja os olhos d'água de sua mãe, a moça do vestido amarelo que inundou a igreja inteira, as águas que inundaram mansões e puxadinhos, as águas de Sabela, ou o movimento nas águas-lembranças em recordar é preciso. A aposta em gênero-água é marcada por dois vieses, que é, concomitantemente, marcado pela disputa e violência das ondas e correntezas, através da clausura nas caravelas e navios, mas também, pela fluidez e a sensibilidade que estes movimentos díspares, caóticos e únicos da água permitem. A água traz essa sensação de dor-gozo, ao mesmo tempo que as/os nossas/nossos vieram pelas águas salgadas do mar em uma forçada travessia e banharam essas águas de sangue e gritos ardentes, essa mesma água é também morada de mamãe Oxum se for doce, ou Iemanjá rainha dos mares, é também lugar de banhos, risadas, curas. Gênero também é isso, pode ser também uma experiência de dor e gozo. Gênero em disputa.

Figura 61

Trecho do diário-escrevinte de Mayara



“Uma atração, um angustiante desejo de navegar, de se jogar em águas distantes (...) A contemplação do mar provoca um sentimento tal como o banzo” (Evaristo, 2016, p. 56).

Apostamos no gênero enquanto fenômeno inconstante e contextual, sendo um ponto de encontro entre conjuntos de relações, cultural e historicamente convergentes (Butler, 2018). As lutas feministas principalmente da 1ª e 2ª onda ainda desenvolviam uma discussão crítica permeada por posições binárias como: gênero/sexo; homens/mulheres, sujeito/outro. E os corpos que não cabem neste signo? Entendemos coletivamente gênero como multiplicidade.

Figura 62

Folha do diário-escrevinte de Alanna: Gênero

Gênero:

- nuances de vida que deixa uma galera confusa
- não é uma ameaça.

→ é solitário? - individual? cultural? ?

→ formas - de estar
- de ser
- de expressar
- de performar

Não - estático ~~~~~ }

~minhar e perceber!

Irei legendar, caso não esteja legível:

Gênero:

- nuances de vida que ainda deixa uma galera confusa
- não é uma ameaça.

→ é solitário? individual?

_____ coletivo?

→ formas de estar

de ser

de expressar

de performar

Não estático -

caminhar e perceber! (Legenda do diário-escreviente acima)

Alanna traz um poema e Malakai também, me chamou atenção que o poema lido por Malakai traz uma experiência de muita violência, preconceito, LGBTfobia. Tenho tentando pensar o gênero sem essa conotação e relação direta com a violência, há gênero para além disso? Há gostosuras, prazer, liberdade, gozo, alegria, tesão, desejo? (...) Depois disso, eu levei alguns recortes de definições de gênero, desde uma perspectiva criacionista a construtivista e fomos cada um lendo e dizendo o que entendeu e se concorda. E então, partimos para construção do nosso, construção coletiva, cada um colocando uma coisa (Diário-escreviente, Mayara, 18/11/2022).

Levamos algumas conceitualizações a respeito da categoria “gênero” e discutimos a partir deles na perspectiva de provocar as noções estratificadas a despeito da temática, impulsionando, sim, a partir da experimentação artística, uma construção acerca do nosso entendimento sobre gênero, para muito além de uma falaciosa noção de ideologia neoconservadora. Nos interessava pensar não somente o que é gênero, mas como se faz gênero na escola e ainda, quais efeitos das relações de gênero no cotidiano escolar e por consequência nas experimentações com o corpo no campo de subjetivação da vida e suas experiências. Construímos, de tal modo, um conceito de gênero que vai para muito além do que dizem que é para nós e sobre nós.

Figura 63

Cartaz produzido coletivamente: Gênero



O cartaz acima naquele momento se configurou como um diário-escrevinte coletivo, colocamos ondas e mares com tintas azuis, simbolizando gênero como água, recortes de revistas: “batalha contra obstáculos”, “estranhamento”, “sexo frágil?”, “na poesia a pulsão do nome”, “PARADOXO”, “DESORDEM”, “COMO NOSSOS PAIS”, “o ilimitado potencial da vida”, imagens de uma família normativa, de uma mulher preta, de uma cartaz “mexeu com uma mexeu com todas” e de um corpo, e escrevemos “NÃO IMPORTA O GÊNERO!” e “Por que racismo, machismo e preconceito? Todos tem seu lado, seu ser, todos têm o mesmo direito?”. Nessa escrevivência experimentamos gênero trazendo as noções que nos são impostas, como família tradicional, sexo frágil, como nossos pais, e com essa imposição, nossa experiência de gênero não normativa, pode ser também estranhamento e desordem. Entretanto, neste cartaz pautamos gênero como experiência de luta, como potencial de vida. E por fim, no meio de tantos elementos, tem uma foto de Elza Soares, e uma frase dela no canto esquerdo: “eu acho que a mulher do fim do mundo é aquela que busca, é aquele que grita, que

reivindica, que sempre fica de pé, no fim, eu sou essa mulher”. Nós somos esse corpo do fim do mundo, nós dissidentes de gênero e sexualidade imaginamos o fim deste mundo.

CURA(DOR)IA - Entre Curadoras/es e Curandeiras/os: Oficinas Artísticas

2022. A escolha por realizar oficinas artísticas para falar sobre as escrevivências de gênero que atravessam o cotidiano escolar se deu em um encontro de delineamento da nossa pesquisa, neste dia definimos nossos objetivos, geral e específico, local, sujeitos, produção de dados e cronograma.

Partimos para construção numa cartolina de cada etapa a ser feita pela gente, a primeira já gera uma certa confusão, nossa pesquisa será quanti ou quali? Para mim e para a equipe de pesquisadoras universitárias é óbvio, nossa pesquisa será qualitativa, mas para as pesquisadoras secundaristas isso não pareceu tão óbvio, pelo contrário, principalmente pra Malakai, saber quantitativamente a nossa questão de pesquisa parecia ser mais interessante, não sei se isso se deu por um desejo de saber quantos, numericamente, ou se por essa ser a forma de pesquisa que a gente mais conhece e que isso dá uma sensação de pesquisa mais bem sucedida, talvez sejam as duas coisas. Parece ter mais impacto mesmo dizermos quantitativamente quantas mulheres foram violentadas na escola, quantas pessoas são LGBTQIAPN+, quantos casos de assédio, enfim, quantos, quantos, quantos, mas no nosso caso, ou no meu caso, não me importo somente com os números. Acho que nesse momento, acabei interferindo muito no processo de pesquisa, mas acredito que seja isso, não é a pesquisa deles, somente deles, é nossa, não sei. Só sei que defendi um pouco a pesquisa qualitativa e decidimos coletivamente por fazer uma pesquisa quanti-quali, o que neste momento surge como um alerta pra mim, nós ⁶⁴⁶ seremos capazes de colocar mais uma coisa? Agora uma pesquisa também quantitativa, coloco esse medo pro grupo e acabamos por

⁴⁶ Durante o final do ano de 2022, duas integrantes do grupo, estudantes da graduação em Psicologia tiveram que se afastar dos nossos encontros semanais da pesquisa por questões de horário.

decidir que o quanti seria um questionário online, respondido pelos estudantes que serviria como pistas para as oficinas e inscrições, sendo assim, manteríamos o quali com as oficinas artísticas, já definidas anteriormente pelo grupo. Continuamos local, participantes, procedimentos e cronograma, tudo vai se seguindo. (Diário-escreviente, 06/12/2022, Mayara).

Logo em nossa primeira definição, tipo de pesquisa, quanti ou quali? A parte quantitativa chamou mais a atenção dos secundaristas e por isso, decidimos coletivamente fazer um formulário online aberto para todos estudantes com o objetivo de ferramenta de inscrição para as nossas oficinas artísticas, como também para indicar o perfil destes e direcionar questões que poderiam ser trabalhadas posteriormente. Desse modo, elaboramos durante alguns encontros, já em 2023, a construção deste questionário (ANEXO III). Assim, o objetivo do formulário online (parte quantitativa) foi: Mapear as experiências de gênero dos estudantes no cotidiano escolar. E o objetivo das oficinas artísticas (parte qualitativa) foi: Discutir sobre as experiências que envolvem gênero de estudantes no cotidiano escolar.

2023. Novo ano, iniciando um processo que está pelo meio, pela metade, mas nem parece tá na metade assim, estou com muita ansiedade, será que consigo dar conta? Não estou conseguindo dar conta.... Planejo esse encontro na garupa da moto, em pé segurando no cordão do ônibus, no caminho da parada pra casa, atenta por que tá escuro, já é noite, mas sigo pensando, planejando, esses são os tempos que consigo concretamente pensar na pesquisa, nos caminhos, nas andanças, nos meios tempos, nos percursos. Estou sozinha, mas na verdade não, estou sem minhas companheiras, Marta, Bruna R. e Alanna, mas sou muitas, estou com muitas, sou rodeada de muitas, não me sinto só em nenhum momento, elas estão de férias, eu não posso tirar férias. Durante a noite, recebo algumas mensagens-desvios, primeiro de Alanna dizendo que irá me acompanhar na pesquisa, mesmo estando de férias, o processo não é meu, é nosso, a pesquisa está para além do calendário da UFC. Depois,

mensagens-desvios de Malakai e Isaac, novo ano, mesmos comportamentos, ambos falam que não irão poder ir pro encontro, uma está doente e o outro tem que levar a mãe para consulta. Estou cansada, o tempo está tão corrido, não posso permitir perder um encontro, decidimos fazer online. Nosso primeiro encontro online, um formato estranho. O que tinha planejado no mei do caminho foi por água abaixo, não era pra esse formato (Diário-escreviente, 14/02/2023, Mayara).

Começo fazendo uma acolhida com música, primeiro, povoada, como me sinto e me fortaleço hoje e nesses últimos dias, “eu sou uma, mas não sou só”. Depois, fizemos uma rodada de como foram as férias, como foi esse retorno às aulas, todos compartilharam, tivemos experiências bem diferentes desses últimos meses. Fomos jogar, o que planejei faltando 5m pra começar o encontro online foi jogar gartic⁴⁷, jogamos, Alanna ganhou. Depois relatei para eles da reunião de avaliação com o núcleo gestor da escola e o planejamento da culminância da pesquisa. Eles não falam nada, mas acho que isso é por conta do formato on-line. Além disso, as intercorrências da casa vão invadindo o encontro, Isaac botando água no fogão, fazendo arroz, Malakai varrendo a casa.... O tempo vai passando, coloco pra jogo o formulário, vejo se isso ainda se mantém. Decidimos que sim, o tempo tá passando, o tempo tá corrido, a sala do *Google Meet* fecha, Malakai tem que fazer uma coisa em casa e não volta. Decidimos nos dividir em duplas e construir o formulário, Alana e Isaac com as perguntas abertas, eu, Malakai, Brena e Bruna S. o perfil. O tempo tá correndo, o tempo tá corrido (Diário-escreviente, 14/02/2023, Mayara).

A CURA(DOR)IA em si foi pensada muito inspirada na metodologia do Festival das Juventudes. Cada encontro do Festival é dividido em algumas atividades principais: Dinâmica inicial com movimentação corporal; Apresentação da temática do dia; Diálogo com

⁴⁷ O Gartic é um jogo de adivinhação de desenhos online para PC. O objetivo do jogo é tentar adivinhar o que os outros jogadores estão desenhando. Em cada rodada, uma pessoa diferente fica responsável por criar o desenho, que varia de acordo com o tema da sala escolhida. Você pode acessar salas pré-definidas (alimentos, animais, objetos, filmes, etc.) ou salas temáticas criadas por outros usuários.

convidadas/es/os externas/es/os; Construções artísticas pelos/as estudantes acerca da temática discutida; Oficinas com diferentes linguagens artísticas e Partilha das produções realizadas nessas oficinas (Sousa Neto, 2022). Não estávamos querendo inventar a roda. Todes nós já havíamos participado de pelo menos um Festival das Juventudes e sabíamos da potência metodológica deste dispositivo, então decidimos coletivamente seguir com essa estrutura. Além disso, contamos com a colaboração do Coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP) que esteve nas reuniões de produção, passagem em sala, no próprio dia em si e avaliação.

Desse modo, já tínhamos algumas pistas de como gostaríamos de fazer, nos reunimos na escola e costuramos a programação. Em diálogo com o núcleo gestor, decidimos fazer em dia de sábado para que pudéssemos alcançar estudantes de todos os turnos, a diretora mostrou-se muito acessível e disponível para colocar em prática nossa ideia.

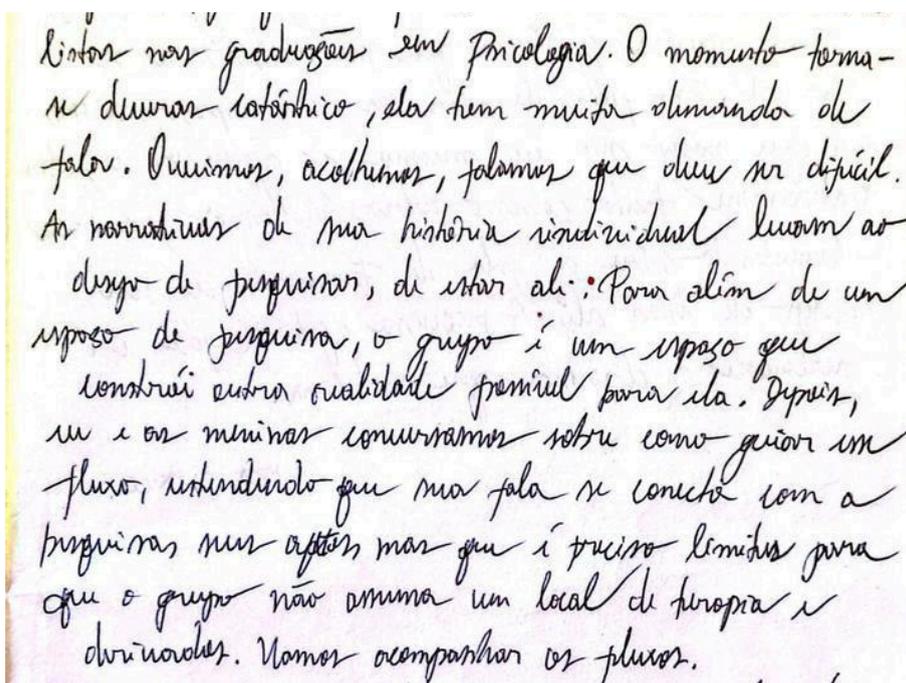
O nome foi pensado de forma coletiva, segundo Isaac o objetivo da CURA(DOR)IA era que fosse uma extensão do que fazíamos em nossos encontros semanais, ou seja, um espaço de acolhimento com a arte às questões de gênero e sexualidade. Lendo e relendo os diários-escrevíveis vou percebendo como esse espaço de cura foi se formando.

2022. “Primeiro encontro da formação de pesquisadoras/es. Perguntamos pra ela sobre a seleção e qual o desejo dela pela pesquisa, nisso, Malakai começa a falar sobre várias situações pessoais que passam com ela e sua família, desde o falecimento do pai, falecimento do padrasto, as reverberações disso nela, na mãe e na comunidade, sobre o bolsonarismo da irmã, sobre as práticas de bebedeira da mãe, e foi seguindo por aí quase como uma associação livre, dando espaço para pequenas pontuações feitas principalmente por mim e Marta, como era somente ela e nós 3 a conversa foi muito direcionada a ela, e parecia haver uma necessidade de jorrar a fala, o que podíamos fazer naquele momento era tentar acolher de certa forma, não queríamos interromper. Tanto essa situação como a da seleção do PIBIC-EM, me parecem como uma linha de tensão prestes a estourar e que estoura na frente da gente, os

alunos querem falar e precisam falar. E acabam por encontrar esse momento de escuta, não sei se por sermos psicóloga e estudantes de psicologia, ou por nos disponibilizarmos a escutar, mas esse espaço de se derramar tem se repetido (...). E por fim, tenho pensando muito sobre como todo espaço que nos propomos a estar acaba se tornando um lugar de falas sensíveis e de escutas sensíveis, falas sensíveis não somente dos estudantes, mas nossas também, tenho pensando muito sobre a pesquisa como um lugar de cuidado e também de cura”
(Diário-escreviente, 21/10/2022, Mayara).

Figura 64

Trecho do diário-escreviente de Marta



litor nas graduações em Psicologia. O momento torna-se deusas catártico, ela tem muita demanda de falar. Ouvimos, acolhemos, falamos que deve ser difícil. As narrativas de sua história individual levam ao desejo de pesquisar, de estar ali. Para além de um espaço de pesquisa, o grupo é um espaço que constrói outra qualidade possível para ela. Depois, eu e as meninas conversamos sobre como gerar um fluxo, entendendo que sua fala se conecta com a pesquisa, mas após, mas que é preciso limites para que o grupo não assuma um local de terapia e divinos. Vamos acompanhar os fluxos.

Marta também aborda sobre este mesmo encontro em seu diário-escreviente, irei legendar, caso esteja ilegível:

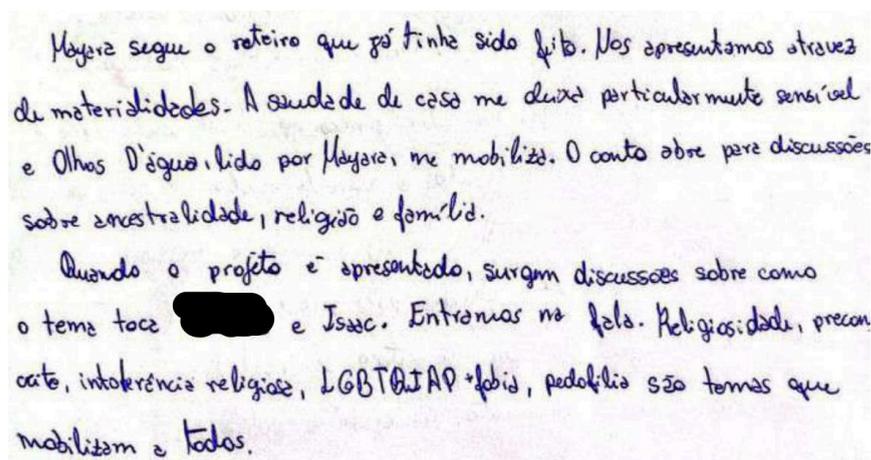
“O momento torna-se deveras catártico, ela tem muita demanda de fala. Ouvimos, acolhemos, falamos que deve ser difícil. As narrativas de sua história individual levam ao

desejo de pesquisar, de estar ali. Para além de um espaço de pesquisa, o grupo é um espaço que constrói outra realidade possível para ela. Depois eu e as meninas conversamos sobre como guiar esse fluxo, entendendo que sua fala se conecta com a pesquisa, seus afetos, mas que é preciso limitar para que o grupo não assuma um local de terapia e derivados. Vamos acompanhar os fluxos” (Legenda do diário-escrevente acima).

A história de vida de Malakai e de todes integrantes do grupo é também o que dá forma e força à pesquisa. Apostamos em uma pesquisa que fala de nós, de nossa experiência, que convoca o corpo. Desejo de pesquisar sobre gênero, desejo de estar ali, é também desejo de vida, de outra vida possível. Entretanto, esta também é uma linha de tensão, tínhamos sempre o cuidado de que aquele espaço não conseguiria ser terapêutico, não tínhamos o espaço devido, e nem era o nosso objetivo. Não era terapia, era cura.

Figura 65

Trecho do diário-escrevente de Alanna



Mayra segue o roteiro que já tinha sido fixo. Nos apresentamos através de materialidades. A situação de caso me deixou particularmente sensível e Olhos D'égua, lido por Mayra, me mobilizou. O conto abre para discussões sobre ancestralidade, religião e família.

Quando o profeta é apresentado, surgem discussões sobre como o tema toca [redacted] e Isaac. Entramos na feia. Religiosidade, preconceito, intolerância religiosa, LGBTQIAP+ fobia, pedofilia são temas que mobilizam a todos.

A imagem acima é um trecho do diário-escrevente de Alanna, no encontro de acolhida do novo bolsista PIBIC-EM, Isaac, ainda em 2022.

É importante destacar, que não é por sermos as pesquisadoras-universitárias e psicólogas/estudantes de psicologia que este espaço que se formou de cuidado/cura era

horizontalizado, somente os estudantes-secundaristas falavam e nós acolhíamos, pelo contrário. Nossas experiências de gênero, de escola e de vida também eram convocadas para o campo das relações que se formavam nos encontros. Não era à toa que estávamos ali, como Alanna relata acima, a pesquisa “mobiliza a todos”.

2022. Encontro do grupo de pesquisadoras/es. Entramos na sala, vamos conversando sobre como estamos e Isaac está diferente, aconteceu uma situação com ele em relação a igreja e a família, em que por ele ter saído e se afastado, a família acabou por pressionar muito ele a voltar, e ele foi, mas antes disso, o pai teve um sonho de que ele era gay e compartilhou disso com o pastor, que no dia que ele foi pra igreja disse na frente de todo mundo pra ele voltar, pra ele tomar cuidado e “vigiar”, ele diz com muita emoção de como tava sendo ruim escutar isso da família, e da igreja. Nesse momento, vamos partilhando experiências e estratégias que se cruzam, não numa tentativa de solucionar os problemas dele, mas foi ensaiado mais uma vez essa espécie de lugar de cuidado e curadoria que a pesquisa tem se tornado, discutir sobre gênero passa por isso, acho que o tema, e nossa forma de pesquisa traz isso à tona, mesmo que não seja o desejo. (Diário-escreviente, 25/11/2022, Mayara).

Os encontros semanais do coletivo de pesquisa constituiu-se um espaço de exercício ético e de reelaboração dos modos de ser vulnerável, afetado, violentado em grupo (Mombaça, 2021). O grupo produz a possibilidade de um outro modo de existência em conjunto.

Grupo y

Encontro y

Equipe y

Coletivo y

Circularidade y

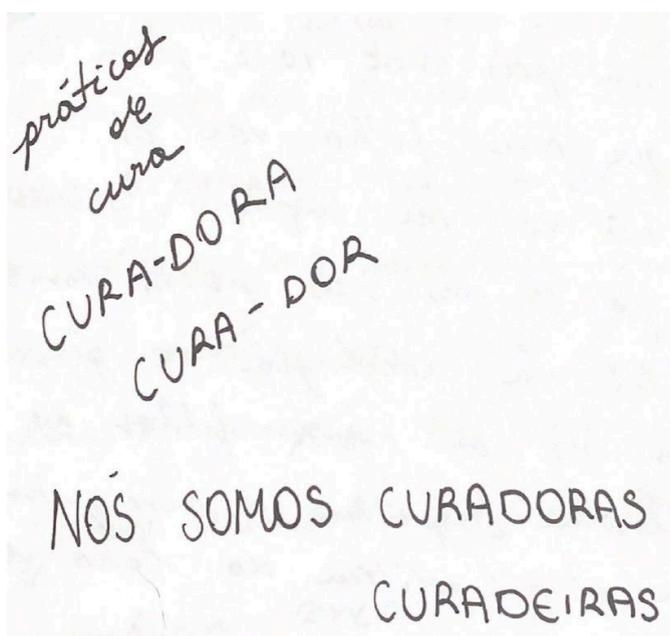
Cuidado y

Cura.

Nós apostamos em uma ética de pesquisa que se faz coletiva, é colocar no círculo todos os afetos, tantos das estudantes-universitárias, quantos das/dos estudantes-secundaristas. Nós apostamos na circularidade. A circularidade é um dos valores de descendência africana, tem relação com o resgate da Mãe África, com o movimento cíclico da vida, com a espiritualidade e com as posições que ocupamos durante o curso da existência. A vivência deste valor acontece através das trocas nas rodas, danças, jogos, conversas, trabalho solidário. A circularidade afirma a potência do encontro: todo mundo se posiciona de modo a poder se ver e reconhecer (Gama & Cabral 2021). Os cuidados de si, do outro, de outros e do nós estão interconectados e acontecem em circularidade, num movimento que fortalece os laços de relações, podendo o cuidador ser e sentir-se cuidado enquanto cuida, numa relação de troca mútua (Baggio et al., 2009).

Figura 65

Trecho do diário-escrevivente de Mayara: Nós somos curadoras/es



E assim, surgiu a CURA(DOR)IA. Curadora. É uma função de alguém que é responsável pela concepção das obras de arte, montagem e supervisão de uma exposição da obra, dessa forma, trabalhamos com arte, fazemos com arte, mexemos com arte e organizamos a arte. Pensamos em toda a concepção do dia, nas oficinas, convidadas, metodologia, éramos curadoras e curadores. Além disso, enunciar sobre as experiências de gênero e sexualidade evoca muitas dores, e que de certa forma, ali, podíamos experimentar uma prática de cura, como curandeiras e curandeiros. Inspirados em Brasileiro & Leal (2021), aqui recusamos curas por um viés psicologizante, higienista, cisgênero, branco, biologizante e binário, produzimos outras práticas curativas a partir de nossas ritualidades, saberes ancestrais, sabenças encantadas, bruxarias, macumbarias, reisados, entre outras múltiplas formas de cura.

2023. Passamos um dia inteiro pensando em cada detalhe, cada convidada, cada oficina, cada material, cada comissão. O aquecimento corporal inicial ficou com JAP. A abertura ficou com a equipe de pesquisadoras/es. Para a roda de conversa, já pensamos logo em Neta que havia participado de outras atividades do Coletivo Female Power durante o ano de 2022. Isaac sugeriu que a outra pessoa convidada fosse seu professor, entretanto, mais próximo ao evento ele acabou desmarcando, por isso, chamamos Pietra, sugestão de Raquel integrante do JAP. Para as oficinas artísticas, fizemos um mapeamento de artistas que trabalham com as questões de gênero e fechamos em sete (7) oficinas: 1) Grafite com a Narah Adjane; 2) Poesia com a Megh Coelho; 3) Dança com Pietra; 4) Pintura com Stefany Mendes; 5) Colagens com JAP; 6) Teatro com Aurianderson; 7) Artesanato com CRIART. A escolha por oficinas artísticas se deu entendendo que a atuação com grupos favorece as discussões e a produção cooperativa de uma ação político-crítica. Segundo Santos & Romagnoli (2012) as oficinas funcionam como dispositivos de trabalhos coletivos, nos quais se busca incitar processos expressivos, produtivos e novos modos de subjetivação.

Constatamos que a singularidade das oficinas é trabalhar explicitamente com mecanismos que não ficam apenas no registro da linguagem, mas que envolvem outras instâncias, como o corpo, a música, dança, teatro, artesanato, artes plásticas (Santos & Romagnoli, 2012). Além disso, as oficinas de práticas artísticas são espaços de aprendizagem inventivos de si e de mundos outros (Kastrup & Barros, 2009). Fechamos a programação, depois disso, partimos para mobilização e convites.

Eu e Alanna tivemos uma reunião com o núcleo gestor com o objetivo de apresentar a possível programação e o formulário de inscrição. A diretora levantou duas preocupações, a primeira sobre o horário, a programação da CURA(DOR)IA não poderia ultrapassar às 17h, pois acabaria ficando perigoso a rua da escola. E se com o formulário de inscrição era possível identificar o nome dos estudantes, já que haviam perguntas muito íntimas e delicadas. Negociamos e garantimos que iríamos encerrar às 16:30h e que teríamos esse cuidado e preocupação com a identificação do formulário.

No formulário online em si, apresentamos a pesquisa e abordamos o seu objetivo: Discutir e analisar as vivências de estudantes a respeito de gênero e sexualidade na escola. Colocamos também uma prévia da programação, importante destacar que enfatizamos o almoço, o lanche e o racha como um atrativo para a participação deste momento:

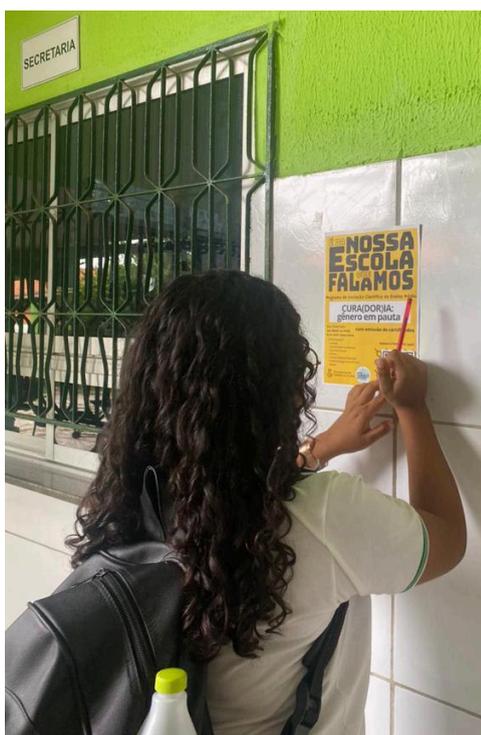
- Acolhida
- Apresentação da pesquisa
- Roda de conversa
- Almoço
- Oficinas artísticas/Exposição
- Partilha/entrega de certificados
- Lanche
- Rachas

Enfatizamos também a entrega de certificação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), acreditando que este seria um importante incentivo. E a garantia do sigilo das respostas dadas.

A divulgação do formulário se deu por duas formas, online, nos grupos de whatsapp das turmas, utilizando um cartaz virtual. E de forma presencial, tanto com passagens em sala feita pela equipe de pesquisa em parceria com o Coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), quanto foi colocado nas paredes da escola.

Figura 66

Brena pregando o cartaz na parede da escola-céu

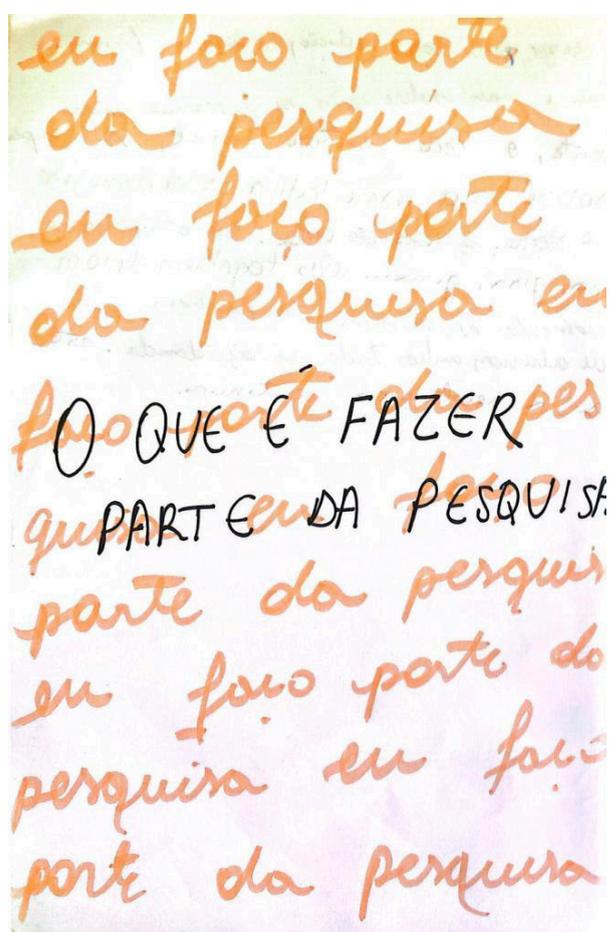


Nos dividimos em dois grupos para fazer a passagem em sala, tentando separar universitários, estudantes e JAP. Os pesquisadores-secundaristas estavam apreensivos, entrar na sala, interromper a aula, falar para turmas que não são as deles, explicar o que era a pesquisa, explicar o que seria a CURA(DOR)IA. Esse era o script do que faríamos em cada

sala. Eu batia na porta, pedindo licença ao/a professor/a para adentrar na sala e interromper sua aula. Iniciava me apresentando e me direcionava para os bolsistas PIBIC-EM, para que eles falassem. Uma fala se repetiu pelas 15 salas que passamos. Eu sou Isaac e faço parte da pesquisa, eu sou Malakai e faço parte da pesquisa, eu sou Brena e faço parte da pesquisa. Suas falas vinham acompanhadas de sorrisos tímidos, e imediatamente direcionaram o olhar pra mim de novo. No primeiro momento, eu havia ficado de certa forma decepcionada, esperava que eles falassem mais sobre a CURA(DOR)IA e que suas falas, por serem de pares, tornaria até mais atrativo, entretanto, em todas as salas, a mesma frase. Isso ficou martelando na minha cabeça por um tempo, tanto que que escrevi repetidamente no meu diário-escreviente:

Figura 67

Folha do diário-escreviente de Mayara: O que é fazer parte da pesquisa?

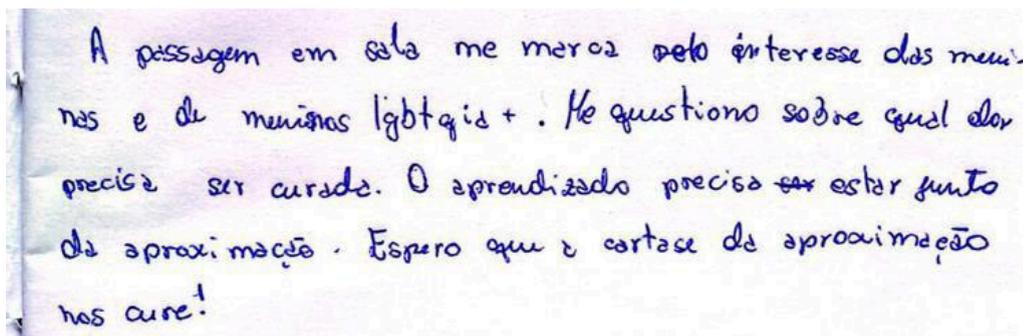


eu faço parte
da pesquisa
eu faço parte
da pesquisa eu
O QUE É FAZER
PARTE DA PESQUISA?
parte da pesquisa
eu faço parte da
pesquisa eu faço
parte da pesquisa

E o que é fazer parte da pesquisa? Fazer parte. Outra pista que não é óbvia e foi construída durante esse um ano. A pesquisa é nossa, elas/eles fazem parte da pesquisa.

Figura 68

Trecho do diário-escrevente de Alanna



“A passagem em sala me marca pelo interesse das meninas e de meninas LGBTQIAP+. Me questiono sobre qual dor precisa ser curada. O aprendizado precisa estar junto da aproximação. Espero que a cartase de aproximação nos cure!” (Legenda do diário-escrevente acima).

Durante a passagem em sala, olhares, cutucadas, falas, risos, levantadas, aproximações para escanear o *QR Code*⁴⁸, dúvidas. A maioria dessas movimentações foram feitas por corpos femininos, feminizados e afeminados. Isso já era algo que esperávamos, e de certa forma, desejávamos, queríamos um espaço que fosse composto principalmente por mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, imaginávamos que nossas discussões seriam mais interessantes para estes corpos.

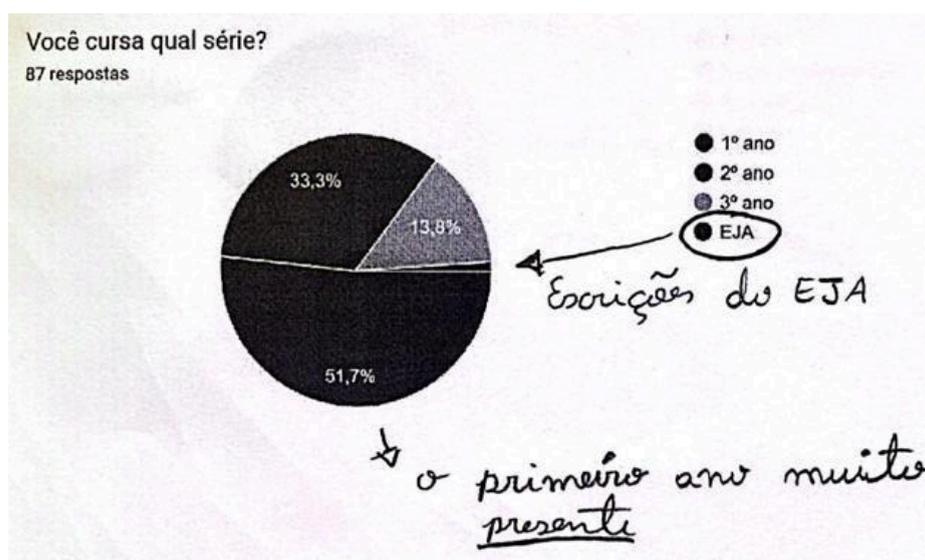
Obtivemos inicialmente 82 respostas e como tínhamos ofertado 50 vagas decidimos por confirmar a inscrição de todes, sabendo que muitos poderiam faltar. Em um dos encontros da equipe de pesquisadoras/es nos dispusemos a analisar as respostas do formulário online.

⁴⁸ Decidimos colocar um *QR Code* no cartaz para facilitar o acesso ao formulário online, ou seja, era só direcionar a câmera que abria o *Google Forms*.

Imprimimos todas as respostas, tanto das perguntas objetivas quanto subjetivas e fizemos uma análise coletiva, daquilo que chamava atenção das/dos pesquisadoras/es.

Figura 69

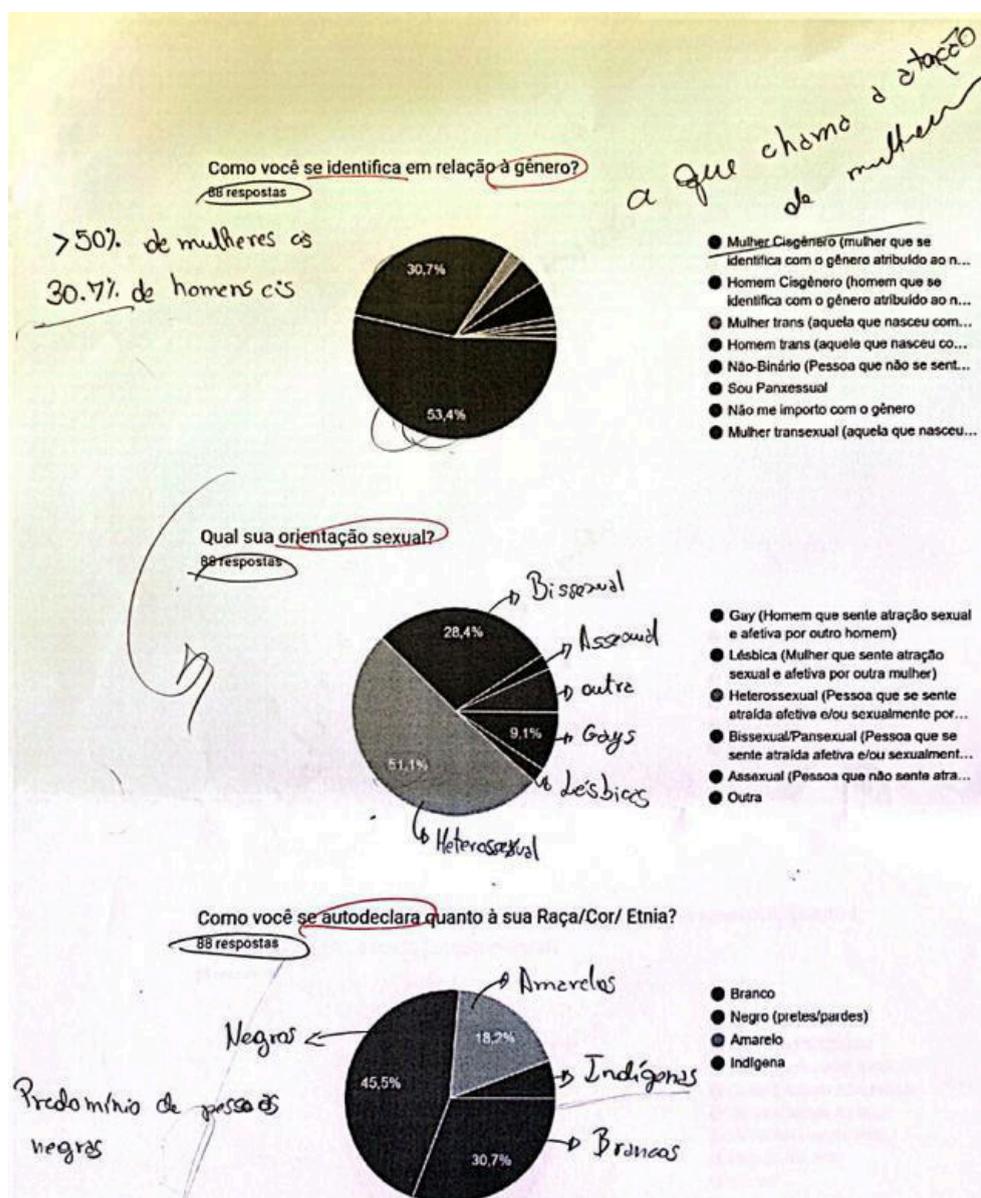
Análise do gráfico: *Você cursa qual série?*



Em uma das primeiras perguntas, nós, do coletivo de pesquisadoras/es, nos impressionamos que houve inscrições do EJA, já que a divulgação não aconteceu para estas turmas da noite, nem online nem por passagem em sala. Além disso, nos surpreendeu como houve mais inscrições das turmas do primeiro ano.

Figura 70

Análise dos gráficos referente ao perfil identitário dos respondentes



Em relação à identidade de gênero, a maioria dos respondentes eram pessoas cis, principalmente mulheres cis, conforme foi rabiscado na imagem acima, acreditamos que a CURA(DOR)IA chamasse a atenção para mulheres, já que se trata de uma discussão voltada para gênero. Em relação à orientação sexual, a maioria eram pessoas que se identificam como heterossexuais. E em relação a autodeclaração racial, predomínio de pessoas negras.

Figura 71

Trecho do diário-escreviente de Malakai

na metade do gráfico ~~foi~~ interessante
 metade foi cis e hétero, algo definitivamente interessante.
 a homofobia que muitas passam

Como Malakai aborda em seu diário-escreviente, termos mais inscrições de pessoas que se indentificam como cis e hétero nos chegou como algo **impactante**, ou melhor, inteteressante. Partimos para as perguntas subjetivas e algumas palavras chamam a atenção do grupo de pesquisadoras/es, principalmente as respostas referentes a pergunta “Fale de experiências, dentro da escola, sendo elas positivas ou negativas, que envolva gênero e sexualidade”:

Figura 72

Análise das respostas subjetivas do formulário online

brincadeira

resposta...

nunca tive nenhum problema como este.
Nada dms
Normal
• (Piadas e brincadeiras de mal gosto sobre sexualidade dos alunos.)
• As pessoas ficam me olhando e julgando pelo o jeito de me vestir
Respeito a todos
• Uma experiência positiva, ao meu ver, a maioria das pessoas respeitam o gênero das outras, mais ainda tem umas pessoas que não respeitam zoando algumas pessoas que se consideram "gay".)
(A maioria das pessoas que estuda comigo tem a cabeça fechada, então eles não entendem, eles fazem muitas piadas homofóbicas)
• Normalmente fazem piadas com pessoas não cis gênero, ficam rindo e colocando apelidos
Eu não tive experiência que envolvesse gênero de sexualidade
• (Ja vi pessoas cometendo atos homossexuais por um garoto passar gloss)
Não
• (Pessoas que tem preconceito com os gay)

dentro da comunidade *mind*

Já presenciei uma situação em que uma pessoa de gênero trans tentou utilizar o banheiro feminino mais foi barrada pelas garotas ocorreu um bate boca a qual foi xingada e botada para fora.

Ta fazendo preconceito com as pessoas

Não, não que eu lembre

Nunca tive

Só comentários

Já presenciei sim, eu tava com minha amiga quando fizeram uma piada sobre ela nunca tive

Nunca vi algo assim

não, nunca tive, sempre fui na minha.

Nada

Nao lembro

Nunca presenciei!

Só escutei as pessoas fazendo piadas com um amigo

Nunca me envolvi e também nunca presenciei

Nunca estive, não que me lembre

Já presenciei

Racismo é homofobia

Nenhuma

Já presenciei certos alunos sendo machistas e homofóbico com um aluno Dizendo coisas do tipo "ah, mulher com mulher até que vai agora homem com homem é sem vergonhice"

Eu n mim envolvo muito mas ajudo de vez em quando uns alunos pos muitas das vezes por terem depressão ansiedade não tem pessoas adequadas por perto pra ajuda

saúde mental

Brincadeiras, Piadas, Bullying, Zoação. Podemos pensar em uma LGBTfobia recreativa, fazendo um paralelo com o Racismo Recreativo, uma das expressões do racismo é no humor que violenta, através de ditos populares ou mesmo de piadas prontas atreladas à pessoa preta se inferioriza. Segundo Moreira (2019), o racismo recreativo indica um humor que uma piada aparentemente inocente revela uma dimensão social que hierarquiza determinados corpos. Aproximando a questão para o campo da LGBTfobia, a inferiorização a que são submetidas as pessoas LGBTQIAPN+ na escola é explícito nas respostas acima. É cotidiano escutar “brincadeiras” que nomeiem essas pessoas de “bichas”, “viados”, “baitola”, “sapatão”, entre outros inúmeros xingamentos. E tudo isso com o intuito de fazer rir à custa da existência do outro.

O final do formulário online era destinado para pensar as formas de rede de apoio encontradas em meio a situações de violência e o que os alunos sugeriram que a escola pudesse fazer para reduzir estas situações. Podendo a CURA(DOR)IA ser uma das

possibilidades já que em suas respostas subjetivas as/es/os alunas/es/os responderam:

Palestras, Conversas e Cuidado.

Figura 73

Análise coletiva do gráfico

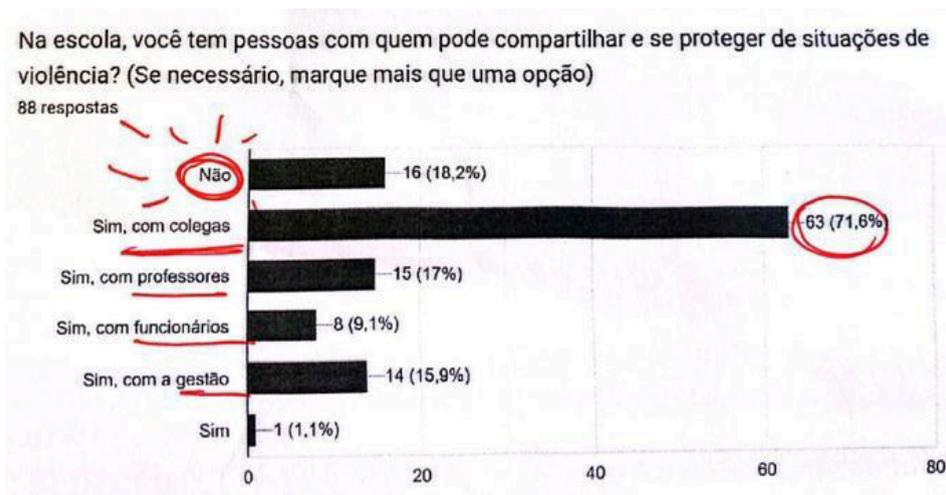


Figura 74

Análise das respostas subjetivas

Conversar
regras de convivência
Numa conversa entre coordenadores e alunos, e a prática a mais sobre isso
Sei não
Conversado mais
Não sei
Cuidar dos alunos, fica mais atentos sobre o que acontece lá
expulsão
Mostrar sempre que eles estão presente, para apoiar todos, fazer sempre algo para mostrar isso
Mais palestras
Pautas, conversas mais sobre assuntos como identificar a violência de gênero e sexualidade para tentar ajudar as pessoas a se sentirem confortáveis sendo elas mesmas
Ter cartazes nas paredes, ter palestras sobre o assunto ter mais pessoas que se identificam e fala sobre o que elas passam. Quando uma pessoa sofrer algo do tipo eu acho que ela tem que grita NÃO ai a pessoa vai se assusta e não vai fala sobre
Presta atenção nos alunos
Palestra com o alunos falando sobre o assunto
apenas conversar
Falar mais sobre o assunto e ter uma posição mais firme quando isso acontecer
Otima
Sim, conversando mais a respeito sobre a violência, e o professor tem que puxar mais a responsabilidade em sala de aula para falar desse assunto
Palestras e punições mais severas
conversar com os alunos
Fazer palestras e se algo acontecer expulsar os ou o envolvido
colocar regras mais rígidas, por exemplo ser expulso
Estar mais perto dos alunos
Aceitando a liberdade de expressão

Durante a produção da CURA(DOR)IA tivemos encontros com o núcleo gestor para melhor definição da proposta e pedir ajuda com insumos e materiais para as oficinas. Além disso, tivemos reuniões com os artistas, coletivos parceiros e professores que se somaram na produção. E tivemos encontros da equipe de pesquisa para divisão por comissões e produção dos materiais pré CURA(DOR)IA.

Figura 75

Produção PRÉ-CURA(DOR)IA

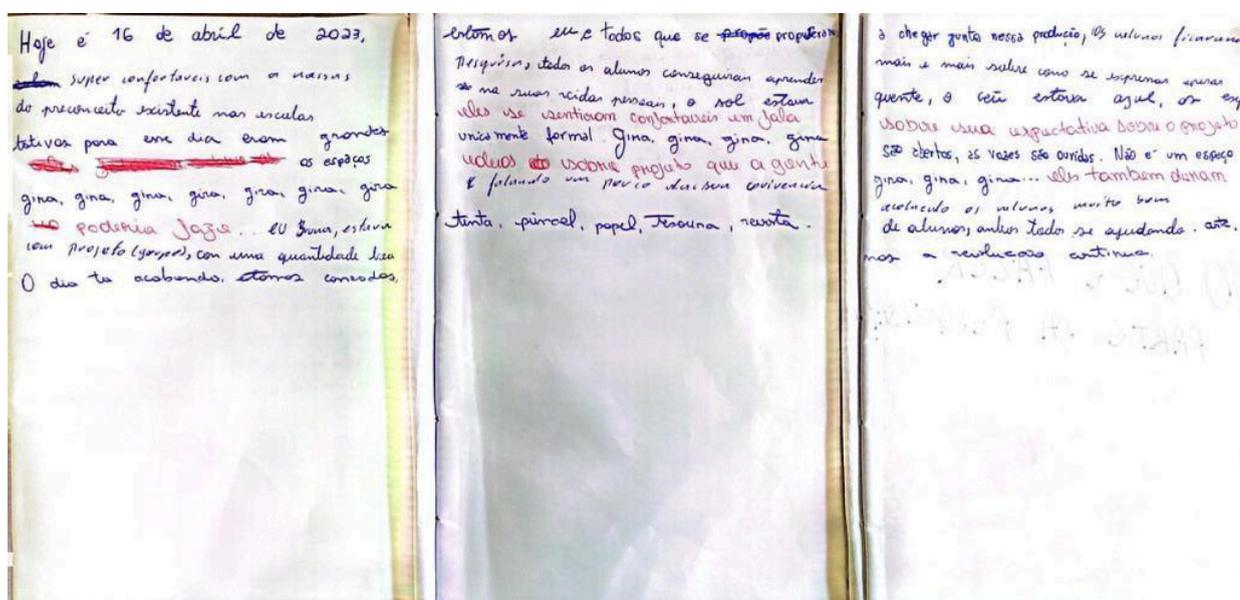


Em nosso último encontro do grupo de pesquisadoras/es, fizemos uma experimentação do que seria a CURA(DOR)IA. Pegamos todos os diários-escrevíveis que estavam no dia e fizemos deles um grande diário, onde pela primeira vez pudemos escrever um nos diários-escrevíveis dos outros. Experimentamos, fabulamos, sonhamos, ficcionalizamos, imaginamos, criamos. Fabular é, sobretudo, criar — tensionar os limites de possibilidades para dar forma a outras configurações de relações e espaços. A potência da imaginação

presente na fabulação é uma potência realizadora. Fabular é assim multiplicar ao infinito as possibilidades (Held, 1980). Experimentar essa escrevivência de nós não se compromete com uma lógica, com uma linearidade, com uma congruência. Criamos a nossa realidade, criamos o nosso mundo, criamos a nossa CURA(DOR)IA.

Figura 76

Colagem dos diários-escrevintes: Experimentação sobre a CURA(DOR)IA



Hoje é 16 de abril de 2023, estamos eu e todos que se propõe propuseram a chegar junto nessa produção, os alunos ficaram super confortáveis com a nossas pesquisa, todos os alunos conseguiram aprender mais e mais sobre como se expressar apesar do preconceito existente nas escolas e na suas vidas pessoais. O sol estava quente, o céu estava azul, as expectativas para esse dia eram grandes. Eles se sentiram confortáveis em falar sobre sua expectativa sobre o projeto. Eles falaram sobre as. Os espaços são abertos, as vozes são ouvidas. Não é um espaço unicamente formal. Gira, gira... Eles também deram ideias sobre projeto que a gente poderia fazer... eu, Bruna, estava acolhendo os alunos muito bem e falando um pouco da sua

convivência com projeto (grupo), com uma quantidade boa de alunos, ambos todos se ajudando. arte, tinta, pincel, papel, tesoura, revista. O dia ta acabando, estamos cansadas mas a revolução continua (Legenda dos diários-escrevientes acima).

“Foi um Espaço de Cura Mesmo”: Escrevivências do Dia 15 de Abril de 2023

A CURA(DOR)IA aconteceu no dia 15 de abril de 2023, se você leitora/leitor colocar no Google Notícias abril de 2023 e escola, algumas notícias irão invadir sua tela. O mês de abril como um todo, mas principalmente, entre os dias 10 e 20 de abril, havia uma sensação de pânico e terror por conta dos ataques às escolas.

No ano de 2023, foram registradas 16 ataques, mais do que o dobro do número observado em 2022, segundo relatório Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental do Ministério da Educação (MEC), lançado no dia 03 de novembro de 2023. Os ataques foram em sua maioria com armas de fogo, tendo nove mortes registradas. Em geral, os crimes foram cometidos por homens, adolescentes ou adultos, alunos ou ex-alunos das escolas. Neste período, muitas escolas suspenderam suas atividades, genitores impediam seus filhos de irem às aulas, era uma sensação de medo.

Figura 77

Folha do diário-escrevente de Mayara

iríamos nos encontrar
na escola na sexta para
fazermos os últimos preparativos
da cura (dor) ia.
muitas mensagens no grupo,
muito medo, muita violência.

"Você vai manter o sábado?"

Como fazer uma pesquisa nesse território e não ser atravessada? No dia 14 de abril, iríamos nos encontrar na escola na sexta para fazermos os últimos preparativos da CURA(DOR)IA. Muitas mensagens no grupo, muito medo, muita violência. As/os pesquisadoras/es-secundaristas estavam apavoradas/os pois circulavam mensagens de possíveis atentados a escola-céu. Decidimos então terminar os preparativos no Centro de Defesa Hebert da Silva (CDVHS) e chega uma mensagem da diretora: "Você ainda vai manter o sábado?". Aquilo nos apavora, já estávamos com tudo feito. Decidimos manter.

Figura 78

Colagem dos diários-escrevintes das/dos pesquisadoras/es no dia da CURA(DOR)IA

Bom dia!, 07:00 da manhã de sab.
dia 15, estamos no ônibus indo para
o evento da escola, ~~o~~ ao som de
raça negra "que nem ameri"çô.

7:05 pegamos o ônibus com destino a escola
fomos escutando raça negra

7:50 estamos organizando as salas os cartazes
para a chegada dos alunos, por enquanto está
de boa.

Bom Hoje o grande dia dessa grande evento,
que queris matar nos de ansiedade.

Na ida pra escola logo de manhã cedo eu e
ferrreira e a Bruna e a Brenda já tava com
todo humor e também escutando raça negra
dentro do ônibus, foi tudo!!

Dia 15 de abril de 2023. Combinamos de chegar mais cedo para organizar tudo, cartazes, cadeiras, credenciamento, crachás. Devido a essa semana de ataques, foi aumentado o policiamento nas escolas, com o objetivo de coibir possíveis ataques, em algumas escolas tínhamos policiais, em outras eles faziam uma ronda diária. Logo cedo pela manhã, enquanto

estávamos decorando a porta da escola, dois homens de moto entram. Eram dois policiais armados e chegam perguntando: “O que está acontecendo aqui?” “Quem é o responsável por isso?” “Sobre o que é o evento?”.

Figura 79

Trecho do diário escriturista de Mayara: *Polícia nas escolas*



Aquilo nos paralisa, eu era a responsável por aquilo e meu corpo gela, treme. Vou em direção a eles e tento explicar o que estávamos fazendo. Ele pede para que eu chame a direção e naquele momento estávamos receosos que cancelassem a CURA(DOR)IA.

“Certidão de óbito

Os ossos dos nossos antepassados Colhem as nossas perenes lágrimas pelos mortos de hoje. Os olhos dos nossos antepassados, negras estrelas tingidas de sangue, elevam-se das profundezas do tempo cuidando de nossa dolorida memória. A terra está coberta de valas e a qualquer descuido da vida a morte é certa. A bala não erra o alvo, no escuro um corpo negro bambeia e dança. A certidão de óbito, os antigos sabem, veio lavrada desde os negreiros.” (Evaristo, 2017, p.17)

Figura 80*Credenciamento da CURA(DOR)IA*

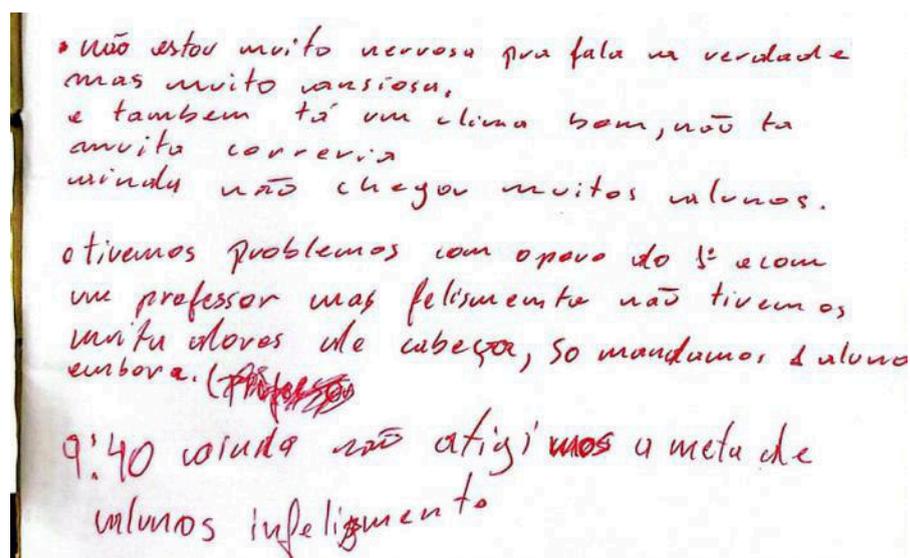
Esta imagem é do credenciamento, éramos corpos alvo, juventudes, negras, de periferia, LGBTQIAPN+, se policiais chegam, nosso corpo paralisa. Reitero que foi uma abordagem e uma ronda padrão, todos os dias os policiais iam na escola-céu, mas nós não sabíamos disso, e nosso corpo treme e teme. Como é bem sabido, a segurança pública é uma das esferas da ação estatal em que a seletividade racial se torna mais patente. Diariamente, o que eles chamam de bala perdida, diariamente mais um jovem favelado morto, diariamente

mais uma execução, diariamente nós, corpos negros, sabemos que têm alvo e endereço nos espaços das periferias e favelas. O projeto de dominação que se intitulou com o capitalismo tem como meta uma não existência do outro em seus saberes, cultura e identidade. Fanon (2008) compreende que a primeira forma de não existir é o ataque ao corpo, e a outra forma é a catequização que institui a ideia de que somos inferiores pela raça, condicionando nossa existência a uma relação de subordinação.

A diretora explicou do que se tratava para os policiais, continuamos.

Figura 81

Trecho do diário-escrevinte de Bruna S.



Estiveram presentes ao decorrer de toda a CURA(DOR)IA 32 estudantes, todo o núcleo gestor, composto por 1 diretora e 4 coordenadoras/es, 4 professoras/es, 2 merendeiras, 1 porteiro, a equipe de pesquisa, 14 artistas do território do Grande Bom Jardim e 9 da UFC, seja integrante do Artes Insurgentes ou do É da nossa escola que falamos ou do VIESES. Antes de dar início a CURA(DOR)IA, fizemos uma rodada de apresentação e expectativas com as pessoas que estavam na produção.

Na programação, iniciamos com uma dinâmica de quebra-gelo com o JAP, que consistiu em uma brincadeira de ciranda, roda, círculo, giro, gira. E passamos para a abertura, com o núcleo gestor, uma em seguida da outra, agradecendo e falando da importância da CURA(DOR)IA. Apresentação da pesquisa, fala feita pelos bolsistas PIBIC-EM, apresentação do Coletivo do Female Power e do JAP. Encerramos a manhã com uma Roda de conversa com Neta e Pietra. “Aconteceu vários relatos sobre mulheres trans e travesti e sobre as diferenças entre ambas e como continuam lutando para que as suas próximas gerações não sofram o que elas sofreram” (Diário-escrevente, 13/06/2023, Bruna S.)

À tarde retornamos com aquecimento corporal realizado pelo JAP e divisão para as oficinas artísticas, estávamos esperando em torno de 50 estudantes, devido o número não ter sido alcançado, diminuímos algumas oficinas, ficando com 5, tendo em média 6 a 10 estudantes em cada, tais como:

- Grafite com a Narah Adjane
- Dança com Pietra
- Pintura com Stefany Mendes
- Teatro com Aurianderson
- Artesanato com CRIART.

Figura 82

Produção artística da oficina de pintura

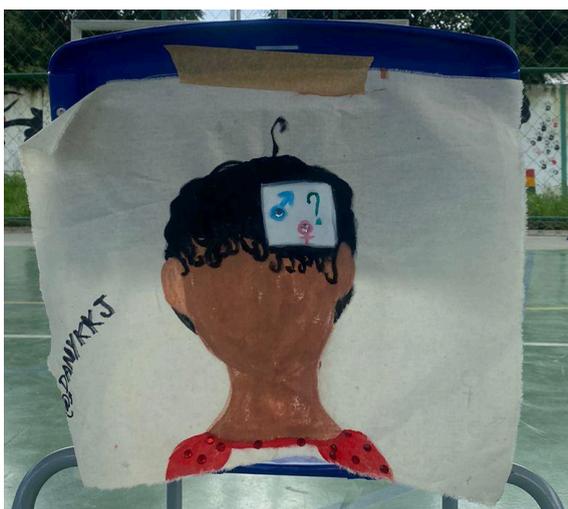


Figura 83

Registro da oficina de grafite



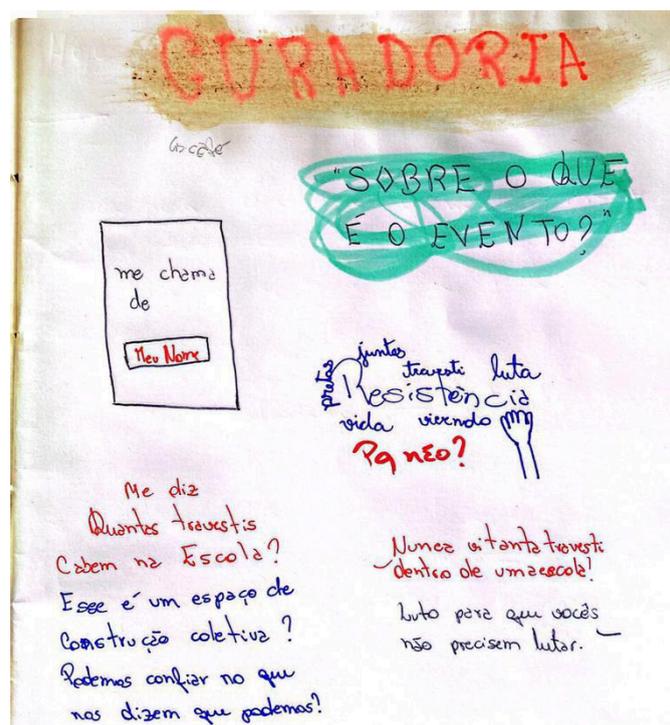
Todas as oficinas trabalharam a partir de múltiplas linguagens artísticas a relação gênero e escola. Após as oficinas tivemos a instalação e exposição das produções com o compartilhamento do que foi produzido e por fim, entrega dos certificados e kits artísticos. A partilha funciona como um aglutinante, que conecta as partes e faz-ver os pontos de amarração entre elas.

“Todes puderam aprender a respeitar o próximo independente do seu gênero e sexualidade e também tivemos muita arte e naquele dia com certeza fizemos a diferença na escola, e enquanto a gente tiver voz nós vamos gritar pelos nossos direitos na sociedade”
Diário-escrevivente, 13/06/2023, Isaac).

No final, reorganizamos a escola e fizemos uma breve avaliação com quem produziu a CURA(DOR)IA. Uma frase de Raquel, integrante do JAP que colaborou com a produção, chama atenção: Nunca vi tanta travesti dentro de uma escola!

Figura 84

Folha do diário-escrevvente de Alanna: CURADORIA

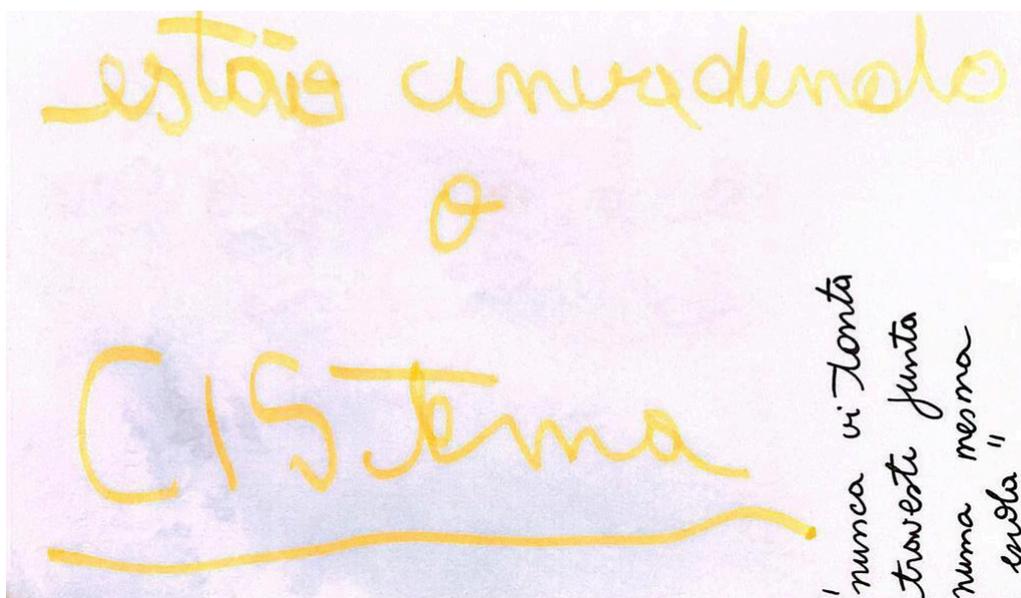


Esta é uma folha do diário-escrevvente de Alanna referente ao que foi a CURA(DOR)IA, tem uma borra de café, a pergunta do policial, o crachá e a frase de Raquel. Nunca vi tanta travesti dentro de uma escola! “Me diz quantas travestis cabem na escola?” Uma? Duas é demais. Ou melhor nenhuma. Que corpo cabe na escola? Corpos indisciplinadas, corpos matáveis, corpos abjetas. Segundo Butler (2018), o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Desse

modo, nos diferentes âmbitos e instâncias sociais, corpos transexuais e travestis estão relacionadas à abjeção, numa lógica de restrição, dominação e mortificação. Na CURA(DOR)IA, colaboramos para um mundo em que corpos trans e travestis não estejam mais escondidas em banheiros, em cadeiras da direção ou sendo espancadas, elas estavam lá na frente, como professoras, palestrantes, oficinairas no chão da escola. Ocupando espaços, falando e escrevendo suas histórias NA escola, COM a escola.

Figura 85

Folha do diário-escrevinte de Mayara: Estão invadindo o CISTema

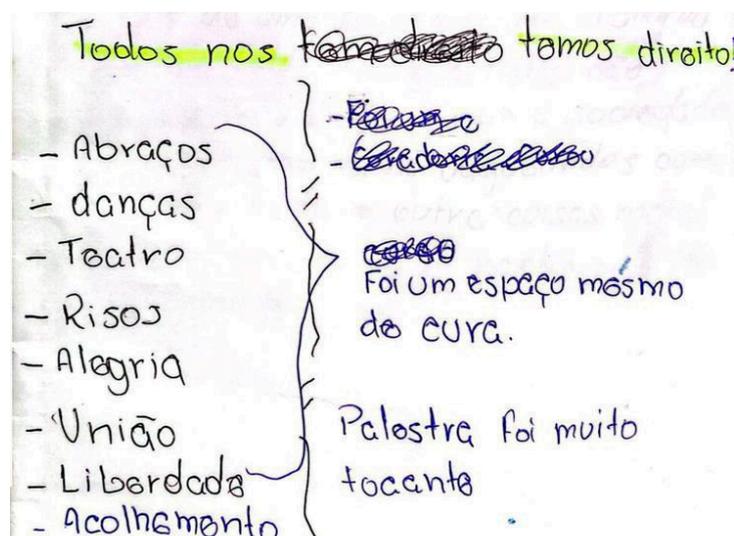


Kastrup e Barros (2009, p. 84) falam da possibilidade de “dispositivos dentro de dispositivos”. Desse modo, entendemos que não somente as oficinas artísticas como toda a CURA(DOR)IA foram entendidas como um dispositivo, isto implica considerá-la um espaço coletivo de visibilidade e enunciação de linhas de força que se encontram em operação no âmbito de determinado território acerca da relação gênero e escola. "Trata-se de atualizar o que lá operava de maneira implícita e virtual" (Kastrup & Barros, 2009, p.80). O dispositivo seria sempre um conjunto de práticas e de funcionamentos que produzem efeitos. Desse

modo, a CURA(DOR)IA possibilitou mapear os modos de subjetivação das/des/dos secundaristas implicados com a relação gênero e escola, e acompanhar como elas/elus/eles narram sobre si e sobre suas formas de se fazer resistência na contemporaneidade. Segue abaixo os registros completos feitos pelas pesquisadoras-secundaristas em seus diários-escrevíveis acerca do que foi a CURA(DOR)IA:

Figura 86

Folha do diário-escrevível de Isaac: Todos nos temos direito!

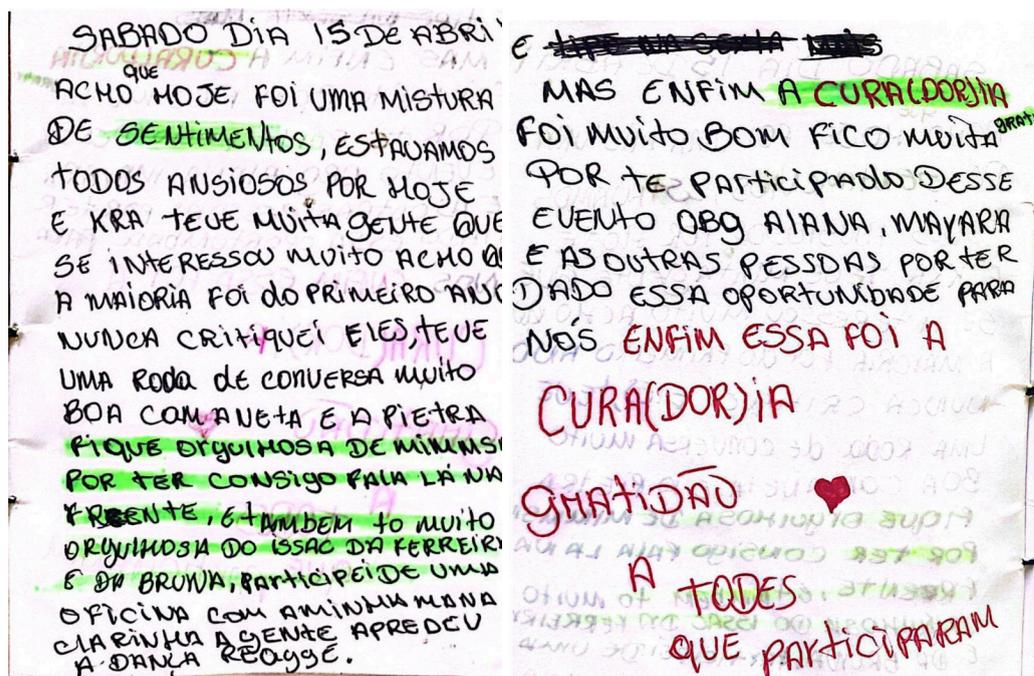


“Aí também com essas rodas de conversa um grupo de pesquisadores pibic-em com a ajuda de outros psicólogos e outras pessoas fizeram a CURA(DOR)IA. Foi um evento muito comentado tanto pelos os alunos que participaram desse momento massa e os que não participaram, professores também comentaram sobre a curadoria eles acharam muito interessante. Resumindo tudo, depois desses grupos de pesquisadores começarem a falar sobre gênero e tals muitas pessoas começaram a se sentir bem em falar sobre seu gênero começaram a se sentir mais seguros por ser quem eles são dentro da escola. Brena espera muito que as escolas sejam um local de apoio pra aquelas pessoas que não tem apoio nenhum por conta do seu gênero, que as escolas acolham elas e que a escola sinceramente não seja mais um local

que eles se sintam oprimidos, que seja um local seguro para todes” (Diário-escrevente, 13/06/2023, Brena).

Figura 87

Folha do diário-escrevente de Brena

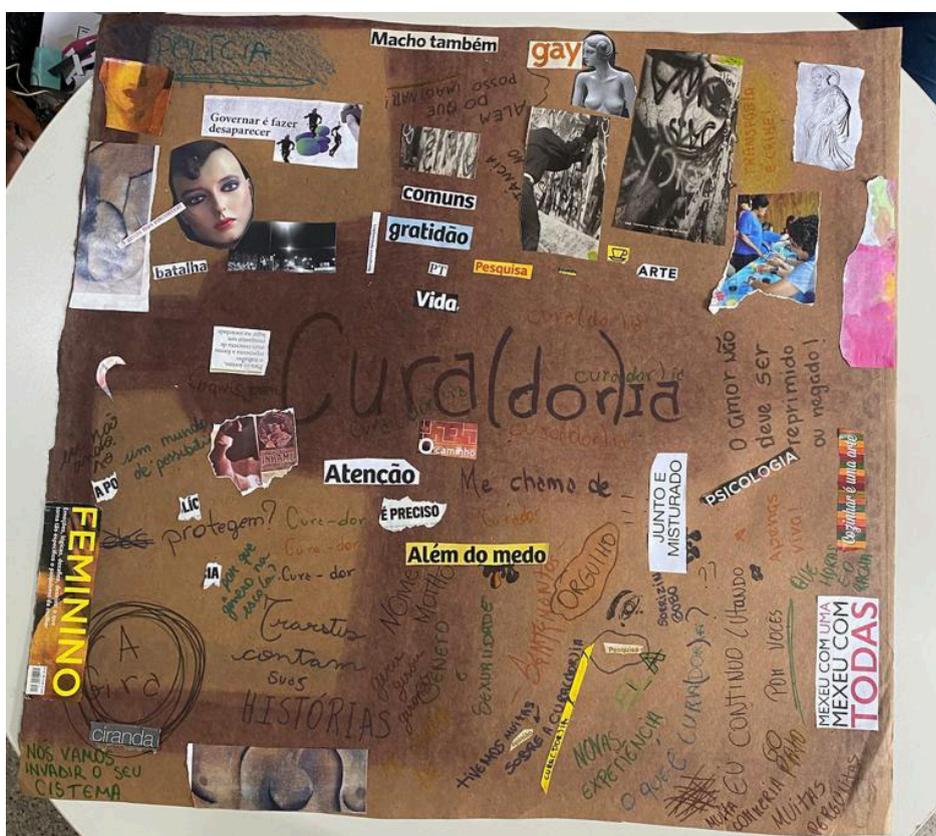


Escrevivências Pós-CURA(DOR)IA: Avaliação

Após a CURA(DOR)IA, tivemos duas semanas de descanso e retornamos para os encontros semanais do grupo de pesquisa. Fizemos uma avaliação entre o grupo a partir da experimentação em papel madeira abordando como tinha sido a CURA(DOR)IA para a gente.

Figura 88

Cartaz de avaliação da CURA(DOR)IA



No cartaz acima, encontramos palavras escritas que simbolizam como foi a CURA(DOR)IA, tais como: “POLÍCIA”, “eu não ando só”, “um mundo de possibilidades”, “me chama de”, “A GIRA”, “NÓS VAMOS INVADIR O SEU SISTEMA”, “Travestis contam suas HISTÓRIAS”, “NOME MORTO”, “MUITA CORRERIA” e “MUITAS PERGUNTAS”. Como também frases que ouvimos de estudantes ou artistas: “TRANSFOBIA É CRIME”, “apenas viva!”, “EU CONTINUO LUTANDO POR VOCÊS”, “que horas é o racha?”. Encontramos também recortes de revista com frases como: “FEMININO”, “MEXEU COM UMA MEXEU COM TODAS”, “ciranda”, “Atenção”, “Além do medo”, “JUNTO E MISTURADO”, “ARTE”, “pesquisa”, “vida”, “gratidão”, “batalha”, “psicologia”, “gay”, “macho também”. E imagens múltiplas de corpos e grafites, por exemplo. E como estávamos nos sentindo após produzir isso: “SORRIZIN BOBO”,

“ORGULHO”, “SENTIMENTOS” e “NOVAS EXPERIÊNCIA”. Esse turbilhão de elementos simboliza o que foi a CURA(DOR)IA como um todo.

Também fizemos uma avaliação com o núcleo gestor. Durante a conversa com as coordenadoras, elas trazem na fala algumas questões importantes que devem ser colocadas em análise.

“A gente ficou encantando, né? O quanto foi organizado, a quantidade de atividades diferentes que tinha pros alunos, que é uma coisa que faz com que a gente chegue próximo a ele, são coisas que eles se identificam também, né? E aí a gente ficou realmente maravilhado, né? A gente acredita que é uma forma da gente conseguir se aproximar do aluno e essa é a forma de conseguir mesmo né? A arte. (...) Você tem uma rede de apoio, conseguiu, né? Que eu acho que também não conseguiria sem essa rede de apoio, porque realmente tudo o que a gente faz aqui na escola se a gente não tiver essa rede de apoio, como você já foi na nossa rede de apoio em outros momentos, né? Que nós precisamos também. Então é assim, maravilhoso e a gente espera que seja uma coisa que possa continuar, (...) a gente gostaria muito de continuar dessa forma e propiciar para os meninos isso, que realmente foi bem exitoso, a gente vê como aproximar esses meninos sempre é muito importante, né? E eles interagindo, eles gostando, né? (...) Vamos ver como é que a gente consegue não perder isso.” (Transcrição da fala da coordenadora-abraço, 05/05/2023).

Esta primeira fala da coordenadora aborda a CURA(DOR)IA no geral, ela traz a arte como uma possibilidade de aproximação da escola com os alunos, já que trazem para o território educacional algo que a juventude se identifica. E aproximação entre os alunos em si, pois que se tratavam de turmas e turnos diferentes e ciclos de amigos diferentes. Depois abordamos sobre as duas paredes que foram grafitadas em uma das oficinas.

“Assim, eu achei lindo, assim as cores, essa parte, a ideia, isso traz muito vida. Esse colorido remete muito isso, né? E eu talvez não seja tão conhecedora da parte da arte que não

sei, os nomes às vezes eu não sei se isso é importante deixar lá, no sentido de mostrar quem fez, quem participou e aí eu eu tive medo da parte dos nomes cobrir, diminuir o desenho que para mim estava muito bonito, não sei se, é por isso que eu estou dizendo, eu posso não ser conhecedora, se realmente precisa ser assim ou se foi mesmo tentando os meninos deixar o dele, marcadinho ali né? Se era esse o sentido ou se algum outro não ia dizer assim: Valha o meu nem tá aí e o desenho ficar um pouco diminuído na parte dos nomes. Mas a minha visão que pode ser só uma visão pequena, né?” (Transcrição da fala da coordenadora-abraço, 05/05/2023).

Os nomes mencionados acima são tanto as assinaturas dos jovens que participaram da oficina, quanto as frases que eles foram grafittando de forma livre no final. A oficina de grafite teve um direcionamento inicial, com um desenho feito pela artista e facilitadora Narah e os estudantes iam preenchendo, ao final, eles pediram para fazer outras coisas para além do desenho pré-estabelecido. Assim, surgiram desenhos, apelidos, tags, nomes, e frases como JAP, TRANS, CONSIDERAMOS JUSTA TODA FORMA DE AMOR, TRANSFORME, FAVELA VIVE.

Figura 89

Parede da escola-céu pós oficina de grafite



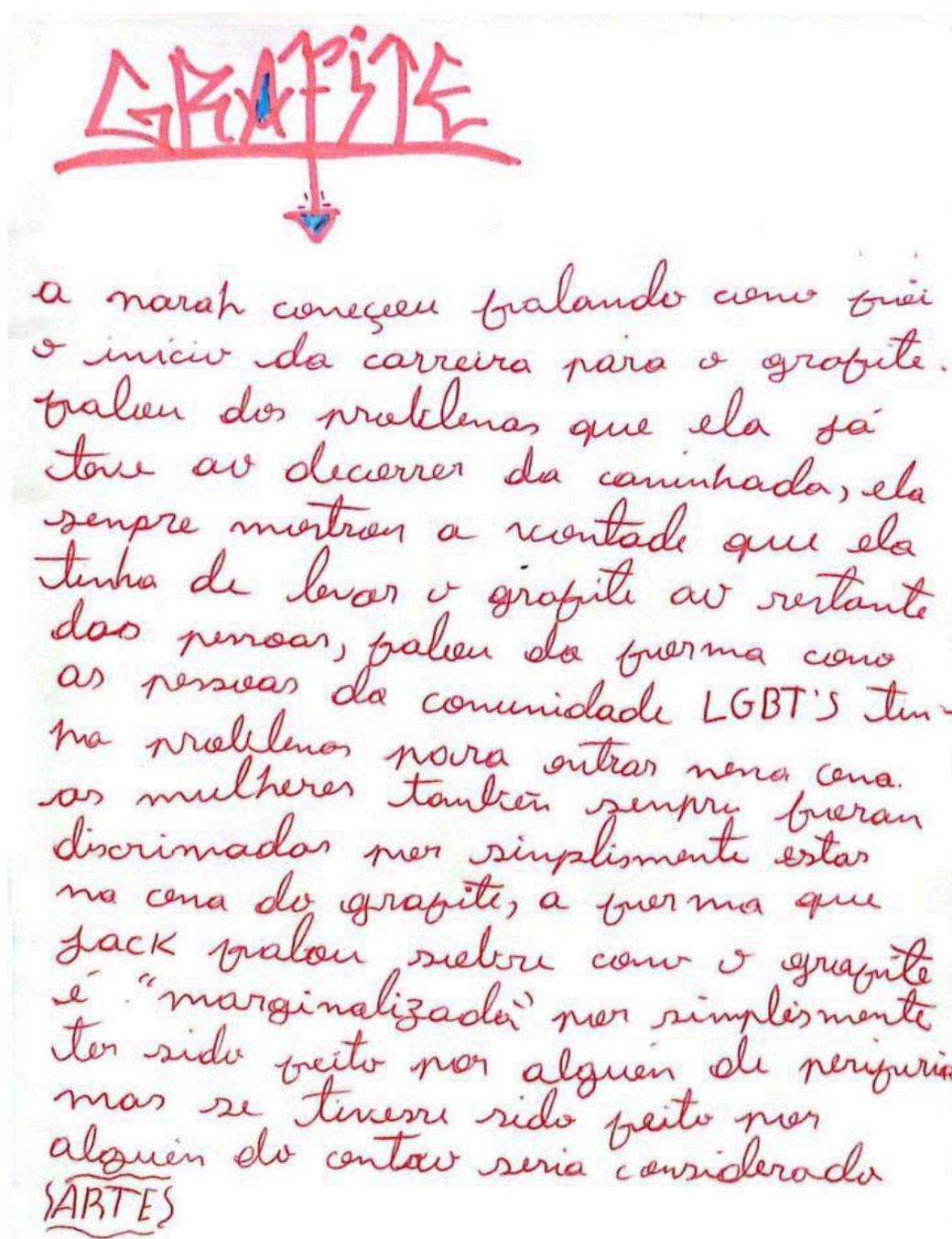
“Eu acho que ficou desorganizado, certo? Eu acho que poderia ter sido melhor articulado, não é que não tivesse. O desenho tá lindo, só que quando a gente olha para a arte, a gente vê mais os nomes do que a própria arte, por exemplo, essa daqui, essa está belíssima, tá lindo essa aqui, e a arte de lá é muito bonita, só que os nomes ficaram além da arte, não que eles não precisem, que eles tivessem ok, mas que eles tivessem melhor organizados, direcionados, se eles quisessem colocar o nome deles ok, só que eu acho que precisou, faltou um pouquinho de organização nesse sentido, por que tá muito bonito e a arte tá se perdendo no meio de tanta informação, né? Na minha opinião foi isso que faltou, o evento foi muito bom, foi tudo muito bem organizado, a rede de apoio que vocês têm é belíssima, eu queria ter a rede de apoio que vocês tiveram pra organizar um evento daquele, queria que mais meninos tivessem participado, eles precisam disso, as oficinas foram belíssimas, só isso, do evento todo só faltou articular melhor a marca deles.” (Transcrição da fala da coordenadora-sol, 05/05/2023)

O desenho ou a arte como a coordenadora-sol aborda em sua fala se assemelha ao que consideramos como grafite, obras de arte urbana com maior apelo estético, geralmente, costumam possuir função de embelezamento, e, é inclusive comum que sejam encomendadas. Vale acrescentar que essas pinturas são até mesmo incentivadas pelos poderes públicos, desde que sejam previamente autorizadas (Cruz & Costa, 2008). Já os outros elementos se assemelham mais a pixação, considerada sujeira e poluição visual e é inclusive crime ambiental e vandalismo. O que é graffite ou pixação? Por que quando as juventudes podem se expressar livremente fora de um molde de um desenho é considerado desorganizado? E o que essas juventudes expressam? TRANS, CONSIDERAMOS JUSTA TODA FORMA DE AMOR, TRANSFORME, FAVELA VIVE. O que é possível tornar visível em um muro da escola? O que antes era silenciado e invisibilizado, ou narrado e hipervisibilizado por marcas de uma colonialidade do poder, do saber e do ser (Maldonado-Torres, 2019), e que é

re-tratado por jovens de periferias pelas suas próprias escrevivências, vozes e tintas. No momento em que a folha do diário-escreviente se TRANSmuta para uma parede da escola, ou seja, uma escrita livre, vivencial e denunciativa é percebida pela coordenação como não-arte. O que é tragável/ingerível/consumível para um território escolar?

Figura 90

Folha do diário-escreviente de Malakai: Grafite



Malakai participou da oficina de grafite e narrou em seu diário-escrevinte, ao final ela escreve: “O grafite é marginalizada por simplesmente ter sido feito por alguém de periferia mas se tivesse sido feito por alguém do centro seria considerada arte”. O que é arte? O que pode a arte na periferia? Quem pode ser considerado artista? Arte ou crime? Periferia ou centro? Segundo Leiner (1982), a arte pode ser considerada uma manifestação marginal quando ela não se conecta com o sistema estético vigente, ao ser inserida nos muros, a arte transforma esse elemento arquitetônico, de forma que as mensagens expostas ali, de modo espontâneo, não podem ser controladas, organizadas. Desse modo, os movimentos estéticos periféricos configuram como uma experiência de resistência cultural e política. A arte periférica permite um ethos ético de devir nos processos identitários do coletivo, estético na criação e invenção de resistências e intervenções, e políticas no enfrentamento de forças de sujeição (Rolnik, 1993; 2018).

“É isso, acho que fica de aprendizado também, né? Tudo que a gente viu tá ok, precisa melhorar e sempre a gente tem essa né? De alguns pontos de atenção, pra melhorar, no sentido de contribuir. (...) É muito bom a gente poder contar com essa parceria com essa né? União e a gente não quer soltar a mão, a gente quer continuar ai, se ajudando. Você traz também muito aprendizado, essa parte da pesquisa é muito importante, e pra esses meninos às vezes é uma coisa distante, né? Eles não tem isso no dia a dia.” (Fala transcrita da coordenadora-abraço).

Escrevivências de Gênero na CURA(DOR)IA: Cenas, Acontecimentos e Analisadores

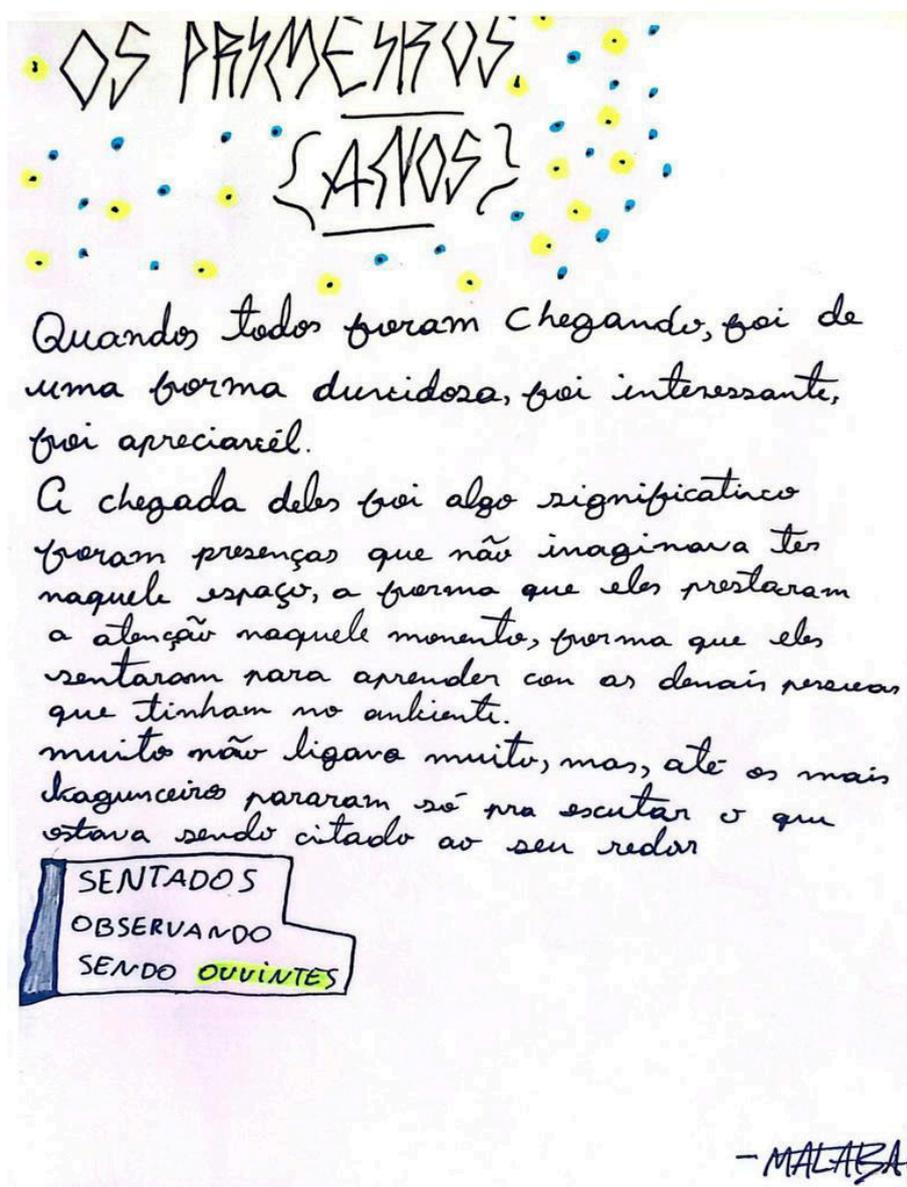
Nossa análise coletiva da CURA(DOR)IA se deu a partir de cenas, entendidas como cenas analisadoras. Durante os encontros pós-CURA(DOR)IA elencamos algumas cenas que de algum modo narram a experiência e produzem analisadores-acontecimentos que pedem passagem, funcionando aqui como pontos de criação de sentido e não reflexo de uma

realidade que está posta (Rocha & Aguiar, 2003). Desse modo, trarei para esta pesquisa as cenas analisadoras pensadas pelo grupo de pesquisadoras/es.

Cena-escreviente CURA(DOR)IA 01: “Os Primeiros Anos”.

Figura 91

Folha do diário-escreviente de Malakai: Os primeiros anos



“Quando todos foram chegando, foi de uma forma duvidosa, foi interessante, foi apreciável.

A chegada deles foi algo significativo foram presenças que não imaginava ter naquele espaço, a forma que eles prestaram atenção naquele momento, a forma que eles sentaram para aprender com as demais pessoas que tinham no ambiente.

muitos não ligava muito, mas até os mais bagunceiros pararam só pra escutar o que estava sendo citado ao seu redor

SENTADOS

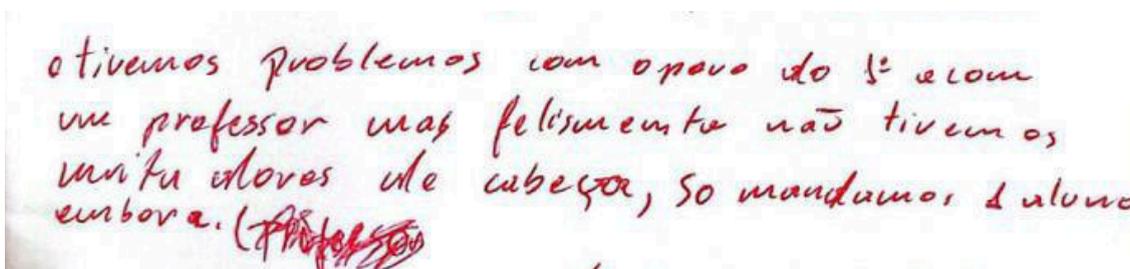
OBSERVANDO

SENDO OUVINTES” (Legenda do diário-escreviente acima).

15 de abril de 2023. Logo no início da CURA(DOR)IA, mais precisamente no credenciamento, um grupo de estudantes chega alegando que não havia se inscrito, mas que um professor havia dito em sala de aula que a atividade era considerada sábado letivo, ou seja, era obrigatória e caso faltassem, levariam falta e que por isso vieram. Antes desse grupo, havia chegado um estudante com a mesma justificativa e a direção explicou do que se tratava e ele foi embora.

Figura 92

Trecho do diário-escreviente de Bruna S.



o tivemos problemas com o povo do 1º e com um professor mas felizmente não tivemos muita dores de cabeça, so mandamos 1 aluno embora. (Professora)

“tivemos problemas com o povo do 1º e com um professor mas felizmente não tivemos muita dores de cabeça, so mandamos 1 aluno embora.” (Legenda do diário-escreviente acima).

Lembro das/dos pesquisadoras/es secundaristas correrem atrás de mim e da Alanna para tentar resolver, elas/eles não queriam que “os primeiros anos” entrassem. Segundo elas/eles, os primeiros anos são turmas mais bagunceiras, tendo em vista que são recém chegados ao ensino médio, já os pesquisadores-secundaristas eram do 2º ou 3º ano. Além disso, este grupo “os primeiros anos” era composto majoritariamente por homens, brancos, cis e héteros, e essa personificação da norma os causava receio e até de certa forma um preconceito, de que eles não levariam a sério as discussões. Eram intrusos, esse local não era para eles, eles não eram bem vindos.

Um medo está posto, o medo da violência, temos uma ferida aberta. Segundo Mignolo (2005), existe uma consequência da colonialidade, do discurso hegemônico que coloca em questão a humanidade de todos os que não pertencem ao mesmo lócus de enunciação, estas feridas coloniais podem ser físicas ou psicológicas. Ao pensarmos nos processos de normatização do corpo, da vida e das possibilidades no que diz respeito à raça e ao gênero e à sexualidade estes estão estreitamente atrelados a branquitude e cisheteronormatividade, estas desenham os lugares políticos e se enraízam e vingam nas tessituras sociais, fecundando exceção, exclusão e violência.

Produzir um espaço coletivo, em que não era uma ação da universidade, também não era uma ação da escola, era uma ação do PIBIC-EM, que paradoxalmente traz ambas a cena (escola e universidade), desse coletivo de pesquisa formado por universitários e secundaristas traz linhas de possibilidade e complexidade. Foram diversos encontros germinando, pensando, produzindo, fabulando e criando expectativas do que seria, de como seria e de quem estaria na CURA(DOR)IA. Não imaginávamos que esses corpos estariam. Acho que a dissertação é uma possibilidade de análise de tudo, inclusive, os erros. Então, confesso que por algum momento passou pelas nossas cabeças a possibilidade de mandar os/as alunos/as embora, talvez fosse a saída mais “fácil”, eles não queriam estar ali, foram por obrigação e

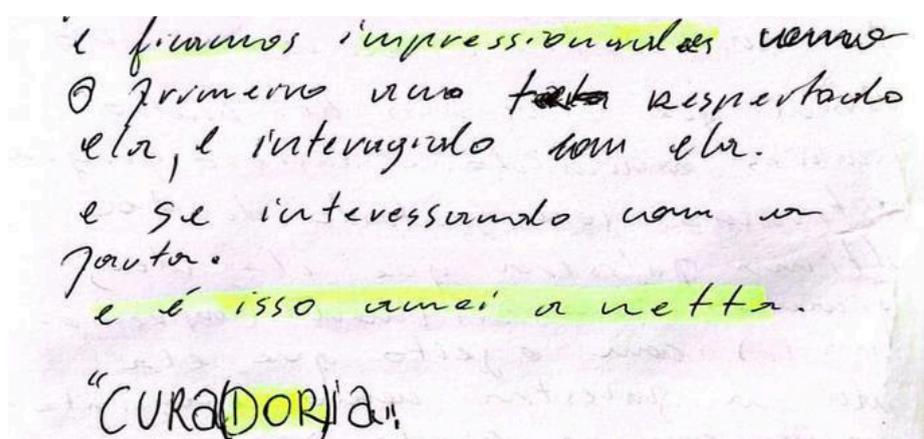
talvez nem nós (pesquisadoras-universitários e pesquisadores-secundaristas) quiséssemos eles. Acho que aqui fomos objetivados por aquilo que pensávamos objetivar.

Apostamos e afirmamos ser uma pesquisa atenta aos desvios, imprevisibilidades e surpresas do campo, entretanto, no meio da CURA(DOR)IA nos deparamos com uma dessas e não soubemos agir. O que significa ter um público que não esperávamos? O que é sair fora do inesperado/desejado? Não é isso que muitas vezes criticamos a escola quando prioriza apenas a rotina pré-planejada? Não estaríamos nós de certa forma reproduzindo uma lógica escolar? Que vigia/pune/tutela/expulsa/violenta corpos não esperados nesse espaço?

Fizemos uma breve reunião, avaliamos o número de pessoas que já tinham chegado, avaliamos os riscos e decidimos que todes entrariam, estaríamos atentes para que não fosse um espaço de violência. Nossa decisão coletiva foi de alguma forma uma prática decolonial em que relativizamos a norma pré-estabelecida (entrada permitida só com entrega do termo). Esse também era um espaço pra eles.

Figura 93

Trecho do diário-escreviente de Bruna S.



e ficamos impressionados como
 o primeiro ano ~~foi~~ respeitando
 ela, e interagindo com ela.
 e se interessando com a
 pauta.
 e é isso amei a netta.
 "CURA(DOR)IA".

“e ficamos impressionados como o primeiro ano respeitando ela, e interagindo com ela, e se interessando com a pauta (Legenda do diário-escreviente acima).”

Ruptura. Fuga. Quebra. Os primeiros anos nos surpreenderam, foram os primeiros a chegarem, os que sentaram lá na frente, os que mais participaram, os que mais ouviram.

Figura 94

Registro fotográfico da Roda de Conversa



Lugar de Fala/Lugar de Escuta

Lugar de Negro/Lugar de Branco

Lugar de LGBT/Lugar de Hétero

Lugar de Trans/Lugar de Cis

Quais os encontros e desencontros? Quais as barras e barreiras formadas? O que é estratégia de proteção ou exclusão? O que é diferença? Está aí um nó das identidades.

Fazendo uma análise da minha implicação, acho que esse é um dos erros, desvios, surpresas que o trabalho de campo trouxe. Isaac ao chegar no PIBIC-EM tinha respondido o formulário de seleção, como homem cis hétero, e tal qual a política de identidades que acreditamos isso mudou. Fazer essa exclusão de corpos que estão na norma nos coloca em três armadilhas, a primeira, de cairmos em um essencialismo, em que segundo a qual as

identidades seriam “idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes” (Butler, 2018, p. 42), ou seja, que haveria algo de singular, unívoco e essencial. E aqui entre nós, cara leitora, quem de nós, nunca disse que era heterossexual? Já nascemos sapatonas e bichas? Temos que colocar em questão também que tanto o formulário de inscrição no PIBIC-EM, quanto o da CURA(DOR)IA, eram formulários com identificação dos nomes e que eram veiculados pela escola, éramos institucionalmente escola, então, para alguns poderia não ser um espaço seguro para dizer como que realmente se identifica.

A segunda, a precariedade constitutiva e compartilhada, para Butler (2019), nossas ações políticas deveriam recair menos nas políticas identitárias, ou nos tipos de interesses e crenças formulados com base em pretensões identitárias, e mais na precariedade e em suas distribuições diferenciais, sendo a precariedade uma condição existencial de todos os corpos, sendo distribuída de forma diferente. Desse modo, formaríamos novas coligações e alianças. Tal aliança não requereria concordância em relação a todas as questões de desejo, crença ou autoidentificação. Constituiria antes um movimento que abrigaria determinados tipos de antagonismos em curso entre seus participantes, valorizando essas diferenças persistentes e animadoras como o sinal e a essência de uma política democrática radical. Os primeiros anos, apesar de estarem de certa forma alinhados a norma, também eram corpos alvo e em que recaí a precariedade, levando em consideração por exemplo, o território ou a classe. Eram meninos héteros, pobres e de periferia, ou seja, também eram alvo da necropolítica em seu cotidiano. Dessa forma, Butler sugere que a própria precariedade deva ser o fundamento de coligações, isto é, de um movimento heterogêneo e múltiplo que não pressuponha a aderência total de interesses ou a estabilidade identitária para propor reivindicações, mas que seja orientado à ampliação igualitária das condições de vivibilidade para todas as pessoas.

A última armadilha, por diversas vezes durante a formação de pesquisadoras/es, perguntávamos para as/os estudantes o que elas/eles pretendiam pesquisando gênero na escola-céu, o discurso se repetia: abrir cabeças, abrir mentes.

Figura 95

Folha do diário-escreviente de Marta: Abrir cabeças - Florescer



Se pretendemos abrir a cabeça das pessoas, precisamos de um espaço de encontro com essas pessoas, a CURA(DOR)IA poderia ser esse espaço. Lutamos por uma escola igualitária, que esteja alinhada aos movimentos de luta anti-racista, anti-sexista e anti-patriarcal, mas não podemos lutar sozinhas. Como fazer alguma mudança mínima se pretendemos falar só com as/os nossas/os? Que outros espaços os corpos que talvez não sejam marcados pela dissidência teriam para aprender e escutar?

Como Malakai aborda no final da sua cena “os primeiros anos”, eles estavam sentados, observando, sendo ouvintes, ouvir é um movimento, é uma habilidade e não é óbvia. Já que estes estudantes eram os mais bagunceiros, não esperávamos que eles fossem direcionar a atenção para o que estava sendo discutido ali, como na roda de conversa, escutando duas travestis falando sobre suas experiências de gênero e sexualidade na escola. Kilomba (2019) aborda o essencial quando discutimos lugares de fala: é necessário escutar. A autora coloca essa dificuldade das pessoas que estão alinhadas à norma hegemônica em ouvir, por conta do incômodo que as vozes silenciadas trazem, do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única. Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do Outro, serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável. Os primeiros anos experimentaram esse movimento do lugar de escuta atenta e aberta.

Figura 96

Trecho do diário-escrevinte de Brena

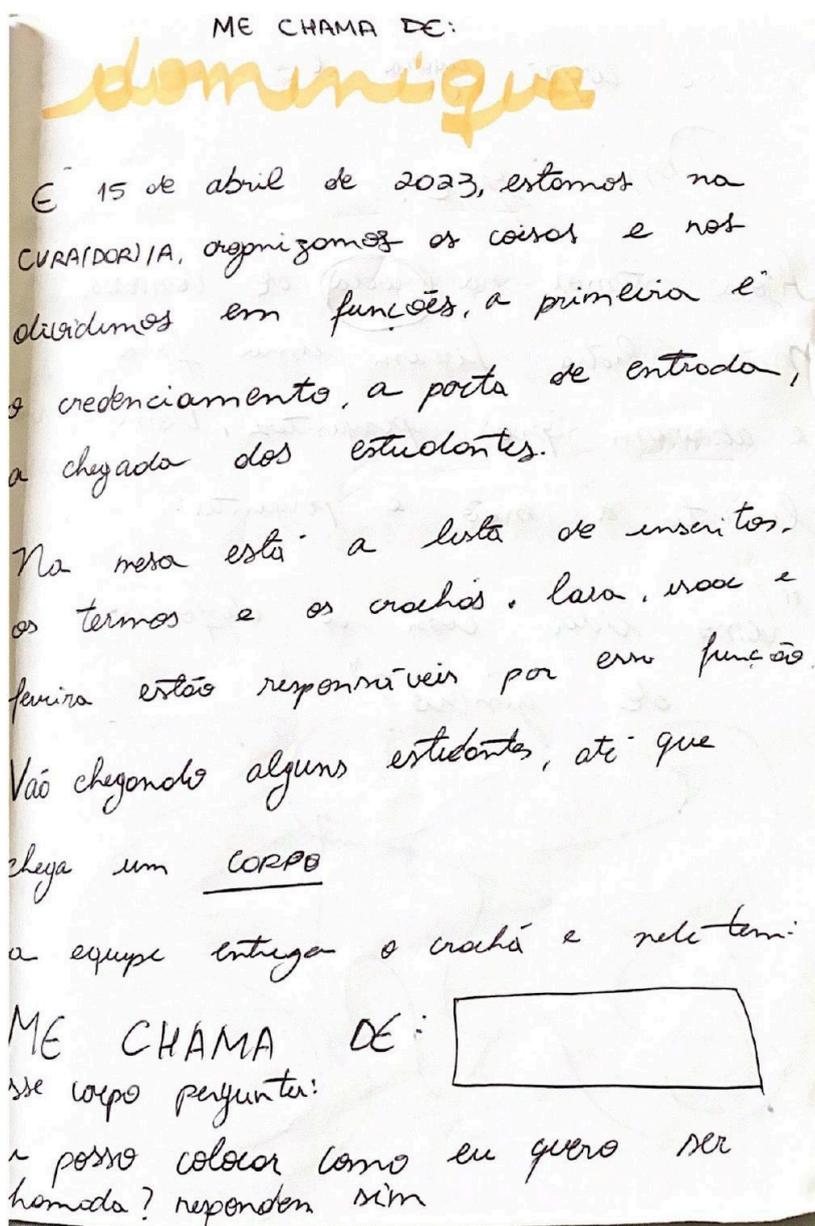
SABADO DIA 15 DE ABRIL
 ACHO ^{QUE} MOJE FOI UMA MISTURA
 DE SENTIMENTOS, ESTAVAMOS
 TODOS ANSIOSOS POR MOJE
 E KRA TEVE MUITA GENTE QUE
 SE INTERESSOU MUITO ACHO Q
 A MAIORIA FOI DO PRIMEIRO ANO
 NUNCA CRITIQUEI ELES, TEVE

A CURA(DOR)IA pode ter sido um espaço de cicatrização para nossas feridas coloniais, um dia talvez curadas.

Cena-escrevente CURA(DOR)IA 02: "Me Chama De".

Figura 97

Folha do diário-escrevente de Mayara: Me chama de



“É 15 de abril de 2023, estamos na CURA(DOR)IA, organizamos as coisas e nos dividimos em funções, a primeira é o credenciamento, a porta de entrada, a chegada dos estudantes.

Na mesa está a lista de inscritos, os termos e os crachás. Lara, Isaac e Malakai estão responsáveis por essa função.

Vão chegando alguns estudantes, até que chega um corpo

A equipe entrega o crachá e nele tem:

ME CHAMA DE:

Esse corpo pergunta:

Eu posso colocar como eu quero ser chamada? Respondem sim” (Legenda do diário-escreviente acima).

Figura 98

Crachá da CURA(DOR)IA



Uma simples frase “me chama de” e um quadrado em branco em baixo, podia ser “meu nome é:”, “nome”, “nome completo”, mas escolhemos sem nenhuma intencionalidade “me chama de”, o outro que ao me ver e vê meu crachá deve me chamar como eu queira ser chamada, no caso desse corpo, me chama de Dominique, meu nome social. Nome social é

uma forma de reconhecimento da identidade de gênero de pessoas trans e travestis, na tentativa de diminuir as muitas violações dos direitos que esse público sofre (Santos & Martinelli, 2018).

Desde o nascimento, e mesmo antes dele, o nome é uma das primeiras características adquiridas pelo sujeito e o acompanha como marca distintiva na sociedade, determinante de uma forma de individualização, mesmo após a morte. Junto ao nome são designadas as relações de gênero e sexualidade, dado à própria noção de que se for menino, o nome é masculino, se for menina, feminino. Nesse sentido, a implicação do nome feminino ou masculino marca, além da denominação, a determinação de normas relativas à sexualidade e ao gênero (Próchno & Rocha, 2011). Essa relação com o nome nos lembra Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo (2003).

No contexto escolar, muito tem se debatido acerca do uso do nome social. No âmbito federal, a primeira regulamentação do instituto do “Nome Social” aconteceu em 2010. Desde então, transexuais e travestis têm travado uma luta para que este direito se propagasse a universidades, estabelecimentos públicos e privados, registros e, obviamente, às escolas, espaço onde o ensino propriamente se inicia. Em agosto de 2017, o Conselho de Educação do Estado, através da resolução nº 0463, garantiu o uso do nome social em escolas de ensino básico no estado (Ceará, 2017). Segundo a qual a identificação de pessoas trans deve preceder o nome civil em declarações, certidões, históricos escolares, certificados e diplomas.

Sabe-se que, apesar do avanço legal, há uma linha muito tênue entre o direito adquirido e a inclusão real de travestis e transexuais no espaço escolar. Já que dar o “direito” de usar o nome que melhor o/a representa, não carrega consigo a solução de todos os problemas, em outras palavras, não garante a inclusão. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA, 2018) embora tenham facilitado o acesso, às políticas públicas não dão conta de garantir a permanência dessa população dentro do ambiente escolar

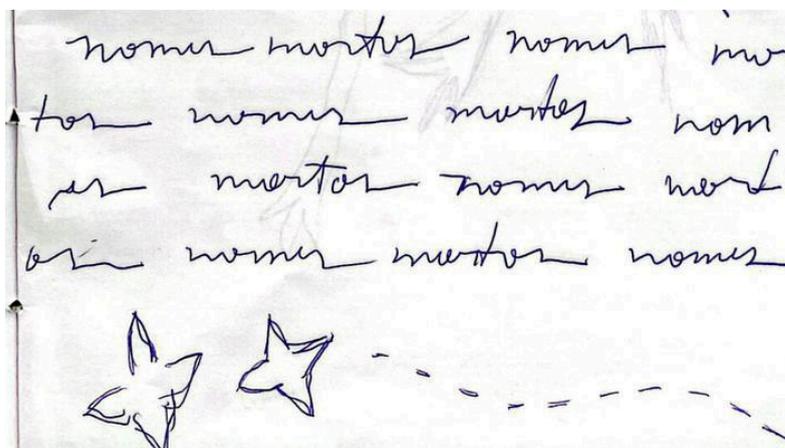
que, em geral, as recebe de maneira violenta: o assédio, a não aceitação do nome social usado pela pessoa, o uso do banheiro e a invalidação do conhecimento acadêmico são alguns dos desafios enfrentados. A pergunta "Eu posso colocar como eu quero ser chamada?" nos impressiona, em outras atividades da escola ela não é chamada da forma como ela gostaria? Na chamada, na sala de aula, na brincadeira, na quadra, na merenda, esse corpo é chamado pelo seu nome morto?

“É ELA. Não é ele que todos os dias quando passa pela rua é atravessado com olhares de metralhadora. Não é sobre o que você vê ou o que você projeta. É sobre quem eu sou. Por que você pergunta se sou homem ou mulher? A resposta é mais profunda do que você pensa que é. Quer saber se eu sou mulher, se eu fui muito oprimida, se eu criei os meus 3 filhos lavando roupas no tanque da vida. Quer saber se eu sou mulher, se eu sofri a dor do parto, ou se já veei um filho no escuro de um quarto. Quer saber se eu sou um homem burro, bobo ou só um menino ou apensar mais um novo que não conhece o seu destino. Quer saber se eu sou um homem da espada até a Lua, que luta por uma honra que na verdade nunca foi sua. É que sou ambos, mas não sou nenhum, eu não sou eu, por que sou nós. Enquanto muitos habitem em um, mesmo sozinhos, não estaremos sós. Por que você pergunta o caminho que eu percorri? O importante é que o caminho me trouxe até aqui. Por que você pergunta se eu sou preto ou se sou branco, se o sangue que corre em mim quando sangra não é brando? Por que você pergunta se sou azul ou sou vermelho, se apontar o chicote vai estralar nos couro do mesmo jeito. Por que você perguntar qual casa eu pertenço, se a minha casa é o mundo e os lugares onde eu penso. Por que você pergunta qual a minha etnia se eu sou um ser humano e essa sim que é a minha. É que sou ambos, mas não sou nenhum, eu não sou eu, por que sou nós. Enquanto muitos

habitem em um, mesmo sozinhos, não estaremos sós (Projeções - Stefany Mendes).⁴⁹

Figura 99

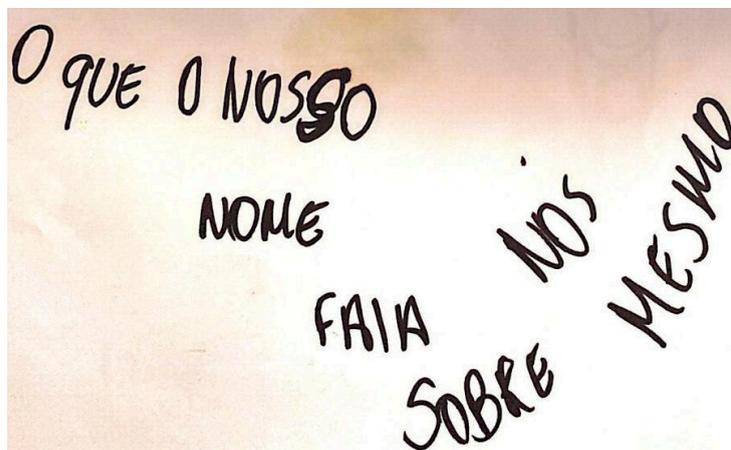
Trecho do diário-escreviente de Marta: Nomes mortos



Esta cena vivida na CURA(DOR)IA reverberou ao grupo de pesquisa pensar e problematizar sobre os nossos nomes, apesar de não sermos corpos trans e travestis e usarmos nomes sociais, nossos nomes são a primeira identificação que recebemos de nossos pais e mães e que envolvem a experiência de gênero e sexualidade.

Figura 100

Folha do diário-escreviente de Brena: O que nosso nome fala sobre nós mesmo



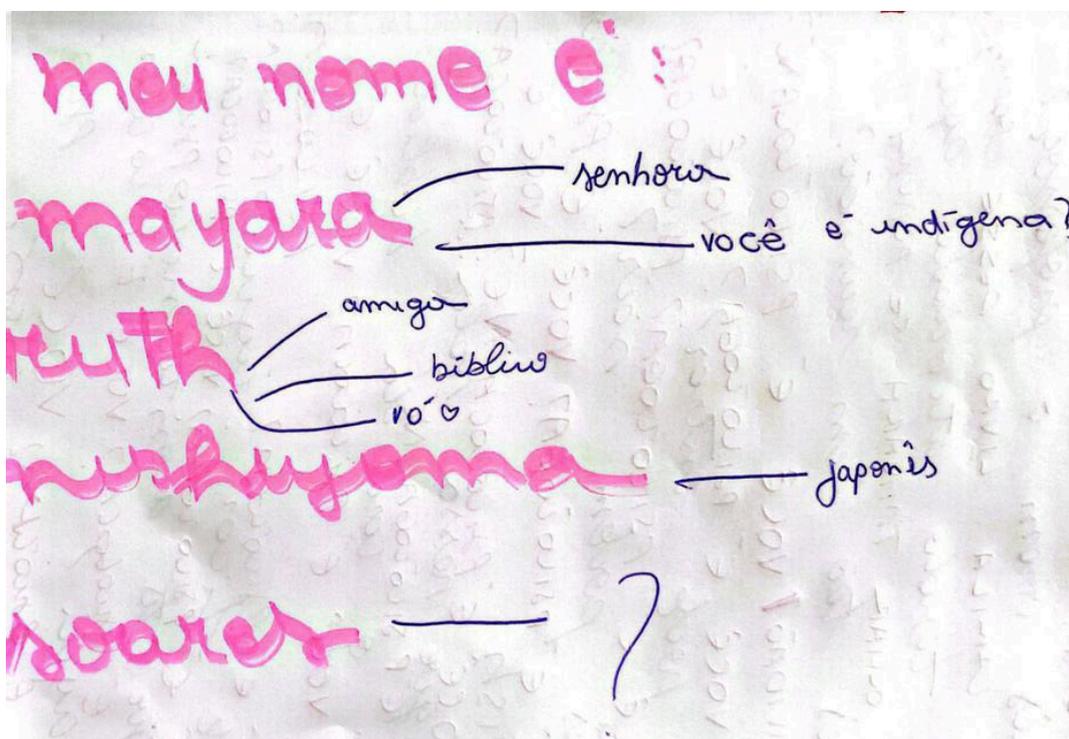
⁴⁹ Stefany Mendes é travesti, foi uma das artistas e oficinas a participar da CURA(DOR)IA, no final ela apresentou esta música.

Para Próchno & Rocha (2011) a norma doutrinária está presente desde o momento em que os pais nomeiam o recém-nascido de acordo com a forma genital, atribuindo a este uma nomeação compreendida socialmente como feminina, ou masculina. Neste sentido, entende-se que ali foi empregada uma denominação e junto a esta, o determinismo de como esse ser deve agir usando as normas marcadas pelo gênero. Trazendo a compreensão do nome como uma das primeiras características com a qual o sujeito se apropria, os autores explicam que vinculado ao nome estão pressupostos a forma que o indivíduo irá entender o seu gênero e a sua sexualidade.

Por exemplo, o meu:

Figura 101

Folha do diário-escrevente de Mayara: Meu nome é



Mayara é um nome feminino, já que ao nascer me identificaram com uma genitália feminina, Mayara significa senhora e é um nome com origem indígena, o que faz com que muitas pessoas perguntem se eu sou indígena, pois tenho traços parecidos. Ruth significa amiga, é um nome bíblico, Rute foi uma mulher que ficou viúva de seu marido e passou a vida cuidando de Noemi, sua sogra. Rute também é o nome da minha avó e eu tenho seu nome como homenagem. Nishiyama é japonês, veio da família da minha mãe (branca-amarela). Soares é um ponto de interrogação, veio da família do meu pai (negro), Soares é um nome comum, é cearense, é brasileiro, é não sei.

Em nossos nomes, nossa primeira designação, nossa primeira identificação, estão marcadas uma determinação de quem será esse corpo, chamado agora de Mayara, ao nos nomear, eles imaginam, sonham, inventam, criam, produzem. Como que também conseguimos profanar nossos nomes? Criando outros ou fazendo outros sentidos?

Estas foram as duas cenas que a equipe de pesquisadoras/es elencou como analisadoras da CURA(DOR)IA, sendo assim, foi um espaço de encontro e afirmação de vidas mais vivíveis.

“Ocorreu um festival que se chama CURA(DOR)IA que foi algo que movimentou a escola de uma forma que fizesse com que outras pessoas pudessem abrir os olhos para aprender e respeitar, e também foi um espaço de escuta para as pessoas que não se sentiam confortáveis para isso, e é junto desse movimento que vamos atraindo pessoas para aprender, e também para se entenderem com eles mesmo, é uma situação importante que toda escola deveria ter, mas com o tempo vamos conquistando o nosso espaço nelas, é isso”

(Diário-escreviente, 13/06/2023, Malakai).

CARTA MANIFESTO: “Por Cada Letra, Por Cada Vivência”

“Nós, caminhando pelos penhascos,
atingimos o equilíbrio das planícies.
Nós, nadando contra as marés,
atingimos a força dos mares.
Nós, edificando nos lamaçais,
atingimos a firmeza dos lajeiros.
Nós, habitando nos rincões,
atingimos a proximidade da redondeza.
Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre,
sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia.”
(Nego Bispo, 2020).

Dedico essa última seção-carta a quem dediquei toda essa dissertação, muitos dos diários-escrevíveis começam como cartas, com um destinatário, com um saudação. Então, inicio saudando meu grupo de pesquisadoras/es.

Queridas Alanna, Marta, Bruna S., Malakai, Isaac, Bruna R. e Brena.

Aqui não tem conclusão, não tem considerações finais, não tem fim. Nós somos o começo, o meio e o começo. Essa pesquisa como Nego Bispo nos ensinou é composta por começo, o meio e o começo, somos retorno, somos continuidade, somos circularidade. Como uma gira, um giro, uma roda, uma ciranda. Não poderia escrever apenas uma síntese sobre as conexões entre tudo o que foi encontrado em campo e as fundamentações teóricas estabelecidas, que já foram articuladas durante o decorrer do texto. Foram muitos os percalços para chegar aqui nesta dissertação, incluindo noites mal dormidas buscando cessar as angústias sobre as limitações contidas em produzir um texto acadêmico, e sobre as impossibilidades de compor uma escrita que contemplasse toda a complexidade dos acontecimentos vividos nesta pesquisa, logo na introdução eu faço um alerta, aqui é somente um retalho, um cantinho do papel, um fragmento da vida.

Escrever esta dissertação foi uma experiência espiritual pra mim. Escrevivi ela sempre com a mesma playlist “às que me protegem e guiam”, que vocês encontram algumas destas músicas povoando esse texto. Escrevivi ela junto de minhas guias, minhas entidades, minhas ancestrais. Mesmo muito bem acompanhada, escreviver essa dissertação fez (re)aparecer dores adormecidas, feridas abertas e em carne viva, medos que não existiam e engasgos de coisas nunca ditas. Mas também neste processo de escrever descobri força em lugares que não tinha, sonhos que minhas ancestrais tiveram, lutas em jardins potentes, afetos nos encontros e desejo de liberdade e vida. Em cada letra, palavra, linha, frase, espaço que escrevivi você encontra um pouco de mim, mas principalmente um nós, vocês encontram um grande diário-escreviver de um grupo de pesquisadoras/es.

Esta pesquisa teve como objetivo central analisar a escrevivência como dispositivo de uma pesquisaCOM sobre gênero em uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE. Para tanto, inspiradas em pesquisas inter(in)ventivas, participativas e decoloniais, nos colocamos a escutar, conhecer e ler trajetórias a partir dos encontros possibilitados pelas movimentações dessa pesquisa. A atitude po(ética) reside em respeitar as vozes que escutamos ou lemos e honrar as trajetórias das que aqui nos confiam suas histórias e escritos. Fazer uma pesquisa que afirma o compromisso po(ético) com narrativas historicamente marginalizadas e preconizadas não é óbvio, é mais uma condição de possibilidade dada pela literatura de Conceição Evaristo.

As questões de gênero cruzadas com o cotidiano escolar são atravessada por narrativas e relatos de muitas violências, de muitas dores, desse modo, afirmo aqui o compromisso que já fiz anteriormente com vocês, o compromisso de não contribuir para estigmatização e romantização de práticas excludentes, mas reafirmo meu compromisso com a luta. A pesquisa é essa via de mão dupla, na medida em que explorar a implicação da pesquisadora é falar das instituições que atravessam as mesmas (Romagnoli, 2014). “Estar implicado (realizar ou

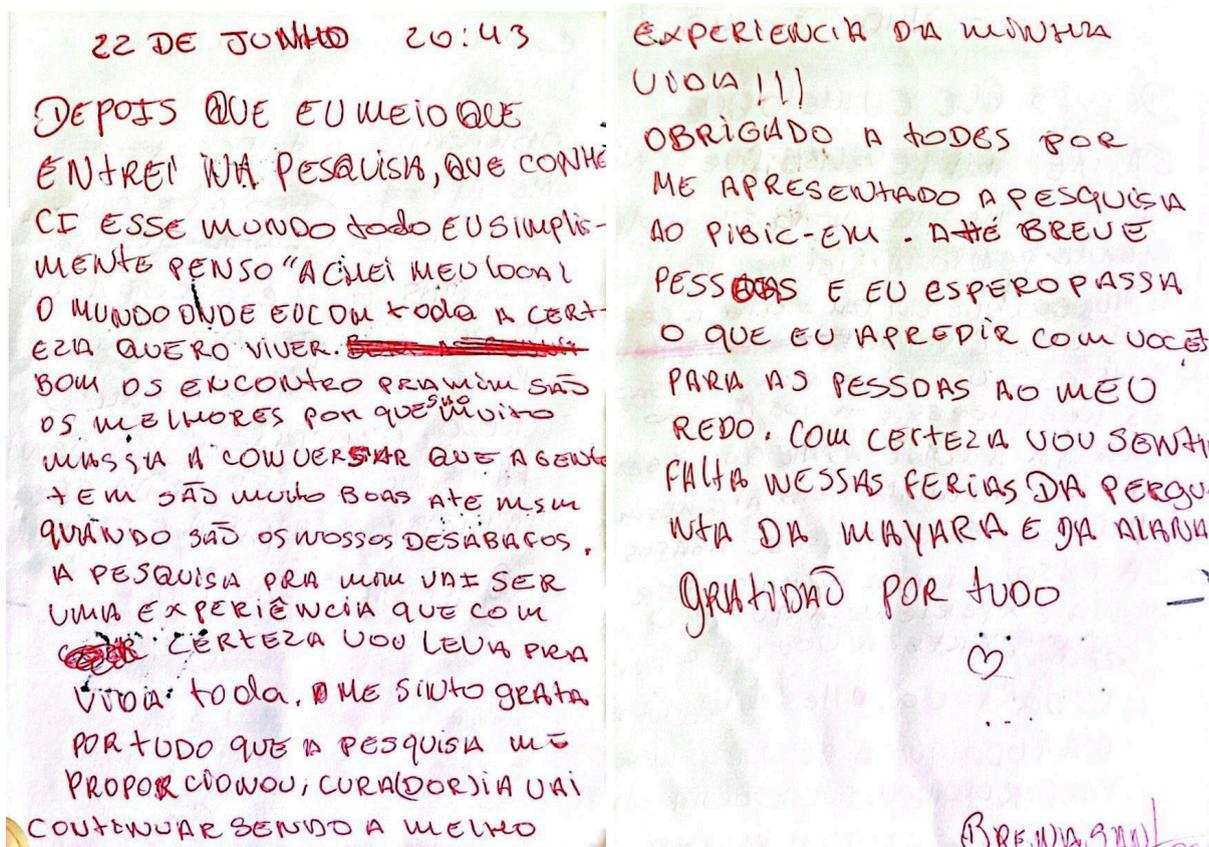
aceitar a análise de minhas próprias implicações) é, ao fim de tudo, admitir que sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, idéias, etc.” (Aguiar & Rocha, 2007, p. 656), analisar a instituição é combater o reducionismo, a naturalização e estar comprometido com a transformação, e com as práticas e linhas de resistência que insurgem também nesta. É nosso interesse contribuir com as forças que se erguem contra as históricas formas de opressão e violência que sofre os corpos dissidentes e negres, bem como, coletivamente, a criação de espaços de criatividade e potência, em ressonância as já existentes expressões de resistências experimentadas nesses corpos.

Orientada pelas proposições epistemológicas do pós-estruturalismo e do feminismo negro e decolonial tive como aposta metodológica a escrevivência em um PIBIC-EM. Possibilitando a experimentação de um devir-pesquisadora, onde há uma partilha da agência da pesquisa. Inter(in)ventamos um modo de pensar/fazer pesquisa em que o sujeito que pesquisa é um coletivo, formado por corpos historicamente marginalizados e silenciados, que aqui podem pesquisar, produzir conhecimento, escrever.

2023. Em nosso último encontro da equipe de pesquisadoras/es pedimos para se possível, cada um escrever uma despedida do PIBIC-EM, do seu diário-escreviente e abordar como foi essa experiência de pesquisa que durou um ano.

Figura 102

Folhas do diário-escreviente de Brena



Brena no diário-escreviente acima relata que “depois que eu meio que entrei na pesquisa, que conheci esse mundo todo eu simplesmente penso achei meu local no mundo onde e com toda certeza quero viver”. Discutir a relação entre escrevivência e decolonização para as políticas de pesquisa implicadas é considerar que este espaço da produção de conhecimento é desconhecido para as juventudes, negras, periféricas e dissidentes de gênero e sexualidade, normalmente, eles são os objetos da pesquisa e não os sujeitos. A escrevivência aciona uma escrita/pesquisa sensível, vivencial e engajada, desse modo, lançamos mão dos moldes hegemônicos e apostamos em outros modos epistemológicos e metodológicos de fazer pesquisa. Decolonizar a pesquisa é ler que Brena encontrou o seu lugar no mundo onde quer viver.

Figura 103

Folhas do diário-escreviente de Bruna R.

24/06/23

Quando eu era mais nova eu não fazia questão de ser uma pessoa de muitas palavras. Naquela época apenas consumir palavras estava ótimo, e eu viveria bem uma vida que pudesse ser vivida lendo. Mas eu entrei no curso de Psicologia na UFC e ser uma mulher de poucas palavras se tornou uma questão pra mim, e, dentre todos os motivos, percebi que viver e ver e sentir e experienciar e tocar e ser tocada são coisas que não dá pra ir direto ao ponto, que me incomoda não conseguir contemplar as vivências que tive com as palavras que tenho. Isso tudo é pra dizer que eu não vou conseguir colocar aqui tudo que a experiência de estar na pesquisa meeu comigo e me ensinou.

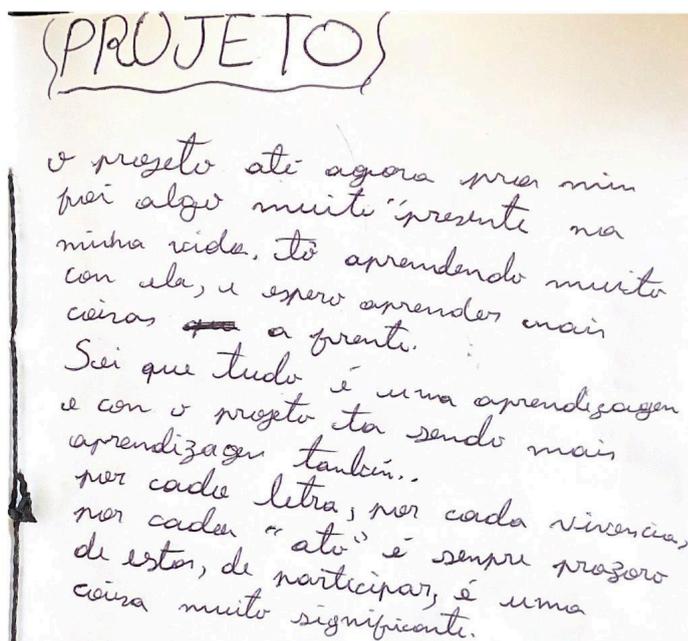
Falar sobre um tema que atravessa a vivência pode evocar sentimentos distintos, então que bom que graças ao universo, destino ou entidade divina encontramos / construímos um grupo que possibilitou que esses atravessamentos encontrassem sempre apoio e acolhimento. Daí grata demais pelos novos vínculos e aprofundamento de outros que estar na pesquisa permitiu. Isso nunca

foi só uma pesquisa, e como poderia, com a Mayara a frente disso tudo? Daria impossível não nos envolvermos como nos envolvermos, a ponto de nos emocionarmos ao ver como entramos e como saímos desse processo, a ponto de ter o nível de comprometimento e orgulho do que construímos. Foi e é uma dor não acompanhar tudo de pertinho até o fim, mas tenho comigo a certeza de que carregarei os debates, as fofocas, as construções, a arte, os abraços, os planejamentos e o brilho nos olhos por onde eu for.

Apesar de afirmar não ser uma pessoa boa com palavras, Bruna R. experimentou e colocou o que cabia de suas vivências em seu diário-escrevinte. “Falar sobre um tema que atravessa a vivência pode evocar sentimentos distintos, então que bom que graças ao universo, destino ou entidade divina encontramos/construímos um grupo que possibilitou que esses atravessamentos encontrassem sempre apoio e acolhimento”. Ao analisar os efeitos de utilizar a escrevivência como operador para o campo da pesquisa-intervenção realizada COM jovens secundaristas, colocamos em debate como pesquisar sobre/com nossas vivências, ou melhor, pesquisar-viver, foi por muitas vezes doloroso, o que estávamos pesquisando sentíamos na carne, cotidianamente éramos atravessadas/dos pelas flechas necropolíticas da violência de gênero, de sexualidade, racial, entre outras tantas. Como Bruna R. mesmo relata encontramos também no grupo de pesquisadoras/es um espaço de acolhimento mediante cada vivência. Experimentamos uma pesquisa que convoca o corpo e a memória, experiências perpassadas pelo machismo, racismo, LGBTfobia, mas que se levantam em defesa da vida, para falar sobre a vida. “Isso nunca foi só uma pesquisa”.

Figura 104

Folha do diário-escrevinte de Malakai: Projeto



(PROJETO)

O projeto até agora pra mim
foi algo muito presente na
minha vida, tô aprendendo muito
com ela, e espero aprender mais
coisas ~~pra~~ a frente.

Sei que tudo é uma aprendizagem
e com o projeto tá sendo mais
aprendizagem também..

por cada letra, por cada vivência,
por cada "ato" é sempre prazeroso
de estar, de participar, é uma
coisa muito significativa.

“Por cada letra, por cada vivência”. Letra-vivência. Escrevivência. Com esta pesquisa, percebemos como a escrevivência como operador teórico-metodológico foi coerente para investigar as vivências cotidianas, articuladas em palavras escritas que digam dos sentidos, dos cheiros, dos gostos, das imagens, dos afectos, das alegrias, das dores e das relações construídas na escola. A escrevivência mobilizou o potencial afirmativo de que podem os corpos marginalizados experimentarem esse campo da escrita, que por muitas vezes foi negado. Dessa forma, a escrevivência viabilizou uma forma possível dos jovens contarem suas histórias, histórias essas em contrapartida ao colonialismo.

Figura 105

Folha do diário-escrevente de Bruna R.

Quinta, 22 de junho

Bom eu cheguei quase no final da pesquisa. De primeira eu nem levava as notas mas depois de vê as pautas que eram faladas e também me interessei mais quando ~~estávamos~~ ~~no projeto~~ ~~da~~ ~~avaliação~~ eu comecei participar real me sinto bem quando estou perto daquela pessoa me sinto leve, e também gosto de usar o ambiente frio.

Magara foi uma das pessoas que real me ajudou e apoiou bastante mesmo depois de eu ter jogado o grupo para estanteio e ~~também~~ ~~tem~~ ~~na~~

Enfim sou grata a pesquisa pelas conversas pelas as brincadeiras e fofocas durante as reuniões.

A pesquisa me curou bastante coisa que eu própria mesma fingendo parte da comunidade LGBTQIA não sabia.

enfim valeu pesquisa.

Ate breve
Bruna R.

Quinta, 22 de Junho

Bom eu cheguei quase no final da pesquisa, de primeiro eu nem levava a sério, mas depois de vê as pautas que eram faladas e também me interessei mais quando estávamos no projeto da CURA(DOR)IA, eu amei participar, real me sinto bem quando estou perto daquelas pessoas, me sinto leve, e também gosto de como o ambiente fica.

Mayara foi uma das pessoas que real me ajudou e apoiou bastante mesmo depois de eu ter jogado o grupo pra escanteio

e também tem a

Enfim, sou grata a pesquisa pelas conversa, pelas brincadeiras e fofocas durante a reunião.

A pesquisa me ensinou bastante coisa que eu própria mesmo fazendo parte da comunidade LGBTQIAPN+ não sabia.

Enfim valeu pesquisa.

Até breve (Legenda do diário-escrevente acima).

Figura 106

Folha do diário-escrevente de Isaac: PIBIC-EM

PIBIC-EM

Bom não sou muito bom em palavras, mas a vida é assim faz a gente fazer coisa que a gente não é muito bom, mas tudo bem. Bom eu só tenho agradeço o "PIBIC-EM" por tudo, por me fazer ser uma nova pessoa que eu sou hoje, obrigado também por me apresentar a Mayara e Alana e com toda certeza do mundo elas sempre vão ter um cantinho no meu coração e também o "PIBIC-EM" foi como de acolhimento para mim, um canto onde eu podia conta minhas insegurança e meus medos de ser julgado, eu só tenho agradeço, obrigado por tudo "PIBIC-EM"

Ao mapear o uso da escrevivência como elaboração das experiências de gênero (re)produzidas no cotidiano da escola lócus da pesquisa, encontramos um território embebido pelo movimento anti-gênero, embasados por uma tendência neoconservadora de extermínio e categorização dos corpos que diferem à norma, produzindo um cenário violento que se estratifica a partir de uma base cisheteropatriarcal binarista atravessada por ideologias fascistas, racistas, neoliberais e coloniais. Paradoxalmente, encontramos um território aberto e ávido para a discussão em torno dos atravessamentos de gênero na educação, sustentando o desafio que se orienta numa perspectiva de integração e inclusão de todas/todes/todos neste território de ensino e subjetivação.

A construção dessa pesquisa e as experiências que ela nos proporcionou trazem pistas para tal. É através da resistência, da arte e do encontro, que pode apostar-se no fortalecimento e na criação de novas vidas, na invenção que irrompe regimes e muros e faz fluir a possibilidade do desejo de existência nas mais distintas corporeidades. “O PIBIC-EM foi canto de acolhimento para mim, um canto onde eu podia contar minhas inseguranças e meus medo de ser julgado, eu só tenho agradecer, obrigado por tudo PIBIC-EM. É na defesa de uma educação democrática, política e inclusiva que as práticas contra-ideológicas podem sustentar-se e produzir um encontro com a diferença que pulveriza-se no/do espaço formativo da escola, e se expande para muito além dela. Afinal, é a mesma escola em que o discurso anti-gênero emerge através da falácia da "ideologia de gênero", que também apoia a pesquisa, tornando possível, insurgências artísticas onde gêneros são performados.

Por fim, a restituição é um importante dispositivo socioanalítico e vista aqui não como uma informação simples (Lourau, 1993), mas como um importante espaço para pensar o lugar ocupado pelas pesquisadoras/es. A restituição é um processo e em toda a pesquisa ela se mostrou presente, quando montamos o conceito de gênero através de recortes de revistas, textos e nossas experiências, montados em uma cartolina, estávamos restituindo. Quando

diariamente colocávamos em análise o nosso fazer pesquisa, estávamos restituindo. Quando nos encontrávamos com o núcleo gestor para avaliar e discutir a processualidade da pesquisa, estávamos restituindo. Quando mesmo tendo acabado a bolsa do PIBIC-EM, continuamos nos encontrando na escola-céu e pensando ações voltadas para gênero e sexualidade, agora após um ano de pesquisa, estávamos restituindo.

Em torno desses caminhos, podemos considerar que as contribuições dessa dissertação de mestrado apontam para o campo de estudos sobre escrevivência e educação, a partir das discussões de gênero. Nesta perspectiva esta pesquisa colabora com as discussões relacionadas ao contexto escolar e as questões de gênero com as juventudes e inaugura metodologias inter(in)ventivas e participativas na construção da pesquisa decolonial. Além disso, contribuímos também para pensar esse agenciamento entre pesquisa e extensão; graduação e pós-graduação e no próprio PIBIC-EM como dispositivo de pesquisa implicado. Como essas múltiplas encruzilhadas operam uma pesquisa participativa rumo a descolonização do conhecimento.

Aqui não tem fim, não pretendemos encerrar as discussões sobre gênero no contexto educacional, ou a escrevivência como metodologia de pesquisas participativas, esta foi uma experiência e esperamos que seja abertura de caminhos para outros problemas de pesquisa e outras investigações. A aposta que seguirá essa dissertação é chamar a atenção para a potência de projetos (im)possíveis, forjados na experiência do truque, da inteligibilidade, da profanação, do erro, do desvio, da diferença. Acredito que, nesse movimento errático mesmo, agenciando diferenças e implicando-se com a criação de um outro mundo, grupos-coletivos-equipes se formam e produzem vida lá onde ela é prisioneira e estéril. Produzem escritos lá onde não se pode escrever/falar. Produzem arte onde não se pode expressar. Produzem conhecimento onde se é somente objeto de estudo. Produzem fabulação onde não se pode sonhar. Fomos, somos e seremos bandos, quilombos, ruma, povoada

agenciando a imaginação radical para traçar um mundo novo. Como Bica, personagem de “A gente combinamos de não morrer” – conto presente na obra “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo (2015): “Se ao menos o medo me fizesse recuar; pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário. Medo, coragem, medo, coragemedo, coragemedo de dor e pânico” (Evaristo, 2015, p. 100). Nós, vidas que vibram, brilham e pulsam à revelia, avançamos no/com/apesar do medo; apesar do horror e das feridas (abertas) perpetuadas contra nós. Seguimos à revelia.

Encerro esta carta-manifesto com a música AINDA VIVAS do coletivo Nóis de Teatro, do Grande Bom Jardim.

Cá estamos, frente a corpos estendidos
 Existindo, buscando o nosso lar
 Já cansados, trapos, juntando os cacos
 Boca aberta, tentando respirar
 Nessa guerra, nunca se dão por vencidos
 Mente ferve, tantos para sepultar
 Carne e pedra, nessa terra, ainda vivos
 Se reúnem nesta noite
 Vamos juntos nos organizar
 Bora dar jeito de sobreviver
 Eles combinaram de nos matar
 A gente combinamos de não morrer.
 É hora de nos juntar
 Bora dar jeito de se proteger
 Eles combinaram de nos matar.
 A gente combinamos de Não!
 Ainda vivo (Na rua viva)
 Na quebrada vivo (no gueto vivo)
 No beco, na favela
 Na família
 Ajuda ele, ajuda ela
 Não morro, eu vivo (No morro viva)
 No luto convivo (Na luta, ativa)
 Ainda vivo
 Na esquina
 O corpo é dele, o corpo é dela.
 Cabeça erguida
 Corpo fechado
 Olhos abertos
 Boca gritando
 Peito exposto
 Sangue correndo

Perna batendo
Ainda vivos!...
Vida pulsando
Perna batendo
Sangue correndo
Peito exposto
Boca gritando
Olhos abertos
Corpo fechado
Ainda vivas
Vamos juntos nos organizar
Bora dar jeito de sobreviver
Eles combinaram de nos matar
A gente combinamos de não morrer.
É hora de nos juntar
Bora dar jeito de se proteger
Eles combinaram de nos matar.
A gente combinamos de Não!
(Ainda vivas - Nós de teatro).

Com amor, May.

Fortaleza, CE. 23 de janeiro de 2024.

Referências

- Achinte, A. A. (2017). *Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo.
- Aguiar, K. F. & Rocha, M. L. (1997). Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política. *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*, nº 3/4, pp. 87-102.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais. Pólen, São Paulo.
- Almeida, J. R. P. de. (1989). *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. Brasília: INEP.
- Alvarez, J. & Passos, E. (2009). Cartografar é habitar um território existencial. In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 131-149.
- Alves, M. (2011). *A literatura negra feminina no brasil – pensando a existência*. ABPN, v. 1, p. 181-189., nov/fev.
- Appadurai, A. (2006). *The right to Research. Globalisation, Societies and Education*; New York; Routledge, Vol.4, No.2, pp 167-177.
- Baggio, M. A., Monticelli, M., & Erdmann, A. L. (2009). Cuidando de si, do outro e “do nós” na perspectiva da complexidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(4), 627-631. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672009000400023&script=sci_arttext

- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira De Ciência Política*, (11), 89–117.
- Ballestrin, L. M. DE. A. (2021). Para uma abordagem feminista e pós-colonial das relações internacionais no Brasil IN. Toledo, A. (Org.). *Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em relações internacionais*. Salvador : EDUFBA.
- Barros, L. M. R. de, & Barros, M. E. B. de. (2013). O problema da análise em pesquisa cartográfica. *Fractal, Rev. Psicol*, Rio de Janeiro, 25(2), 373-390.
- Barros, J. P. P., Acioly, L. & Ribeiro, J. A. D. (2016). Re-Tratos da Juventude na Cidade de Fortaleza: Direitos Humanos e Intervenções Micropolíticas. *Revista de Psicologia da UFC*, v. xx, p. xx.
- Bento, B. (2006). Estudos de gênero: o universal, o relacional e o plural. In: Bento, B. (Orgs.). *A reinvenção do corpo-sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, P. 69-108.
- Bento, B. & Pelúcio, L. (2012). Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*. Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 20, n. 2, p. 559-568.
- Bispo, N. & Mayer, J. (2020). Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos. *Revista Indisciplinar*. v. 6 n. 1.
- Brandão, C., Saraiva, E., Silva, R., Mário, R., & Fraga, B. (2020). Supervisão e intervisão na psicologia das organizações e dos recursos humanos. Instrumento: *Revista Estudos e Pesquisas em Educação* (Juiz de Fora), 22 (2): 379-398.
<https://doi.org/10.34019/1984-5499.2020.v22.3080>

- Brasil, S. F. (1988). *Constituição da república federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.
- Brasil. (1990). Constituição. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília.
- Brasil. (2016). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n° 510*.
- Brasileiro, C. V. & Leal, D.T.B. (2021). Crítica, cura e curadoria. *Urdimento*, Florianópolis, v.1,n. 40, mar./abr.
- Butler, J. (1988). Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. In: *Theatre Journal*, Vol. 40, No. 4, pp. 519-531.
- Butler, J. (2016). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 16ª ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.
- Butler, J. (2019). *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Trad. Lieber, Andreas. . Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2020). *Corpos que importam*. São Paulo: N-1.
- Caiafa, J. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1007
- Carvalho, I. S. C.; & Souza, M. V. M. (2012). A representação social de alunos de escolas da rede particular de ensino acerca do papel do psicólogo escolar. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 51(1), 235-244.

Castro, L. R. DE. & Menezes, J. DE. A. (2020) A economia 'psíquica' importa?

Descolonização e elementos subjetivos de re-inscrição social. *Rev. Polis e Psique*.

Castro, P. R. de. (2020) As lutas feministas e sua articulação pelas mídias digitais: percepções críticas. *Rev. Katálysis* v.23,n.3, p. 459-469.

Ceará (2017). *CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO RESOLUÇÃO Nº 0463/2017*.

Recuperado de:

<https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2017/09/resoluo-0463-2017-incluso-do-nome-social.pdf>.

Ceará (2021). Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. *Anuário do Ceará 2021-2022*. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará.

Recuperado de: <https://www.anuariodoceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/>.

CDVHS. (2023). Percepção dos estudantes sobre a violência no Grande Bom Jardim é tema de pesquisa lançada nesta segunda (22/05). *CDVHS*, 22 de Maio de 2023.

[<https://cdvhs.org.br/noticias/percepcao-dos-estudantes-sobre-a-violencia-no-grande-bom-jardim-e-tema-de-pesquisa-lancada-nesta-segunda-22-05/>]

CNPq. (2006). *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio*

– PIBIC EM. Brasília, DF, Disponível em:

<<http://www.cnpq.br/web/guest/pibic-ensino-medio>>

Collins, P. H. (2000). *Black feminist thought*. New York: Routledge.

COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA -

CCPHA (2020). Cada vida importa: relatório julho a dezembro de 2019 do Comitê

Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. *Assembleia Legislativa do Estado do Ceará*: Fortaleza.

- Costa, A. F. (2021). *Escrevivências coletivas: práticas de re-existências e trajetórias de vida de jovens negros(as) em periferias de Fortaleza*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Brasil.
- Costa, E. A. G. DE. A., Moura Júnior, J. F. & Barros, J. P. P. (2020). Pesquisar n(as) Margens: Especificidades da Pesquisa em Contextos Periféricos. In: Cerqueira-santos, E. & Araújo, L. F. DE. (Org). *Metodologias e Investigações no Campo da Exclusão Social*. Teresina: EDUFPI.
- Costa, E. A. G. DE. A. & Barros, J. P. P. (2020). Intergeracionalidades em análise: (re)composições ético-estético-políticas em pesquisas-inter(in)venções com crianças e adultos. *Revista Desidades*. número 28
- Conselho Federal de Psicologia [CFP]. (2000). *RESOLUÇÃO CFP Nº 016/2000 DE 20 DE DEZEMBRO DE 2000*
<https://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/qualidade/Cfp16-00.pdf>.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188.
- Cruz, D. M. DA. & Costa, M. T. (2008). GRAFITE E PICHAÇÃO – QUE COMUNICAÇÃO É ESTA? *LINHAS*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95 – 112, jul. / dez.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: editora 34

Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*: vol.3. Rio de Janeiro: 34.

Deleuze, G. & Parnet, C. (2004). *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'água Editores.

Diógenes, G. M. dos S. (1998). *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. 1998. 381f. 124 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE.

Diógenes, G. M. dos S. (2020). Cidade, arte e criação social: novos diagramas de culturas juvenis da periferia. *Estudos Avançados*. 34 (99).

Espinosa, B. (1973). *Pensamentos Metafísicos*. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondências. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural.

Evaristo, C. (2003). *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza.

Evaristo, C. (2015). *Olhos d'água* Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional.

Evaristo, C. (2016). *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016a

Evaristo, C. (2017). *Becos da Memória*. 200p. Rio de Janeiro: Pallas.

Evaristo, C. (2020). A Escrivência e seus subtextos. In: Duarte, C. L.& Nunes, I.R. (Orgs.). *Escrivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA.

Fanon, F. (2005). *Os condenados da terra*. Juiz de Fora. Editora UJFJF.

Félix, R. (2020). Da voz à letra: oralidade, ancestralidade e resistência. In: Félix, R. (Org.).

Volta miúda: quilombo, memória e emancipação. Ilhéus, BA: Editus, pp. 147-162.

Transfluência series.

Fórum (2017). Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma

fraquejada e veio uma mulher” Fórum. 05 de abril de 2017. [[Bolsonaro: “Eu tenho 5](#)

[filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” | Revista](#)

[Fórum \(revistaforum.com.br\)](#)]

Foucault, M. (1995) Sobre a Genealogia da Ética: uma revisão do trabalho. In: Dreyfus, H.&

R, Pl. (Orgs.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense

Universitária.

Foucault, M. (1996). *A Ordem do Discurso*. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. (2001). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 24. ed. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (2005). *Microfísica do poder*. 23 ed. Rio de Janeiro: Graal.

G1. (2020). Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com

joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. G1. Globo, 27 de maio de 2020.

[[https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-](https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml)

[negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-n-](#)

[os-eua.ghtml](#)]

G1. (2020). Como está aquele caso: João Pedro, adolescente morto em conjunto de favelas no

RJ. G1, Globo, 30 de dezembro de 2020. [[Como está aquele caso: João Pedro,](#)

[adolescente morto em conjunto de favelas no RJ | Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](#)]

- Gama, J. P. de A. & Cabral, B. E. B. (2021). VALORES AFRO-BRASILEIROS NAS VIVÊNCIAS DA COMUNIDADE BAIANA REMANESCENTE DE QUILOMBO LAGE DOS NEGROS: FRUTOS REFLEXIVOS DE UMA CARTOGRAFIA. *Revista de Extensão da UNIVASF*, Petrolina, volume suplementar, n. 2, p. 149-171,
- Gazeta do Povo. “O que elegeu Bolsonaro não foram os militares, foi a ideologia”, diz Damares Alves. (2019). Entrevista a Renan Barbosa. *Gazeta do Povo*, edição online, 8 de março de 2019
[<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/o-que-elegeu-bolsonaronaoforam-os-militares-foi-a-ideologia-diz-damares-alves-ejfy1vv5750qqlxhudj636c6d/>]
- Gomes Filho, A. DOS. S., Nunes, L. F. & Lavor Filho, T. L. DE. (2021). A escrevivência do corpo na composição experiências dissidentes de gênero decoloniais. *Revista Bagoas- Estudos gays: gênero e sexualidades*. v. 14 n. 22.
- Gomes et al. (2022). *Artes Insurgentes: Coletivizando Resistências*. Iguatu, CE : Quipá Editora.
- Gonçalves, L. T. L. & Miranda, L. L. (2022) Possíveis relações entre gênero, sexualidade e escola: Composições de uma pesquisa- intervenção com jovens estudantes.
PsicolArgum.
- Gonzalez, L. (2018). *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*. São Paulo: Filhos da África.
- Grosfoguel, R. (2008). "Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global".
Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147.
- Guattari, F. (1992) *Chaosmose*. Paris: Galilée.

Guattari, F. & Rolnik, S. (1986) *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes.

Hampâté bâ, A. (2010). tradição viva. In: KI-ZERBO (Editor). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41

Haraway, D.J. (2004). Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, n.22. Campinas: Unicamp.

Haraway, D.J. (2009). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do séc XX IN: Tadeu, T (Org.) *Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.pee.

Held, J. (1980). *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo. Summus.

hooks, b. (1995). *Intelectuais Negras*. Revista Estudos feministas. Nº2/95. vol.3.

hooks, b. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* WMF Martins Fontes.

hooks, b. (2019). *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Tradução Bhuvi Libanio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

hooks, b. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo, Elefante.

hooks, b. (2019). *Teoria Feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva.

- Junqueira, R. D. (2007). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 1, p. 1-22.
- Junqueira, R. D. (2009). Escola e Homofobia. Pátio. *Revista Pedagógica* (Porto Alegre), v. 50, p. 28-31.
- Junqueira, R. D. (2014). Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. *Annual Review of Critical Psychology* (Online), v. 11, p. 189-203.
- Junqueira, R. D. (2018). A invenção da 'ideologia de gênero': a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *REVISTA DE PSICOLOGIA POLÍTICA*, v. 18, p. 449-502.
- Junqueira, R. D. (2019). 'Ideologia de gênero': uma ofensiva reacionária transnacional. *TEMPO E PRESENÇA DIGITAL (ONLINE)*, v. 32, p. 1-22.
- Kastrup, V. (2012). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 32-51). Porto Alegre: Sulina.
- Kastrup, V. & Barros, R. B. DE. (2009). Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: *Pistas do método da cartografia: Pesquisaintervenção e produção de subjetividade*. In: Passos, E. Kastrup, V. & Escóssia, L. da. Porto Alegre: Sulina.
- Kilomba, G. (2016). Ilusões Vol. I Narciso e Eco. In: *Grada Kilomba: Desobediências Poéticas*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.

- Laranjeira, D. H. P., Iriart, M. F. & Luedy, E.(2018). Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil. *Etnográfica*. vol. 22 (2).
- Lorde, A. (1993). *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Trumansburg, NY, Crossing Press.
- Lavor Filho, T. L. (2022). *Cartografia de bricolagens, alianças e produção do comum: pesquisa participativa decolonial com coletivos juvenis em Fortaleza-CE* [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Ceará.
<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/70000>.
- Leirner, S. (1982). *Arte como medida*.
- Liberali, F. C. (1999). *O DIÁRIO COMO FERRAMENTA PARA A REFLEXÃO CRÍTICA*. [Tese de Doutorado, LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUAS PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO].
- Lourau, R. (1993). *Análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Lourau, R. (2004). Objeto e método da análise institucional. In: S. Altoé. (Org.) *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, pp.66-86.
- Louro, G. L. (2000). Corpo, escola e identidade. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, *Educação e Realidade*, v. 25, n. 2.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e Homofobia. In: Rogério Junqueira. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação/SECAD.

- Louro, G. L. (2013). Pedagogias da Sexualidade. In: Louro, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 7-34.
- Louro, G. L. (2020). Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75.
- Lugones, M. (2008). Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-102.
- MALDONADO-TORRES, N. (2019). Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, Cap. 1. p. 27-53.
- Marafon, G. (2018). Análises críticas para desmontar o termo "ideologia de gênero". *Arq. bras. psicol.* [online]. vol.70, n.spe, pp. 117-131. ISSN 1809-5267.
- Maranhão, E. M. DE. A.; Coelho, F. M. F. & Dias, T. B. (2018). “Fake news acima de tudo, fake news acima de todos”: Bolsonaro e o “kit gay”, “ideologia de gênero” e fim da “família tradicional”. *Revista Eletrônica Correlatio* v. 17, n. 2.
- Marques, A., & Biondi, A. (2016). A vítima enunciada em redes: O dissenso como experiência estética. In C. M. C. Mendonça, E. Duarte, & J. Cardoso Filho (Orgs.), *Comunicação e sensibilidade: Pistas metodológicas* (pp. 165-188). Belo Horizonte: PPGCOM UFMG.
- Mbembe, A. (2017). *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições.

- Mbembe, A. (2019). *Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a África descolonizada 1*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MEC. (2023). *ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*. Ministério da Educação. Brasília.
[<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>]
- Medrado, B., Spink, M. J. & Mélo, R. P. (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: Spink, M. J. P., Brigagão, J. I. M., Nascimento, V. L. V. & Cordeiro, M. P. (Org.) *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 274-294.
- Menezes, J.; Colaço, V. & Adrião, K. (2018) Implicações Políticas na Pesquisa-Intervenção com Jovens. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.9 n.1, p. 8-17.
- Miguel, L. F. (2021). O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. *cadernos pagu* (62).
- Mignolo, W. (2005). *La idea de américa latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa.
- Mignolo, W. (2008). Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF*. Niteroi, n. 34.
- Miranda, L. L. (2005). Subjetividade: A (Des)construção de um Conceito. In: Solange Jobim & Souza. (Org.). *Subjetividade em Questão: A Infância como Crítica da Cultura*. 2ed. Rio de Janeiro: 7 letras.

- Miranda, L.L. (2014). Uma câmera na mão e um dispositivo na cabeça: Carta Aos Pesquisadores. In Tavares, G., Moraes, M. & Bernardes, A. (Org). *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES, p. 77-88.
- Miranda, L.L., Filho, J. A.S. & Santiago, M.V. (2014) A relação lazer e mídia entre adolescentes e jovens de escolas públicas em Fortaleza/CE. *Psicologia Argumento*, Curitiba. N. 32, V.79, p.29-43, Supli 1.
- Miranda, L.L., et al. (2015). Modos de Subjetivação e Redes Sociais Digitais: Dialogando com Jovens estudantes de Escolas Públicas de Fortaleza-CE. *Juventudes e Tecnologias, Sociabilidades e Aprendizagens*. Brasília, Liber Livros, UNESCO, p. 293-314.
- Miranda, L.L., Cysne, J. B. & Souza Filho, J. A. (2016). Juventude e Mídia: Discutindo, Criando, Pesquisando. In Rios, F., Vieira, L. & Queiroz, T. (Org.) *Metodologias participativas e organização psicossocial: promoção de saúde e enfrentamento da violência sexual e de gênero*. Recife: Editora UFPE, p. 209-231.
- Miranda, L.L. & Mourão, L. C. C. B. (2016). Escrever COM: o que isso (re)significa? *Rev. Polis e Psique*, 6(1): 162 .
- Miranda, L. L., Khouri, M. M., Souza Filho, J. A. & Oliveira, E. N. P. O vídeo como dispositivo na pesquisa com jovens estudantes: contorno(s) estético-ético-político(s). *Revista de Psicologia da UFC*, v. 8, p. 53-64, 2017.
- Miranda, L. L., Souza Filho, J. A., Oliveira, P. S. N. & Sousa, S. K. R. B. (2018). A relação Universidade-Escola na formação de professores: Reflexões de uma pesquisa-intervenção. *Psicologia Ciência e Profissão*, 38(2), 301-315.

- Miranda, L. L., Lavor Filho T. L., Souza Filho, J. A., Gonçalves, S. D., Bezerra, T. A. & Feitosa, G. L. (2020). Como quebrar os padrões sociais?: o racismo no cotidiano de jovens pesquisadores. *Psicologia Ciência e Profissão*, 40 (n.spe), p. 1-16.
- Miranda, L. L., Barros, J. P. P., Gondim, G. C. L. F., Bezerra, M. A., Gomes, C. J. A., Cavalcante, L. F., Nunes, L. F., Goncalves, L. T. L., Soares, M. R. N., Freitas, I. R., Lavor Filho, T. L. (2021). Artes insurgentes: Coletivizando resistências no festival das juventudes do Grande Bom Jardim. In: Gomes Filho, A. S., Ribeiro, I. B., Lavor Filhos, T. L., Pacheco, M. E. A. G. (Org.). *Debates contemporâneos em psicologia I*. 2ed. Iguatu: Quipá Editora, v. , p. 71-82.
- Miskolci, R. & Campana, M. (2017). “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado – Volume 32, Número 3*.
- Mombaça, J. (2016) *Rumo à uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. São Paulo: Fundação Bienal (32a. Bienal de São Paulo – Incerteza Viva) e OIP – oficina imaginação política.
- Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Moraes, M. (2014). Do pesquisarCOM ou de Tecer e Destecer fronteiras. In: Bernardes, A.; Tavares, G. & Moraes, M. *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES.
- Moreira, A. (2019). *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- Nascimento, B. (2018) Beatriz do Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias de destruição. *Diáspora africana, filhos da África*.
- Nascimento, L. C. P. do. (2021) *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra.

- Oliveira, A. X. G. (2015). *Fêmea-matriz: a maternidade em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2010). *Censo Brasileiro de 2010*. Fortaleza: IBGE, 2010. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).
- Plano Estadual de Educação (2016). Diário Oficial do Estado. *Lei Estadual No16.025*, 30/05/2016, Ceará.
- Pérez, B. C., Póvoa, J., Monteiro, R. & Castro, L. R. DE. (2008). Cidadania e participação social: Um estudo com crianças no Rio de Janeiro. *Psicologia & Sociedade*; 20 (2): 181-191.
- PPP (2021). *Projeto Político Pedagógico*. E.E.M. Profª Eudes Veras. Não publicado.
- Preciado, P. (2017). *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo, n-1 edições.
- Preciado, P. (2020). *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, p. 141.
- Próchno, C. C. S. C. & Rocha R. M. G. (2011). O jogo do nome nas subjetividades travestis, *Psicologia & Sociedade*; v. 23 n.2, p. 254-26.
- Reis, T. & Eggert, E. (2017). IDEOLOGIA DE GÊNERO: UMA FALÁCIA CONSTRUÍDA SOBRE OS PLANOS DE EDUCAÇÃO BRASILEIROS. *Educação & Sociedade*, v. 38, n. 138, p. 09–26, jan.

- Ribeiro, A. I. M. (2000). Mulheres educadas na colônia. In: Lopes, E. M. T. (Orgs.). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: autêntica, pp.79-94.
- Rocha, M. L., & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a Produção de novas análises. *Revista Psicologia Ciência e Profissão do CFP*, n. 4, p. 64-73.
- Rocha, M. L., & Aguiar, K. F. (2007). Micropolítica e o Exercício da Pesquisa Intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27 (4), 648-663.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1(2),241-251. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38134/25870>
DOI: <https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>.
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições. 208p.
- Romagnoli, R. C. (2014). O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Psicologia e Sociedade*, 26(1);
- Rossi, A. & Passos, E. (2014) Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Rev. Epos*.
- Rufino, L. (2016). Performances Afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de exu e suas encruzilhadas. *Revista Antropolítica*, n. 40, Niterói, p.54-80, 1. sem.
- Rufino, L. (2019). Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. *Revista Exitus*, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 262 - 289.

- Sander, V. (2015). *Entre manuais e truques: uma etnografia das redes do trabalho sexual entre travestis em Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas.
- Schibelinski, D. (2020). Isso é coisa do capeta!": O papel da "ideologia de gênero" no atual projeto político de poder. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 28, p. 15-38.
- Santos, A. B. (2018). *Somos da terra*. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12.
- Santos, G. S. (2020). O avanço das políticas conservadoras e o processo de militarização da educação. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-19. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15348.066>. A
- Santos, N. A. dos. & Romagnoli, R. C. (2012). Quando a invenção pede passagem: ritmo e corpo nas oficinas de teatro do Centro de Referência em Saúde Mental (CERSAM) Noroeste de Belo Horizonte. *Mental*, vol. X, núm. 18, enero-junio.
- Silva, C. da. (2018). *Um exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Silva, J. P. A. DA.; Carmo, V, M. DO. & Ramos, G. B. J. R. (2021). As quatro ondas do feminismo: Lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, v. 7.| n.1.
- Soares, L. V. & Machado, P. S. (2017). "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, 17(39), p. 203-219
- Santos, T. F. S. & Martinelli, M. A. (2019). Sociabilidade das pessoas travestis e transexuais na perícia social. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 134, p. 142-160.

- Soares, M. R. N et al. (2021). (Des)continuidades do fazer pesquisa de iniciação científica - ensino médio em tempos de pandemia de Covid-19. In: Gomes Filho, A. DOS S, et al. (Org.) *Debates contemporâneos em psicologia*. Iguatu, CE : Quipá Editora, p. 19-30.
- Soares, M. R. N. et al (2021). Artes Insurgentes: coletivizando resistências no festival das juventudes do Grande Bom Jardim. In: Gomes Filho, A. S. et al. (Org.). *Debates contemporâneos em psicologia*. Iguatu: Quipá Editora.
- Soares, M. R. N. et al. (2022). “A violência bate em mim primeiro”: oficinas nas escolas públicas de Fortaleza. *Psicologia Argumento*, 41(112).
- Sousa Neto, R. C. et al (2023). Juventudes negras de escolas públicas de periferias de Fortaleza: narrativas e re-existência frente ao racismo. *Revista Desidades*. v. 34, p. 53-72.
- Souza, D. B. D., & Menezes, J. S. D. S. (2017). Planos estaduais de educação: desafios às vinculações com outros instrumentos de gestão local da educação. *Revista Brasileira de Educação*, 22.
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20(spe), 70-77. doi:10.1590/S0102-71822008000400010
- Takeiti, B. A. & Vicentin, M. C. G. (2019). Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. esp.
- Uol. (2019). *Bolsonaro fala em combater ideologia de gênero*; veja íntegra do discurso. Uol Notícias. 01 de janeiro de 2019. [Bolsonaro fala em combater ideologia de gênero; veja íntegra do discurso - 01/01/2019 - UOL Notícias]

Unesco (2018). *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências*. 2º ed. [Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências - UNESCO Digital Library]

Zirbel, I. (2021). Ondas do feminismo. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na filosofia*, V. 7, N. 2.

Zumthor, P. (2010) *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

ANEXOS

ANEXO I

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CARTOGRAFIA DE PRÁTICAS CULTURAIS PERIFÉRICAS DO COTIDIANO DE COLETIVOS JUVENIS NA CIDADE DE FORTALEZA

Pesquisador: Tadeu Lucas de Lavor Filho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 38817520.2.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.470.814

Apresentação do Projeto:

O projeto consiste na submissão de proposta vinculada à realização de doutorado filiada ao curso de doutorado acadêmico em Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, cuja pesquisa é intitulada por "CARTOGRAFIA DE PRÁTICAS CULTURAIS PERIFÉRICAS DO COTIDIANO DE COLETIVOS JUVENIS NA CIDADE DE FORTALEZA". Sob responsabilidade do pesquisador Tadeu Lucas de Lavor Filho, com orientação da Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda, esta pesquisa está vinculada ao Departamento de Psicologia e ao Centro de Humanidades. O público-alvo da pesquisa são jovens integrantes de coletivos juvenis/movimentos sociais da periferia do Grande Bom Jardim na cidade de Fortaleza - Ceará. Consideramos nesta pesquisa "coletivos juvenis/movimentos sociais" como sinônimos de sentido. presente projeto de pesquisa trata-se de uma proposta de cartografar as intervenções e tensões de práticas culturais periféricas sob a perspectiva de coletivos juvenis/movimentos sociais em Fortaleza, a partir de um estudo metodológico qualitativo com base na Pesquisa-Intervenção sob o método da cartografia, aliando a perspectiva da Pesquisa Ação Participativa Crítica. A Metodologia ancorada nessa pesquisa terá uma abordagem quanti-quali. Realizaremos um mapeamento sobre os coletivos juvenis/movimentos sociais no Grande Bom Jardim. Os procedimentos metodológicos que serão operacionalizados são; questionário online, entrevista semi-estruturada, grupo focal, e diário de campo. O estudo se divide em dois eixos: Eixo I: será criado um questionário quanti-quali no Google Forms, permitindo identificar ao máximo o número de integrantes e movimentos sociais. O

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

CEP: 60.430-275

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.470.814

questionário será composto de questões objetivas e subjetivas. O recrutamento será aleatória não probabilística por conveniência. Serão perguntados blocos de perfil sociocultural, socioeconômico, memória e atuação do coletivo juvenil/movimento social e questões pessoais de vinculação do respondente ao grupo. Eixo II: Após o questionário, propõem-se um estudo qualitativo com um coletivo juvenil/movimento social de cada bairro do Grande Bom Jardim (Siqueira, Granja Lisboa, Granja Portugal, Canindézinho e Bom Jardim). Isto é, serão selecionados aleatoriamente 5 grupos para esta etapa. Será realizado 5 grupos focais com roteiro semi estruturado no Google Meet. A análise dos dados da pesquisa consistirá no dispositivo da Análise de Discursos (AD) na perspectiva foucaultiana para análise qualitativa, e no programa estatístico SPSS- Statistical Package for the Social Sciences (versão 21) para os dados quantitativos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Cartografar as intervenções e tensões de práticas culturais periféricas sob a perspectiva de coletivos juvenis/movimentos sociais da periferia na cidade de Fortaleza.

Objetivo Secundário:

- a) Mapear os coletivos juvenis/movimentos sociais e como são produzidas as intervenções de práticas culturais juvenis experimentadas no território da periferia de Fortaleza;
- b) Analisar, a partir de um prisma interseccional, como os marcadores sociais atravessam as práticas culturais juvenis experimentadas no território da periferia;
- c) Analisar práticas discursivas e não-discursivas de coletivos juvenis acerca da relação das práticas culturais juvenis/movimentos sociais da periferia;
- d) Conhecer práticas de resistências e políticas de subjetivação das juventudes nas dinâmicas da periferia produzidas por coletivos juvenis/movimentos sociais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto indica que os riscos que podem ser evidenciados pela pesquisa consistem na exposição de fatores, causas, motivos e informações pessoais relevantes da vida do sujeito participante na pesquisa, podendo desencadear sentimentos e comportamentos de desconforto antes, durante e depois da pesquisa mediante participação no procedimento de questionário, entrevista e grupo de discussão no formato online. No entanto, tais riscos podem ser elencados com possíveis reações consequentes como manifestações de aversão, mal-estar físico e psicológico. Portanto, a exposição de qualquer risco iminente ou agravante mais eufêmico manifestados terão suporte através de encaminhamentos a serviços de saúde de responsabilidade do pesquisador principal desta pesquisa, a saber, Tadeu Lucas de Lavor Filho, CPF: 032.488.663-22. A partir do

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000	
Bairro: Rodolfo Teófilo	CEP: 60.430-275
UF: CE	Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344	E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.470.814

encaminhamento, o participante será acolhido e realizar-se-ão as devidas medidas de minimização dos riscos da pesquisa para o sujeito.

Quanto aos benefícios, indica que a pesquisa poderá colaborar com as discussões relacionadas às práticas de resistência de coletivos juvenis/movimentos sociais na interfaces na educação não-formal e/ou informal no território de periferia de Fortaleza, com políticas de juventudes, campo dos estudos culturais juvenis e interseccionalidade. Poderá contribuir para um debate implicado na função da educação-cultura no território de periferia. Destina-se aprofundar um debate interseccional sobre o marcador social "território de periferia" e, legitimar este enquanto um dispositivo que implica a produção de modos de vida e práticas discursivas que recrudescem a institucionalização das políticas de resistências juvenis na/da periferia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O desenho metodológico da pesquisa - assim como a avaliação dos riscos e benefícios - encontram-se de acordo com as exigências relativas aos princípios éticos a serem observados na realização de pesquisas da área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória atendem às exigências do Comitê de Ética.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Parecer favorável à execução da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Enviar o relatório final ao concluir a pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1638353.pdf	28/09/2020 21:13:13		Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	28/09/2020 21:12:33	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	28/09/2020 21:11:57	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	28/09/2020 21:10:14	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
Declaração de concordância	CARTEAPRECIACAO.pdf	28/09/2020 21:10:05	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.470.814

Declaração de Pesquisadores	DECLARACAODEPESQUISADORES.pdf	28/09/2020 21:09:49	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	28/09/2020 21:09:16	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA.pdf	28/09/2020 10:53:56	Tadeu Lucas de Lavor Filho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 17 de Dezembro de 2020

Assinado por:

FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

ANEXO II

INSCRIÇÕES PARA: "Seleção de bolsistas PIBIC Ensino Médio"

O Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com a EEM estará selecionando bolsistas PIBIC Ensino Médio do CNPq que tenha interesse em ser um agente ativo e participativo na construção da pesquisa intitulada "CORPOGRAFIAS (ARTE)SANAIS NA ENCRUZILHADA: UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO COM JUVENTUDES NA TESSITURA ESCOLAR.", com o objetivo de analisar as práticas discursivas e não discursivas sobre gênero construídas com estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada na região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE, por meio de oficinas artísticas no cotidiano escolar.

Carga horária semanal de 8h, entretanto, com horários flexíveis, sendo exigido que estejam nos encontros semanais na escola

Duração da bolsa: Setembro/2022 a Agosto/2023

Quantidade de vagas: 1 bolsa remunerada bolsa no valor de 100,00R\$, emissão de certificado pelo CNPQ e pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

1 bolsa voluntária emissão de certificado pelo CNPQ e pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Perfil dx bolsistx:

- Cursar 1º ano do Ensino Médio;
- Ter interesse em pesquisar sobre a temática das questões de gênero no cotidiano escolar;
- Encontrar-se desvinculadx do mercado de trabalho e não participar de outro projeto de pesquisa ou programa de bolsa;

Atividades a serem desenvolvidas pelx bolsistx PIBIC EM:

- Leitura de referências bibliográficas sobre o tema;
- Divulgação das inscrições na escola para os jovens estudantes participarem das oficinas de discussão sobre a temática da pesquisa;
- Elaboração conjunta de instrumentos de pesquisa (Formulário, entrevista, oficina, etc);
- Participação nos procedimentos metodológicos da pesquisa;

- Transcrição e análise de dados das oficinas para posterior análise dos resultados;
- Restituição com a escola;

Após a análise das inscrições, entraremos em contato com xs selecionadx para a próxima fase via número de WhatsApp. Qualquer dúvida, entrar em contato através do e-mail edanossaescola@gmail.com.

Cronograma da seleção:

Inscrições:

Divulgação de resultado da 1ª Fase (análise dos formulários):

2ª Fase (entrevistas):

Divulgação de resultado FINAL:

Critérios de seleção:

- Ser estudante do 1º ano
- Disponibilidade de 8h semanais
- Participar das reuniões semanais
- Serão levados em conta estudantes que sejam autodeclaradx em pelo menos um dos grupos identitários minorizados histórica e estruturalmente descritos: pessoa negrx, indígenx, mulheres, pessoas com deficiência, pessoa da comunidade LGBTQIAP+
- Trabalho em equipe
- Facilidade de se expressar em público
- Engajamento com a arte

Nome completo *

Sua resposta _____

Nome social

Sua resposta _____

Idade *

Sua resposta _____

Com qual expressão de gênero você se identifica? *

Sua resposta _____

Com qual orientação sexual você se identifica? *

Sua resposta _____

Você se autodeclara com que cor/raça, dentre as alternativas abaixo? *

Branco

Negro (Pretos/Pardes)

Amarelo

Vermelho

Outro: _____

Você possui alguma deficiência? Se sim, qual? *

Sua resposta _____

Série e Turma *

Sua resposta

Turno *

Sua resposta

E-mail *

Sua resposta

Telefone *

Sua resposta

O telefone acima é WhatsApp? *

Sim

Não

Por que você se interessa em pesquisar sobre as questões de gênero e sua relação com a escola? (Fale sobre suas expectativas) *

Sua resposta

Escreva um breve texto sobre suas expectativas em relação a essa oportunidade de ser bolsista PIBIC EM e de pesquisar sobre essa temática de gênero na escola. *

Sua resposta

Você tem alguma aproximação com a arte? Ou com as diversas expressões artísticas, como cinema, bordado, teatro, literatura, música, dança, pintura... *

Sua resposta

Voltar

Enviar

Limpar formulário

ANEXO III

INSCRIÇÕES PARA: "CURA(DOR)IA: gênero em pauta"

> O Curso de Psicologia e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com a EEM Professora Eudes Veras, coletivo Female Power e o coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP) estão promovendo a **CURA(DOR)IA: gênero em pauta**, espaço artístico de discussão sobre as questões de gênero na escola.

> Esta servirá como produção de dados para uma **Pesquisa de Iniciação Científica do Ensino Médio (PIBIC-EM)** intitulada "CORPOGRAFIAS (ARTE)SANAIS NA ENCRUZILHADA: UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO COM JUVENTUDES NA TESSITURA ESCOLAR". O PIBIC-EM busca fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos, e desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes, através de uma bolsa fomentada pelo CNPQ.

> Esta pesquisa tem o objetivo principal discutir e analisar as vivências de estudantes à respeito de gênero e sexualidade na escola.

Quem pode participar da CURA(DOR)IA? Alunos do 1º, 2º, 3º e EJA matriculados na EEM Professora Eudes Veras que tenham interesse na temática.

PROGRAMAÇÃO:

- Acolhida
- Apresentação da pesquisa
- Roda de conversa
- Almoço
- Oficinas artísticas/Exposição
- Partilha/entrega de certificados
- Lanche
- Rachas

Data: 15/04/2023 (sábado)

Horário: 8:00h às 17:00h

> **Haverá emissão de declaração/certificado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) para quem participar integralmente da atividade.**

> **Ao responder esse formulário, garantimos que suas respostas e suas identificações não serão divulgadas, estas servirão somente para a equipe de pesquisadores.**

> Serão ofertadas 50 vagas, os participantes serão selecionados pelo conteúdo trazido em suas respostas. Outras vagas se disponibilizarão para a modalidade de lista de espera, que serão acionadas caso haja desistência ou abandono de algum participante já inscrito.

> Diante disso, estabeleça aqui a sua inscrição e aguarde nossa confirmação em seu Whatsapp. Obrigade!

Você está sendo convidado por MAYARA RUTH NISHIYAMA SOARES, como participante da pesquisa intitulada "CORPOGRAFIAS (ARTE)SANAIS NA ENCRUZILHADA: UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO COM JUVENTUDES NA TESSITURA ESCOLAR". Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. *

Este questionário é composto de perguntas para entender o perfil dos estudantes, como também para levantar pistas das questões de gênero na escola e você irá demorar cerca de 10 minutos para responder. Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, além do sigilo dos nomes de todos os participantes e de suas respectivas instituições. Realizamos todos os procedimentos de segurança para extirpar os riscos de eventuais exposição de dados que concerne a todas as pesquisas que envolvem seres humanos.

Ressaltamos que a qualquer momento você poderá ter acesso a informações referentes à pesquisa, pelos telefones/endereço dos pesquisadores e que poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

Ao selecionar a alternativa sim, você autoriza que suas respostas sirvam para a pesquisa.

- Sim, eu autorizo
- Não, eu não autorizo

PERFIL DXS ESTUDANTES

Idade *

Sua resposta

Você cursa qual série? *

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- EJA

Como você se identifica em relação à gênero? *

- Mulher Cisgênero (mulher que se identifica com o gênero atribuído ao nascer em sua certidão de nascimento)
- Homem Cisgênero (homem que se identifica com o gênero atribuído ao nascer em sua certidão de nascimento)
- Mulher trans (aquela que nasceu com sexo biológico masculino, mas possui uma identidade de gênero feminina e se reconhece como mulher-trans)
- Homem trans (aquele que nasceu com sexo biológico feminino, mas possui uma identidade de gênero masculina e se reconhece como homem-trans)

-
- Não-Binário (Pessoa que não se sente à parte do conceito de gênero feminino e masculino)
- Outro: _____

Qual sua orientação sexual? *

- Gay (Homem que sente atração sexual e afetiva por outro homem)
- Lésbica (Mulher que sente atração sexual e afetiva por outra mulher)
- Heterossexual (Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do sexo/gênero oposto)
- Bissexual/Pansexual (Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas de todos os gêneros binários e/ou não binários)
- Assexual (Pessoa que não sente atração sexual parcial ou total por outras pessoas)
- Outra

Como você se autodeclara quanto à sua Raça/Cor/ Etnia? *

- Branco
- Negro (pretos/pardes)
- Amarelo
- Indígena

Você é uma Pessoa Com Deficiência (PCD)? *

- Sim
- Não

Se sim, qual?

- Auditiva
- Visual
- Física
- Intelectual
- Outro: _____

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, * aproximadamente, a renda familiar mensal?

- Nenhuma renda
- Menos de R\$ 1.212,00
- De R\$ 1.213 até R\$ 2.424,00.
- De R\$ 2.425 até R\$ 4.848,00.
- De R\$ 4.849 até R\$ 6060.

GÊNERO NA ESCOLA

Você se sente livre para se expressar em relação a gênero e sexualidade na escola? *

Sim

Não

Você já teve experiências com situações de violência que envolvam gênero? *

Sim.

Não

Fale de experiências, dentro da escola, sendo elas positivas ou negativas, que envolva gênero e sexualidade *

Sua resposta

Se você já presenciou ou esteve envolvida/envolvido/envolvido em alguma situação de violência de gênero na escola, fale sobre. *

Sua resposta

Na escola, você tem pessoas com quem pode compartilhar e se proteger de situações de violência? (Se necessário, marque mais que uma opção) *

Não

Sim, com colegas

Sim, com professores

Sim, com funcionários

Sim, com a gestão

O que você acha que a escola pode fazer para reduzir as situações de violência de gênero? Dê Sugestões *

Sua resposta

Você deseja participar da "Cura(dor)ia: gênero em pauta"?

Sim

Não

Para entrarmos em contato**Nome completo ***

Sua resposta _____

Telefone *

Sua resposta _____

Você precisaria de alguma assistência por ser PCD para participar da CURA(DOR)IA? Se sim, qual?

Sua resposta _____

Qual linguagem artística você gostaria de participar nas oficinas? (2º OPÇÃO) *

- Grafite
- Poesia
- Teatro
- Hip Hop

- Pintura
- Colagens
- Artesanato
- Dança

Qual linguagem artística você gostaria de participar nas oficinas? (1º OPÇÃO) *

- Grafite
- Poesia
- Hip Hop
- Dança
- Pintura
- Colagens
- Teatro
- Artesanato

MIC ABERTO: você gostaria de apresentar alguma coisa na CURA(DOR)IA: gênero em pauta

Sua resposta _____